

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES – IARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES



ALEXANDRA MARIA CARDOSO MOTA

PIGMENTOS MINERAIS:
A DESCOBERTA DE CORES, MATERIALIDADES E SUPORTES EM VIVÊNCIAS
EXPERIMENTAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

UBERLÂNDIA-MG

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES – IARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES

ALEXANDRA MARIA CARDOSO MOTA

PIGMENTOS MINERAIS:
A DESCOBERTA DE CORES, MATERIALIDADES E SUPORTES EM VIVÊNCIAS
EXPERIMENTAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Dissertação apresentada ao Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia como requisito à obtenção do título de mestre no Mestrado Profissional em Artes.

Linha de pesquisa: Abordagens teórico-metodológicas das práticas docentes.

Área de concentração: Artes Visuais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Helena da Silva Delfino Duarte – Aninha Duarte.

UBERLÂNDIA-MG
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

M917p Mota, Alexandra Maria Cardoso, 1971-
2023 Pigmentos minerais [recurso eletrônico] : a descoberta de cores,
materialidades e suportes em vivências experimentais na Educação
Infantil / Alexandra Maria Cardoso Mota. - 2023.

Orientadora: Ana Helena da Silva Delfino Duarte.
Dissertação (Mestrado profissional) - Universidade Federal de
Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Artes (PROFARTES).
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.5141>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Artes. I. Duarte, Ana Helena da Silva Delfino (Orient.). II.
Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em
Artes (PROFARTES). III. Título.

CDU: 7

André Carlos Francisco
Bibliotecário-Documentalista - CRB-6/3408



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA Coordenação do Programa de
Pós-Graduação PROFARTES

Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1V - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP

38400-902

Telefone: (34) 3239-8391 - mprofartes@iarte.ufu.br - www.iarte.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Mestrado Profissional PROFARTES				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Mestrado Profissional PROFARTES				
Data:	27/06/2024	Hora de início:	14: 10	Hora de encerramento:	15: 30
Matrícula do Discente:	12212MPA002				
Nome do Discente:	ALEXANDRA MARIA CARDOSO MOTA				
Título do Trabalho:	Pigmentos Minerais: a descoberta das cores, materialidades e suportes em vivências experimentais na educação infantil				
Área de concentração:	Ensino de Artes				
Linha de pesquisa:	Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	PROCESSO DE CRIAÇÃO: poiesis na linguagem da pintura e do objeto: a religiosidade como referencialidade criativa				

Reuniu-se no Ateliê de Pintura da UFU- Bloco I, Campus Santa Mônica, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional PROFARTES, assim composta: Professora Dra. Roberta Maira de Melo (IARTE/UFU); Prof. Dr. Sérgio Ricardo Fernandes Rodrigues (Escola Vila Camaleão) e Profa. Dra. Ana Helena Delfino Duarte, orientadora da candidata.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dra Ana Helena Delfino Duarte, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata: (x) Aprovada

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Helena da Silva Delfino Duarte, Professor(a) do Magistério Superior**, em 27/06/2024, às 15:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Roberta Maira de Melo, Presidente**, em 02/07/2024, às 13:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sérgio Ricardo Fernandes Rodrigues, Usuário Externo**, em 04/07/2024, às 11:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

A _____ autenticidade _____ deste _____ documento _____ pode _____ ser _____ conferida _____ no _____ site _____



https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5493534** e o código CRC **2D0961AA**.

Referência: Processo nº 23117.041473/2024-31

SEI nº 5493534

AGRADECIMENTOS

*Eu tenho natureza, arte e poesia, e se isso não
for suficiente, o que é suficiente?
Van Gogh*

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder a oportunidade de estar com saúde cumprindo a missão de levar a magia da criatividade através da arte, e de ver a vida com outro olhar.

Em especial à minha mãe, Nilza Maria, que sempre acreditou e me apoiou, sempre esteve ao meu lado, no preparo de almoços, sempre preocupada se estava bem ou não, às vezes sem entender o processo de demora da pesquisa, mas estava ali, carinhosa e prestativa. Obrigada por ser essa mãe sem igual, sempre preocupada e se desdobrando para agradar a todos.

Aos meus irmãos Wilson, Adriana, Regina por fazerem parte das coletas; a Alex por doar alguns suportes para as pinturas; a Jania por cooperar na ajuda com meus filhos; e em especial a Angela, primeiro por fazer parte das coletas, segundo, por estar sempre presente na ajuda com meus filhos, e terceiro por fazer parte das montagens nas exposições.

Aos meus cunhados Ednaldo, Elvandro, Fabrício e Sérgio por estarem, com minhas irmãs, me apoiando; em especial ao Ednaldo e ao Elvandro, por cooperarem com doações de rochas que fizeram a diferença nas práticas das crianças.

Às minhas cunhadas Dalva e Dayane por estarem sempre torcendo pelo meu sucesso, em especial a Dayane por ter contribuído com doações de várias cores de pigmentos que vieram a agregar nas paletas de cores.

Aos meus filhos Guilherme e Geovanna, que estiveram ao meu lado desde o início da pesquisa, pela paciência, pelo apoio nas tarefas domésticas nos momentos de minha ausência. E por ajudarem no acervo de pigmentos em casa. À minha filha Geovanna, que não mediu esforços para estar ao meu lado, na ajuda com as práticas, nas montagens das exposições, sendo minha fotógrafa, minha auxiliar, minha motorista, nos abraços carinhosos. E ao Guilherme pelas refeições preparadas com todo carinho, pelos abraços carinhosos, as massagens... Peço a Deus a todo

momento proteção a vocês. Obrigada por serem filhos abençoados, sempre dispostos a me ajudar!

Aos meus sobrinhos Rafael, Lucas, Felipe, Luana, Maria Eduarda, Valentina e Luiza, pela admiração e por estarem na torcida para que eu terminasse minha pesquisa. Agradeço em especial a Maria Eduarda por ser uma criança admirável e ajudar em algumas práticas e a Luiza por ser tão pequena e se empenhar em ajudar sua mamãe nas coletas dos pigmentos e na montagem de uma das exposições. Obrigada por serem esses sobrinhos amorosos!

À minha orientadora, Dr^a. Ana Helena da Silva Delfino Duarte, por ser uma profissional exemplar, sábia, por acreditar em mim e em meu projeto, pelos elogios, pela paciência. Obrigada por me escolher, saber entender meus momentos de desespero, os apagões; pelo incentivo e o apoio. Obrigada por transformar meus dias através de leituras, proporcionar momentos únicos em um novo modo de ver e ensinar arte.

Aos professores maravilhosos pelas aulas e conhecimentos compartilhados: Rose Gonçalves (professora e coordenadora), Elsiene Coelho da Silva, Ana Elvira Wu, Gustavo de Araújo, Cairo Mohamad Katrib, Mara Lúcia Leal, Paulina Maria Caon e em especial à Roberta Maira de Melo, que acreditou em minha pesquisa, fazendo convites para ministrar oficina durante sua disciplina para os colegas de mestrado e também de apresentar parte de minha prática docente para sua turma de alunos de licenciatura. Obrigada por compartilhar tantos saberes para crescimento profissional.

Aos professores componentes da banca de mestrado, Ana Duarte, Roberta Melo e Sérgio Lima, pela contribuição na minha pesquisa, pela admiração.

Aos meus amigos de Mestrado Prof-Artes - UFU 2022-2023: Adriano, Cássia, Cleber, Elizângela, Hosana, Leonardo, Lívia, Maycon, Theo, Samantha e Sâmela, obrigada pelas experiências compartilhadas, pelas trocas de informações, pela parceria e as novas amizades.

Às minhas amigas do Coletivo Professor Artista – PA pelas trocas de conhecimento e produções artísticas, exposições que contribuíram para a escrita e as exposições desta pesquisa. Agradeço em especial a Léa Zumpano e Soraia Lelis, Sonia, que se dispuseram no auxílio para o texto inicial do projeto.

À minha amiga Silvana, pelo incentivo, pelo apoio e as orações.

À minha coordenadora Nilva, que não mediu esforços para que o meu projeto fosse realizado na escola, me apoiando, auxiliando nos obstáculos encontrados. A

ela, que sempre apresentou grande admiração pelo meu trabalho, meu muito obrigada de coração.

À artista plástica Darli de Oliveira, pelas doações de pigmentos e por abrir as portas de seu ateliê para as crianças, pelo carisma e a atenção dedicada.

À minha estagiária Cintia Garcia, pelo apoio, pela ajuda nas práticas, por ser uma profissional exemplar, sempre dedicada a fazer o seu melhor.

À minha amiga Lausane, por ter feito as primeiras doações de rochas que contribuíram de forma positiva para o desenvolvimento da pesquisa.

Ao Fernando, que, mesmo longe, esteve presente nos momentos de desespero com palavras de consolo.

À Mônica, por ser tão prestativa e ter-me auxiliado nas correções, virando noites para atender ao prazo estipulado, e pela sabedoria e o carisma.

Aos meus amigos Marcos e Cloves, pelas doações feitas. Mesmo não sendo professores, não mediram esforços nas coletas de pigmentos.

Aos meus colegas de profissão pela compreensão da correria e a ajuda em alguns momentos.

Aos amigos professores de Educação Física Adalberto e Marivalda, por cederem a quadra, que é sua sala de aula, para que acontecesse uma das exposições. Muito obrigada.

Ao CEMEPE, pelas tantas formações para o ensino de arte, pelas trocas de conhecimentos, experiências e viagens culturais.

À Prefeitura de Uberlândia, pela concessão de um dia para os estudos, oportunizando minha qualificação docente.

À Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, que proporciona oportunidades para o ingresso em um mestrado voltado para a Educação Básica, e ao CNPq, pelo financiamento de pesquisas.

À Escola Municipal de Educação Infantil Professora Carmelita Vieira dos Santos, onde pude desenvolver minha pesquisa com as crianças. Também por disponibilizar um espaço para o acervo permanente dos trabalhos.

Às famílias pela participação e a dedicação em ajudar as crianças, além do interesse pela pesquisa.

E, em especial, às crianças: sem elas não seria possível executar o projeto. Agradeço a dedicação, o empenho, a participação e o interesse pelas aulas.

Dedico esta pesquisa

À arte, por ser vida, com pinceladas livres.

À minha mãe, pelo exemplo de carinho; aos meus filhos e irmãos, pelo incentivo.

Aos meus alunos e a todos que contribuíram de alguma para a conclusão deste trabalho.

RESUMO

Esta dissertação, apresentada no Mestrado Profissional em Artes da Universidade Federal de Uberlândia – MG (UFU), aborda o uso dos pigmentos minerais nas aulas de Arte da Escola Municipal de Educação Infantil Professora Carmelita Vieira dos Santos, em turmas de 1º e 2º períodos, com crianças de quatro e cinco anos, respectivamente. Tem como OBJETO DE INVESTIGAÇÃO os pigmentos minerais, na tentativa de mostrar técnicas diferentes de pinturas às crianças, a fim de aprimorar seu conhecimento na produção de têmperas (SOBREMANEIRA A VINÍLICA) cujo elemento principal é o pigmento mineral coletado por elas, pelo professor e vindo de doações. A partir das coletas e do preparo das têmperas, avança-se com o pensar em práticas que favoreçam a produção de outras formas de pinturas as quais contribuam para o processo de ensino-aprendizagem, contextualizando-o com obras de arte escolhidas para esta pesquisa. Pretende-se também com isso aguçar a curiosidade das crianças, fazendo com que possam ter um olhar diferenciado para os espaços que as rodeiam. É possível verificar que os pigmentos estão praticamente em todos os lugares por onde passamos, são de fácil acesso e podemos obter diversas cores por meio de coleta de materiais adequados a essa finalidade. Nesse contexto, precisamos estar atentos à preservação do meio ambiente no momento da coleta. Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é coletar, preparar e usar os pigmentos minerais como têmperas para pintura, questionando a importância da manipulação de tais pigmentos na escola, observando o comportamento das crianças durante a coleta, elaborando registros dessas etapas e relacionando-as à importância dos pigmentos enquanto produção artística. A escolha metodológica para o estudo é a de pesquisa qualitativa de caráter descritivo e método fenomenológico, em que os procedimentos metodológicos partem de levantamento bibliográfico, análise documental, coleta de material; e posterior exposição dos resultados e relato das experiências vividas no cotidiano escolar com os pigmentos minerais. São exploradas algumas práticas com a têmpera preparada pelas crianças, finalizando com exposição dos trabalhos no espaço escolar, no Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz (CEMEPE) e no Laboratório Galeria da UFU, podendo seguir para outros ambientes. Levando em consideração que essa experiência se configura na descoberta de lugares para obter os pigmentos minerais e preparar sua têmpera, buscou-se uma narrativa que dialoga com os pensamentos dos teóricos: Bermond (2016), Dewey (2010), Duarte (2019), Fischer (1971), Góis (2016), Oliveira (1995), Werneck (2010) e outros, os quais muito contribuem com o desenvolvimento de toda a pesquisa.

Palavras-chave: Pigmentos minerais. Têmperas. Educação Infantil.

ABSTRACT

This dissertation, presented in the Professional Master's Degree in Arts at the Federal University of Uberlândia-MG (UFU), addresses the use of mineral pigments in Art classes at the Municipal School of Early Childhood Education Emei Professora Carmelita Vieira dos Santos, in 1st and 2nd period classes, with children four and five years, respectively. Its object is MINERAL PIGMENTS, in an attempt to show different painting techniques to children, in order to improve their knowledge in the production of temperas (OVERALL VINYL) whose main element is the mineral pigment collected by them, by the teacher and coming from donations. From the collections and preparation of the tempera, we move forward with thinking about practices that favor the production of other forms of paintings which contribute to the teaching-learning process, contextualizing it with works of art chosen for this research. This is also intended to sharpen children's curiosity, enabling them to have a different perspective on the spaces around them. It is possible to see that pigments are practically everywhere we go, they are easily accessible and we can obtain different colors by collecting materials suitable for this purpose. In this context, we need to pay attention to preserving the environment when collecting. Therefore, the objective of this research is to collect, prepare and use mineral pigments as tempera for painting, questioning the importance of handling such pigments at school, observing children's behavior during collection, creating records of these steps and relating them to importance of pigments as artistic production. The methodological choice for the study is qualitative research of a descriptive nature and phenomenological method, in which the methodological procedures start from bibliographical survey, documentary analysis, material collection; and subsequent presentation of the results and report of experiences lived in everyday school life with mineral pigments. Some practices are explored with the tempera prepared by the children, ending with an exhibition of the work in the school space, at Municipal Center for Educational Studies and Projects Julieta Diniz (CEMEPE) and Laboratório Galeria at UFU, which can then be transferred to other environments. Taking into consideration that this experience involves discovering places to obtain mineral pigments and prepare their tempering, we sought a narrative that dialogues with the thoughts of theorists: Bermond (2016), Dewey (2010), Duarte (2019), Fischer (1971), Góis (2016), Oliveira (1995), Werneck (2010), and others, who greatly contribute to the development of all this research.

Keywords: Mineral pigments. Tempers. Child Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 -	Pé de lobeira.....	39
Figura 02 -	Fruta lobeira.....	40
Figura 03 -	Alexandra Cardoso. <i>Imortalidade IV</i> (1998). Mista sobre tela, 150 x 250 cm.....	43
Figura 04 -	Alexandra Cardoso. <i>Imortalidade III</i> (1998). Mista sobre tela, 150 x 250 cm.....	44
Figura 05 -	Hannah Jesus Koh. (2015). Aquarela com água da chuva.....	48
Figura 06 -	Vincent Van Gogh. <i>O Quarto em Arles</i> (1888). Óleo sobre tela, 57,5 x 74 cm.....	49
Figura 07 -	Jacob Camille Pissarro. <i>Bauemmädchen die füBe Waschend-</i> <i>c</i> (1894). Monotipia sobre placa de cobre, 12,6 x 17,4 cm.....	49
Figura 08 -	Aluna Flor coando a terra.....	50
Figura 09 -	Aluna Rosa coando a terra.....	50
Figura 10 -	Aluna Flor, pintura com pigmento mineral.....	50
Figura 11 -	Aluna Rosa, pintura com pigmento mineral.....	50
Figura 12 -	Pintura para monotipia no plástico - 1.....	51
Figura 13 -	Pintura para monotipia no plástico - 2.....	51
Figura 14 -	Prática realizada durante a disciplina de Pigmentos Minerais para Pintura (2015).....	52
Figura 15 -	Ateliê da artista Goiandira Ayres de Couto.....	53
Figura 16 -	Artista Goiandira em seu ateliê.....	54
Figura 17 -	Amostra de areia em exposição no Palácio do Conde dos Arcos.....	55
Figura 18 -	Cândido Portinari. <i>Brodowski</i> (1942). Óleo sobre tela, 46 x 55,5 cm.....	58
Figura 19 -	Bobina pequena de papelão de máquina de talão de água.....	61

Figura 20 -	<i>Árvore dos Sentimentos</i> , por alunos do 5º ano Fundamental I da EM Eugênio Pimentel Arantes. Técnica mista, com altura aproximada de 150 x 60 cm.....	62
Figura 21 -	Imagem de uma folha esculpida pelo artista Lorenzo Duran.....	63
Figura 22 -	Prática dos alunos do 3º ano do Ensino Fundamental I - EM Eugênio Pimentel Arantes. Técnica de corte em folhas de sete-copas.....	64
Figura 23 -	Trabalho elaborado na EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos, turmas de 1º e 2º Períodos da Educação Infantil. Técnica: desenho com lã e barbante na folha de sete-copas.....	65
Figura 24 -	Claude Monet. <i>Three Trees in Grey Weather</i> (1891). Óleo sobre tela, 46 x 61 cm.....	66
Figura 25 -	Resultado dos trabalhos das crianças do 6º ano da EM Freitas Azevedo. Técnica: grafite na folha sulfite.....	67
Figura 26 -	Georges Seurat. <i>Uma Tarde de Domingo na Ilha de Grande Jatte</i> (1884-1886). Óleo sobre tela, 2,60 x 3,50 m.....	68
Figura 27 -	Resultado final dos trabalhos dos alunos das turmas de 6º e 7º anos da EM Freitas Azevedo.....	68
Figura 28 -	Trabalhos dos alunos de 6º e 7º anos do Ensino Fundamental II, da Escola Municipal Freitas Azevedo; e das turmas de 3º ano do Ensino Fundamental I, da Escola Municipal Eugênio Pimentel Arantes, em exposição na parede do SESC Uberlândia-MG.....	69
Figura 29 -	Capa da Revista <i>Olhares e Trilhas</i>	70
Figura 30 -	Algumas obras do artista Ivan Cruz que foram trabalhadas com as crianças.....	72
Figura 31 -	Instalação de tubos de plástico e papelão de bobina no pigmento mineral terra com as turmas de 1º e 2º Períodos da Educação Infantil da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos...	73
Figura 32 -	Instalação de tubos de plástico de bobina dentro da sala de aula – turmas de 2º Período da Educação Infantil da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos.....	73

Figura 33 -	Brinquedos montados pelas crianças de 1º e 2º Períodos na EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos: dominó, pega-varetas gigante e bonecos de caixas de papelão.....	74
Figura 34 -	Coleta do pigmento mineral - 2º Período - EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos.....	75
Figura 35 -	Fazendo a têmpera vinílica - 2º Período EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos.....	75
Figura 36 -	Pintura das caixas de papelão com pigmento mineral, na área externa da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos - turmas de 2º Período.....	77
Figura 37 -	Pintura da parte interna das caixas de papelão com pigmento mineral, na área externa da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos, com as turmas de 2º Período.....	77
Figura 38 -	Exposição final dos trabalhos da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos com as turmas de G2, G3, 1º e 2º Períodos no espaço da Casa da Cultura Graça do Aché.....	78
Figura 39 -	Fragmento de vídeo sobre pigmentos minerais / A (2020).....	81
Figura 40 -	Fragmento de vídeo sobre pigmentos minerais / B (2020).....	82
Figura 41 -	Atividades feitas pelas crianças da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos durante a pandemia de Covid-19 / A.....	83
Figura 42 -	Atividades feitas pelas crianças da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos durante a pandemia de Covid-19 / B.....	84
Figura 43 -	Atividades feitas pelas crianças da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos durante a pandemia de Covid-19 / C.....	84
Figura 44 -	Atividades feitas pelas crianças da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos durante a pandemia de Covid-19 / D.....	85
Figura 45 -	Atividades feitas pelas crianças do 3º ano da EM Prof. Domingos Pimentel de Ulhôa durante a pandemia de Covid-19 / A.....	85
Figura 46 -	Atividades feitas pelas crianças do 3º ano da EM Prof. Domingos Pimentel de Ulhôa durante a pandemia de Covid-19 / B.....	86
Figura 47 -	Fragmento do <i>padlet</i> com os temas propostos na semana.....	87

Figura 48 -	Imagens de trabalhos feitos durante a Covid-19, em 2020.....	88
Figura 49 -	Eduardo de Lima. <i>O Campo de Girassol</i> (2017). Óleo sobre tela, 60 x 80 cm.....	91
Figura 50 -	Eduardo de Lima. <i>O Menino e o Pneu</i> (2022). Óleo sobre tela, 60 x 80 cm.....	91
Figura 51 -	Candido Portinari. <i>Futebol</i> (1935). Óleo sobre tela, 130 x 97 cm.....	92
Figura 52 -	Imagens do <i>Pé de Livro</i> , do artista Hélio de Lima (2011).....	92
Figura 53 -	Crianças com uma imagem de Hélio de Lima, identificando pontos, cores, formas.....	94
Figura 54 -	Pintura de observação com guache observando a obra <i>Futebol</i> , de Cândido Portinari.....	94
Figura 55 -	Crianças preparando a têmpera de <i>Aloe vera</i>	99
Figura 56 -	Têmpera de <i>Aloe vera</i>	99
Figura 57 -	Crianças sentindo a textura da <i>Aloe vera</i>	99
Figura 58 -	Crianças fazendo pintura na madeira com a têmpera de <i>Aloe vera</i>	99
Figura 59 -	Pintura com têmpera de <i>Aloe vera</i> molhada / A.....	100
Figura 60 -	Pintura com têmpera de <i>Aloe vera</i> seca / A.....	100
Figura 61 -	Pintura com a têmpera de <i>Aloe Vera</i> molhada / B.....	100
Figura 62 -	Pintura com têmpera de <i>Aloe Vera</i> seca / B.....	101
Figura 63 -	Coleta de pigmento na EMEI Prof ^a . Carmelita Vieira dos Santos / A.....	102
Figura 64 -	Coleta de pigmento na EMEI Prof ^a . Carmelita Vieira dos Santos / B.....	102
Figura 65 -	Coleta em outros momentos na EMEI Prof ^a . Carmelita Vieira dos Santos.....	103
Figura 66 -	Um dos bilhetes enviado às famílias das crianças da EMEI Prof ^a . Carmelita Vieira dos Santos.....	104
Figura 67 -	Pigmento coletado pela criança José André Ramos de Castro em suas férias de julho de 2022 / A.....	105
Figura 68 -	Pigmento coletado pela criança José André Ramos de Castro em suas férias de julho de 2022 / B.....	105

Figura 69 -	Pigmento coletado pela criança Heitor em junho de 2022.....	105
Figura 70 -	Pigmento coletado pelo aluno Kaique Caixeta Melo em suas férias de julho de 2022 / C.....	106
Figura 71 -	Torrões coletados pela criança Kaique Caixeta Melo (2022).....	106
Figura 72 -	Barranco da Fazenda Santa Luzia – Gameleira-MG.....	119
Figura 73 -	Pigmentos branco, amarelo, bege e rosa retirados do barranco da Fazenda Santa Luzia.....	119
Figura 74 -	Pigmento coletado no quintal na casa de minha avó, na cidade de Indianópolis-MG.....	120
Figura 75 -	A autora Alexandra Cardoso coletando o pigmento vermelho....	121
Figura 76 -	Coleta de pigmento cinza.....	122
Figura 77 -	Coleta de pigmento vermelho.....	122
Figura 78 -	Barranco situado na Fazenda Santa Luzia – Gameleira-MG.....	135
Figura 79 -	Pigmentos coletados e doados por Dayane Jacob, da Fazenda Santa Luzia, em Gameleira-MG.....	136
Figura 80 -	Pigmentos doados por Cloves Moreira da Silva / A.....	136
Figura 81 -	Pigmentos doados por Cloves Moreira da Silva / B.....	137
Figura 82 -	Crianças apreciando a cor e sentindo a textura das pedras coloridas / A.....	153
Figura 83 -	Crianças apreciando a cor e sentindo a textura das pedras coloridas / B.....	153
Figura 84 -	Criança com a mão cheia de pigmento dos torrões doados pela criança Kaique.....	153
Figura 85 -	Criança com a pedra verde.....	154
Figura 86 -	Crianças sentindo a textura da peneira.....	157
Figura 87 -	Criança peneirando o pigmento / A.....	157
Figura 88 -	Criança peneirando o pigmento / B.....	158
Figura 89 -	Criança guardando o pigmento.....	158
Figura 90 -	Local em casa onde preparo parte dos pigmentos doados e dos coletados por mim.....	159
Figura 91 -	Pintura com pigmento mineral no sulfite.....	161
Figura 92 -	Desenho no isopor para impressão.....	161
Figura 93 -	Pintura com pigmento mineral na folha sulfite.....	161

Figura 94 -	Pintura com têmpera vinílica no TNT.....	162
Figura 95 -	Pintura na madeira com têmpera de <i>Aloe vera</i>	162
Figura 96 -	Desenho feito pelas crianças na mesa de cimento, com pigmentos minerais coloridos e molhados.....	162
Figura 97 -	Pintura com pigmento mineral no acetato transparente.....	163
Figura 98 -	Tecido para a prática das pegadas das crianças com pigmentos minerais.....	163
Figura 99 -	Pintura na placa de MDF com pigmentos minerais.....	163
Figura 100 -	Pintura com pigmentos minerais na folha.....	164
Figura 101 -	Imagem nas paredes rochosas de Peruaçu-MG.....	166
Figura 102 -	Crianças brincando e desenhando no chão de pigmento.....	167
Figura 103 -	Marcas das mãos das crianças.....	167
Figura 104 -	Darli de Oliveira. <i>Terra do Sol II</i> - obra premiada no SARP (1996). Têmpera sobre lona, 193 x 325 cm.....	170
Figura 105 -	Instalação <i>Cama-de-Gato</i> no “Cantinho da Natureza” da EMEI Profª Carmelita Vieira dos Santos.....	171
Figura 106 -	Crianças coletando as formas geométricas entre as linhas da <i>Cama de Gato</i> , no “Cantinho da Natureza” da EMEI Profª. Carmelita Veira dos Santos.....	171
Figura 107 -	Uma parte da elaboração do painel, desenho com cola e pigmento mineral terra.....	171
Figura 108 -	Painel feito pelas crianças, com formas geométricas e pigmentos minerais.....	172
Figura 109 -	Potes de pigmento colorido e paleta de cores da artista Darli de Oliveira.....	173
Figura 110 -	Detalhe de um dos trabalhos híbridos antes da pintura com pigmento mineral.....	175
Figura 111 -	Pintura da capa do portfólio com os pigmentos minerais doados pela artista Darli de Oliveira.....	175
Figura 112 -	Darli de Oliveira. <i>Praia dos Coqueiros</i> (1999). Aquarela com pigmentos minerais.....	176
Figura 113 -	Darli de Oliveira. <i>Saracuras</i> (2020). Afresco com pigmentos.....	176

Figura 114 - Pigmentos minerais escolhidos pelas crianças para pintura no MDF.....	177
Figura 115 - Pintura sobre MDF com têmpera vinílica de pigmento mineral / A.....	177
Figura 116 - Pintura sobre MDF com têmpera vinílica de pigmento mineral / B.....	177
Figura 117 - Pintura com pigmentos minerais no acetato transparente, 110 x 63 cm.....	178
Figura 118 - Pintura com pigmentos minerais no acetato branco, 107 x 53 cm.....	179
Figura 119 - Carlos Vergara. <i>Sudários</i> (1980).....	180
Figura 120 - Crianças desenhando sobre tronco de árvore com pigmento mineral e tirando textura do chão.....	180
Figura 121 - Criança desenhando com pigmento mineral, tirando a impressão da superfície.....	181
Figura 122 - Criança tirando textura da superfície com giz de cera.....	181
Figura 123 - Pigmentos de cascas de alimentos e folhas.....	182
Figura 124 - Pintura com pigmentos de cascas de vegetais.....	182
Figura 125 - Criança desenhando na matriz de isopor a ser impressa.....	183
Figura 126 - Impressão com o pigmento vegetal feito da casca de beterraba.....	183
Figura 127 - Impressão da xilosiopogravura com pigmento mineral.....	184
Figura 128 - Registro de Carlos Vergara jogando o pigmento mineral no chão.....	185
Figura 129 - Jacarés caminhando sobre o tecido deixado pelo artista Carlos Vergara.....	185
Figura 130 - Crianças pisando no pigmento mineral molhado para caminhar sobre o tecido molhado.....	186
Figura 131 - Crianças caminhando com os pés cheio de pigmento mineral sobre o tecido molhado.....	186
Figura 132 - Tecido seco para caminhada com os pés cheio de pigmento mineral.....	187
Figura 133 - Crianças caminhando com os pés carregados de pigmentos minerais sobre o tecido seco.....	187

Figura 134 - Misturando as cores dos pigmentos minerais secos.....	188
Figura 135 - Crianças misturando os pigmentos minerais secos.....	189
Figura 136 - Peneirando mais cores de pigmentos minerais.....	189
Figura 137 - Crianças molhando os pigmentos minerais para começarem a desenhar.....	190
Figura 138 - Crianças desenhando na mesa com pigmento mineral misturado e molhado.....	190
Figura 139 - Crianças fazendo impressão das cores de pigmentos minerais e os desenhos.....	191
Figura 140 - Crianças terminado a impressão da monotipia com pigmento mineral sobre a mesa de cimento no “Cantinho da Natureza” da EMEI Profª. Carmelita Vieira Santos.....	191
Figura 141 - Matriz e impressão feita pelas crianças com pigmentos minerais.....	192
Figura 142 - Pigmento mineral molhado sobre a mesa de cimento, acaso.....	192
Figura 143 - Impressão da imagem que surgiu por acaso sobre a mesa de cimento.....	193
Figura 144 - Crianças imprimindo no tecido a pintura feita com pigmentos minerais sobre plástico.....	193
Figura 145 - Criança tirando o tecido impresso com pigmentos minerais sobre o plástico.....	194
Figura 146 - Criança desenhando com a cola vinílica sobre tecido cru.....	195
Figura 147 - Pintura com pigmentos minerais sobre algodão cru.....	195
Figura 148 - Pintura com pigmentos minerais sobre tecido desenhado com cola vinílica.....	196
Figura 149 - Momento em que a criança joga toda a têmpera vinílica de pigmento mineral sobre tecido, causando um efeito lindo de manchas espontâneas.....	196
Figura 150 - Frans Krajcberg. <i>Natura</i> . Gravura 32 x 24 cm.....	198
Figura 151 - Criança colhendo folha para atividade na área verde da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos.....	198
Figura 152 - Grupo de pintura com pigmentos minerais nas folhas de árvores para impressão no acetato.....	199

Figura 153 - Criança fazendo impressão com as folhas de árvores, que haviam sido pintadas com pigmentos minerais, sobre acetato transparente.....	199
Figura 154 - Trabalho finalizado com as impressões de folhas com pigmentos minerais sobre acetato transparente.....	200
Figura 155 - Frans Krajcberg. <i>Conjunto de Esculturas</i> (1988).....	201
Figura 156 - Montando a base das esculturas com argila.....	202
Figura 157 - Pintura das esculturas – pequenos galhos de boldo – com pigmentos minerais.....	202
Figura 158 - Instalação com galhos menores pronta.....	203
Figura 159 - Pintura dos galhos maiores com pigmentos minerais.....	203
Figura 160 - Montagem da instalação com galhos maiores na área externa da EMEI Profª. Carmelita Veira dos Santos, chamado de “Cantinho da Natureza”.....	204
Figura 161 - Instalação com galhos maiores pronta montada no “Cantinho da Natureza” da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos.....	204
Figura 162 - Pintura com têmpera vinílica sobre algodão cru.....	205
Figura 163 - Pintura com têmpera vinílica de pigmentos minerais sobre tela / A.....	205
Figura 164 - Pintura com têmpera vinílica de pigmentos minerais sobre tela / B.....	206
Figura 165 - Pintura sobre tela com têmpera vinílica de pigmentos minerais..	206
Figura 166 - Criança na pintura em tela com têmpera vinílica de pigmentos minerais.....	207
Figura 167 - Criança desenhando com pigmento mineral <i>in natura</i>	210
Figura 168 - Processo de criação.....	217
Figura 169 - Pintura no <i>jeans</i> com pigmento mineral.....	217
Figura 170 - Pintura com pigmento mineral com aglutinante <i>Aloe vera</i>	217
Figura 171 - Pintura com pigmento mineral com vinílica.....	217
Figura 172 - Processo da elaboração do trabalho.....	218
Figura 173 - Trabalho feito com pigmento mineral com aglutinante de vinílica.....	218
Figura 174 - Coletando o pigmento.....	219

Figura 175 -	Preparo da têmpera vinílica.....	219
Figura 176 -	Pintura com pigmento mineral feita em casa pela criança Ana Beatriz.....	219
Figura 177 -	Processo da elaboração do trabalho feito em casa pela criança Cairon.....	220
Figura 178 -	Pintura final com pigmento mineral da criança Cairon.....	220
Figura 179 -	Processo de criação da criança Nicole.....	221
Figura 180 -	Pintura da criança Théo.....	222
Figura 181 -	Processo de criação da criança Rafael.....	223
Figura 182 -	Resultado final da atividade com pigmento mineral da criança Rafael.....	223
Figura 183 -	Processo de criação da criança Kaique.....	224
Figura 184 -	Panorâmica do ateliê da artista Darli de Oliveira.....	227
Figura 185 -	Crianças entrando no ateliê da artista Darli de Oliveira.....	227
Figura 186 -	Visita das crianças ao ateliê de Darli de Oliveira.....	228
Figura 187 -	Crianças ouvindo a explicação de Darli de Oliveira sobre como surgiram as obras dos pássaros.....	228
Figura 188 -	Darli de Oliveira apresentando suas obras que estão em processo de criação.....	229
Figura 189 -	Darli de Oliveira explicando como surgiu o trabalho dos pássaros.....	229
Figura 190 -	Crianças atentas � apresentação de Darli de Oliveira.....	230
Figura 191 -	Crianças apreciando a área externa do ateliê, pela janela.....	230
Figura 192 -	Criança apreciando as obras de Darli de Oliveira.....	231
Figura 193 -	Darli de Oliveira mostrando os potes de pigmentos minerais.....	231
Figura 194 -	Professora Cintia e criança apreciando as obras da artista Darli de Oliveira.....	232
Figura 195 -	Crianças apreciando as obras da artista anfitriã.....	232
Figura 196 -	Criança apreciando as obras da artista Darli de Oliveira.....	233
Figura 197 -	Criança fazendo pergunta sobre as obras para Darli de Oliveira.....	233
Figura 198 -	Darli de Oliveira apresentando a área externa de seu ateliê.....	234
Figura 199 -	�rea externa do ateliê da artista Darli de Oliveira.....	234

Figura 200 -	Artista Darli de Oliveira explicando sua paleta de cores.....	235
Figura 201 -	Darli de Oliveira mostrando quais as cores da paleta usara em sua obra.....	235
Figura 202 -	A autora Alexandra Cardoso e Darli de Oliveira com a paleta de cores composta durante o mestrado da artista.....	236
Figura 203 -	Montagem da <i>20ª Mostra Visualidades - Exposição de Pigmentos Minerais</i> na quadra da Emei Profª. Carmelita Vieira dos Santos / A.....	245
Figura 204 -	Montagem da <i>20ª Mostra Visualidades - Exposição de Pigmentos Minerais</i> na quadra da Emei Profª. Carmelita Vieira dos Santos / B.....	246
Figura 205 -	Montagem da <i>20ª Mostra Visualidades - Exposição de Pigmentos Minerais</i> na quadra da Emei Profª. Carmelita Vieira dos Santos / C.....	246
Figura 206 -	Exposição na quadra na EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos / A.....	247
Figura 207 -	Exposição na quadra na EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos / B.....	247
Figura 208 -	Parte da exposição na quadra da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos.....	248
Figura 209 -	Vista de outra parte da exposição na quadra da Emei Profª. Carmelita Vieira dos Santos.....	248
Figura 210 -	Vista da parte central da exposição na quadra da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos.....	249
Figura 211 -	Vista de outra parte da exposição na quadra da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos.....	249
Figura 212 -	Outro ângulo da exposição na quadra da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos.....	250
Figura 213 -	Instalação feita tendo como referência a obra <i>Conjunto de Esculturas</i> , de Frans Krajcberg, conforme imagem presente na exposição ao fundo na fotografia.....	250
Figura 214 -	Pintura feita sobre MDF com têmpera vinílica de pigmentos minerais, 80 x 45 cm.....	251

Figura 215 - Estudo da paleta de cores e desenhos monocromáticos realizados pelas crianças.....	251
Figura 216 - Estudo da paleta de cores e desenhos monocromáticos das crianças e xiloisopografia com têmpera vinílica de pigmentos minerais.....	252
Figura 217 - Pintura em tela com têmpera vinílica de pigmentos minerais, várias dimensões.....	252
Figura 218 - Matriz e impressão de xiloisopogravura com têmpera vinílica de pigmentos minerais sobre papel.....	253
Figura 219 - Pintura com têmpera vinílica de pigmentos minerais no acetato branco, 94 x 53 cm.....	253
Figura 220 - Vista parcial da exposição na quadra da EMEI Prof ^a . Carmelita Vieira dos Santos.....	254
Figura 221 - Pintura. Pegadas das crianças com pigmentos minerais no tecido molhado, 195 x 245 cm.....	254
Figura 222 - Monotipia em tecidos diversos com têmpera vinílica de pigmentos minerais costurados em tela mosquiteira.....	255
Figura 223 - Foto do convite enviado pela mãe de uma das crianças, para a <i>20^a Mostra Visualidades - Exposição de Pigmentos Minerais</i> , montada na quadra da EMEI Prof ^a . Carmelita Vieira dos Santos.....	255
Figura 224 - Pintura com pigmentos minerais no tecido de algodão cru, 100 x 190 cm.....	256
Figura 225 - Visita da artista plástica Darli de Oliveira à <i>20^a Mostra Visualidades - Exposição de Pigmentos Minerais</i> na quadra da EMEI Prof ^a . Carmelita Vieira dos Santos.....	256
Figura 226 - Visita dos professores e coordenadora da Formação Continuada do CEMEPE à <i>20^a Mostra Visualidades - Exposição de Pigmentos Minerais</i> na quadra da EMEI Prof ^a . Carmelita Vieira dos Santos / A.....	257

Figura 227 - Visita dos professores e coordenadora da Formação Continuada do CEMEPE à <i>20ª Mostra Visualidades - Exposição de Pigmentos Minerais</i> na quadra da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos / B.....	257
Figura 228 - Visita dos professores e coordenadora da Formação Continuada do CEMEPE à <i>20ª Mostra Visualidades - Exposição de Pigmentos Minerais</i> na quadra da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos / C.....	258
Figura 229 - Visita das crianças à exposição de seus trabalhos na <i>20ª Mostra Visualidades - Exposição de Pigmentos Minerais</i> , na quadra da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos / A.....	258
Figura 230 - Visita das crianças à exposição de seus trabalhos na <i>20ª Mostra Visualidades - Exposição de Pigmentos Minerais</i> , na quadra da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos / B.....	259
Figura 231 - Visita das crianças à exposição de seus trabalhos na <i>20ª Mostra Visualidades - Exposição de Pigmentos Minerais</i> , na quadra da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos / C.....	259
Figura 232 - Autora Alexandra Cardoso e sua mãe Nilza Maria em visita à <i>20ª Mostra Visualidades - Exposição de Pigmentos Minerais</i> , na quadra da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos.....	260
Figura 233 - Pintura com pigmentos minerais no acetato transparente enviada por Brígida.....	263
Figura 234 - Convite individual para a <i>20ª Edição da Mostra Visualidades</i> e do <i>Circuito Visualidades</i>	267
Figura 235 - Convite geral da <i>20ª Mostra Visualidades</i>	268
Figura 236 - Abertura da 20ª edição do <i>Circuito Visualidades</i> no CEMEPE / A.....	268
Figura 237 - Abertura da 20ª edição do <i>Circuito Visualidades</i> no CEMEPE / A.....	269
Figura 238 - Panorâmica da exposição do CEMEPE com painel de algodão cru.....	269
Figura 239 - Panorâmica da exposição geral do CEMEPE com painel no TNT.....	270

Figura 240 - Vista parcial da exposição no CEMEPE.....	270
Figura 241 - Outro ângulo parcial da exposição no CEMEPE.....	271
Figura 242 - Painel de TNT, com têmpera vinílica de pigmentos minerais, 195 x 245 cm.....	271
Figura 243 - Pintura com pigmentos minerais na madeira e mostra dos pigmentos minerais naturais.....	271
Figura 244 - Pigmentos minerais naturais, coletados pela autora, em exposição no CEMEPE.....	272
Figura 245 - Pigmentos minerais naturais, de doadores indiretos, em exposição no CEMEPE.....	272
Figura 246 - Mostra da instalação em exposição no CEMEPE.....	272
Figura 247 - Autora na exposição do CEMEPE.....	273
Figura 248 - Parte da pintura com têmpera vinílica com pigmento mineral no algodão cru e tela em exposição no CEMEPE.....	273
Figura 249 - Texto da apresentação da exposição adesivado na parede do Laboratório Galeria – Bloco 1 - Sala 1I-218.....	277
Figura 250 - Outro ângulo do texto adesivado na parede da galeria, com vista da lateral direita da exposição.....	277
Figura 251 - Montagem da exposição no Laboratório Galeria – Bloco I - Sala 1I-218 / A.....	278
Figura 252 - Montagem da exposição no Laboratório Galeria – Bloco I - Sala 1I-218 / B.....	278
Figura 253 - Montagem da exposição no Laboratório Galeria – Bloco I - Sala 1I-218 / C.....	278
Figura 254 - Montagem da exposição no Laboratório Galeria – Bloco I - Sala 1I-218 / D.....	279
Figura 255 - Montagem da exposição no Laboratório Galeria – Bloco I - Sala 1I-218 / E.....	279
Figura 256 - Vista geral da exposição no Laboratório Galeria – Bloco I - Sala 1I-218.....	280
Figura 257 - Vista parcial da exposição no Laboratório Galeria – Bloco I - Sala 1I-218.....	280

Figura 258 - Têmpera vinílica com pigmentos minerais sobre MDF de vários tamanhos.....	281
Figura 259 - Mostra dos pigmentos e paleta de cores de todos os pigmentos minerais usados nas obras das crianças.....	281
Figura 260 - Pintura em tela com têmpera vinílica pigmentos minerais, diversos tamanhos.....	281
Figura 261 - Pintura em tecido cru com têmpera vinílica de pigmentos minerais, 190 x 160 cm.....	282
Figura 262 - Pintura com pigmentos minerais feito em casa com as famílias, diversos suportes.....	282
Figura 263 - Monotipia com pigmentos minerais no TNT, 195 x 245 cm.....	283
Figura 264 - Pintura com têmpera de pigmentos minerais no acetato transparente, 110 x 63 cm.....	283
Figura 265 - Instalação.....	284
Figura 266 - Instalação.....	284
Figura 267 - Pegadas das crianças feitas com pigmentos minerais no tecido, 130 x 230 cm.....	284
Figura 268 - Pintura no algodão cru com têmpera vinílica de pigmentos minerais, 30 x 24 cm / A.....	285
Figura 269 - Pintura no algodão cru com têmpera vinílica de pigmentos minerais, 30 x 24 cm / B.....	285
Figura 270 - Pintura no algodão cru com têmpera vinílica de pigmentos minerais, 100 x 190 cm.....	286
Figura 271 - Livro de assinaturas na entrada da exposição do Laboratório Galeria – Bloco I - Sala 1I-218.....	286
Figura 272 - Desmontagem da exposição do Laboratório Galeria – Bloco I- Sala 1I-218 / A.....	287
Figura 273 - Desmontagem da exposição no Laboratório Galeria - Bloco I - Sala 1I-218 / B.....	287

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 -	Coletas feita pelas crianças.....	108
Quadro 02 -	Coletas da professora.....	122
Quadro 03 -	Rochas doadas.....	137
Quadro 04 -	Pigmentos doados.....	140
Quadro 05 -	Material usado para preparo do pigmento.....	155

LISTA DE SIGLAS

ASG -	Auxiliar de Serviços Gerais
BNCC -	Base Nacional Comum Curricular
CEMEPE -	Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz
EJA -	Educação de Jovens e Adultos
EM -	Escola Municipal
EMEI -	Escola Municipal de Educação Infantil
IARTE -	Instituto de Artes
IG -	Instituto de Geografia
OMS -	Organização Mundial de Saúde
PET -	Programa de Educação Tutorial
PIBEI -	Plano de Interação e Brincadeiras da Educação Infantil
SARP -	Salão Nacional de Arte Contemporânea de Ribeirão Preto
SESC -	Serviço Social do Comércio
TDAH -	Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade
UFU -	Universidade Federal de Uberlândia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	28
CAPÍTULO I: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS COM PIGMENTOS MINERAIS	34
1.1 Algumas pontuações sobre os pigmentos.....	34
1.2 Brincadeiras com elementos da natureza na infância.....	38
1.3 Experimento com os pigmentos naturais na graduação.....	41
1.4 Pigmentos minerais no curso de Especialização em Inclusão Escolar pelo Instituto de Geografia - IG – UFU.....	44
1.5 Visita ao ateliê da artista Goiandira Ayres de Couto.....	52
CAPÍTULO II: USO DOS PIGMENTOS NA EXPERIÊNCIA DOCENTE.....	57
2.1 Experiências com pigmentos minerais e outros elementos naturais	60
2.2 Práticas artísticas trabalhadas durante o período da pandemia da Covid-19: aulas remotas com alunos de 1º e 2º períodos da Educação Infantil.	79
2.3 Experimento com retorno às aulas presenciais.....	89
2.3.1 Coleta feita pelas crianças.....	101
2.3.2 Coletas feitas pela professora autora da pesquisa.....	118
2.3.3 Coletas indiretas.....	133
2.3.4 Preparo das têmperas.....	154
2.3.5 Suportes utilizados.....	160
2.3.6 Procedimentos utilizados.....	164
2.4 Pigmentos na obra de alguns artistas: dois brasileiros e um naturalizado.....	165
2.4.1 Darli de Oliveira.....	168
2.4.2 Carlos Vergara.....	179
2.4.3 Frans Krajcberg.....	196

CAPÍTULO III: AVALIAÇÃO DE RESULTADOS E USO DOS PIGMENTOS.....	208
3.1 Relatos, entrevistas e falas das crianças pequenas de 5 a 6 anos.....	209
3.2 Relatos de pais.....	215
3.3 Visita ao ateliê da artista plástica Darli de Oliveira.....	225
3.3.1 Relatos das crianças após a visita ao ateliê da artista Darli de Oliveira.....	237
3.3.2 Relatos enviados pelos pais a partir da fala das crianças, sobre a visita ao ateliê da artista Darli de Oliveira.....	239
3.3.3 Relatos da equipe de apoio que acompanhou a visita ao ateliê da artista Darli de Oliveira.....	241
3.4 Exposições.....	243
3.4.1 Exposições na escola – <i>20ª Mostra Visualidades – 2023..</i>	244
3.4.1.1 Relatos dos visitantes da <i>20ª Mostra Visualidades - Exposição de Pigmentos Minerais</i>	261
3.4.2 Exposição no CEMEPE - <i>Circuito Visualidades 2023</i>	266
3.4.2.1 Relatos dos visitantes da <i>20ª edição do Circuito Visualidades</i> , no CEMEPE, em 2023.....	274
3.4.3 Exposição no Laboratório Galeria – Bloco I - Sala 1I-218 - UFU 2024.....	276
3.4.3.1 Relatos dos visitantes da exposição do Laboratório Galeria - Bloco I - Sala1I - 218.....	289
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	291
REFERÊNCIAS.....	298
APÊNDICE A - AUTORIZAÇÃO DE USO DE NOME NA PESQUISA, TEXTO DE PAREDE PARA EXPOSIÇÃO NO LABORATÓRIO GALERIA (UFU) E BILHETE DE MÃE DE ALUNO.....	300
APÊNDICE B - FOTOGRAFIAS DO PROCESSO DE CRIAÇÃO DE TODA A PESQUISA.....	303

INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como objetivo o estudo dos PIGMENTOS MINERAIS APLICADOS EM SALA DE AULA NA DISCIPLINA DE ARTES, em aulas realizadas na Escola Municipal de Educação Infantil Professora Carmelita Vieira dos Santos¹, da rede municipal da cidade de Uberlândia-MG. Nesse contexto, a escolha metodológica para este estudo é de pesquisa, com abordagem qualitativa de caráter descritivo e método fenomenológico, com o objetivo de compreender a essência de um fenômeno e como ele se manifesta, interpretando a experiência vivida dos participantes, com o tema “PIGMENTOS MINERAIS: A DESCOBERTA DE CORES, MATERIALIDADES E SUPORTES EM VIVÊNCIAS EXPERIMENTAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL”, cujos procedimentos metodológicos partem de levantamento bibliográfico, análise documental, coleta de material; e posterior exposição dos resultados e relato das experiências vividas no cotidiano escolar com os pigmentos minerais, podendo estender-se para outros espaços. Nesse sentido, Bicudo define que:

Como método de pesquisa, a fenomenologia é uma forma radical de pensar. Assim sendo, ela parte, necessariamente, de caminhos conhecidos de fazerem-se as coisas, desafia os pressupostos aceitos e busca uma nova perspectiva para ver o fenômeno. Enquanto um método genuinamente radical fundamenta-se em novos conceitos, os quais, no começo, para aquele que ela se inicia, são estranhos e desconhecidos... À medida que se “habita” a nova linguagem, entende seus significados que se referem tanto às proposições, ideias e corpo de ideias (Bicudo, 1983, p. 11).

Dessa forma, com o desenvolver da pesquisa, pude mostrar técnicas diferentes de pinturas com pigmentos minerais às crianças, a fim de apresentar outras possibilidades para despertar sua criatividade, por meio da produção de têmperas cujo elemento principal é o pigmento mineral coletado por elas, por esta pesquisadora e vindo de doações feitas por outras pessoas. Pensou-se em um planejamento para crianças do 1º e do 2º períodos, com idades entre quatro e seis anos, respectivamente, cumprindo uma grade horária de duas aulas semanais de 50 minutos de duração, por semestre. Para realizar algumas etapas foi necessária a participação dos pais ou

¹ Escola Municipal de Educação Infantil Professora Carmelita Vieira dos Santos: Praça das Nações, 91 – Tibery, Uberlândia-MG, CEP: 38405094, Brasil, doravante neste trabalho mencionada como EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos.

responsáveis. As atividades elaboradas foram contextualizadas por meio de apresentação de imagens, vídeos, experimentos em sala de aula, além da exploração da área externa da escola e de outros espaços frequentados pelas crianças fora do âmbito escolar, pois cada uma tem suas vivências e história de vida.

A arte na Educação Infantil tem o papel de ajudar as crianças a estabelecerem uma relação com o mundo. Ela envolve o fazer artístico em seus vários aspectos. A função da arte na escola situa-se no domínio do espaço da percepção, da imaginação e da criação. Os trabalhos artísticos desenvolvidos em sala de aula visam fazer com que a criança observe as coisas ao seu redor, crie, faça intervenções e reflita sobre seu trabalho de arte e os dos colegas. Ela também desenvolve a percepção para as coisas que estão fora da sala de aula: na sua casa e outros ambientes de seu convívio. Além disso, escola e arte são fundamentais para o ser humano e seus aspectos cognitivos, sensitivos e criativos.

Sendo assim, sabendo que a escola possui alguns espaços com áreas verdes, saímos de sala para explorar um desses espaços denominado “Cantinho da Natureza”, onde se encontra uma concentração razoável de pigmentos minerais, e foi nesse local que as crianças fizeram sua primeira coleta.

Elas coletaram e nesse primeiro momento usaram o pigmento sem preparo, observando as cores presentes no lugar. Foi um experimento novo e diferente, que cativou as crianças, mesmo tendo sido encontradas poucas cores. Aqui se dá o início da paleta de cores, que até então se encontrava com marrom, vermelho e preto.

Diante da escassez de cores encontrada no local e vendo que as crianças estavam ansiosas e curiosas para descobrir novas tonalidades, convidei as famílias para fazer parte das coletas junto a seus filhos, em locais frequentados por elas, a fim de ampliar nosso acervo de pigmentos minerais e proporcionar práticas que despertassem cada vez mais a criatividade, a curiosidade, a imaginação, o desenvolvimento intelectual e crítico, ou seja, aguçassem o processo de aprendizagem. E com o desenvolver desse processo de criação, foram chegando novas cores de pigmentos, que aos poucos eram inseridas pelas crianças nas atividades, de forma a experimentar e perceber essas tonalidades, cada dia mais coloridas, podendo desse modo haver opções de cores de pigmentos, conseguindo-se a evolução do fazer artístico e o aumento das cores.

Ao final desse processo, as práticas desenvolvidas ficaram em exposição na quadra da escola, que é um espaço para atividade física e, que por uns dias,

transformou-se em uma galeria de arte, para apreciação das crianças, da comunidade escolar e de outros profissionais da educação.

Creio ser imprescindível fazer nesse momento fazer um breve depoimento sobre as minhas vivências com os pigmentos e sua aplicação na docência até chegar à pesquisa em questão. Acredito que a escolha de me aprofundar nos pigmentos minerais veio desde a infância, quando vivenciei o privilégio de ter contato com a natureza, onde coletava elementos para fazer parte de minhas brincadeiras, como a terra, folhas, galhos, frutos, pedras, sementes – tudo se transformava em brinquedo, tudo era lúdico. Na época, a terra, sob meu ponto de vista, era da cor marrom quando estava seca, ficando algumas vezes vermelha quando estava molhada. Era maravilhoso ver aquela mudança de cor só pelo fato de adicionar água à terra.

Essas imagens ficaram guardadas na memória, vindo à tona quando cursei a graduação no curso de Artes Plásticas, na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), precisamente em duas das disciplinas, que levavam a esse caminho dos pigmentos. Penso que, por terem uma ligação com o resgate da experiência de infância, as disciplinas que mais me chamaram atenção dentro desse curso foram a cerâmica, quando lidamos com a questão da argila, do barro; e a pintura, quando fui apresentada ao uso dos pigmentos.

Ao finalizar a graduação, comecei a ministrar aulas na rede municipal de Uberlândia-MG, passando a explorar o espaço escolar com coletas de elementos da natureza para elaboração de algumas práticas, deixando a criatividade fluir. Diante dessa experiência pude aprimorar um pouco mais esse conhecimento na disciplina de Pigmentos Minerais, no curso de pós-graduação de Inclusão Escolar concluído no Instituto de Geografia-IG da UFU.

Feita essa breve apresentação, retorno, dessa maneira, às vivências com os pigmentos, que sempre foram experiências presentes em algumas práticas dos projetos elaborados na minha docência.

Sendo assim, os pigmentos fizeram parte dos projetos que se sucederam, em 2017, 2018, 2019 e durante a Pandemia da Covid-19², sendo *online* no ano de 2020 e de forma híbrida em 2021. Durante esse período atípico as aulas passaram a ser

² Pandemia de Covid-19, também conhecida como pandemia de coronavírus é uma pandemia em curso da doença por coronavírus 2019 (Covid-19), causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pandemia_de_COVID-19. Acesso em: 17 jun. 2023.

ministradas de forma *online* no primeiro ano e, após esse período, em 2021, retornaram de forma híbrida, com revezamento das crianças, voltando de forma presencial no ano de 2022, com um cenário incomum, por nos depararmos com crianças que nunca haviam frequentado a escola.

Nesse contexto, iniciamos o projeto apresentando os pigmentos minerais presentes na área externa da escola e, para dar suporte a essas aulas, foram apresentados às crianças os **artistas Darli de Oliveira³, Carlos Vergara⁴ e Frans Krajcberg⁵**, que têm como matéria-prima principal em suas obras os pigmentos minerais. Esse processo acontece de forma lúdica, proporcionando momentos diferentes de aprendizado e criatividade para as crianças.

Com o desenvolver da pesquisa, partimos para as coletas dos pigmentos, nas quais tivemos a participação das crianças, das famílias, da professora e de outras pessoas. Nesse mesmo ano começamos os preparos desses pigmentos e alguns experimentos com as têmperas produzidas pelas crianças, tendo continuidade em 2023. No decorrer desse ano as práticas se intensificaram à medida que as crianças foram se familiarizando com os pigmentos e as técnicas propostas pela professora, finalizando com exposições dos trabalhos na EMEI Prof^a. Carmelita Vieira dos Santos, no CEMEPE e na Universidade Federal de Uberlândia - UFU.

Desse modo, além dos artistas citados acima, busco o suporte das literaturas de alguns autores cujos pensamentos teóricos dialogam com a pesquisa, como: Bermond (2016), Dewey (2010), Duarte (2019), Fischer (1971), Góis (2016), Oliveira (1995), Werneck (2010) e outros, para a construção de todo trabalho.

A seguir deixo aqui uma síntese da presente pesquisa, a qual foi dividida em três capítulos.

No primeiro deles, intitulado *Vivências e experiências com pigmentos minerais*, apresento uma breve explanação sobre os pigmentos, os quais fizeram parte da minha infância, junto a outros elementos da natureza, e deixaram memórias e

³ Darli de Oliveira: Desenvolveu sua dissertação de mestrado, com pigmentos naturais apresentando trabalho na Galeria de Artes da UNICAMP. Disponível em: <https://www.blogger.com/profile/03513973118780486565>. Acesso em: 08 jun. 2023.

⁴ Carlos Augusto Caminha Vergara dos Santos: (1941-atual): é gravador, fotógrafo e pintor brasileiro, conhecido como um dos principais representantes do movimento artístico da Nova Figuração no Brasil. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_Vergara. Acesso em: 08 jun. 2023.

⁵ Frans Krajcberg: Escultor, pintor, gravador e fotógrafo. Autor de obras que têm como característica a exploração de elementos da natureza, destaca-se pelo ativismo ecológico, que associa arte e defesa do meio ambiente. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10730/frans-krajcberg>. Acesso em: 08 jun. 2023.

vivências jamais esquecidas. Digo elementos da natureza porque até então não havia feito a opção por pesquisar e aprofundar conhecimentos em relação aos pigmentos minerais, o que veio mais tarde, com o curso de pós-graduação.

Sendo assim, descrevo como os pigmentos perpassaram minha trajetória acadêmica, registrando momentos importantes, na busca de novos caminhos e de como aprimorar esse conhecimento. Fecho esse processo com a visita ao ateliê da artista Goiandira Ayres de Couto.

No segundo capítulo, *Uso dos pigmentos na experiência docente*, apresento como os pigmentos estiveram presentes na minha atuação como professora, fazendo parte de alguns de meus projetos, mesmo durante o período pandêmico.

Assim, após toda essa trajetória, dá-se o início da pesquisa em questão, no ano de 2022, quando nos deparamos com salas de aula heterogêneas, levando-nos a pensar em práticas de forma que as crianças pudessem interagir entre si e ter interesse pelas aulas de Arte.

Para que as aulas acontecessem de forma lúdica, despertando o interesse, a curiosidade e a criatividade das crianças, começamos a explorar as áreas externas da escola, as quais seriam base para coletas de pigmentos e algumas aulas práticas.

Dessa forma, o início do acervo de pigmentos se dá pelas primeiras coletas feitas nesse espaço escolar com as crianças e, assim, despertando o interesse para as próximas, que aconteceram com a participação das famílias. Outras coletas foram feitas pela professora e também por meio de coletas indiretas recebidas por doadores que ficaram sabendo pesquisa.

Relato também como foi o preparo das têmperas nos diferentes momentos das práticas, em que a escolha dos objetos foi pensada de forma apropriada para as crianças, com isso procurando também vários suportes de materiais sustentáveis a fim de que elas pudessem explorar seu fazer artístico, de modo a estimular e desenvolver seu cognitivo, deixando a criatividade e a expressividade fluírem em seus trabalhos.

Como referências artísticas trago as imagens dos artistas **Darli de Oliveira**, **Carlos Vergara e Frans Krajcberg**, que deram subsídio a esta pesquisa, uma vez que são pesquisadores da área de pigmentos minerais, com produções artísticas tendo tais elementos como matéria-prima, cada um dentro de sua poética.

E no terceiro capítulo, *Avaliação de resultados e uso dos pigmentos*, proponho a coleta de relatos como experiências, sendo que alguns ocorreram durante as

práticas com pigmentos minerais, elaboradas fora da escola, com a participação das famílias; e, noutro momento, com a visita ao ateliê de Darli de Oliveira, uma das artistas que deu aporte à pesquisa, em que crianças e profissionais deixam registros das ocasiões vivenciadas naquele espaço, de como foi conhecer a artista, poder apreciar de perto suas pinturas e outras obras, ver seu acervo de pigmentos minerais e suas paletas de cores.

Finalizo com os relatos das exposições, apresentando as produções finais da poética elaborada pelas crianças, levando em consideração que os mesmos trabalhos ficaram em três espaços diferentes, com visitantes e públicos com olhares e criticidade de acordo com seu entendimento.

Por meio dos três capítulos supracitados pude desenvolver a pesquisa proposta sobre os pigmentos minerais, que somam para meu crescimento profissional e para o aprendizado das crianças. Espero que ela venha a contribuir com pesquisas vindouras.

CAPÍTULO I

VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS COM PIGMENTOS MINERAIS

Neste capítulo relato minhas vivências e experiências com elementos da natureza, com foco maior nos pigmentos minerais. Esse interesse surgiu na infância, quando realizava vários experimentos, aguçando minha curiosidade, e perpassou por parte da adolescência, continuando até os dias de hoje, em minhas práticas docentes.

1.1 Algumas pontuações sobre os pigmentos

Pigmento é o elemento que dá cor a tudo que é material. São partículas sólidas coloridas em pó, geralmente insolúveis, que, misturadas ao aglutinante, servem para todas as técnicas de pintura. Segundo Motta e Salgado:

Pigmento é uma substância finamente dividida, insolúvel nos aglutinantes, trazendo na forma da partícula diferentes tamanhos e feitios, que lhe dão características foscas ou brilhantes, opacas ou transparentes, que fazem alterar fundamentalmente o aspecto da tinta (Motta; Salgado, 1976, p. 171).

Os pigmentos são encontrados nos elementos da natureza e podem ser extraídos de vegetais, cascas de alimentos, sementes, minerais, folhas, petróleo, dentre outros, pois hoje os pigmentos têm várias classificações. A presente pesquisa irá contemplar um grupo de pigmentos de acordo com sua origem: inorgânicos. Este estudo tem como foco principal os pigmentos minerais, que estão presentes dentro dos pigmentos inorgânicos. Oliveira (1995, p. 99) explica que “Os pigmentos minerais se subdividem em: naturais e artificiais. Naturais: terras, ocre, terra verde, violeta de Marte, lápis-lazúli, azul da azurita moída-carbonato básico hidratado com cobre, etc. Artificiais: cobaltos, cádmios, veridiano, cromo, etc.”.

Os pigmentos minerais são conhecidos por serem derivados de minerais naturais do solo, como terras, rochas e argilas. Com esses pigmentos podemos obter diferentes texturas, devido às diferenças dos grânulos, e tonalidades, pois em cada local podemos encontrar várias cores diferentes. Os grânulos podem variar de

arenosos, que são grandes; argilosos, que são pastosos com partículas imperceptíveis; aos siltosos⁶, que são partículas finas, pequenas. São tipos de pigmentos que estão sempre presente em nosso cotidiano: se lavamos uma calçada ele está lá em forma de “barro”, se vamos a uma praça ele está ali nos canteiros, no chão, em parques, ou seja, ele é de fácil acesso, atóxico e sem custo. É um pigmento oferecido pela natureza.

A terra, o elemento fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa, é um pigmento mineral rico, por oferecer cores diferentes em cada região e por apresentar composição mineral diferente em cada cor: os tons avermelhados, ocres, amarelos têm maior presença de ferro; e tons pastéis, brancos, verdes têm ausência desse minério. Cada mineral possui sua cor própria. Em uma mesma região podemos encontrar boa variedade de cores de pigmento – depende da profundidade em que ele se encontra e o tipo de solo, e da predominância de rochas coloridas. Conforme Bezzan (2014, p. 02):

A grande maioria das terras tem cores que vão do amarelo ao vermelho, passando assim, pelo castanho. Seus pigmentos correspondem a materiais de natureza argilosa e sua cor ocasionada por minerais de ferro, sendo estes a goetita [...], constitui a coloração do ocre amarelo, hematita [...], o responsável pela cor do ocre vermelho. A coloração ocre castanho é uma mistura de goetita e hematita.

Desse modo, durante esta pesquisa, optei por usar o pigmento mineral terra, que pode ser extraído tanto do solo, como de rochas coloridas, e transformado em têmperas pelas crianças. É um pigmento presente no cotidiano da maioria delas, fácil de ser coletado e manuseado, que me atrai desde a infância, como já mencionado, então, penso que será prazeroso descobrir outras cores e prepará-lo com as crianças. A informação trazida por Góis (2016) confere ainda mais suporte a essa escolha:

As tintas com pigmentos de terra, além de preservar a identidade local, são sustentáveis e não geram resíduos ou produtos tóxicos à saúde e

⁶ “Solos siltosos: O solo siltoso possui coerência e se transforma em lama facilmente em contato com água, sendo um intermediário entre a areia e a argila, o que dificulta a construção nesses tipos de solo”. Disponível em: GEOANALISYS. **Conheça os principais tipos de solo e suas fundações mais aconselháveis.** [s.d.]. Disponível em: <https://www.geoanalysys.com/conhec%CC%A7a-os-principais-tipos-de-solo-e-suas-fundac%CC%A7o%CC%83es-mais-aconselháveis/>. Acesso em: 18 abr. 2024.

Ver também: JAHU. Secretaria do Meio Ambiente (SEMEIA). **Curso Prático em Bioconstrução: Elaboração e Tinta Ecológica.** 2022. Apostila de tinta ecológica.

Ver também: CARVALHO, Anôr Fiorini de. **Cores da terra** [recurso eletrônico]: produção de tintas com pigmentos de solos/ Anôr Fiorini de Carvalho, Fernando de Paula Cardoso-Viçosa, MG: SBCS, 2021. Disponível em: https://redeterrabrasil.net.br/wp-content/uploads/2022/02/Manual-Cores-da-Terra_Vers%C3%A3o-online_PT_fig-nova.pdf. Acesso em: 15 out. 2023.

ao meio ambiente. São compostas de pigmentos minerais puros e naturais e emulsões de base aquosa não tóxica (Góis, 2016, p. 06).

Existem outros pigmentos minerais cuja relevância é histórica. Bezzan (2014, p. 01) nos conta que “Os pigmentos considerados mais importantes na história da pintura são azul-ultramarino, o cinábrio, a azurita e a malaquita, a terra-verde e os ocre”. Isso porque são raros e de difícil acesso.

Os pigmentos minerais podem sofrer alteração na cor, depois de secos. E quando acrescentamos o aglutinante e o fixador, isso também pode ocorrer, mesmo sendo naturais. Conforme elucida Bermond (2016, p. 05), “O suco de limão, o vinagre e o sal grosso, além de conservarem e fixarem as tintas, avivam as cores”. Vale ressaltar que esta pesquisa não tem intuito de usar nada relacionado a alimento, mesmo que seja natural.

Quanto aos pigmentos orgânicos, por muito tempo tiveram origem vegetal e animal. Atualmente são chamados de orgânicos os pigmentos fabricados a partir de substâncias sintéticas. Trago essa informação a fim de diferenciar a origem de pigmentos no mercado. Assim sendo, os pigmentos orgânicos são formados por meio de substâncias sintéticas, derivados do petróleo e se apresentam em infinitas cores. Muitas vezes a palavra “orgânico” é confundida com a palavra “natural” – é só lembrar a Química Orgânica. A maioria desses corantes é derivada de um grupo chamado de azo ou azoico. Stefanuto (2020) expõe que:

Os corantes do tipo azo (ricos em nitrogênio e anéis aromáticos) compreendem o principal grupo de pigmentos sintéticos produzido e diversificado pelo mundo afora sendo utilizado para diferentes fins: a) tingimento na indústria têxtil; b) processamento de papéis; c) produção de medicamentos; d) indústria de cosméticos; e) indústria de alimentos e suplementos; dentre outros (Stefanuto, 2020, p. 05).

Fiz a opção de ficar só com os pigmentos minerais, para aprimorar e aprofundar a relação das crianças da Educação Infantil com esses elementos. E, com isso, apresentar-lhes novas técnicas de como preparar sua própria tinta e usá-la em diferentes suportes, mostrando que essa tinta é benéfica para a saúde e o meio ambiente onde estão inseridas. Aponto ainda que esta pesquisa poderá cooperar no uso dos pigmentos minerais nas aulas de Arte em outras escolas, sendo seu conteúdo adaptado para várias idades – pensando também que, na maioria das escolas públicas, não há materiais diferentes para se usar nas aulas de Arte; muitas, nem o básico têm. Portanto, esse foi um dos motivos que me instigou a me aprofundar nos

pigmentos minerais e sua utilização com crianças, pois é um material presente na área externa das escolas e, como citei antes, nas casas e outros locais por onde essas crianças andam.

Vale dizer que os pigmentos se fizeram presentes há milhares de anos, na Pré-História, quando as primeiras imagens foram feitas em cavernas – e resistiram a toda a ação do tempo; diversas, até os dias de hoje, mesmo porque elas não foram expostas diretamente às intempéries. Essas imagens datam de 30.000 – 8000 a.C. Conforme Bermond (2016, p. 18):

As expressões mais remotas e conhecidas de que se tem notícia podem ser vistas em Lascaux, na França. Aqui no Brasil também possuímos alguns sítios arqueológicos importantes, como, por exemplo, o Parque Nacional Serra da Capivara, que fica no estado do Piauí. Ele possui um dos maiores e mais antigos acervos de pintura rupestre do planeta Terra, apresentando pinturas de 32 mil anos de existência.

Para criar seus desenhos nas paredes das cavernas, os homens pré-históricos usavam vários elementos da natureza, tornando-os em tintas, as quais eram à base de rochas trituradas, sangue de animais, terras coloridas, carvão, frutos, folhas, gordura animal, queima de restos de animais, argilas. Esses pigmentos, substâncias corantes em forma de pó, misturados a aglutinantes, serviam para todas as técnicas de pintura. Beckett (1997) nos conta que

Para fabricarem tintas coloridas, os artistas utilizavam ocre, um mineral natural que, depois de reduzido a pó, produzia pigmentos vermelhos, castanhos e amarelos, enquanto que o preto seria de pó de carvão. Os pigmentos ou eram esfregados na parede com as mãos, produzindo gradações de tom muito delicadas e semelhantes à pintura a pastel, ou eram diluídos em qualquer substância líquida, como a gordura animal, e aplicadas com canas duras ou com escovas de cerda (Beckett, 1997, p. 10-11).

Ou seja, nossos ancestrais tinham uma paleta de cores bem restrita, mas resistente ao tempo. Essa paleta teve um avanço com os povos do Egito Antigo, que hoje são conhecidos como os descobridores dos dois primeiros pigmentos sintéticos: o azul vítreo e alvaiade ou branco de chumbo (carbonato de básico de chumbo). Em 1830 o branco de zinco foi substituído pelo óxido de zinco e posteriormente pelo branco de titânio, em 1916. De acordo com Motta e Salgado (1976, p. 168):

A maioria de seus pigmentos era conseguida de substâncias minerais. O branco, do carbonato de cálcio ou sulfato de cálcio. O preto era o carbono da fuligem ou carvão vegetal. O vermelho do ocre amarelo [...] Os egípcios detinham bastante conhecimento a respeito dos pigmentos minerais para sua época. Eles conseguiram extrair cores variadas e belíssimas da natureza.

A partir desses estudos, novos pigmentos foram sendo descobertos e manuseados por outros povos e ao longo desse processo surgiram novas técnicas de pintura. Conforme os referidos autores:

As condições de permanência da pintura à têmpera fizeram chegar até nossos dias, não só os exemplares do período paleolítico [...], como também exemplares egípcios, chineses, persas, hindus e inúmeras obras do medievo (Motta; Salgado, 1976, p. 15).

1.2 Brincadeiras com elementos da natureza na infância

Vejo a importância de relatar algumas vivências e experiências com o pigmento mineral terra surgidas em minha infância, quando já usava esse elemento na maior parte das brincadeiras, ou seja, de certa forma a arte sempre esteve presente em minha vida. Elas aconteciam no quintal da casa dos meus pais, na cidade de Uberlândia-MG, Brasil, porém, a maior parte de toda essa diversão ocorria nas férias, quando eu ia para a Fazenda do Saltinho, onde meus avós maternos moravam, no município de Indianópolis, no mesmo estado, a cerca de duas horas de Uberlândia.

Na fazenda esses brinquedos e brincadeiras fluíam. Eu coletava vários objetos fornecidos pela natureza, como terra, gravetos, folhas secas, pedras, que ficavam espalhados abundantemente pelo chão. O pigmento mineral terra era o principal usado por mim, fazia parte de todas as brincadeiras. Nessa época tudo relacionado à natureza e que estivesse ao meu alcance virava brinquedo: fazia barro com o pigmento mineral terra, que se transformava em castelinhos, casas; os galhos secos de árvore viravam janelas, pontes e portas; as folhas eram pequenas árvores. Assim o dia passava e o espaço debaixo de um pé-de-laranja se transformava em uma pequena comunidade de casinhas de barro.

Na casa de meus pais, o quintal também era de terra, então, aproveitava esse pigmento para fazer casas e castelos de barro e bichinhos de chuchu, que colhia no pé. Espetava pequenos galhos em uma das partes do chuchu para formar os pés dos bichinhos e os colocava em volta das casinhas feitas de pigmento mineral terra.

Outro brinquedo que me veio à memória foi o de confeccionar rodinhas de carrinho: arrancava as laranjas pequenas e verdes que ficavam na parte baixa do pé e, como era criança, achava o máximo aquele monte de bolinhas verdes penduradas nos galhos, algumas com espinhos, mas isso não era empecilho para a coleta. Depois

de coletá-las, fazia pequenos cortes na casca da laranja, compondo várias linhas em direções diferentes, tipo gravuras, as quais formavam fissuras de baixo relevo, e a partir daí espetava pequenos galhos unindo duas laranjas. Assim, montava como se fosse uma parte de pequenos carrinhos e ficava passando essas rodinhas na terra e observando as várias texturas que elas proporcionavam. Ali permanecia por horas e horas observando aqueles desenhos formados no chão.

Cada rodinha formava um desenho diferente e isso me encantava e motivava para outras construções. Depois de tantos anos, estou lembrando todos aqueles momentos que marcaram minha infância. Quando queria rodinhas maiores, meus tios maternos me presenteavam com uma fruta chamada lobeira⁷, na qual eu realizava o mesmo processo dos cortes. Nesse caso eu não espetava os galhos, por ela ser muito dura; então, só girava os frutos no chão – e as fissuras deixadas na terra eram maiores e mais chamativas. As (Figs. 01 e 02) mostram a imagem do pé da lobeira e a fruta lobeira.

Figura 01 - Pé de lobeira.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

⁷ Lobeira: fruta-de-lobo ou guarambá é um pequeno arbusto ou árvore de até cinco metros de altura. Ela lembra um tomate na aparência. Calmante, combate diabetes, epilepsia, hepatite. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Solanum_lycocarpum. Acesso em: 10 jun. 2022.

Figura 02 – Fruta lobeira.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Em outros momentos, quando chovia, saía andando pela terra molhada, observando as pegadas que se formavam no chão. Isso eu fazia na terra seca, também, e ficava empolgada em ver como era o desenho dos pés.

Infelizmente na época a câmera fotográfica era de difícil acesso, sendo geralmente de uso exclusivo dos profissionais da área. Em razão disso, não tenho nenhum registro desses momentos, somente memórias e lembranças de uma infância feliz, rica e criativa. O contato com o pigmento terra, como mencionado, seguiu até parte de minha adolescência.

Fazendo uma ligação com tais lembranças, trago uma afirmação de Fischer (1971):

Coisas antigas, aparentemente há muito esquecidas, são preservadas dentro de nós, continuam a agir dentro de nós – frequentemente sem que as percebamos – e de repente vêm à superfície e começam a nos falar, tal como falaram a Ulisses no Hades as sombras que ele alimentava com o seu sangue (Fischer, 1971, p. 17).

Esse brincar e criar durante a infância ficou registrado em minha memória, vindo à tona em alguns momentos. Penso que sem essas lembranças ricas, hoje eu não teria o mesmo interesse em trabalhar com o pigmento mineral terra. Como citei,

depois alguns anos esse pigmento e outros elementos da natureza⁸ passaram a fazer parte das pinturas durante minha graduação em Artes Plásticas.

1.3 Experimento com os pigmentos naturais na graduação

Por alguns anos me distanciei dos pigmentos, voltando a ter contato novamente na fase adulta, no curso de graduação em Artes Plásticas na Universidade Federal de Uberlândia - UFU. No início do curso, duas disciplinas me chamaram atenção. A primeira foi Cerâmica, em que eu podia manipular o barro, compondo vários objetos e texturas, ministrada pela professora Maria José Carvalho⁹, conhecida como “Zezé”; e a que mais me alertou e fez voltar às lembranças da infância foi a disciplina de Pintura, dividida em três módulos: Pintura 1, 2 e 3, todas ministradas pelo Professor Mestre Afonso Celso Lana Leite¹⁰.

Em Pintura 1 e 2 tive contato com o pigmento natural em pó de marca Xadrez, usamos a têmpera vinílica¹¹ e, em alguns casos, a têmpera ovo – eu optei por fazer as pinturas híbridas. Vale lembrar que cada um preparava sua própria tinta natural. Nesse caso, Bermond (2016) afirma: “Para cada pigmento, há uma forma de extraí-lo. Assim também, como a forma de fixá-lo e conservá-lo melhor nas aplicações.” (Bermond, 2016, p. 04).

Na disciplina de Pintura 3 desenvolvi um projeto chamado *A Imortalidade*, no qual produzi quatro painéis medindo 150 x 250 cm cada. Nesse trabalho utilizei alguns elementos da natureza para compor as formas dos desenhos nas telas e também para

⁸ Elementos da natureza: normalmente se referem aos conceitos de terra, água, ar, fogo e (depois) éter, que foram propostos para explicar a natureza e a complexidade de toda matéria em termos de substâncias mais simples. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Elementos_cl%C3%A1ssicos. Acesso em: 08 jun. 2023.

⁹ Maria José de Carvalho Ferreira: Possui graduação em Artes Plásticas com Habilitação em Desenho pela Universidade Federal de Minas Gerais (1970), especialização em Ensino de Arte e Mestrado em Teoria Literária pela Universidade Federal de Uberlândia/UFU. Disponível em: <https://www.justica.info/sobre/5338105/maria-jose-de-carvalho-ferreira>. Acesso em: 16 jul. 2023.

¹⁰ Afonso Celso Lana Leite: possui graduação em Pintura Hochschule fur Bildende Kunst - Dresden (1981) e mestrado em Letras e Linguística pelo Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (2008).

¹¹ ⁵Têmpera vinílica: esse tipo de têmpera é muito resistente e de certa forma fácil de usar. Seu acabamento é mais fosco e aveludado do que a têmpera a ovo, ao secar, ela torna-se indelével, podendo ser retocada com tintas a óleo ou têmpera a base de ovo e óleo. Receita básica: Em um pote de vidro tampado colocar cola vinílica (PVA- *Cascorez) diluída em água até que fique em consistência de xarope. Disponível em: <https://pintura.eba.ufrj.br/pesquisas/martha.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2023.

fabricação de tinta. Os elementos que usei foram folhas e flores de formatos diferentes, que eram colocadas em recipientes transparentes com água ou álcool até soltarem a cor. A partir daí eu observava as formas que surgiam nos recipientes e as desenhava no suporte. Algumas folhas e flores ficaram translúcidas, outras nem tanto – isso, depois de soltarem o pigmento.

A cada painel correspondeu um recipiente, por isso em cada um houve uma cor predominante. Esses painéis são híbridos, pois em algumas partes usei o pigmento extraído das plantas com a têmpera vinílica e, em outras, o pigmento em pó de marca Xadrez com a têmpera vinílica e tinta acrílica branco neve para clarear.

Antes de começar a pintura, analisei as plantas que poderiam dar a cor desejada para cada painel. No primeiro predominou o marrom, pois as plantas na água ficaram em sua maioria nos tons dessa cor, além de algumas azuis. O segundo traz a cor amarela como preponderante e alguns detalhes de vermelho, verde e marrom. No terceiro o vermelho se sobressaiu e, em algumas áreas, marrom e azul. No último da série prevaleceu a cor azul, com detalhes em marrom e verde.

O interessante é que, mesmo depois de 25 anos, os painéis que se encontram na minha residência não sofreram alteração nas cores e, até o momento, não trincaram. Por serem pinturas híbridas, as cores dos vegetais se misturam às dos pigmentos minerais em pó e à tinta acrílica. Dois dos quatro painéis encontram-se comigo, em Uberlândia-MG, o de cor marrom e o amarelo (Figs. 03 e 04). Os outros foram dados de presente. Nessas pinturas usei os pigmentos vegetais e nada dos minerais, mas esses painéis fazem parte da minha trajetória até chegar aos pigmentos minerais, que hoje são o foco da minha pesquisa.

Então, por que o título *A Imortalidade*? Na época, com a pesquisa, observei que as plantas, mesmo depois de colhidas, continuavam com suas cores vivas dentro dos recipientes, só que em forma líquida, a qual pôde ser utilizada como tinta – diferentemente do que ocorreria se elas ficassem por um tempo caídas no chão, tornando-se efêmeras, ou seja, passando pelo processo de murchar, secar, até virar pó.

E quanto à cor? Algumas plantas, mesmo sendo coloridas, passam a ter cores terrosas, tons de marrom. A natureza é rica em todos os aspectos e nos oferece uma variedade de elementos. Ninguém melhor para afirmar isso do que Bermond (2016), o qual diz: “A natureza oferece matéria-prima abundante para colorir nossa vida, sem danificá-la. Esta matéria-prima são os pigmentos naturais, que, ao invés de serem

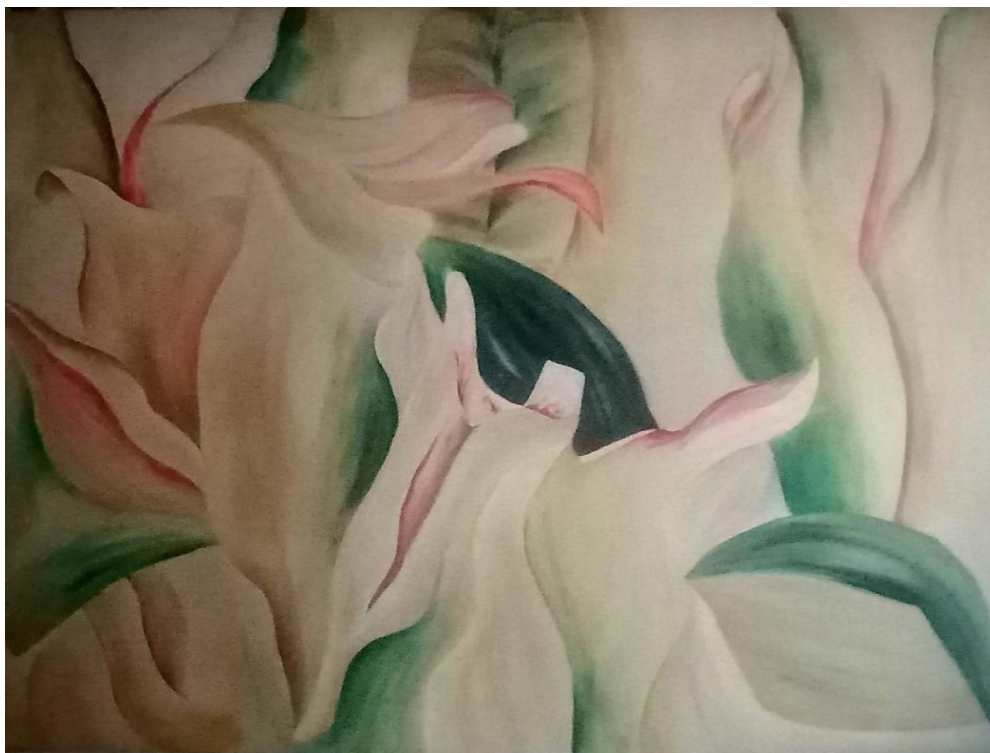
feitos de produtos químicos, são extraídos de elementos da natureza.” (Bermond, 2016, p. 03).

Figura 03 – Alexandra Cardoso. *Imortalidade IV* (1998). Mista sobre tela, 150 x 250 cm.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

Figura 04 – Alexandra Cardoso. *Imortalidade III* (1998). Mista sobre tela, 150 x 250 cm.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

Com essas disciplinas, algumas memórias vieram à tona: primeiramente, ao manipular o barro nas disciplinas de Cerâmica, pigmento mineral pastoso, diferente do que usava nas brincadeiras infantis. Posteriormente vieram as pinturas que, naquele momento, eram técnicas e experiências novas, as quais não deixavam de ter uma ligação com minha infância. Usei têmperas feitas à base de pigmentos vegetais e minerais para as pinturas. Ou seja, voltei a ter contato com alguns elementos da natureza depois de alguns anos. E com essa experiência, os pigmentos minerais passaram a fazer parte de meus projetos como docente. Foi no curso de Especialização em Inclusão Escolar, no Instituto de Geografia da UFU, que pude conhecer um pouco mais desses pigmentos.

1.4 Pigmentos minerais no curso de Especialização em Inclusão Escolar pelo Instituto de Geografia - IG - UFU

Terminei a graduação e dois anos depois comecei a dar aulas, em 2002. Desde o início os pigmentos minerais e outros elementos da natureza estavam presentes nas

atividades, aguçando o lado artístico dos alunos, por serem uma têmpera diferenciada. Como trabalhava na modalidade de contrato, a cada ano estava em uma escola diferente, e nem todas elas tinham materiais básicos de arte. Então, mesmo que com procedimentos bem superficiais, passei a usar o que estava à disposição no espaço externo desses locais. Os alunos coletavam o pigmento mineral e ali produzíamos a têmpera vinílica. E aos poucos percebi que podia inserir esse material nas práticas de arte, como mais uma forma de pintura para as crianças, a fim de que elas não ficassem só no desenho, por falta de tintas para pintura. No decorrer dos anos procurei me aperfeiçoar e buscar outros modos de trabalhar com os pigmentos minerais na escola. As crianças da Educação Infantil têm o hábito de nomear os professores pelas temáticas das aulas – nesse caso, já fui a professora das árvores, das borboletas e das tintas de terra.

No ano de 2014 tive a oportunidade de fazer a Especialização em Inclusão Escolar pelo Instituto de Geografia - IG na Universidade Federal de Uberlândia, no curso de Educação Inclusiva, com o tema *Pigmentos Minerais como Meio de Terapia para Crianças com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade - TDAH*, sob a coordenação geral da Prof^a. Dra. Adriany de Ávila Melo Sampaio¹².

Para desenvolver essa pesquisa tive como orientador o Professor Dr. Samuel do Carmo Lima, que na época me ofereceu a chance de ser administradora de sua página *Pigmentos Minerais para Pintura*¹³, no Facebook, a qual, no momento da escrita deste trabalho, está com postagens da época.

Na época escolhi esse tema para ajudar crianças com TDAH porque muitas vezes, dentro de sala de aula, esse transtorno é confundido com indisciplina, falta de limite, falta de atenção.

A proposta era discutir e desenvolver mecanismos os quais possibilitassem pensar em atividades que favorecessem o trabalho docente no atendimento em sala de aula a alunos com TDAH. Esse transtorno é apontado pela Organização Mundial de Saúde - OMS como oriundo de transtornos neurobiológicos que, em regra, têm

¹² Adriany de Ávila Melo Sampaio: Desde 2003 é professora da Universidade Federal de Uberlândia-UFU, no Instituto de Geografia- IG, e desde 2006 participa do Programa de Pós Graduação em Geografia

¹³ Pigmentos Minerais para Pintura. Disponível em: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100064338173899&mibextid=ZbWKwL>. Acesso em: 13 maio 2023.

uma causa genética. Em geral se manifesta na infância, podendo haver controle; todavia, tende a acompanhar o sujeito por toda a vida.

Durante a pesquisa, usei a pintura com pigmentos minerais com as séries iniciais do Ensino Fundamental I de uma escola municipal de Uberlândia-MG, em algumas aulas de arte como técnica de pintura, tendo como objetivo principal atender duas crianças que supostamente tinham TDAH. Uma delas possuía laudo médico e outra estava em observação, ou seja, havia suspeita, porém, não havia laudo médico.

As meninas, com codinomes “Flor” e “Rosa”, interagiram, criaram e participaram de todo o processo durante o ano de 2015; assim, de maneira geral, ambas obtiveram um bom desenvolvimento em outras disciplinas.

Antes de coletar a terra e ir para a prática, apresentei-lhes algumas imagens de pinturas em paredes de cavernas e contei um pouco da história da arte pré-histórica, até chegar aos artistas trabalhados.

O comportamento da aluna Rosa, que antes ficava só debaixo da mesa, ou saía da sala frequentemente, sem autorização, teve um resultado positivo, pois passou a sentar-se na cadeira e participar das aulas, isso dentro do seu tempo, e já não deixava tanto a sala de aula – e, quando se ausentava, pedia licença à professora. Ela era uma menina inteligente e falante. A mãe relatou que Rosa estava realizando as tarefas de casa com mais facilidade. É claro que para dar continuidade em seu desenvolvimento era preciso seguir com o tratamento e as terapias.

Quanto à aluna Flor, o resultado foi satisfatório, pois estava perdendo a timidez, já se socializava com os colegas e em casa realizava as atividades com mais desenvoltura. Segundo o relato da mãe, estava mais fácil ajudá-la nas tarefas de casa. Ela já não se dispersava tanto quanto antes. Nesse caso a pintura com têmpera vinílica foi usada como terapia.

A meu ver a pintura com têmpera vinílica é uma atividade que dá prazer, acalma, traz uma sensação de alívio e faz com que a criança se concentre no que está fazendo. Estar em contato com o pigmento mineral terra proporciona uma tranquilidade sem igual, isso faz com que recuperemos nossas forças, nos dá energia. As cores tocam nossa alma e revigoram nosso organismo.

Durante a prática abordei três artistas, tendo foco principal em Hannah Jesus Koh¹⁴, que trabalha com aquarela. Suas obras não têm títulos, são todas paisagens e

¹⁴ Hannah Jesus Koh: professora do Ensino Médio, nos Estados Unidos. Ela pinta paisagem em aquarela usando água encontrada nos lugares. Disponível em:

ela usa a água do próprio local, incorporando a imagem do lugar à pintura. O segundo artista da prática foi Vincent Van Gogh¹⁵, com a obra *O Quarto em Arles* (1889), escolhida devido a suas pinceladas aparentes. E, por último, Jacob Camille Pissaro¹⁶, com *Bauemmädchen die füBe Waschend-c* (1894).

Para todas as pinturas, Rosa e Flor coletaram o pigmento mineral terra na área externa da escola e eu levei outras cores que tinha em casa, as quais, na época, eram poucas. Para cada um dos artistas usei uma técnica diferente, visando despertar o interesse das meninas. Essas atividades foram feitas com todas as crianças da sala de aula, lembrando que um dos objetivos era a socialização delas, mas o foco era observar o desenvolvimento das duas crianças citadas.

Usamos os pigmentos minerais com a cola vinílica, formando têmpera vinílica aguada para fazer as pinturas aquareláveis. Para o segundo trabalho, as crianças colocaram bastante pigmento mineral e pouca água, deixando a têmpera grossa, o que permitiu que ficassem as marcas do pincel, com textura, na pintura. Na última elas pintaram a superfície de um plástico e fizeram a impressão na folha sulfite, técnica chamada de monotipia¹⁷.

A têmpera vinílica aguada foi a que mais captou a atenção das meninas, que a preparam com o pigmento mineral e foram fazendo a pintura, deixando uma cor se sobrepor à outra. Com isso elas se atentaram às misturas que tais cores iam formando e as manchas que criavam. Em relação a essa técnica, Abumansur (2010) afirma que:

[...] a pintura terapêutica tem como principal técnica a aquarela (material não tóxico) que com seu aspecto transparente possibilita criar inúmeros matizes e nuances e dá à alma, através os olhos, mais condições de expressar seus conteúdos ou de receber a beleza e a força das cores. A transparência da aquarela transmite também uma sensação mais “respirante” (Abumansur, 2010, *online*).

<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:1-bpfdtUIPUJ:https://www.casabeta.com.br/aquarelista-inova-e-usa-agua-das-paisagens-que-pinta/&cd=13&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 15 jun. 2023.

¹⁵ Vincent Van Gogh (1853-1890): considerado um dos maiores pintores de todos os tempos, Van Gogh produziu mais de 2 mil obras durante seus 37 anos de vida. Seu legado é tão representativo que, em 1973, em Amsterdã, na Holanda, seu país-natal, foi criado um museu para abrigar suas criações. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/vincent-van-gogh.htm>. Acesso em: 15 jun. 2023.

¹⁶ Jacob Camille Pissarro (1830-1903): foi um pintor francês um dos líderes do Movimento Impressionista, o único pintor a participar das oito exposições independentes realizadas pelo grupo em Paris. Disponível em: https://www.ebiografia.com/camille_pissarro/. Acesso em: 02 jul. 2023.

¹⁷ Monotipia, uma arte única: a monotipia é uma técnica de impressão muito simples, em que se consegue a reprodução de um desenho numa prova única, daí o nome “monotipia”. Disponível em: <https://gravurafbaup.files.wordpress.com/2009/11/monotip.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2023.

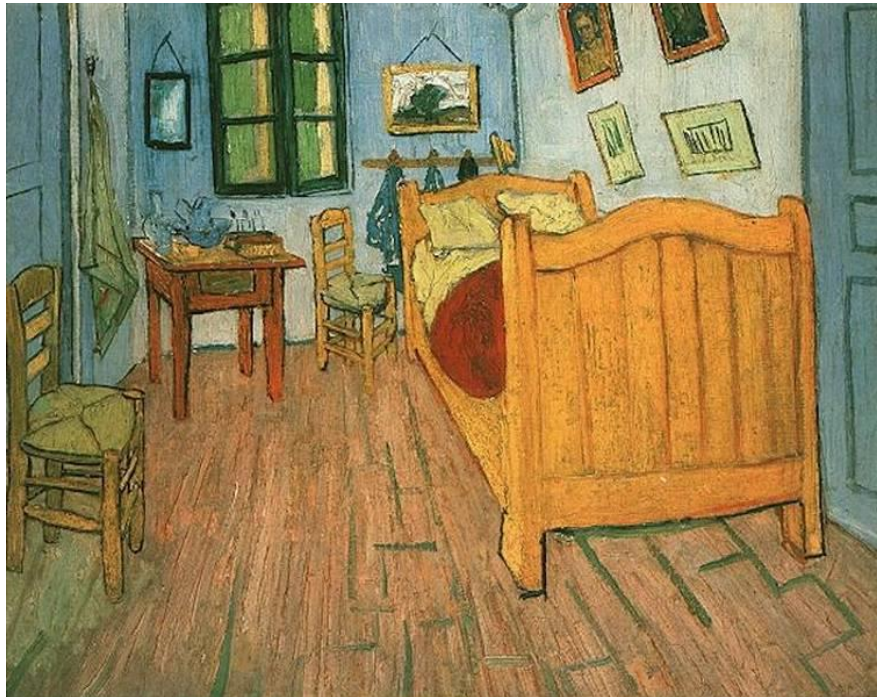
Três das obras que foram trabalhadas com as crianças estão representadas nas (Figs. 05, 06 e 07).

Figura 05 - Hannah Jesus Koh. (2015). Aquarela com água da chuva.



Fonte: <https://www.hypeness.com.br/1/2015/05/Koh8.png>. Acesso em: 22 abr. 2023.

Figura 06 – Vincent Van Gogh. *O Quarto em Arles* (1888). Óleo sobre tela, 57,5 x 74 cm.



Fonte: <https://arteeartistas.com.br/wp-content/uploads/2017/08/QUARTO-EM-ARLES.-1888-Museu-dOrsay.-Paris.jpg>. Acesso em: 15 jun. 2023.

Figura 07 - Jacob Camille Pissarro. *Bauemmädchen die füBe Waschend-c* (1894). Monotipia sobre placa de cobre, 12,6 x 17,4 cm.



Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/31/Camille_Pissarro_Bauernm%C3%A4dchen_die_F%C3%BC%C3%9Fe_waschend_c1894.jpg. Acesso em: 15 jun. 2023.

Flor e Rosa interagiram o tempo todo com o pigmento mineral. Nesse primeiro contato com as têmperas pôde-se perceber seu grande interesse em realizar as atividades propostas. Foram elas que escolheram todos os suportes utilizados. As (Figs. 08, 09, 10, 11, 12 e 13) mostram alguns momentos dessa prática.

Figura 08 - Aluna Flor coando a terra.



Fonte: Acervo da autora (2015).

Figura 09 - Aluna Rosa coando a terra.



Fonte: Acervo da autora (2015).

Figura 10 – Aluna Flor, pintura com pigmento mineral.



Fonte: Acervo da autora (2015).

Figura 11 – Aluna Rosa, pintura com pigmento mineral.



Fonte: Acervo da autora (2015).

Figura 12 - Pintura para monotipia no plástico – 1.



Fonte: Acervo da autora (2015).

Figura 13 - Pintura para monotipia no plástico – 2.



Fonte: Acervo da autora (2015).

Com esse projeto me senti realizada, pois as meninas manifestaram um bom aprendizado. Dentro da sala de aula, as atividades apresentaram uma melhora razoável, passaram a interagir melhor com as outras crianças; assim como fazer as atividades de casa com mais fluência.

Durante o curso de Especialização em Inclusão Escolar, fui monitora na disciplina de Pigmentos Minerais para Pintura, ministrada pelo meu orientador, Professor Dr. Samuel de Lima. Para encerrar essa disciplina, o professor ofereceu uma oficina de pintura em tela com pigmentos. Ajudei na preparação das têmperas e cada aluno deixou sua imaginação fluir. A (Fig.14) mostra uma parte desse momento. Esta foto está no perfil da página do Facebook intitulada *Pigmentos Minerais para Pintura*.

Figura 14 - Prática realizada durante a disciplina de Pigmentos Minerais para Pintura (2015).



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2015).

1.5 Visita ao ateliê da artista Goiandira Ayres de Couto

Durante a graduação, tive a honra de conhecer a Cidade de Goiás¹⁸ e a artista Goiandira Ayres de Couto¹⁹, que, na época, me instigou a curiosidade devido à forma como fazia suas pinturas.

¹⁸ Cidade de Goiás: a cidade de Goiás, hoje conhecida como Goiás Velho, foi a primeira capital do Estado e surgiu da existência de um vilarejo chamado Arraial de Santana, fundado em 1727 por Bartolomeu Bueno, filho de Bartolomeu Bueno da Silva, o bandeirante conhecido como Anhanguera, que havia partido de São Paulo em direção às terras de Goiás em 1682. Em 1739, a colônia localizada no Rio Vermelho, onde grande quantidade de ouro havia sido descoberta, passou a se chamar Vila Boa de Goiás, mantendo-se como capital do Estado até 1934. A cidade de 22.000 habitantes foi tombada como monumento histórico nacional e se encontra a 144 km de distância de Goiânia, a atual capital do Estado. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Goi%C3%A1s_\(munic%C3%ADpio\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Goi%C3%A1s_(munic%C3%ADpio)). Acesso em: 22 maio 2023.

¹⁹ Goiandira Ayres Couto (1915- 2011): ...Começou a pintar desde pequena, recebeu sua primeira premiação quando tinha dezesseis anos. Tornou-se professora de Língua Portuguesa, História, Desenho, Artes, Danças e Etiqueta, lecionando até se aposentar. Disponível em: <https://www.guiadasartes.com.br/goiandira-ayres-do-couto/obras-e-biografia>. Acesso em: 22 maio 2023.

Chegando na casa da artista, que também era seu ateliê, logo na entrada, vi uma sala cheia de pinturas de casarões, flores e paisagens. Observei que algumas eram pinturas com a técnica de óleo sobre tela e outras tinham uma técnica que não conhecia, mas que a mim parecia pintura com tintas convencionais, como óleo, ou acrílica. Não consegui diferenciar na época por não ter o olhar aguçado como hoje. Fiquei contemplando tamanha beleza, as pinturas eram delicadas e com cores vibrantes.

Em outra sala, me deparei com uma mesa enorme e vários pires com areia colorida. Era uma variedade imensa de cores e o pó, fininho: eu toquei e era quase imperceptível sentir a textura dos grânulos da areia, que geralmente são grossos; e nessa mesma sala se encontrava a artista, que era meiga, agradável e atenciosa (Figs. 15 e 16).

Figura 15 - Ateliê da artista Goiandira Ayres de Couto.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2002).

Figura 16 - Artista Goiandira em seu ateliê.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2002).

Conforme relato da própria Goiandira, ela coletava a areia do Parque Estadual Serra Dourada, localizado nos municípios de Goiás, Buritis de Goiás e Mossâmedes, Brasil, sendo Goiás o maior responsável pela hospedagem na região. A artista macerava o material até reduzi-lo a um pó bem fino, que era o que estava nos pires. Durante a visita ela demonstrou como fazia suas pinturas com a areia: pegou uma tela já riscada com um casarão e passou a cola vinílica. Começou a salpicar a areia com as pontas dos dedos, dando um efeito suave de luz e sombra. Goiandira tinha uma habilidade extraordinária. Essa técnica é difícil de ser explicada e mais difícil ainda de ser aprendida. Ela dizia que o grande segredo estava na maneira como os seus dedos iam semeando os grãos de areia, a sensibilidade, e no saber dosar a quantidade das cores até surgir a imagem. Mostrou-nos outras pinturas, sempre narrando como havia feito cada detalhe.

A partir dali eu pude entender por que não consegui perceber de imediato qual material havia em suas pinturas: ela trabalhava de uma forma que ficava parecendo pintura com tinta a óleo, era bem natural, e não dava para diferenciar a técnica usada.

Uma arte peculiar. Em suas coletas, ela conseguiu extrair mais de 500 tonalidades de cores de areia.

A vida artística de Goiandira é dividida em duas fases: a primeira, iniciada com o óleo sobre tela (1933-1967) e a segunda, cuja técnica foi a da pintura com cola e areia, teve início em 1967 e foi até a sua morte, no ano de 2011.

As palavras de Marques (2018) dão noção da importância da artista: “Podemos dizer que ela foi uma grande artista e que ficou conhecida por sua técnica de pintura em areia, e por meio dessa técnica representou a Cidade de Goiás pelo mundo todo, com sua sensibilidade artística” (Marques, 2018, p. 32). As (Figs. 15 e 16) são fotos que fiz durante a visita à artista.

Com essa técnica da pintura de areia, Goiandira se tornou conhecida internacionalmente. Sua casa-ateliê permanece fechada desde seu falecimento, em 2011, e algumas de suas amostras de areia colorida estão em exposição no Palácio do Conde dos Arcos, na Cidade de Goiás, como mostra a (Fig. 17)

Figura 17 - Amostra de areia em exposição no Palácio do Conde dos Arcos.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Silvana Rocha (2023).

Essas foram algumas de minhas vivências que fizeram com que eu refletisse e tivesse essa ligação com os pigmentos minerais. Hoje venho buscar um pouco mais

de conhecimento sobre o assunto, a fim de ajudar crianças a terem uma infância repleta de magia, criatividade e desenvoltura para elaborar sua arte com outros materiais que não sejam os convencionais como tinta guache, lápis de cor, giz de cera, folha sulfite. Digo convencionais por serem os mais comuns e que a maioria conhece, até porque muitas vezes falta esse material nas escolas, e com isso as crianças só ficam no desenho, que é feito no caderno de arte, não podendo expandir sua criatividade.

Com técnicas como a dos pigmentos minerais, que estão ali na área externa da escola ou outros lugares frequentados pelas crianças e são de fácil acesso, fácil coleta e preparação, além de serem atóxicos, não prejudicarem o meio ambiente e terem bom custo-benefício, podendo ser trabalhados com todos, amplia-se a possibilidade de novos experimentos e vivências pelas crianças – e por quem convive com elas, como veremos adiante.

No próximo capítulo apresento experiências nessa temática dos pigmentos, direcionada ao fazer docente, abordando trabalhos de artistas que também navegam por esse universo.

CAPÍTULO II

USO DOS PIGMENTOS NA EXPERIÊNCIA DOCENTE

Depois que finalizei a graduação, fiquei trabalhando em outra área, não relacionada à Educação. Entrei para a docência dois anos após me formar, em 2002, como professora contratada do Município de Uberlândia – aqui iniciaria minha carreira na sala de aula. Comecei com as turmas de Educação de Jovens e Adultos, mais conhecida como EJA. Estava também com turmas de 1º ano do Ensino Fundamental I até 9º ano do Ensino Fundamental II, na Escola Municipal Professor Osvaldo Vieira Gonçalves. Foi uma experiência única e desafiadora para quem nunca havia entrado em uma sala de aula. Durante esse tempo percebi o quanto era escasso o material de arte das escolas.

Com essas turmas específicas não trabalhei com os pigmentos. Tendo como base esse primeiro ano de docência, comecei apensar em quais materiais eu poderia inserir em minhas aulas para sair do caderno de desenho e do lápis de cor. Foi aí que nos anos subsequentes passei a usar os pigmentos naturais, como foco na terra pura, que eu coletava junto com os alunos na área externa da escola. Neste capítulo relato alguns momentos importantes no uso desses elementos, com foco nos pigmentos minerais.

No ano de 2003 já estava em outra instituição, onde ministrei aula nas séries do Fundamental I. A primeira experiência com esses materiais foi com turmas de 4ª série, hoje 5º ano do Ensino Fundamental I, na Escola Municipal Amanda Carneiro. Era meu segundo ano como professora, então aqui eu trouxe a minha experiência e a bagagem de teoria que aprendera na graduação, como apresentado no Capítulo I.

Em sala, para um bom entendimento das crianças, eu realizava a leitura de imagens das obras de arte dos artistas escolhidos para trabalhar naquela aula. Para melhor visualização pelos alunos as imagens estavam em pranchas que mediam 30x45 cm, colocadas no quadro negro. Na primeira prática com essas turmas eu

trabalhei o artista Cândido Portinari²⁰, contando uma parte de sua história e de sua obra, em especial focando a obra definida para a ocasião.

Especificamente para essa aula escolhi *Brodowski* (1942), um óleo sobre tela com dimensão 46 x 55,5 cm (Fig.18), medidas citadas como referência, pois o tamanho dessas pranchas é padronizado. Suas cores puxavam para os tons terrosos, ou seja, um ambiente parecido com aquele onde iríamos coletar o material. E isso facilitaria na hora da seleção dos elementos para elaborar a atividade, haja vista que a escola tinha um espaço externo amplo e daria para fazer uma boa coleta.

Figura 18 - Cândido Portinari. *Brodowski* (1942).
Óleo sobre tela, 46 x 55,5 cm.



Fonte: https://www.museucasadeportinari.org.br/exposicao-estacao-brodowski/images1/Brodowski_1942_Candido_Portinari.jpg_Acesso: 10 abr. 2023.

Depois da apreciação da imagem saímos para o local predefinido para a tarefa, onde pedi que coletassem tudo que fosse interessante para criar seu trabalho de arte, como flores, pedrinhas, terra, folhas, galhos, grama e outros elementos. Na prática as crianças teriam que pensar na obra de Portinari, na qual havia mostrado duas crianças soltando pipa em uma estrada de terra com uma árvore solitária do lado esquerdo e o restante, uma vegetação que remete à do cerrado, por ser baixa (Fig. 18):

²⁰ Cândido Portinari (1903-1962): foi um importante artista plástico brasileiro da fase modernista. Reconhecido mundialmente, recebeu diversos prêmios e participou de inúmeras exposições. Além pintura, Portinari também se dedicou à ilustração, gravura e à docência, sendo professor de artes plásticas. A casa onde viveu em Brodowski, no interior de São Paulo, tornou-se Museu Casa de Portinari em 1970.

Após a coleta voltamos para a sala de aula e começamos a colar nos suportes os elementos coletados, cada um realizando sua composição. Finalizando, usamos a pintura com têmpera guache em algumas áreas. A turma teria que utilizar todo o material coletado. Usaram papelão e papel sulfite como suporte.

Os trabalhos ficaram em exposição no corredor da escola por aproximadamente uma semana. O mais interessante é que as crianças puderam acompanhar a ação do tempo, o ciclo da natureza: folhas e flores que antes tinham cores vivas e variadas, depois de murchar e secar, passaram a ter um tom marrom, ficando com a tonalidade da terra que eles haviam colado, estabelecendo um contraste interessante entre os tons de marrom e as cores vivas da tinta guache.

O nome da exposição foi escolhido pelas crianças, que a chamaram de *Colagem Mista*. O trabalho provocou novas atitudes nas crianças: primeiro, porque só produziam arte dentro da sala de aula e com materiais industrializados. Segundo, porque saíram e escolheram elementos pelos quais passavam antes sem perceber, nem imaginar que poderiam fazer parte de seus trabalhos de arte.

Algumas crianças não gostaram de ver o processo de secagem das flores e folhas – para elas, as cores teriam que permanecer. Foi aí que mostrei que podemos, sim, trabalhar com todos esses elementos, desde que utilizando sempre o que está no chão, como fizéramos, pois a natureza tem um ciclo e, quando arrancamos flores ou folhas do pé, estamos quebrando esse ciclo. Vale lembrar que essa escola tem uma área exterior bastante grande e convidativa à execução de trabalhos fora de sala, o que coopera para nossa prática pedagógica.

Com essa experiência eu retornei à infância e percebi o quanto é gratificante o contato com a natureza e a produção de arte com seus elementos. Foi possível colocar em prática com meus alunos o conhecimento adquirido na infância e na graduação, e eles gostaram de sair do local tradicional de estudo. Fomos para o espaço aberto próximo à quadra, onde havia bastante material para coletar. A orientação era para pegar elementos pequenos e que todo o material coletado deveria ser usado, então, eles teriam que pensar bem antes de sair “catando qualquer coisa”.

Assim, foi possível a eles pensarem e realizar a arte por um caminho diferente. Naquele momento cada um pôde mostrar sua criatividade. Durante o processo fui orientando-os, a fim de que ocupassem todo o suporte escolhido de modo que não ficasse muito carregado, e eles ficaram livres para usar a tinta guache: poderiam fazê-lo, ou não. Essa prática foi algo inovador para eles e para mim, que estava iniciando

um novo ciclo em minha vida. As crianças aproveitaram uma área da escola que estava ali, mas nunca havia sido observada e explorada para elaboração de atividades de arte. Diante dessa experiência positiva, passei a inserir em minha docência esses materiais, até chegar nos pigmentos minerais.

2.1 Experiências com pigmentos minerais e outros elementos naturais

Fiquei afastada por um tempo dessa prática dos elementos da natureza, ou seja, durante as aulas eu usava esses elementos em alguns tópicos de meus projetos que não estavam ligados diretamente à natureza e nem aos pigmentos minerais. Voltei a trabalhar esses materiais, tendo como foco principal o elemento terra, no ano de 2016, com o projeto *Árvores e Sentimentos*.

Esse projeto foi desenvolvido no período de abril a outubro de 2016 em três escolas da rede municipal da cidade de Uberlândia onde eu atuava na época. As três são:

- a EMEI Prof^a. Carmelita Vieira dos Santos, na Educação Infantil, com turmas do G2, de alunos de 2 anos de idade; do G3, alunos de 3 anos; do 1º Período, com alunos de até 4 anos e 11 meses; e do 2º período, crianças até 5 anos e 11 meses;
- a Escola Municipal Freitas Azevedo, com turmas de 6º e 7º anos do Ensino Fundamental II;
- e a Escola Municipal Eugênio Pimentel Arantes, com turmas de 2º, 3º e 5º anos do Ensino Fundamental I.

Nesse projeto, adaptado a cada faixa etária, o objetivo principal era a preservação do meio ambiente e a conscientização sobre a importância das árvores e do solo para nossas vidas. Abordamos as quatro estações do ano no Hemisfério Sul: outono, de 21 de março a 20 de junho; inverno, de 21 de junho a 23 de setembro; primavera, de 23 de setembro a 21 de dezembro; e verão, de 21 de dezembro a 20 de março. E para obter o resultado desejado, trabalhei a cadeira de Geografia, fazendo assim um trabalho interdisciplinar com os dois conteúdos.

Os suportes/materiais utilizados vieram da natureza: folhas de coqueiros, folhas de árvores, galhos, flores, toquinhos de madeira e materiais recicláveis como papelão, rolinhos de papel higiênico, bobinas pequenas de papelão de máquinas de leitura.

Dessa forma desenvolvi também a importância da reciclagem, o que ampliou as relações e os sentimentos existentes entre os estudantes e a natureza. A (Fig. 19) mostra as bobinas pequenas de papelão de máquinas de leitura de talões de água.

Figura 19 - Bobina pequena de papelão de máquina de talão de água.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2016).

À medida que as crianças com idades entre dois e seis anos começaram a desenvolver as práticas, perceberam a importância das árvores e do solo, ao aprender que o papel tem como matéria-prima as fibras de celulose encontrada nas árvores e que estas precisam de um solo fértil e sem lixo para manter-se vivas. Por isso a importância de frisar a informação sobre a reciclagem desses materiais e evitar o desperdício. É um processo entre a natureza e o homem. Fischer (1971) nos esclarece, a respeito dessa relação:

O processo do trabalho é [...] atividade deliberada [...] para a adaptação das substâncias naturais aos desejos humanos; é a condição geral necessária para que se efetue um intercâmbio entre o homem e a natureza; é a condição permanente imposta pela natureza à vida humana e, por conseguinte, independe das formas da vida social – ou, melhor, é comum a todas as formas sociais (Fischer, 1971, p. 21).

Nós seres humanos estamos em contato o tempo todo com a natureza, sem nos dar conta de que ela faz parte de nossa existência. Com essa prática as crianças se conscientizaram de que poderiam transformar em obra de arte materiais que iriam para o lixo e que muitos objetos como plástico e isopor podem prejudicar o solo. Perceberam que lugar de lixo é no lixo e que podemos separá-lo em latões com cores diferentes visando à reciclagem correta, além de sempre procurar uma lixeira para

depositar resíduos, nunca os jogando no chão. E mais: com atividades semelhantes a essa ofertada às crianças, podemos tirar proveito da natureza usufruindo da matéria-prima que ela nos oferece de graça – lembrando de usar somente os elementos que estão caídos no chão.

Nesse contexto, a *Árvore dos Sentimentos* (Fig. 20) foi feita de bambu, utilizado por ser flexível, facilitando o manuseio pelas crianças; papelão e rolinhos pequenos de papelão. Em volta, os toquinhos de madeira de vários tamanhos, cujas pinturas representavam uma estação do ano.

Figura 20 - *Árvore dos Sentimentos*, por alunos do 5º ano Fundamental I da EM Eugênio Pimentel Arantes. Técnica mista, com altura aproximada de 150 x 60 cm.



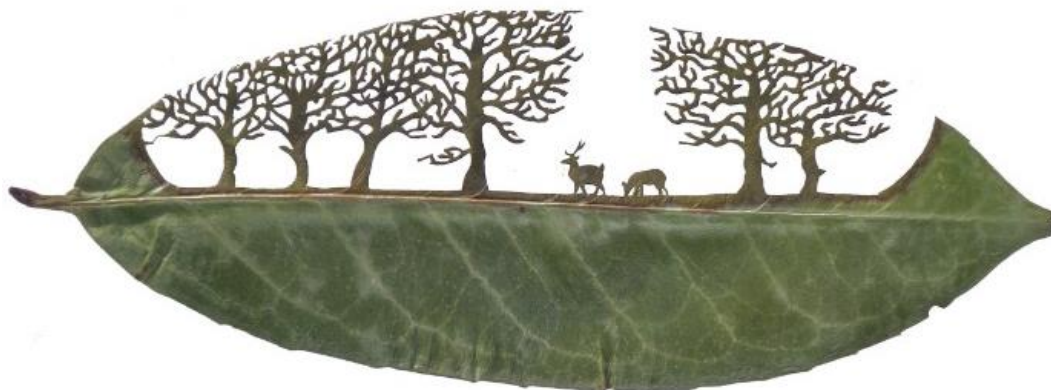
Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2016).

Essas foram algumas das atividades realizadas na Escola Municipal Eugênio Pimentel Arantes.

Dando sequência às aulas, como fundamento teórico trouxe alguns artistas relacionados ao tema proposto, que era o mesmo para as três escolas, sendo, como

já mencionado, adaptado para cada faixa etária trabalhada. Na atividade apresentada a seguir, o artista de referência foi Lorenzo Duran²¹ (Fig. 21).

Figura 21 - Imagem de uma folha esculpida pelo artista Lorenzo Duran.



Fonte: <https://blogscdn.thehut.net/wp-content/uploads/sites/7/2016/06/12184602/Lorenzo-Duran-Leaf-Art.jpg>: Acesso em: 15 abr. 2023

Levei folhas da árvore *Terminalia mantaly*, conhecida popularmente por folha-sete-copas²² ou chapéu-de-sol, coletadas quando já estavam caídas no chão. Usei essa folha por ser resistente, demorar para se decompor e propiciar fácil manuseio para as crianças.

Realizei essa prática com as crianças do 3º ano do Ensino Fundamental I da Escola Municipal Eugênio Pimentel Arantes. Elas ficaram livres para criar seu desenho, tendo como base as aulas anteriores com os temas primavera, outono, inverno e verão, os quais elas haviam observado em obras do artista Claude Monet²³

²¹ Lorenzo Duran: (1969-atual): é um artista espanhol que usa as folhas como uma tela para suas gravações. Após lavagem e secagem. Remove com perfeição cirúrgica os segmentos cuidadosamente ao extremo, utilizando uma técnica similar à do corte de papel tradicional. O resultado deste processo é uma série de fascinante geometria, incrivelmente bela e delicada. Disponível em: <https://design.novoambiente.com/trabalho-do-artista-espanhol-lorenzo-duran/>. Acesso em: 12 maio 2023.

²² Folha-Sete-Copas: é uma árvore de grandes dimensões que pode atingir 35 metros de altura. É típica de regiões tropicais. É muito comum por todo Brasil, especialmente na Região Sudeste, pois gosta do calor para se desenvolver. Também é extremamente comum em regiões praianas, onde a árvore é conhecida como castanheira, ou popularmente, sete-copas. Tem copa bastante larga, fornecendo bastante sombra. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Amendoeira-da-praia>. Acesso em: 01 jul. 2023.

²³ Claude Monet: (1840-1926): foi um pintor francês e o mais célebre entre os pintores impressionistas. O termo impressionista surgiu durante uma exposição realizada em 1874, quando o quadro de Monet, *Impressão Nascer do Sol*, foi criticado por retratar a "Impressão" de uma cena, e não a realidade. Fonte: https://www.ebiografia.com/claude_monet/. Acesso em: 12 maio 2023.

foi trabalhado somente nessas duas escolas e, mesmo com processos adaptados para cada faixa etária, obtive o resultado esperado.

As crianças tiveram oportunidade de aprimorar seu lado criativo, sabendo que podem usar materiais disponíveis que têm em casa e também os que a natureza nos oferece, sem precisar de gastos extras, pensando sempre no seu bem-estar e na preservação ambiental, por utilizarem materiais que se tornariam lixo. A (Fig. 23) mostra o resultado final da atividade dos alunos de 1º e 2º Períodos da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos.

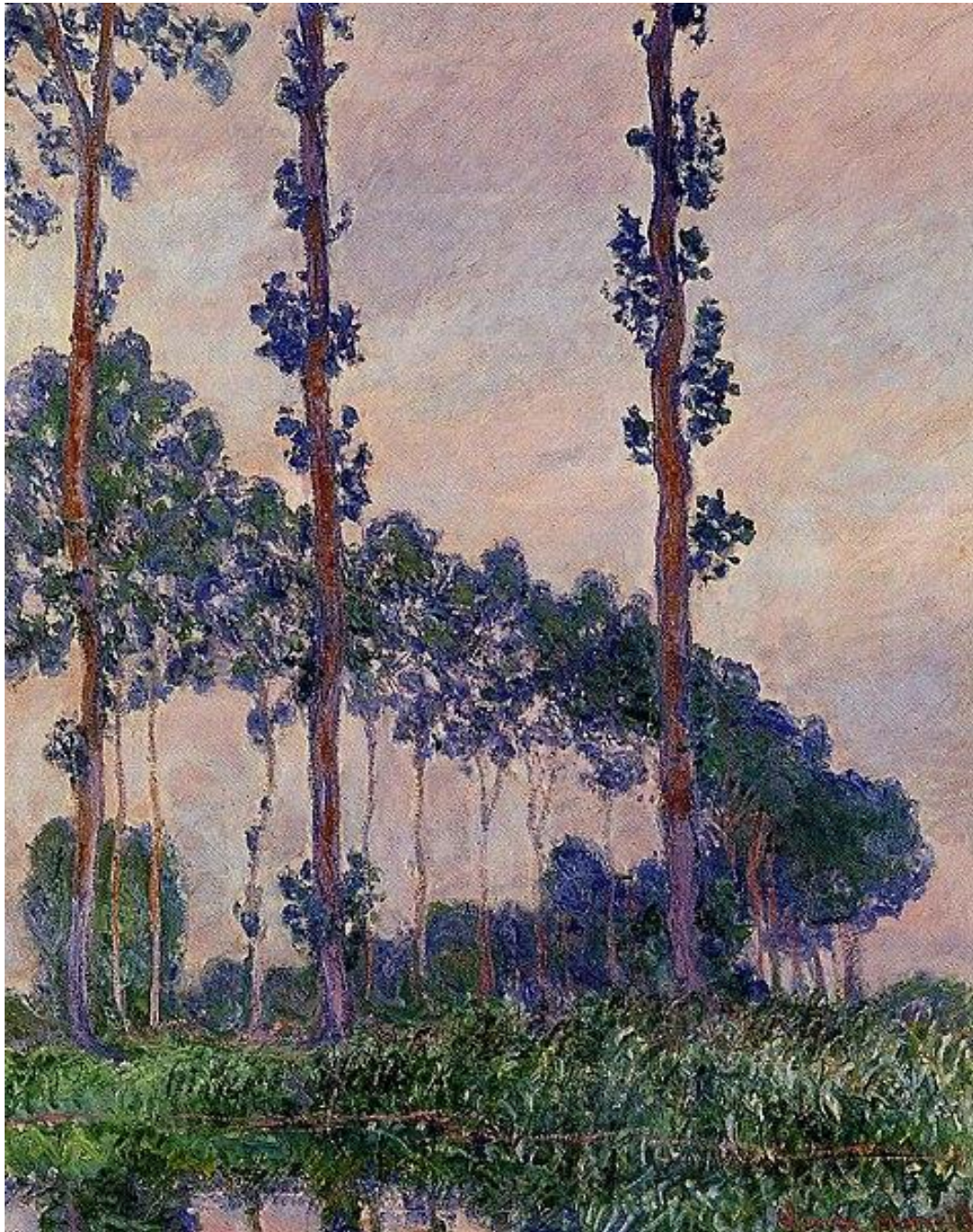
Figura 23 - Trabalho elaborado na EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos, turmas de 1º e 2º Períodos da Educação Infantil.
Técnica: desenho com lã e barbante na folha de sete-copas.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2016).

A terceira instituição onde trabalhei foi a Escola Municipal Freitas Azevedo, também em Uberlândia. A produção foi uma pintura e o suporte, alguns materiais que os alunos trouxeram. Eles usaram folhas de diversas árvores, tocos de madeiras, cascas de árvores. Para executar esse trabalho nas folhas, eles observaram a imagem da obra do artista Claude Monet, *Three Trees in Grey Weather* (Fig. 24), mas, antes, houve outras atividades até chegarmos ao processo final.

Figura 24 - Claude Monet. *Three Trees in Grey Weather* (1891). Óleo sobre tela, 46 x 61 cm.



Fonte: <https://www.wikiart.org/en/claude-monet/three-trees-in-grey-weather>.
Acesso em: 17 jun. 2023

Os alunos fizeram desenhos usando apenas linhas e pontos. Em relação à cor, ficou opcional: poderiam usar só o grafite ou canetinhas, canetas, lápis de cor. A maioria optou pelo uso do grafite. Essa atividade foi elaborada em uma folha de tamanho A₃, que eu mesma levei. A (Fig. 25) mostra o resultado do processo dos trabalhos da turma.

Figura 25 - Resultado dos trabalhos das crianças do 6º ano da EM Freitas Azevedo.
Técnica: grafite na folha sulfite.



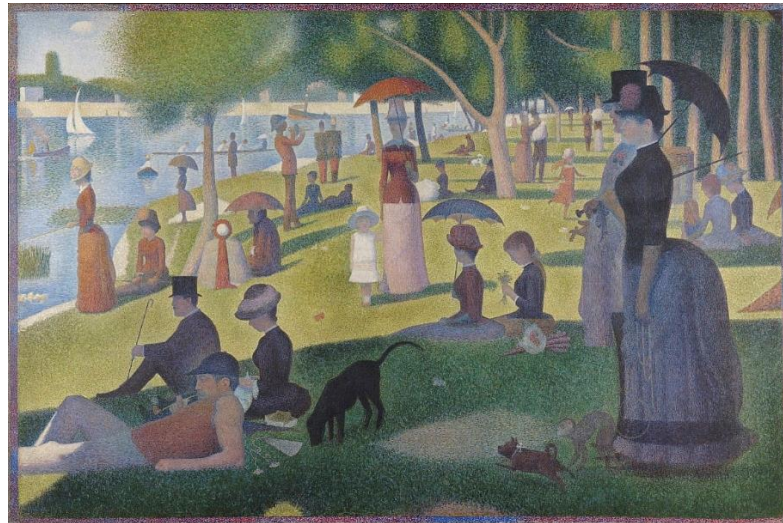
Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2016).

Para executar mais uma atividade os alunos tiveram como referência de imagem a obra *Uma Tarde de Domingo na Ilha de Grande Jatte* (1884), de Georges Seurat²⁴, na qual ele trabalha com a técnica do pontilhismo²⁵. Houve contato com outras obras na mesma técnica, mas esta foi a que mais cativou as crianças, pela quantidade de detalhes e as cores. A (Fig. 26) mostra a riqueza dessa pintura e a (Fig. 27), o resultado do trabalho final dos alunos desta escola: na parede, os desenhos com grafite; no chão, pinturas em tocos, cascas de madeiras e folhas de árvores que os próprios alunos haviam levado.

²⁴ Georges Seurat (1859-1891): foi um pintor e pioneiro do movimento pontilhista, também chamado divisionismo. É um dos ícones da pintura do século XIX. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Georges_Seurat. Acesso em: 17 jun. 2023.

²⁵ Pontilhismo: o pontilhismo nada mais é do que uma técnica de pintura que teve como país de origem à França, mais precisamente Paris. Também conhecido como “Pintura dos Pontos”, o pontilhismo teve seu início no movimento impressionista. Fonte: <https://laart.art.br/blog/o-que-e-pontilhismo/>. Acesso em: 17 jun. 2023.

Figura 26 - Georges Seurat. *Uma Tarde de Domingo na Ilha de Grande Jatte* (1884-1886). Óleo sobre tela, 2,60 x 3,50 m.



Fonte: <https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Georges-Seurat/21277/Um-domingo-no-grande-Jatte---1884.html>. Acesso em: 16 abr. 2023.

Figura 27 - Resultado final dos trabalhos dos alunos das turmas de 6º e 7º anos da EM Freitas Azevedo.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2016).

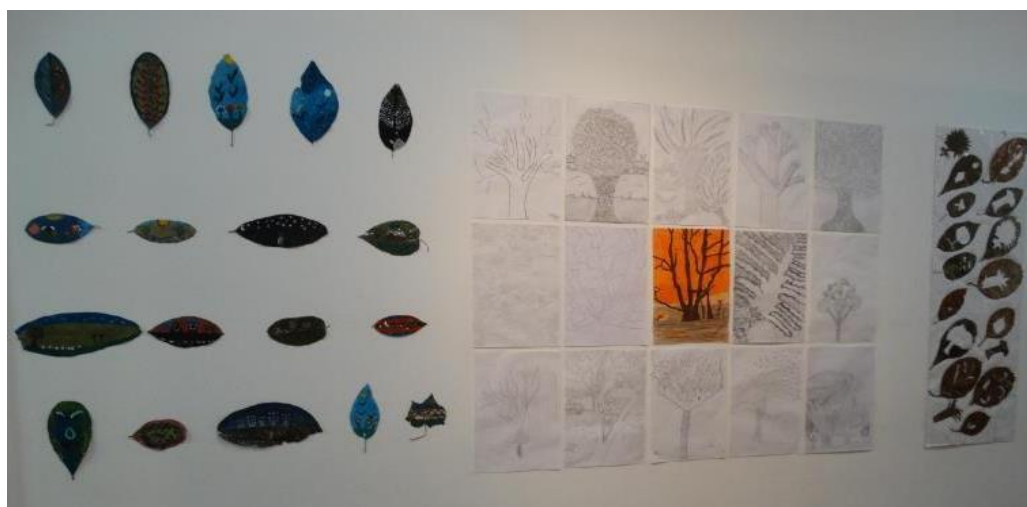
Esses trabalhos fizeram parte da *13ª Mostra Visualidades*²⁶, que contempla a produção artística dos alunos das escolas municipais de Uberlândia, acontecendo no

²⁶ *Mostra Visualidades*: evento com obras feitas pelos alunos da rede municipal ao longo do ano. A ação é do grupo de formação contínua dos Professores de Arte da Rede Municipal de Ensino de Uberlândia-MG, por meio do Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz – CEMEPE.

mês de outubro e finalizando com o *Circuito da Visualidade*, quando é feito o recorte das atividades que ficaram em exposição nas escolas e o material segue para outros espaços da cidade, como SESC Uberlândia e Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz - CEMEPE²⁷. A mostra é opcional para o professor de Arte que participa do grupo de formação continuada.

A (Fig. 28) mostra o resultado final dos trabalhos dos alunos de 6º e 7º anos do Ensino Fundamental II, da Escola Municipal Freitas Azevedo, com as técnicas de pinturas em folhas de árvores e desenho com grafite; e dos alunos do 3º ano do Ensino Fundamental I, da Escola Municipal Eugênio Pimentel Arantes, com a técnica do corte das folhas de sete-copas, que fizeram parte da exposição no SESC de Uberlândia na 13ª Mostra Visualidades em 2016.

Figura 28 - Trabalhos dos alunos de 6º e 7º anos do Ensino Fundamental II, da Escola Municipal Freitas Azevedo; e das turmas de 3º ano do Ensino Fundamental I, da Escola Municipal Eugênio Pimentel Arantes, em exposição na parede do SESC Uberlândia-MG.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2016).

Com essa exposição recebi um convite da professora e artista Mara Rúbia Colli²⁸ para publicar uma parte desses trabalhos na Revista de Ensino da Escola de

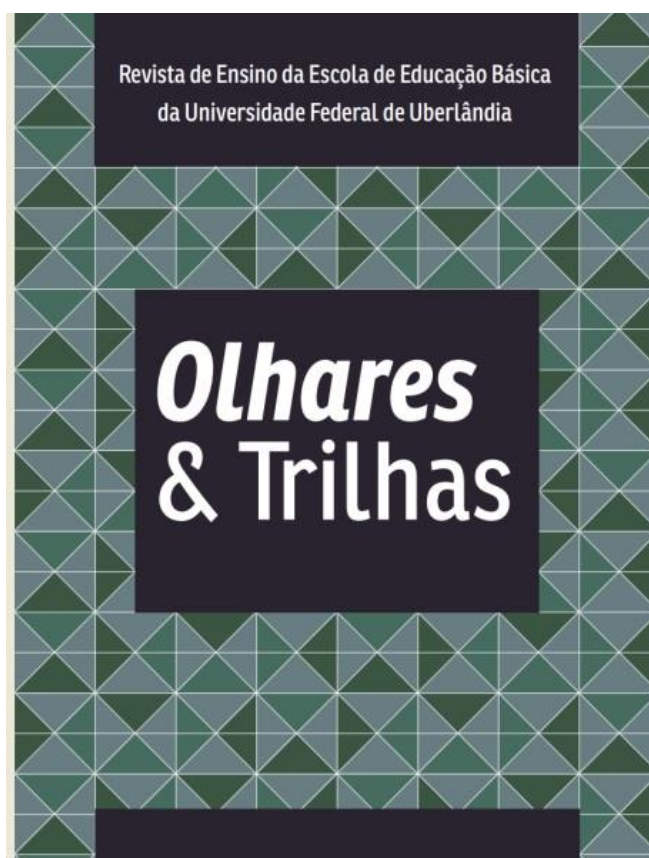
²⁷ CEMEPE - Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz, é uma instituição vinculada à Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Uberlândia. O espaço de formação de professores significa uma valorização da educação escolar do município, pois é um lugar de trocas significativas, compartilhamentos e estudos a partir de estratégias formativas diversas. Disponível em: <https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/educacao/comepe/>. Acesso em: 12 maio 2023.

²⁸ Mara Rúbia Colli (19-atual): artista, pesquisadora, docente e mestre pelo programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Fonte: <https://www.escavador.com/sobre/5088663/mara-rubia-de-almeida-colli>. Acesso em: 17 jun. 2023.

Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) *Olhares e Trilhas*²⁹. Essa revista é virtual e a professora Mara Rúbia faz parte de sua curadoria e do *layout*, sempre buscando matérias interessantes que possam ajudar outros professores em sua prática pedagógica. A (Fig. 29) mostra a imagem da capa da revista para melhor visualização.

É por meio dessas iniciativas e desses incentivos que percebemos o quanto é gratificante ensinar e ver o resultado final desse aprendizado, ajudando outros profissionais da Educação e valorizando a produção das crianças.

Figura 29 - Capa da Revista *Olhares e Trilhas*.



Fonte: <https://doi.org/10.14393/OT2016aXIII.n.24.157-163>. Acesso em: 16 abr. 2023.

²⁹ *Revista Olhares e Trilhas* é uma revista eletrônica dedicada à divulgação de resultados de pesquisas e discussões na grande área da Educação, que trazem contribuições para melhoria da qualidade das práticas de ensino e da agência de professores nas escolas, com publicação contínua em dois números anuais (em julho e em dezembro). Seções especiais podem ser criadas de acordo com a temática dos artigos e das parcerias com instituições ou Grupos de Pesquisa.

A escola é um local cujos detalhes às vezes passam despercebidos pelas crianças e mesmo por nós, professores, que chegamos e vamos diretamente para as salas de aula e nem observamos o quão rico é esse espaço. É por meio dessas aulas interativas que alunos e professores percebem que podem explorar áreas diferentes na instituição, as quais proporcionam atividades dinâmicas e prazerosas.

Quando ambos, professor e aluno, saem do ambiente tradicional e começam a caminhar pela escola coletando elementos, passam a observar detalhes que antes não viam, mesmo estando ali todos os dias.

A arte desperta olhares, transforma o ser. Sobre esse assunto, Fischer (1971) observa: “A arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo. Mas a arte também é necessária em virtude da magia que lhe é inerente” (Fischer, 1971, p. 20).

Outra proposta de projeto – *Resgate das Brincadeiras Antigas* – aconteceu no ano de 2017 na EMEI Prof^a. Carmelita Vieira dos Santos, com as turmas de crianças de 1º período (4 anos e 11 meses) e 2º período (5 anos e 11 meses).

Para realizar essa atividade, trabalhei com algumas obras do artista Ivan Cruz³⁰, que resgata em suas pinturas muitas brincadeiras de sua infância, como: *Crianças Assoprando Bolinhas de Sabão, Brincadeira de Roda, Crianças Brincando de Bambolê, Pipas Cruzando, Currupinha, Cama de Gato, Soltando Balão* (Fig. 30). Em suas obras percebemos a ludicidade e o predomínio das cores primárias – vermelho, amarelo e azul – e formas básicas, de fácil entendimento para as crianças.

Os alunos criaram pega-varetas de folhas de revista e bobinas de tecido, pintaram caixas de papelão com tinta de terra e tinta guache e montaram bonecos gigantes, fizeram “currupinha” de papelão, labirinto com tubos de tecido, dominó grande de papelão, carrinhos e outras peças com rolinho de papel higiênico e bobina pequena de máquina de leitura, bonecos de caixa de leite, pé-de-lata com latinhas de metal, três-marias de pedrinhas, dentre outros.

³⁰ Ivan Cruz (1947-atual): é um pintor, escultor, artista plástico e advogado brasileiro. As brincadeiras de infância, entre outras temáticas infantis, formam a maioria das suas obras artísticas. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ivan_Cruz. Acesso em: 17 jun. 2023.

Figura 30 - Algumas obras do artista Ivan Cruz que foram trabalhadas com as crianças.



Fonte: https://1.bp.blogspot.com/rZyGvtw7r9c/Veybh_mpRKI/AAAAAAAAAdc/NhaxzoJqf2k/s1600/ivan%2BFRASE%2Bcurva.jpg. Acesso em: 12 set.2023

Boa parte dessas aulas aconteceu na área externa da escola, por ter mais espaço, os objetos serem grandes e o principal: haver terra para produção dos pigmentos. As crianças interagiram com a natureza e o pigmento mineral terra se tornou o suporte para as ações com os brinquedos. Assim, em alguns momentos a terra virou brincadeira, em outros se tornou pigmento para acabamento das produções.

Todos os brinquedos foram confeccionados pelas crianças de forma lúdica. Um deles era composto por pequenos tubos de plástico preto no pigmento mineral, era como um jogo de peças em que as crianças criavam formas no pigmento mineral terra e as deixavam em exposição para a próxima turma fazer interferência. Aqui o pigmento mineral terra foi o elemento principal para a elaboração da atividade. As crianças sentiam sua textura e o pigmento ajudava a dar equilíbrio aos tubos. Elas enchiam os tubos de terra, enterravam e desenterravam-nos, colocavam esses tubos na vertical e na horizontal. Fiz essa brincadeira em sala de aula também, ou seja, ela se repetiu em dois momentos, sendo que as turmas gostaram mais do suporte

pigmento mineral, até pela praticidade de colocar os tubos de pé, pois na terra era mais fácil do que no cimento, e as crianças podiam brincar com a terra.

Nas (Figs. 31, 32 e 33) apresento algumas imagens dessa primeira parte do projeto: os tubos na terra, na sala de aula e a mostra dos trabalhos no espaço denominado de “Cantinho da Natureza” da escola, quando as famílias foram convidadas para contemplar as obras de arte de seus filhos.

Figura 31 - Instalação de tubos de plástico e papelão de bobina no pigmento mineral terra com as turmas de 1º e 2º Períodos da Educação Infantil da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2017).

Figura 32 - Instalação de tubos de plástico de bobina dentro da sala de aula – turmas de 2º Período da Educação Infantil da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2017).

Figura 33 - Brinquedos montados pelas crianças de 1º e 2º Períodos na EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos: dominó, pega-varetas gigante e bonecos de caixas de papelão.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2017).

Para a pintura usamos a tinta guache e a têmpera vinílica. Na época, na EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos havia bastante tinta guache. Quanto à têmpera vinílica, as crianças coletaram materiais no próprio espaço da escola e a produziram sob minha orientação. Como docente e sempre pensando no melhor aprendizado para as crianças, levei outras cores de terra que tinha em casa, para acrescentar à paleta de cores de tons terrosos.

Apesar de os pigmentos minerais não terem a mesma variedade de cores que a tinta guache, as crianças se empolgaram com a nova técnica e por saber que estavam fazendo pinturas com têmperas produzidas por elas mesmas, surpresas por descobrirem que aquele pigmento mineral que fica na parte externa da escola pode virar tinta. Ali foram coletados pigmentos com tonalidades de vermelho e marrom, que são comuns na região.

Nesse caso apresentei: a cor verde – pedra verdete, minério extraído da pedra doada por Ednaldo Cesar da Silva; o cinza, de uma argila coletada por mim no córrego localizado na região da cidade de Indianópolis-MG; e o bege, coletado por mim em Uberlândia. Com esses pigmentos as crianças pintaram as caixas de papelão para montar os bonecos; partes das peças do dominó, que eram retângulos de papelão; e alguns cilindros de papelão para compor as varetas do jogo pega-varetas gigante.

Nas (Figs. 34 e 35), imagens da coleta pigmento mineral terra e da preparação da têmpera vinílica.

Figura 34 – Coleta do pigmento mineral - 2º Período - EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2017).

Figura 35 - Fazendo a têmpera vinílica - 2º Período EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2017).

Durante a pintura das caixas, vivenciando a ludicidade, as crianças disseram que estavam dentro de barracas e cavernas. Enquanto alguns pintavam a parte externa, outros optaram por pintar o lado de dentro das caixas. Eles prepararam a têmpera vinílica bem pastosa para cobrir bem o papelão e, para a pintura do interior da caixa, deixaram a têmpera com mais água. Como contextualização da prática de pintura da parte interna das caixas as crianças viram vídeos e imagens da arte pré-histórica, e se encantaram ao ver que milhares de anos atrás as pessoas faziam pinturas com pigmentos à base de terra em paredes de pedra das cavernas, que esse era o elemento principal para fabricação dessa tinta na época e que nas aulas desse projeto, elas tiveram como experimentar um pouco desse material, produzindo-o por si mesmas. Sobre esse procedimento, Bermond (2016, p. 03) afirma:

As primeiras tintas que temos notícias são das pinturas pré-históricas feitas em cavernas (30.000 – 8.000 a.C.). Foram feitas utilizando-se terras coloridas, pó de rochas, carvão vegetal, sangue de animais. Como as terras e rochas são pigmentos altamente duráveis e as pinturas estavam protegidas das ações do tempo, elas conservaram-se até hoje.

Por isso, quando viram as caixas de papelão de todos os tamanhos, as crianças perceberam que algumas eram grandes o bastante para nelas ser possível entrar e pintar a parte interna. Dessa forma, imaginaram-se pintando as paredes das cavernas. E assim algumas caixas tiveram seus lados internos tornados em pequenas cavernas cheias de pinturas, com desenhos de pessoas, mãos e natureza.

Depois de prontas essas caixas foram dispostas compondo um pequeno túnel: fiz a junção de todas com fita adesiva de forma que as crianças pudessem passar por dentro delas, apreciando os desenhos nas “paredes”. Segundo Fischer (1971, p. 180):

Antes de considerarmos o tipo de experiência que se reflete nas pinturas das cavernas, devemos atentar no fato de que aquelas obras já eram a culminação, o resultado de um longo processo de desenvolvimento artístico.

As (Figs. 36 e 37) mostram crianças pintando as caixas de papelão com a tinta feita de pigmento mineral.

Figura 36 - Pintura das caixas de papelão com pigmento mineral, na área externa da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos - turmas de 2º Período.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2017).

Figura 37 - Pintura da parte interna das caixas de papelão com pigmento mineral, na área externa da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos, com as turmas de 2º Período.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2017).

Essas “caixas-cavernas” ficaram em exposição na quadra, com os outros brinquedos confeccionados pelas crianças na *14ª Mostra Visualidades*. Vale relatar que a montagem da exposição na escola foi feita pelas crianças com auxílio da professora. Fechamos o ciclo no *Circuito Visualidades*, ação por meio da qual levamos parte do material para alguns espaços da cidade de Uberlândia como SESC, CEMEPE e Graça do Aché³¹, local onde contei com a ajuda de outros colegas.

Nessa mostra as crianças tiveram oportunidade de sair da escola e ir visitar a exposição onde seus trabalhos estavam. Até então os alunos e suas famílias haviam visto as obras de arte na quadra da escola. Para que a nova visita acontecesse, nós, professores de Arte da Rede Municipal de Uberlândia e a coordenadora da Formação Continuada do CEMEPE, conseguimos um ônibus junto à Prefeitura Municipal para levar os alunos até o local. É importante salientar que contamos com a autorização dos pais para que essa visita acontecesse.

Para mim, foi um projeto grandioso no sentido de saber que as crianças pensaram, refletiram sobre arte confeccionando brinquedos a partir de objetos que iriam para o lixo; prepararam e experimentaram o pigmento mineral – e fizeram isso brincando. Podemos ver como foi a exposição no Graça do Aché na (Fig. 38).

Figura 38 - Exposição final dos trabalhos da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos com as turmas de G2, G3, 1º e 2º Períodos no espaço da Casa da Cultura Graça do Aché.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2017)

³¹ Graça do Aché: o Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché, também conhecido na cidade como Centro de Cultura Graça do Aché, é um equipamento cultural da UFU que tem por finalidade atuar como promotor de ações que visem ao fortalecimento da cultura negra em Uberlândia e região, além de contribuir com o processo de conscientização da responsabilidade social, do respeito às diferenças étnico-raciais e na promoção da cultura e história afro-brasileira.

Com esses projetos pude aprender com as crianças, pois na docência com os pequenos também há troca de aprendizagem, à medida que propunha a atividade e, muitas vezes, eles criavam acasos e as práticas mudavam de turma para turma. Foram etapas de superação, tanto para mim como professora, quanto para as crianças. Eram processos diferentes na vivência da disciplina de arte. Eles exploraram espaços abertos da escola, saindo da tradicional sala de aula e dos materiais do cotidiano. Ver o resultado final de cada projeto foi muito rico e despertou em mim cada vez mais a vontade de me aprimorar e criar novos projetos que viessem a estimular as crianças a realizarem a arte com satisfação. Só de saber que todas aquelas atividades que estavam ali em exposição tinham um significado e um valor para as crianças, que queriam levá-las para casa, eu já me considerava realizada. E outro ponto positivo é saber que elas haviam aprendido com essas práticas e sabiam explicar para a família o que tinham feito nas aulas. Algumas mães relatavam que o filho chegava em casa entusiasmado, contando o que havia feito na aula de arte, dizendo que a aula tinha sido muito boa.

2.2 Práticas artísticas trabalhadas durante o período da pandemia da Covid-19: aulas remotas com alunos de 1º e 2º períodos da Educação Infantil

Com a pandemia da Covid-19³², aulas remotas como forma de ensinar constituíram um desafio para todos, no que diz respeito à elaboração de uma prática longe dos alunos, de forma *online*. Como preparar aula para a Educação Infantil à distância? Como não ter aquele momento lúdico com as crianças? Veio um novo aprendizado.

As atividades de arte foram pensadas para o ambiente, o espaço no qual iriam ajudar as crianças em casa. Os temas das aulas remotas vinham prontos do

³² Pandemia de Covid-19, também conhecida como pandemia de coronavírus é uma pandemia em curso da doença por coronavírus 2019 (Covid-19), causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2). O vírus foi identificado pela primeira vez a partir de um surto em Wuhan, China, em dezembro de 2019. As tentativas de contê-lo falharam, permitindo que o vírus espalhasse para outras áreas da China e, posteriormente, para todo o mundo. Em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da saúde (OMS) classificou o surto como Emergência de Saúde Pública de Âmbito Internacional e, em 11 de março de 2020, como pandemia. Até 21 de abril de 2023, 676.609.955 casos foram confirmados em 228 países e territórios, com 6.881.955 mortes atribuídas à doença, tornando-se uma das mais mortais da história. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pandemia_de_COVID-19: Acesso em: 17 jun. 2023.

CEMEPE, por meio das videoaulas, no decorrer de 2020. Era uma atividade por semana. Não havia um vídeo específico para a Educação Infantil, então eu, como professora, fazia a adaptação para essa etapa educacional, sem sair da temática proposta pelo CEMEPE.

Ressalto que no ano de 2020 foram fundamentais a participação, o apoio e a contribuição dos familiares junto às crianças para que pudéssemos chegar a um resultado satisfatório. As aulas aconteciam por meio de grupos de *WhatsApp*, *Telegram* e videoconferências via Google Meet³³ ou Zoom Meetings³⁴. Porém, nem todas as crianças tinham acesso a essa tecnologia, então elaboramos as atividades em meio físico, baseadas no Plano de Interação e Brincadeiras da Educação Infantil - PIBEI, para Educação Infantil; e no Programa de Educação Tutorial – PET, para Ensino Fundamental I. Os pais, de forma segura, buscavam tais atividades na escola uma vez a cada quinze dias e tiravam suas dúvidas nos grupos de *WhatsApp* ou *Telegram*.

Para ajudar famílias e crianças, sempre que possível eu gravava pequenos vídeos e os colocava no YouTube para visualização de todos, ou nos grupos; usava outras ferramentas como ADV Gravador de Telas³⁵, Padlet³⁶ – nada profissional, só com intuito de melhorar o aprendizado das crianças, considerando o contexto de isolamento.

As crianças usaram o material que tinham disponível em casa, como lápis de cor, giz de cera, tinta guache, pigmentos minerais, outros elementos da natureza, suportes variados.

Foi um grande desafio para todos nós e, mesmo com todos os obstáculos, tivemos resultados positivos. Hoje ainda utilizo essas ferramentas a meu favor.

³³ Google Meet: ferramenta que facilita a participação nas videochamadas de trabalho. Os recursos do Google Meet estão vindo para o aplicativo Duo. Os usuários vão agendar videoconferências com facilidade, além de fazer videochamadas para se conectar de maneira instantânea com uma pessoa ou grupo.

³⁴ Zoom Meetings: é uma plataforma de videoconferências robusta que possui diversas funcionalidades, como compartilhamento de tela, gravação de *webinars*, acesso via telefone e upload de reuniões na nuvem.

³⁵ ADV gravador de telas: é um aplicativo gravador de tela muito útil, gratuito para Android, e com múltiplas funções poderosas. Ele não só grava tudo o que acontece em sua tela, como também pode gravar áudio e vídeo simultaneamente.

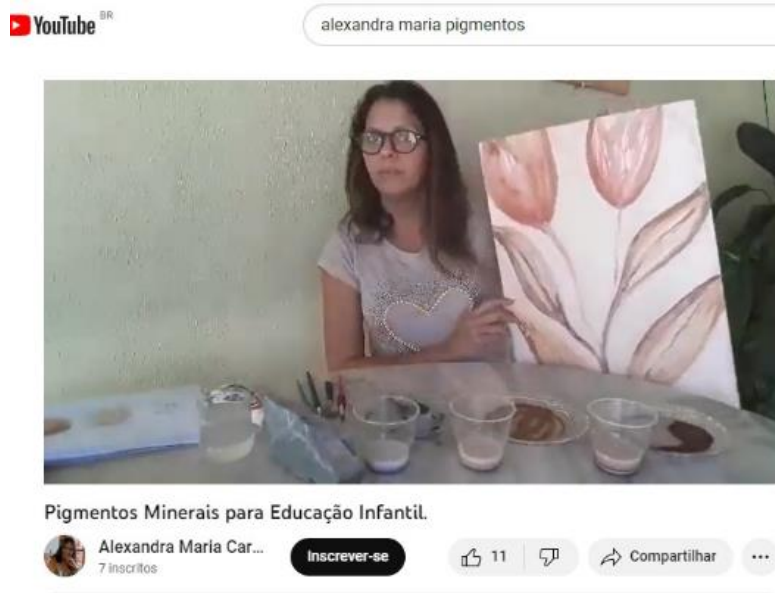
³⁶ Padlet: é uma ferramenta digital para construção de murais virtuais colaborativos, acessíveis através do navegador de internet de computador ou aplicativo de celular. O acesso é gratuito, embora com algumas limitações em quantidade de murais disponíveis.

Vejo que as crianças que tiveram apoio das famílias em qualquer uma das modalidades conseguiram um aprendizado satisfatório. É evidente que o ensino remoto prejudicou crianças e adultos, que não obtiveram o mesmo resultado de quando estavam na escola. Mas, para esse momento que pegou o mundo de surpresa, foi uma das melhores formas de não deixar nossas crianças sem aula.

Mesmo com muitas dificuldades ao longo do ano, consegui participar da *17ª Mostra Visualidades*, que aconteceu de forma *online*. Todos os trabalhos presentes no vídeo foram fotos enviadas pelas famílias durante a pandemia. Para elaboração dos trabalhos remotos, optei por dois artistas: Tarsila do Amaral³⁷ e Frans Krajcberg³⁸. As obras eram escolhidas dentro das propostas enviadas pelo CEMEPE.

Segui atuando com os pigmentos minerais, de acordo com o que foi possível. As (Figs 39 e 40) vêm de um dos vídeos com a receita dos pigmentos minerais. Na época eu dispunha de poucas cores, pois algumas estavam na escola e não havia como pegá-las.

Figura 39 - Fragmento de vídeo sobre pigmentos minerais / A (2020).



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Wq2AT9VvhuE>. Acesso em: 05 maio 2023.

³⁷ Tarsila do Amaral:(1886-1973): pintora, desenhista, escultora, ilustradora, cronista e tradutora brasileira. Ela é considerada uma das principais artistas modernistas latino-americanas, além de ser considerada pintora que melhor alcançou as aspirações brasileiras de expressão nacionalista nesse estilo artístico. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Tarsila_do_Amaral. Acesso em: 05 jul. 2023.

³⁸ Frans Krajcberg: (1921-2017): Foi um pintor, escultor, gravador, fotógrafo e artista plástico, nascido na Polônia e naturalizado brasileiro. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Frans_Krajcberg. Acesso em: 05 jul. 2023.

Para fazer a têmpera vinílica, usei duas colheres de sopa de pigmento mineral, uma colher de cola vinílica e duas colheres de sopa de água. Coloquei todos os ingredientes em um recipiente e mexi até obter uma mistura homogênea. Essa é uma das receitas que pode ser alterada, dependendo da consistência desejada.

Figura 40 - Fragmento de vídeo sobre pigmentos minerais / B (2020).



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Wq2AT9VvhuE>. Acesso em: 05 maio 2023.

Durante esse período aprendi outras formas de fazer reflexões sobre arte, porque no início foi desafiador por ser algo novo, mas depois fui me adaptando e alcancei resultados satisfatórios. Os alunos que conseguiram estar *online* tiveram um bom aprendizado. O ponto negativo é que nem todas as crianças da Educação Infantil participavam, por não ter quem as acompanhasse nas videochamadas. Elas ficavam com o PIBEI que eu enviava nos grupos de WhatsApp. E as que participavam, estavam sempre acompanhadas de um adulto, o qual passou a ver a minha disciplina de outra forma: perceberam o quanto era importante para o aprendizado de seu filho. Nas videoaulas eu compartilhava a tela, apresentava as imagens que estavam no PIBEI ou PET e explicava desenhando ou escrevendo, como se fosse o quadro branco de sala de aula.

Levava exemplos extras para melhor entendimento dos alunos. Eles adoravam. No Fundamental I, as crianças tinham uma frequência maior; na época estava com turmas de 3º ano e elas conseguiam entrar na sala de aula sozinhas. Era difícil, às

vezes, controlar a disciplina, pois, mesmo que cada um estivesse em sua casa, aquele era um momento de eles matarem a saudade dos colegas, achavam o máximo vê-los na tela do computador. Para minha sorte, eles gostavam de minhas aulas, e eu, na medida do possível, orientava-os de forma que pudessem usar materiais de que dispunham em suas casas, o que, no final, resultou em trabalhos belíssimos.

As (Figs. 41, 42, 43 e 44) são imagens de trabalhos das crianças de 1º e 2º períodos da Educação Infantil da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos durante a pandemia de Covid-19.

Figura 41 - Atividades feitas pelas crianças da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos durante a pandemia de Covid-19 / A.



Fonte: Acervo da autora. Fotos das famílias (2020).

Figura 42 - Atividades feitas pelas crianças da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos durante a pandemia de Covid-19 / B.



Fonte: Acervo da autora. Fotos das famílias (2020).

Figura 43 - Atividades feitas pelas crianças da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos durante a pandemia de Covid-19 / C.

**A IMPORTÂNCIA DO RESPEITO À BIODIVERSIDADE PRESENTE NA
NATUREZA(GENTILEZA GERA GENTIÇEZA) E DANDO ASAS A
IMAGINAÇÃO COM AS FÁBULAS.**



Fonte: Acervo da autora. Fotos das famílias (2020).

Figura 44 - Atividades feitas pelas crianças da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos durante a pandemia de Covid-19 / D.

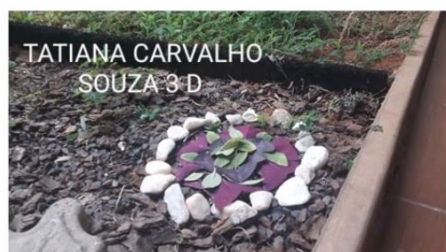


Fonte: Acervo da autora. Fotos das famílias (2020).

As (Figs. 45 e 46) são de trabalhos das crianças do 3º ano do Ensino Fundamental I, da Escola Municipal Prof. Domingos Pimentel de Ulhõa.

Figura 45 - Atividades feitas pelas crianças do 3º ano da EM Prof. Domingos Pimentel de Ulhõa durante a pandemia de Covid-19 / A.

ELEMENTOS DA NATUREZA



Fonte: Acervo da autora. Fotos das famílias (2020).

Figura 46 - Atividades feitas pelas crianças do 3º ano da EM Prof. Domingos Pimentel de Ulhõa durante a pandemia de Covid-19 / B.



Fonte: Acervo da autora. Fotos das famílias (2020).

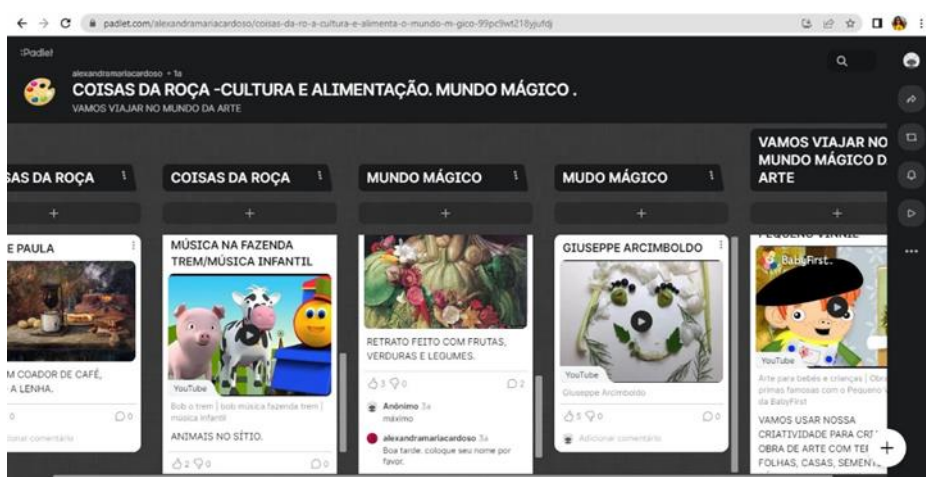
Nesse caso eu acompanhava o PET elaborado por mim e enviado no *Drive* da escola uma semana antes. Depois eu compartilhava nos grupos de *WhatsApp*. Todas as atividades feitas pelas crianças eram enviadas nos grupos, ou no contato particular, para não encher a memória dos aparelhos eletrônicos, isso na Educação Infantil. No Fundamental I as crianças podiam enviar no *Drive* ou no particular do *WhatsApp*. À medida que recebia as atividades, ia salvando-as nas pastas das turmas criadas no *Drive*. Em relação à tecnologia, não tive dificuldade de trabalhar, até porque tenho certa facilidade nessa área. Para melhor entendimento de todos, em algumas atividades eu realizava minha prática em casa também, para apresentar às crianças, como a tela apresentada no vídeo da página 81 (Fig. 39). Ao longo do vídeo mostrei uma pintura feita por mim, na qual usei a têmpera vinílica, para que as famílias pudessem ver como seria o resultado final.

Confesso que era muita documentação para ser preenchida, mas foquei o principal, que era pesquisar e preparar aulas para as crianças. Assim, consegui obter um bom resultado. Desse modo, toda a documentação também era entregue em dia – para isso excedia minha carga horária de trabalho. Torna-se importante salientar que esse formato de aula pode aproximar os pais das atividades de arte para ajudarem

seus filhos, e muitos relataram que achavam que nossa aula consistia em somente deixar a criança colorir ou desenhar aleatoriamente [livre]. Eles gostaram de conhecer um pouco da trajetória dos artistas trabalhados, as técnicas usadas por eles e de saber que podemos fazer arte com materiais alternativos, sendo que, muitos deles, temos em casa.

Vale dizer que na época os irmãos das crianças para quem eu lecionava faziam atividades junto com elas, por acharem-nas interessantes. Em algumas videoaulas, por vezes eram os irmãos mais velhos que participavam com as crianças e as ajudavam nas atividades, ou seja, foi aprendizado para todos nós. A (Fig. 47) mostra a imagem do fragmento de um dos *padlets* elaborado para famílias e crianças no ano de 2020.

Figura 47 - Fragmento do *padlet* com os temas propostos na semana.



Fonte: <https://padlet.com/alexandramariacardoso/coisas-da-ro-a-cultura-e-alimenta-o-mundo-m-gico-99pc9wt218yjufdj>. Acesso em: 05 maio 2023.

Tentarei explicar como funciona o *padlet*. É uma ferramenta digital em que vamos inserindo murais com as temáticas trabalhadas; nele podemos colocar imagens, textos, vídeos, ou seja, é um organizador virtual de tarefas. O acesso a essa ferramenta é gratuito, embora haja restrições na quantidade de murais disponíveis. Nele você pode interagir, fazer alterações, e os formatos dos murais são diferentes, ficando à sua escolha aquele que melhor se adapte à sua necessidade.

No ano de 2021 continuamos com o ensino remoto até o mês de julho, voltando às aulas de forma híbrida em agosto. Durante esse mesmo ano as produções com pigmentos aconteceram de forma híbrida, também. As crianças se revezavam, 50% de forma presencial e 50% remotamente. Dessa forma ficou um pouco mais

complicado atender a todas as famílias e elaborar um projeto digno de ir para exposição. As práticas continuavam a ser feitas por meio dos PIBELs e PETs elaborados pelos professores.

A (Fig. 48) mostra algumas imagens feitas com os pigmentos minerais e outros elementos da natureza pelas crianças com auxílio dos pais, as quais fazem parte do vídeo produzido pela autora para a *17ª Mostra Visualidades*, de 2020.

Figura 48 - Imagens de trabalhos feitos durante a Covid-19, em 2020.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=HdfSJRIrBOA>. Acesso em: 06 maio 2023.

Antes de 2020, a *Mostra Visualidades* de arte ocorria de forma presencial e até então não havia sido criado um *site* no qual fosse possível ver os processos dos professores da Rede Municipal de Uberlândia. Dessa forma, dado o contexto de 2020, nesse ano cada professor elaborou seu próprio vídeo com os trabalhos dos alunos e o enviou à coordenação de arte do CEMEPE, para a *17ª Mostra Visualidades* de arte. O material foi postado no YouTube, com visualização restrita aos profissionais que possuíam o respectivo *link*, acontecendo, então, somente visitas *online*.

A partir de 2021 houve a criação do *site*³⁹ para a *18ª Mostra Visualidades* de arte. Especificamente nesse ano eu não participei, por não ter como montar os trabalhos das crianças, o que realizei no final do mesmo ano. À época estava com turmas da Educação Infantil até o 9º ano do Ensino Fundamental II e o ensino estava de forma híbrida, com a demanda de trabalho acima do normal.

2.3 Experimento com retorno às aulas presenciais

O ano de 2022 foi o primeiro período letivo presencial após dois anos de ensino remoto e híbrido devido à pandemia. No retorno às aulas na EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos, tudo era novidade para as crianças pequenas com idade entre 4 anos e 11 meses completando 5 anos e 5 anos e 11 meses completando 6 anos, as quais até o momento haviam passado por duas etapas de ensino de maneira bem diferenciada em relação a outras gerações. Algumas haviam ido à escola com 2 e 3 anos, mas outras nunca tinham entrado em uma sala de aula.

Diante desse cenário, comecei as aulas de arte apresentando materiais já conhecidos pela maioria: lápis de cor, giz de cera, canetinha, tinta guache, folha sulfite, cola, tesoura.

É um processo lento de adaptação das crianças, na socialização, no espaço escolar de ensino-aprendizado, o qual representava um lugar totalmente novo. Socializar-se com os colegas, mais um desafio, pois muitos estavam acostumados a ficar sozinhos em casa, sem presenças infantis e sem compartilhar nada de seus pertences com ninguém. Chegar na escola e ter que dividir o mesmo espaço e os materiais com outras crianças, para muitos, foi difícil.

Para todos, aquela foi uma ocasião ímpar. Tive que ir conquistando as crianças aos poucos e elas, familiarizando-se com os colegas. Na Educação Infantil, no início do ano letivo sempre ocorre o período de adaptação, quando as criança saem mais cedo da escola por uma ou duas semanas, até que boa parte delas esteja mais acostumada com a sala de aula. Essa etapa de adaptação durou mais dias que em anos anteriores. Em 2022 levou-se em consideração que, depois desse tempo, aquela

³⁹ *Site* Mostra Visualidades de arte: <https://www.uberlandia.mg.gov.br/2021/12/13/18a-mostra-visualidades-exibe-producao-artistica-de-alunos-e-professores-das-escolas-municipais-de-uberlandia/>. Acesso em: 17 jun. 2023.

criança que ainda estivesse insegura, chorando muito, os pais poderiam buscar mais cedo. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC⁴⁰ (Brasil, 2018):

[...] a Educação Infantil é o início e o fundamento do processo educacional. A entrada na creche ou na pré-escola significa, na maioria das vezes, a primeira separação das crianças dos seus vínculos afetivos familiares para se incorporarem a uma situação de socialização estruturada (Brasil, 2018, p. 38).

Nesse contexto, pensei: como começar uma didática pedagógica com turmas tão heterogêneas e despertar a criatividade de modo que todas as crianças participassem? Então, por meio da ludicidade, cada etapa foi sendo superada, até que a maioria se adaptou ao ritmo normal das aulas. Muitos nem sabiam como segurar um lápis, não se sentavam, não ficavam dentro da sala de aula. Com o passar do tempo, eles foram entrando na rotina da escola.

Busquei imagens de alguns artistas que chamassem atenção das crianças e ao mesmo tempo trouxessem a presença dos componentes básicos da arte: o ponto, a linha, as formas e a cor. Seria também necessário que, de alguma forma, se estabelecesse uma ligação com o projeto que viria em seguida: os artistas escolhidos teriam que ser lúdicos e com a presença de elementos da natureza. Comecei apresentando Eduardo de Lima⁴¹, em razão de suas obras, lúdicas, abordarem elementos da natureza, crianças, linhas e formas fáceis de serem reproduzidas, além de cores fortes. Trabalhei *O Campo de Girassol* e *O Menino e o Pneu*. As (Figs. 49 e 50) mostram essas obras de Eduardo de Lima.

⁴⁰ BNCC: a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 04 jul. 2023.

⁴¹ Eduardo Lima (1977-atual): artista plástico, atualmente reside na cidade de Barreiras, BA. Autodidata, desde os dez anos de idade se destaca pelo seu talento artístico. Suas obras de arte são vivas e marcadas por cores vibrantes, exalam originalidade e transferem sentimentos e história em seus traços, que representam tão bem a cultura e o povo nordestino. Fonte: <https://eduardolimaart.com.br/>. Acesso em: 18 jun. 2023.

Figura 49 - Eduardo de Lima. *O Campo de Girassol* (2017). Óleo sobre tela, 60 x 80 cm.



Fonte: <https://www.meussertoes.com.br/wp-content/uploads/2017/03/O-campo-de-girassol.jpg?gid=28>. Acesso em: 05 jul. 2023.

Figura 50 – Eduardo de Lima. *O Menino e o Pneu* (2022). Óleo sobre tela, 60 x 80 cm.



Fonte: <https://razoesparaacreditar.com/wp-content/uploads/2021/09/111-6.jpg>. Acesso em: 18 jun. 2023.

O segundo artista foi Cândido Portinari, já citado no Capítulo I, por suas obras trazerem crianças, brincadeiras, elementos da natureza e a terra, que é onde as crianças brincam. Apreciamos duas obras desse grande artista e trabalhamos com ambas: *Meninos Soltando Pipa e Futebol*, respectivamente a (Fig. 18) no Capítulo I e a (Fig. 51), a seguir.

Figura 51 - Candido Portinari. *Futebol* (1935). Óleo sobre tela, 130 x 97 cm.



Fonte: <https://profademirjunior.blogspot.com/2012/11/obra-futebol-em-brodosqui-candido.html>.
Acesso em: 18 jun. 2023.

Figura 52 - Imagens do *Pé de Livro*, do artista Hélio de Lima (2011).



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

O terceiro artista escolhido foi Hélio de Lima⁴², por inserir em seus trabalhos elementos da natureza, formas, pontos e linhas. Usei imagens da publicação *Pé de Livro. A* (Fig. 52) mostra algumas páginas dessa obra.

Nas práticas, em grupos fizemos desenhos, pinturas em sulfite e kraft, compartilhando o material e interagindo com ele. Aos poucos as crianças foram descobrindo o mundo mágico da arte e socializando-se umas com as outras, familiarizando-se com os elementos básicos da arte, fundamentais para início do desenho nessa faixa etária. Num caminho lúdico, percebemos primeiro os pontos e que toda linha tem início a partir de um ponto; observamos que nossa escrita é uma linha, nosso corpo é linha.

Durante o processo de criação eu vou e volto na abordagem aos artistas escolhidos, isso depende do andamento da turma. Nem sempre o mesmo planejamento vai funcionar igualmente em todas as salas de 1º e 2º períodos.

Antes de começar a trabalhar as obras dos artistas relacionados ao projeto, fomos conhecer uma parte da área externa da escola e aproveitamos para procurar o elemento linha. As crianças viram linhas nas raízes expostas de árvores, nos troncos, nas folhas, na grama, nos galhos das plantas do jardim, na cerquinha da escola, no chão, nas grelhas de ferro. E foi gratificante ver o entusiasmo delas, correndo e mostrando cada linha que encontravam. Para Dewey (2010, p. 139), “Vivenciar a experiência, como respirar, é um ritmo de absorção e expulsões”.

Os conteúdos aplicados foram elaborados de acordo com os campos de experiências da BNCC – “Traços, sons, cores e formas”. A concepção de criança, de acordo esse documento, “reforça a visão da criança como protagonista em todos os contextos de que faz parte: ela não apenas interage, mas cria e modifica a cultura e a sociedade” (Brasil, 2018, p. 18).

Nas (Figs. 53 e 54), vemos as crianças apreciando uma obra integrante do livro *Pé de Livro*, de Hélio de Lima, e um painel feito com guache observando a obra *Futebol*, de Cândido Portinari.

⁴² Hélio de Lima: doutorado em Artes Visuais e Mestrado em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente é professor de Artes no Instituto Federal do Triângulo Mineiro - Campus Avançado Uberaba Parque Tecnológico - CAUPT. Possui experiência na área de Artes, com ênfase em Artes Plásticas, atuando principalmente nos seguintes temas: desenho, brinquedo, livro de artista, artes visuais, arte-educação, ilustração e edição de livros. Disponível em: <https://integra.iftm.edu.br/portfolio/pessoas/helio-aparecido-lima-silva>. Acesso em: 04 jul. 2023.

Figura 53 – Crianças com uma imagem de Hélio de Lima, identificando pontos, cores, formas.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

Figura 54 - Pintura de observação com guache observando a obra *Futebol*, de Cândido Portinari.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

Como forma de estimular e explorar os sentidos das crianças na Educação Infantil, muitos professores de arte usam a guache, a qual apresenta pontos positivos por geralmente ter cores vivas que agradam o olhar das crianças, ter variedade de cores, ser fácil de manipular e de obter outros tons por meio da mistura das tintas. E sua opacidade permite uma boa cobertura em qualquer fundo, o que favorece a produção das fotos dos trabalhos, por ser fosca e não refletir a luz.

Entretanto, nem sempre existe esse material disponível nas escolas, e na maioria das vezes temos que pedir para os pais comprarem, o que não é viável, pois nem todos têm condições de fazê-lo.

Por ser à base de água e secar rapidamente, acredita-se que ela é inofensiva à nossa saúde; mas, sabemos que é uma tinta industrializada e que, mesmo sendo preparada para ser utilizada por crianças, possui química.

Nesse tempo de docência, já presenciei muitos alunos intolerantes à guache, ficando assim impossibilitados de participar das aulas de pintura, ou tendo que usar outros materiais. Em um artigo publicado por Rocha; Nunes; Oliveira & Santos (2021), podemos ler que:

[...] a presença de compostos químicos tóxicos em algumas tintas pode causar um dano à saúde de crianças, visto que boa parte delas tem contato com esse tipo de material durante a sua infância, sem que os pais se atentem se a tinta é realmente indicada para o público infantil (Rocha; Nunes; Oliveira; Santos, 2021, p. 11).

Nesse sentido, Werneck (2010) elenca os componentes do guache:

Goma arábica, hidromel ou glicose, agente umectante (fel de boi), glicerina (utilizada para aumentar a plasticidade da tinta), dextrina (em pouca quantidade para não alterar os pigmentos, suaviza a textura das pinceladas quando a tinta é usada mais espessa), conservante/ aromatizante: fungicidas, como óleo de cravo, desempenham esse duplo papel (Werneck, 2010, p. 12):

Existem várias marcas de guache, algumas conhecidas, outras não. Na hora da compra, nos atentamos aos valores, esquecendo-nos de ver a quantidade de cada elemento presente na tinta, sua qualidade e segurança para a saúde da criança. Faço um alerta: ao adquirir uma tinta para trabalhar com as crianças é sempre bom olhar uma marca bem reconhecida.

Em virtude dos fatos mencionados, ofereci o pigmento mineral terra como uma alternativa de pintura para os alunos, que, no primeiro contato, brincaram, sentiram sua textura, fizeram bolinhos de terra, bateram-lhe as mãos, deixando marcas. Alguns ficaram deslumbrados, outros nem tanto, pois não queriam “sujar mãos e pés”. Nesse sentido, Uribe (2016) afirma que: “Reconhecer com os pés e mãos a terra seca, molhada, a areia, a argila, a terra do cultivo, a terra do formigueiro, a terra dos tijolos e a terra das cerâmicas, sempre estiveram presentes em minha vida, desde a minha infância” (Uribe, 2016, p. 68). As crianças são espontâneas e curiosas; e atualmente muitas moram em apartamento e, provavelmente por isso, algumas tiveram resistência em tocar o chão. Entretanto, houve um relato marcante, no qual uma criança disse: “Professora Alexandra, essa aula foi a melhor aula de todas!”. Essa frase ficou gravada em minha memória. Uma atividade que parecia simples causou um impacto positivo nessa criança.

Quando lavaram as mãos, as crianças viram o pigmento escoando lavatório abaixo e perceberam que a água estava colorida no início da lavagem, ficando incolor à medida que o pigmento saía. Algumas crianças falaram que a água estava marrom; outras, vermelha – isso variava de acordo com a cor do pigmento que elas estavam usando para desenhar. Foi aí que continuei a explicar que o pigmento que estava nas suas mãos, que elas chamavam de “sujeira”, poderia virar tinta para fazer pinturas. Com relação a essa palavra, em alguns momentos o que vemos aqui como pigmento é considerado “sujeira”, realmente. No entanto, nesta pesquisa o pigmento será usado como têmpera para elaboração dos trabalhos.

Os pigmentos minerais existem desde o início dos tempos. Na pré-história os seres humanos já usavam esse recurso para pintar paredes e tetos das cavernas. Com o tempo, as têmperas passaram por diversas transformações e hoje, para terem maior durabilidade, adicionam-lhes produtos químicos, que podem fazer mal à nossa saúde e ao meio ambiente.

Por sua vez, as têmperas à base de pigmentos minerais são fáceis de fazer; são econômicas, praticamente sem custo, pois a natureza nos oferece pigmentos com abundância; e são atóxicas. Para obter tais têmperas precisamos de dois componentes básicos: o pigmento, que fornece a cor; e o aglutinante, que lhes confere consistência e dá liga, agindo como uma cola que une as partículas do pigmento, fixando a tinta ao suporte escolhido. Sem água elas ficam muito duras e, se colocarmos pouca terra, ficam muito brilhantes.

Como estamos falando de crianças do 2º Período da Educação Infantil (cinco a seis anos), essa tinta pode ser a menos tóxica possível para ser utilizada por elas. Conforme afirma Góis (2016, p. 06), “As tintas de terra são produzidas através de processo físico sem auxílio de meio químico e com baixo uso de energia. Ademais durante a transformação em produto final não há emissões tóxicas”.

Para trabalhar com crianças, temos como opções de aglutinantes a cola vinílica (cola branca)⁴³, o ovo⁴⁴, a *Aloe vera*⁴⁵, além de outros. Temos que pensar em um aglutinante que não cause risco à saúde dos alunos e seja acessível para todos. Desse modo, desde o início da docência, optei por não usar nada relacionado a alimentos nas práticas de arte. Seria incoerente de minha parte trabalhar com alimentos, vendo que muitas crianças que vão para as escolas públicas não têm o que comer em casa.

Portanto, o aglutinante ovo, que é um alimento, entra na pesquisa apenas como exemplo para caso no futuro alguém queira utilizá-lo, ou seja, não será usado nesta pesquisa. Para obter as tintas usaremos a cola vinílica e a *Aloe vera*. Sabemos que o pigmento mineral mais o aglutinante e a água dão origem a uma tinta. A tinta à base de cola vinílica resulta em um pigmento pastoso, podendo-se adicionar água até adquirir a consistência desejada. A tinta vinílica adere bem nos suportes papel, tela, madeira, tecidos diversos.

Mesmo a cola vinílica sendo industrializada, seu solvente é água. Diante da minha carreira como docente, creio ser o mais indicado para preparar essa tinta, visto que até o momento não presenciei nenhum caso de alergia a esse produto. Além disso, é de fácil manuseio e as crianças já estão familiarizadas, pois a cola vinílica faz parte do cotidiano delas.

As pinturas com esse pigmento ficam com cores puras, não se soltam do suporte e secam rápido. A mistura dura por alguns dias, se bem tampada; do contrário, o prazo de validade é de dois dias, pois a tinta seca e a água tende a evaporar. Conforme Werneck (2010, p. 25):

⁴³ Cola branca: é um produto formado através da mistura do polímero sintético chamado poliacetato de vinila com algumas outras substâncias químicas, e tem água (H₂O) como seu principal solvente, mais prático. Disponível em: <https://www.auditorioibirapuera.com.br/qual-a-diferenca-de-cola-branca-e-cola-pva/>: Acesso em: 08 jul. 2023.

⁴⁴ Ovo: Nesta técnica utiliza-se uma tinta feita a partir da mistura do pigmento com um aglutinante feito a partir da mistura de água e, normalmente, gema de ovo. Isso porque às vezes também utiliza-se o ovo inteiro, mas o mais comum é descartar a clara. Disponível em: <https://abra.com.br/artigos/tempera-a-tecnica-que-usa-gema-de-ovo-na-tinta/>: Acesso em: 24 abr. 2024.

⁴⁵ *Aloe vera*: mais conhecida popularmente por babosa, é uma espécie de planta suculenta do gênero *Aloe*. Cresce em climas tropicais ao redor do mundo e é cultivada para usos agrícolas e medicinais. Também é usada para fins decorativos e cresce com sucesso dentro de casa como uma planta em vaso. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Aloe_vera: Acesso em: 08 jul.2023. Ver também: E-DUCATIVO, Ateliê Científico. **Pigmento Mineral**, ed. 06. ago. 2021. Disponível em: https://mmgerdau.org.br/site2021/wp-content/uploads/2023/11/e-ducativoateliemocientifico_pigmentomineral.pdf. Acesso em: 23 set. 2023.

Esse tipo de têmpera é muito resistente e de certa forma fácil de usar. Seu acabamento é mais fosco e aveludado do que a têmpera a ovo, e ao secar, ela torna-se indelével, podendo ser retocada com tintas a óleo ou têmpera à base de ovo e óleo.

Nas atividades com as crianças, em alguns momentos os desenhos foram feitos usando-se somente os pigmentos secos e molhados, sendo que com ambos elas traçaram as linhas com as pontas dos dedos. Exploramos a área externa da escola, as crianças pegavam o pigmento e o esfregavam no papel, dando-lhe a forma desejada. Com o pigmento seco as linhas dos desenhos ficaram suaves, soltando o excesso de pó, ficando só a cor marrom. O pigmento molhado adere melhor que o seco ao papel. Ele também libera o excesso de pó depois de seco, mas a visibilidade da imagem é melhor. Ao longo do processo as crianças disseram que o pigmento molhado era vermelho e, quando secava, ficava marrom. Nesse caso não é necessário o uso do aglutinante.

Vale mencionar ainda o uso do pigmento mineral com o aglutinante *Aloe vera*, mais conhecido como babosa, e água, que resulta em um pigmento diferente da têmpera vinílica: ele é um pouco mais líquido, viscoso, numa consistência semelhante ao gel da *Aloe vera*. Depois de preparada, essa têmpera dura poucos dias. Quanto à secagem, varia de acordo com o suporte. As pinturas dentro de sala de aula foram feitas em papel, madeira crua e madeira preparada. Observando o processo de secagem junto com as crianças, percebi uma variação de tempo de aproximadamente duas horas para o papel; na madeira, de duas horas e meia a cinco horas, na razão da quantidade de têmpera colocada pela criança. Depois de seco, esse tipo de têmpera craquelou em alguns trabalhos.

A (Fig. 55) mostra a imagem das crianças preparando a têmpera com aglutinante *Aloe vera*, e a Figura 56, a têmpera pronta. Na (Fig. 57) vemos as crianças sentindo a textura da *Aloe vera* e, na (Fig. 58), crianças fazendo a pintura na madeira usando o aglutinante *Aloe vera*.

A (Fig. 59) mostra os trabalhos na madeira com a têmpera molhada. As pinturas na madeira depois de secas estão na (Fig. 60). As (Figs. 61 e 62) apresentam pinturas feitas no papel com a têmpera tanto molhada, quanto seca.

Figura 55 - Crianças preparando a têmpera de *Aloe vera*.



Fonte: Acervo da autora.
Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 56 – Têmpera de *Aloe vera*.



Fonte: Acervo da autora.
Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 57 - Crianças sentindo a textura da *Aloe vera*.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 58 - Crianças fazendo pintura na madeira com a têmpera de *Aloe vera*.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 59 - Pintura com têmpera de *Aloe vera* molhada / A.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 60 - Pintura com têmpera de *Aloe vera* seca / A.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 61 - Pintura com a têmpera de *Aloe Vera* molhada / B.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 62 - Pintura com têmpera de *Aloe Vera* seca / B.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Fica a evidência de que os pigmentos minerais não apresentam uma mistura homogênea com o aglutinante de *Aloe vera*. Percebemos que em alguns pigmentos a têmpera talha, e não houve uma boa absorção nos suportes propostos até então. Mas é uma opção de aglutinante natural que, mesmo com essas reações, dá para ser trabalhado nas atividades de arte.

Até o presente momento, ainda que com os acontecimentos at picos, os resultados são satisfatórios. Podemos dizer que as crianças estão em ritmo normal, adaptaram-se   rotina da escola e ocorreu a socialização com os colegas – não como antes da pandemia, penso que para isso acontecer levará mais tempo. As crianças gostam de fazer atividade com esse pigmento. Percebo que esse contato com os pigmentos minerais e o espaço externo da escola faz com que as crianças tenham um desempenho melhor nas atividades.

2.3.1 Coleta feita pelas crianças

A coleta dos pigmentos minerais aconteceu em quatro momentos, começando no ano de 2022. A etapa inicial aconteceu no primeiro semestre, no espaço escolar, onde as crianças e a professora coletaram pigmentos em alguns pontos da instituição.

Nesse caminhar dentro da EMEI Prof a. Carmelita Vieira dos Santos, conseguimos três tons de pigmento diferentes: preto, vermelho e marrom, cada um

vindo de um local. Boa parte do pigmento coletado no ambiente escolar foi transformada em têmpera para produção do trabalho de arte das crianças. O pigmento preto estava próximo a uma raiz de uma árvore; o vermelho, próximo ao local onde elas brincam, chamado de “trepá-trepá”; e o pigmento marrom, no parque e no Cantinho da Natureza. Nessa exploração as crianças perceberam que a cor de pigmento mineral predominante foi a marrom.

As (Figs. 63 e 64) mostram as crianças coletando com as mãos o pigmento no espaço aberto da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos.

Figura 63 - Coleta de pigmento na EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos / A.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

Figura 64 - Coleta de pigmento na EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos / B.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

Esse processo de coleta na escola aconteceu diversas vezes. Sempre que saíamos para alguma prática na área externa, se necessário as crianças coletavam o pigmento para usar em seu trabalho. A BNCC diz que “As crianças devem ser estimuladas a explorar livremente, porém, em contextos cuidadosamente planejados pelo professor.” (Brasil, 2018, p. 24).

A (Fig. 65) mostra outro momento de coleta na escola.

Figura 65 - Coleta em outros momentos na EMEI Prof^a. Carmelita Vieira dos Santos.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

A segunda coleta aconteceu com a participação das famílias. Nessa etapa foi encaminhado um bilhete, solicitando que a criança coletasse pigmentos minerais em locais que frequenta com a família. Essa coleta começou no mês de abril de 2022, com orientação para que fossem colocados em cada amostra o nome da criança, o local da coleta e a data. Saliento que não há limite de data para essa ação, ficando o aluno livre para coletar em todo o processo do projeto.

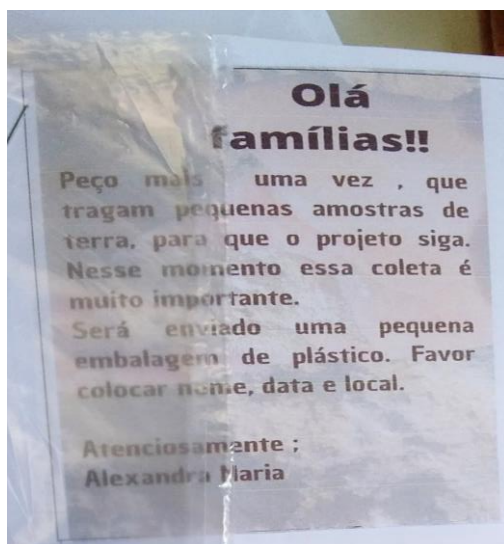
Nesse contexto, o que mais me encantou foi o empenho de algumas famílias em trazer mais de três amostras. Na reunião de pais surgiram várias perguntas, inclusive uma intrigante – uma mãe perguntou: “Como que eu faço para tingir a terra?” – porque, como eu já havia levado algumas amostras de terra com cores diferentes para dentro da sala de aula, o filho comentara que tinha que tinha terras coloridas, porque a professora Alexandra havia levado terras de outras cores. Outras perguntas:

“Onde consigo encontrar terra de cor diferente?”, “Pode ser qualquer terra?”. Aqui os pais se referiam ao pigmento como terra.

Vale ressaltar que houve criança que trouxe duas amostras, três, quatro, e houve José André Ramos de Castro, de seis anos, que durante o recesso de julho do ano de 2022 coletou pigmentos em todos os lugares por onde foi com a família, resultando em um total de 12 cores diferentes. E José André continua com a coleta de pigmentos no ano de 2023. Ele trouxe duas cores que coletou na casa de sua avó, nas cores amarela e rosa.

As famílias tiveram todo o cuidado de separar as cores e etiquetar as amostras conforme se solicitou. Depois de todo o processo, começamos o preparo dos pigmentos, e essa coleta continua no ano de 2023. Para as crianças foi pura diversão: elas peneiraram, coaram, maceraram e viram a diferença do pigmento limpo, sem resíduos da natureza como pedras, folhas, galhos. Depois guardaram o pigmento em garrafinhas com a ajuda de uma colher de plástico e um funil de silicone. Podemos ver uma parte desse processo na (Fig. 66), que mostra um dos bilhetes enviados às famílias.

Figura 66 - Um dos bilhetes enviado às famílias das crianças da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

Nas (Figs. 67, 68 e 69), pigmentos coletados pelas crianças e suas famílias.

Figura 67 - Pigmento coletado pela criança José André Ramos de Castro em suas férias de julho de 2022 / A.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

Figura 68 - Pigmento coletado pela criança José André Ramos de Castro, em suas férias de julho de 2022 / B.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

Figura 69 - Pigmento coletado pela criança Heitor em junho de 2022.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

A criança Kaique Caixeta Melo⁴⁶, de seis anos, foi a única que trouxe o pigmento em forma de torrões de pedra e pó, coletando no total oito cores diferentes no bairro Shopping Park, na cidade de Uberlândia (Figs. 70 e 71).

Figura 70 – Pigmento coletado pelo aluno Kaique Caixeta Melo em suas férias de julho de 2022 / C.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

Figura 71 - Torrões coletados pela criança Kaique Caixeta Melo (2022).



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

⁴⁶ As famílias de Kaique Caixeta Melo e José André Ramos de Castro – mencionado logo adiante –, muito participativas em todo o processo, autorizaram a escrita integral dos nomes das crianças.

As crianças coletaram o pigmento mineral em pó e somente o Kaique Caixeta Melo trouxe torrões de pigmento. Em casa ele mesmo triturou uma parte, com a ajuda da mãe, e trouxe uma porção do pigmento em pó, também.

As crianças continuam com suas coletas. Algumas, agora com o olhar aguçado, estão trazendo outras cores, e o mais interessante: do mesmo lugar onde elas haviam ido da primeira vez; porém, não tinham visto cores diferentes que não os pigmentos marrom e vermelho. Uma criança trouxe amarelo, cinza e rosa desse dito primeiro local, chegando toda feliz por ter encontrado outras cores. E ainda disse: “Eu achei as mesmas cores que a professora Alexandra!” – isso porque eu havia levado cores parecidas para eles no decorrer das aulas. Como ela é uma criança curiosa e participativa, disse que iria trazer outras cores, quando fosse à fazenda da avó, para fazermos pinturas.

O que interessa é que, do começo do projeto até agora, as crianças tiveram um bom desempenho em relação à coleta. Muitas, até mesmo na área externa da escola, conseguem ver outras cores de pigmentos, porque passaram a explorar esse espaço durante algumas aulas, durante coletas, em brincadeiras e interação com os pigmentos em atividades direcionadas e livres – utilizo a palavra “livres” no sentido de deixar a criança se aventurar e criar naquele espaço e naquela ocasião, ao passo que vou contextualizando o momento com imagens, vídeos e com as amostras de pigmentos coletados por elas, por mim e por outras pessoas.

Nessa linha de pensamento, a BNCC aponta ser importante “Uma Educação Infantil que está alinhada ao jeito de as crianças estarem no mundo e se desenvolverem e que, fundamentalmente, confia na competência de as crianças aprenderem e se desenvolverem” (Brasil, 2018, p. 36).

Como resultado do que foi realizado até o momento, apresento em forma de quadros as coletas de pigmentos minerais feitas pelas crianças. Vale ressaltar que neste não constará a primeira coleta trazida pela criança José André Ramos de Castro, nem a coleta da criança Heitor. Nesses casos, inseri as respectivas imagens nas (Figs. 67, 68 e 69), mostrando a forma como foram etiquetados e guardados esses pigmentos.

No entanto, a segunda coleta feita por Jose André Ramos de Castro em 2023 consta no Quadro 01. Nicole é outra criança que também já fez três coletas, ela já havia sido mencionada neste trabalho anteriormente. E a criança Kaique Caixeta Melo continua com sua coleta: desta vez trouxe três cores de pigmentos, uma amarela em

forma de torrão, uma marrom-claro em pó e outra preta, que é pó de basalto, além de uma pequena pedra. Kaique chegou todo empolgado dizendo que havia trazido uma pedra amarela, a qual havia coletado com seu pai no final de semana no bairro Morada dos Pássaros e que só entraria na sala de aula quando sua mãe entregasse a pedra. Ela era pesada e ele não conseguia carregar. A entrega dessas três amostras deixou as crianças curiosas, todas queriam tocar a pedra amarela e, à medida que faziam isso, ficavam com as mãos amarelas e diziam que era macio e a cor era bonita. A cor preta, Kaique ganhara na visita realizada com a mãe à Fazendinha do Camuru em 2023, na cidade de Uberlândia-MG.

Quadro 01 - Coletas feita pelas crianças

NOME	LOCAL DA COLETA	ANO	FOTO
Valentina	Indianópolis-MG	2022	
Valentina	Indianópolis-MG	2022	
Valentina	Indianópolis-MG	2022	

Vinicius	Roça da vovó (MG)	2022	
Theo Lucas	Uberlândia-MG	2022	
Theo Lucas	Uberlândia-MG	2022	
Gleisson	Fazenda Tia Rosa (MG)	2022	
Gleisson	Uberlândia-MG	2022	
Hadassa	Uberlândia-MG	2022	

Hevellyn	Uberlândia-MG	2022			
Hevellyn	Uberlândia-MG	2022			
Willyan	Uberlândia-MG	2022			
Willyan	Uberlândia-MG	2022			
Nicole	Monte Carmelo-MG Fazenda da avó	2022			
Nicole	Monte Carmelo-MG Fazenda da avó	2023			

Nicole	Monte Carmelo-MG Fazenda da avó	2023	
Nicole	Monte Carmelo-MG Fazenda da avó	2023	
Diulha	Uberlândia-MG	2022	
Diulha	Uberlândia-MG	2022	
Aitana	Uberlândia-MG	2022	

Vitória	Uberlândia-MG	2022	
Mauricio	Uberlândia-MG	2022	
Mauricio	Uberlândia-MG	2022	
Ana Julya	Uberlândia-MG	2022	
Ana Julya	Uberlândia-MG	2022	

Maria Julia	Uberlândia-MG	2022	
Maria Julia	Uberlândia-MG	2022	
Maria Julia	Uberlândia-MG	2022	
Maria Julia	Uberlândia-MG	2022	
Kaique	Uberlândia-MG	2022	

Kaique	Uberlândia-MG	2022		
Kaique	Uberlândia-MG	2022		
Kaique	Uberlândia-MG	2022		
Kaique	Uberlândia-MG	2022		
Kaique	Uberlândia-MG	2022		

Kaique	Uberlândia-MG	2022		
Kaique	Uberlândia-MG	2022		
Kaique	Uberlândia-MG	2023		
Kaique	Uberlândia-MG	2023		
Kaique	Uberlândia-MG	2023		
Kaique	Uberlândia-MG	2023		

Heitor	Uberlândia-MG	2022	
Isaac	Uberlândia-MG	2022	
Arthur	Uberlândia-MG	2022	
José André	Abadiânia-GO	2023	
José André	Abadiânia-GO	2023	

Lucas Emanuel	Uberlândia-MG	2022	
Miguel Rodrigues	Uberlândia-MG	2022	
Miguel Rodrigues	Parque do Sabiá Uberlândia-MG	2022	
Enzo Arantes	Uberlândia-MG	2022	
Felipe Henrique	Usina de Miranda 2 Uberlândia-MG	2022	

Felipe Henrique	Usina de Miranda 2 Uberlândia-MG	2022	
Maria Gabrielly	Uberlândia MG	2022	

Fonte: Elaborado pela autora a partir das coletas realizadas pelos alunos (2023).

2.3.2 Coletas feitas pela professora autora da pesquisa

O terceiro momento da coleta ocorre em lugares por onde viajei, no estado de Minas Gerais. Início citando a minha visita à Fazenda Santa Luzia, situada no município de Estrela do Sul-MG, que para mim é de destaque, por possuir uma variedade de cores, já que em um único barranco consegui quatro diferentes: o branco, o amarelo, o bege e o rosa. O pigmento desse local é rico em tonalidades, pois fiz essa coleta em uma única tarde. Desse modo, mostro, nas (Figs. 72 e 73), a imagem do barranco onde coletei tais pigmentos e eles, já acondicionados em garrafas pet.

Figura 72 - Barranco da Fazenda Santa Luzia – Gameleira-MG.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

Figura 73 - Pigmentos branco, amarelo, bege e rosa retirados do barranco da Fazenda Santa Luzia.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

Outra cidade que teve o pigmento coletado foi Indianópolis-MG. Nela consegui o vermelho-escuro, um pigmento argiloso, típico da região. O local da coleta marca uma parte de minha adolescência e vida adulta, pois a amostra foi retirada no quintal da casa de minha avó materna – por isso ela ficou fora do quadro. Assim sendo, deixo registrado o pigmento na (Fig. 74).

Figura 74 – Pigmento coletado no quintal na casa de minha avó, na cidade de Indianópolis-MG.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

Outras cores de pigmentos foram adicionadas ao acervo durante as minhas andanças e viagens culturais pelo estado de Minas Gerais. Em São João Del-Rei-MG, recolhi uma única cor, o rosa-suave. Tiradentes-MG, onde as cores são bem parecidas, todas puxadas para os tons de bege: lá coletei as cores: bege, bege-escuro, bege-suave e caramelo. Em Bichinho-MG, obtive o amarelo-escuro e o amarelo-claro. Do Sítio Nossa Senhora da Abadia (MG), trouxe sete cores: marrom-claro, preto, bege-escuro, ocre-escuro, cinza-escuro, rosê, vermelho-médio. Em Juiz de Fora-MG, captei três cores em três locais diferentes da cidade: amarelo, marrom-claro e vermelho-claro. Os pigmentos coletados nas cidades de São João Del-Rei, Tiradentes e Bichinho possuem uma textura macia, pois os grânulos são finos. Já os pigmentos de Juiz de Fora possuem texturas diferentes: grânulos finos, um argiloso e grânulos maiores. O mesmo acontece com os pigmentos coletados no Sítio Nossa Senhora da Abadia, cujas texturas vão de argilosos, grânulos finos, a grânulos grandes, o que facilita a produção de têmperas variadas.

As coletas seguem adiante, agora em dois bairros de Uberlândia-MG. No Bairro Granja Marileuza, existe uma grande variedade de cores de pigmentos. O que me chamou atenção logo de início foram os barrancos coloridos do local. À medida que ia coletando, surgiam novas cores e, até o momento, já consegui oito delas, com tonalidades bem diferentes: cinza-claro, rosa, vermelho-sangue, bege-claro, vermelho-escuro, preto, vermelho-médio, roxo, todos com texturas bem parecidas, de grânulos médios; nenhum argiloso. Encontrei três cores de pigmentos no Bairro Tibery, todas com texturas médias em tons de vermelho.

Outras cores foram coletadas em Sacramento-MG e seu entorno: branco, rosa-claro, rosa-médio, rosa-escuro, bege-claro, marrom-avermelhado-médio, cinza-médio, laranja; e em Desemboque-MG: branco e rosa; e outra amostra na estrada do Sítio Santa Luzia-MG na cor vermelho. Sempre que passo por algum lugar que tenha cores de pigmentos com tons diferentes, estes entram para a paleta de cores, sendo essa operação realizada de forma que não cause danos à natureza. Em relação a essa atitude, Uribe (2016) afirma que:

[...] o cuidado com a terra está enquadrado numa perspectiva em que o estar nela significa preservá-la contra danos e ameaças, como também deixá-la estar em liberdade em uma perspectiva radical de cuidado – a ela e todos os seres – o qual está em consonância com a essência do nosso meio ambiente (Uribe, 2016, p. 35).

Compartilho as imagens dessas cores no Quadro 02 e, para finalizar esta parte, deixo nas (Figs. 75, 76 e 77) imagens de coletas feitas na região de Uberlândia no ano de 2022.

Figura 75 - A autora Alexandra Cardoso coletando o pigmento vermelho.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

Figura 76 – Coleta de pigmento cinza.

Fonte: Acervo da autora.
Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

Figura 77 - Coleta de pigmento vermelho.

Fonte: Acervo da autora.
Fotografia: Geovanna Cardoso (2022).

Quadro 02 – Coletas da professora

LOCAL DA COLETA	ANO	FOTO
Tiradentes-MG	2022	
São João Del-Rei-MG	2022	
Tiradentes-MG	2022	

Bichinho-MG	2022			
Tiradentes-MG	2022			
Tiradentes-MG	2022			
Bichinho-MG	2022			
Juiz de Fora-MG Cristo	2022			
Juiz de Fora-MG Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF	2022			

Juiz de Fora-MG Museu Mariano Procópio	2022			
Sítio Nossa Sra. Abadia Município de Nova Ponte-MG	2022			
Sítio Nossa Sra. Abadia Município de Nova Ponte-MG	2023			
Sítio Nossa Sra. Abadia Município de Nova Ponte-MG	2023			
Sítio Nossa Sra. Abadia Município de Nova Ponte-MG	2022			
Sítio Nossa Sra. Abadia Município de Nova Ponte-MG	2022			

Sítio Nossa Sra. Abadia Município de Nova Ponte-MG	2023			
Sítio Nossa Sra. Abadia Município de Nova Ponte-MG	2023			
Uberlândia-MG Bairro Granja Marileuza	2022			
Uberlândia-MG Bairro Granja Marileuza	2022			
Uberlândia-MG Bairro Granja Marileuza	2022			
Uberlândia-MG Bairro Granja Marileuza	2022			

Uberlândia-MG Bairro Granja Marileuza	2023			
Uberlândia-MG Bairro Granja Marileuza	2023			
Uberlândia-MG Bairro Granja Marileuza	2023			
Uberlândia-MG Bairro Granja Marileuza	2023			
Uberlândia-MG Bairro Granja Marileuza	2023			
Uberlândia-MG EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos	2022			

Uberlândia-MG EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos	2022		
Uberlândia-MG EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos	2022		
Uberlândia-MG EM Emílio Ribas	2022		
Uberlândia-MG EM Emílio Ribas	2022		
Uberlândia-MG EM Emílio Ribas	2022		
Uberlândia-MG Bairro Tibery	2023		

Uberlândia-MG Bairro Tiberi	2023			
Uberlândia-MG Bairro Tiberi	2023			
Fazenda Santa Luzia Município de Gameleira-MG	2022			
Fazenda Santa Luzia Município de Gameleira-MG	2022			
Fazenda Santa Luzia Município de Gameleira-MG	2022			

Fazenda Santa Luzia Município de Gameleira-MG	2022			
Serra das Gerais Município de Sacramento-MG	2023			
Serra das Gerais Município de Sacramento-MG	2023			
Desemboque-MG	2023			
Sacramento-MG Queijaria Senzala	2023			
Sacramento-MG BR 464 Km 378	2023			

Sacramento-MG BR 464 Km 378	2023	
Sacramento-MG Queijaria Senzala	2023	
Sacramento – MG BR 464 Km 378	2023	
Desemboque-MG	2023	
Estrada Fazenda Nossa Senhora da Abadia Município de Nova Ponte-MG	2023	
Uberlândia-MG Bairro Granja Marileuza	2023	

Uberlândia-MG Bairro Granja Marileuza	2023	
Uberlândia-MG Bairro Granja Marileuza	2023	
Uberlândia-MG Bairro Granja Marileuza	2023	
Uberlândia-MG Bairro Granja Marileuza	2023	
Uberlândia-MG Bairro Granja Marileuza	2023	

Fonte: Elaborado pela autora a partir de suas coletas em viagens (2023).

Torna-se de suma importância afirmar que à medida que vou elaborando as práticas com os alunos e vivenciando esses momentos com eles, sinto necessidade de avançar mais e mais na pesquisa, e saio à procura de outras tonalidades de cores de pigmento, para aumentar meu acervo e aprimorar o aprendizado das crianças.

Com isso, à proporção que vou fazendo as coletas e comentando com amigos sobre a pesquisa, alguns se interessam e passam a coletar e fazer doações de amostras de lugares por onde vão. Assim, o acervo de pigmentos vem crescendo gradativamente em função também de doações, enriquecendo a paleta de cores para utilizar nas atividades com as crianças.

Diante do andamento da pesquisa, eu, como pesquisadora, acho fundamental o professor estar em pesquisa não só na escrita e na prática, mas no processo – nesse caso, ir para o campo e fazer coleta de pigmentos, até mesmo para vivenciar esse momento. Entendo que seja uma forma de se colocar no lugar da criança e das famílias que estão fazendo as coletas. Com essa dinâmica fui sentindo a necessidade de ir em busca de novas cores, assim como algumas crianças, que chegavam e entregavam os pigmentos com todo entusiasmo, dizendo que haviam encontrado cores diferentes, parecidas com aquelas apresentadas em sala de aula. Em relação à coleta, Uribe (2016) afirma que

Ir à busca da terra foi fundamental para que pudesse sentir o que é coletar o material e presenciar a sua história, de modo que ao pensar a obra, essa vivência com o trabalho de campo me daria mais familiaridade com a terra como matéria e também a sua carga simbólica, considerando as histórias que as pessoas me relatavam sobre a terra (Uribe, 2016, p. 76).

Dessa forma, na hora da coleta do pigmento mineral tivemos em comum o vivenciar do momento, para chegarmos ao nosso objetivo final que, no meu caso, seria a produção de têmperas com as crianças da Educação Infantil.

Assim, penso que seja uma forma de estimular e incentivar as crianças, já que, à medida que elas preparavam os pigmentos e realizavam as práticas, percebiam novas cores e se encantavam, pois não imaginavam ser possível encontrar essa variedade de cores de pigmentos na natureza. O mesmo acontecia quando as cores eram apresentadas a elas durante as aulas.

Outro ponto que informo aqui é que também estou me tornando doadora de pigmentos. Até o momento fiz doação para o acervo de minha orientadora, Dr^a. Ana

Helena da Silva Delfino Duarte⁴⁷, e para um educador físico, Arthur Damasceno Ribeiro de Oliveira Leite⁴⁸.

2.3.3 Coletas indiretas

A coleta de pigmentos minerais para uso docente por esta profissional está em andamento, tendo iniciado em 2017. Desde então já recebi pigmentos minerais de alguns estados do Brasil. São doações vindas de familiares, amigos e de meus alunos do Ensino Fundamental II, da EM Prof. Domingos Pimentel de Ulhôa, que ficaram sabendo da minha pesquisa e quiseram contribuir.

A primeira doação foi feita pelo meu cunhado Ednaldo Cesar da Silva, que trouxe o pigmento mineral de cor verde chamado verdete, da cidade Cedro do Abaeté-MG. Esse foi um dos pigmentos que mais despertaram a curiosidade das crianças, por ser verde, saindo das cores convencionais que elas conhecem. Esse pigmento é uma rocha dura, porém, fácil de triturar. Após a trituração, seu pó fica com uma tonalidade acinzentada, voltando ao tom verde quando preparada a têmpera para

47 Ana Helena da Sila Delfino Duarte: (Aninha Duarte). Doutora em História Social PUC/SP com estágio na Universidade de Évora. Profa. No curso de Graduação em Artes Visuais/UFU e na Pós-Graduação IARTE/UFU e Museologia – UFBA/PPG Museu. Recebeu amostras coletadas na Fazenda Santa Luzia e do Bairro Granja Marileuza, da cidade de Uberlândia MG.

48 Arthur Damasceno Ribeiro de Oliveira Leite: Mestre em Filosofia pelo Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia (Filosofia Moderna e Contemporânea). Doutorado em andamento, pela Universidade Federal de Uberlândia. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/4869975/arthur-damasceno-ribeiro-de-oliveira-leite>: Acesso em: 11 out. 2023. Ficou sabendo da pesquisa, e interessou-se pela forma como venho utilizando os pigmentos com as crianças na escola e gostaria de fazer essa prática com suas filhas, ambas com 2 anos e 10 meses de idade. Foram doadas 12 cores de diversos lugares já citados antes.

pintura. Conforme explica Duarte (2019, p. 22), “O verdete é uma rocha constituída de glauconita⁴⁹, feldspato⁵⁰, potássio⁵¹, albita⁵² e mica branca⁵³”.

Outras amostras de pigmento vieram da cidade Catalão-GO. Trata-se de um pigmento de cor amarela, argilosa e, com esse pigmento, veio uma amostra de rocha chamada nióbio de ferro, cujo brilho atrai o olhar das crianças. Esses pigmentos vieram pelas mãos de Marcos Luiz Vieira, que trabalha em uma mineradora na referida cidade e não mediu esforços para fazer essa doação. Essa foi outra cor que cativou as crianças, por ser forte e de fácil aderência.

Temos também amostras de pigmentos que são rochas vindas de Curitiba-PR: calcita laranja, sodalita, quartzo verde, quartzo branco, ônix, cianita negra e pirita, doadas por Lausane Pastre, sogra da minha irmã, que soube da pesquisa e enviou as rochas de minério como presente.

Ganhei do meu cunhado Elvandro Marques de Souza a rocha selenita branca, coletada na Usina de Miranda, próxima à cidade de Uberlândia, e duas cores de pigmentos das Chácaras Condomínio Paraíso, no município de Indianópolis-MG, nas cores rosa, da qual recebi a rocha e o pigmento triturado; e rosa-escuro; e a pedra calcedônia pura terra, da Usina de Miranda. Recebi uma pedra ametista de minha irmã Angela, coletada no município de Indianópolis na Represa de Miranda. Ainda, duas amostras de pigmentos em pó, nas cores cinza e marrom, vindas da Fazenda Água Santa, do município de Santa Juliana-MG. Esses pigmentos foram doados pela minha irmã Regina.

⁴⁹ Glauconita: é um mineral monoclinico, de cor verde, filossilicato hidratado de potássio e ferro. É uma fonte alternativa de potássio. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistageonomos/article/view/21851/17686>. Acesso em: 19 jul. 2023.

⁵⁰ Feldspato: grupo de minerais cuja composição química é descrita pela fórmula (K, Na, Ca) (Si, Al) 4 O₈. São silicatos de alumínio contendo diferentes proporções de cálcio, potássio e sódio. Eles ocorrem em rochas graníticas e são os principais minerais dos pegmatitos, associados a diversos outros minerais. Disponível em: https://sistemas.anm.gov.br/publicacao/mostra_imagem.asp?IDBancoArquivoArquivo=8984. Acesso em: 19 jul. 2023.

⁵¹ Potássio: é um metal e o sétimo elemento mais comum na crosta terrestre. Ocorre em rochas, solos, oceanos e lagos. Disponível em: <https://cetesb.sp.gov.br/laboratorios/wp-content/uploads/sites/24/2020/07/Pota%CC%81ssio.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2023.

⁵² Albita: é um mineral, pertencente à família dos feldspatos plagioclásicos. É o extremo sódico da série das plagioclases, não contendo mais de 10% de anortita. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Albita>. Acesso em: 19 jul. 2023.

⁵³ Mica branca: é um mineral funcional com propriedades muito raras e exclusivas, que determinam sua funcionalidade de alto desempenho em diversos materiais como tinta, papel, borracha, plásticos, adesivos, eletrodos e outros. Disponível em: https://www.paintshow.com.br/artigos/art_tec_mica.pdf. Acesso em: 19 jul. 2023.

À medida que a pesquisa avança, chegam mais doações. Recebi 11 cores diferentes da minha cunhada Dayane de Souza Jacob, que, com sua filha Luiza, de quatro anos, fez a coleta na Fazenda Santa Luzia, pertencente a seus pais. O interesse em fazer essa coleta veio depois que mostrei a ela as quatro cores que havia coletado em um barranco, no local mencionado. Curiosa, em um fim de semana na fazenda, ela foi até o barranco e se surpreendeu com a quantidade de cores que conseguiu coletar. Durante a operação, Dayane enviou a foto do local, que consta na (Fig. 78).

Figura 78 - Barranco situado na Fazenda Santa Luzia – Gameleira-MG.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Dayane de Souza Jacob (2023).

Como demonstração do caminhar da pesquisa, apresento nos Quadros 03 e 04 as imagens dos pigmentos minerais mencionados, sendo que no Quadro 03 estão aqueles em forma de rocha e, no Quadro 04, os pigmentos em pó. Trago imagens de todas as doações recebidas até o momento. Tendo em vista as especificidades, resolvi deixar a imagem da coleta feita por Dayane de Souza Jacob na (Fig. 79) e apresentar os pigmentos um a um no Quadro 04.

Figura 79 - Pigmentos coletados e doados por Dayane Jacob, da Fazenda Santa Luzia, em Gameleira-MG.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

Outras doações de amostras de foram feitas por Cloves Moreira da Silva, vindas das cidades de Indianópolis-MG, Patrocínio-MG, Gameleira-MG, Campo Alegre de Goiás-GO, Santa Juliana-MG, Perdizes-MG, Monte Alegre-MG, Abadia dos Dourados-MG. São várias cores diferentes. Todas vieram em forma de torrões, dos quais uma parte foi triturada e peneirada e estão representadas no Quadro 04. As cores dos pigmentos estão nas (Figs. 80 e 81).

Figura 80 - Pigmentos doados por Cloves Moreira da Silva / A.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Cloves Moreira da Silva (2022).

Figura 81 - Pigmentos doados por Cloves Moreira da Silva / B.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Cloves Moreira da Silva (2022).

Quadro 03 - Rochas doadas

NOME	LOCAL DA COLETA	ANO	NOME DA ROCHA	IMAGEM
Ednaldo Cesar da Silva	Cedro do Abaeté-MG	2017	Verdete	
Marcos Luiz Vieira	Catalão-GO	2022	Nióbio de ferro	

Lausane Pastre	Curitiba-PR	2022	Calcita laranja	
Lausane Pastre	Curitiba-PR	2022	Sodalita	
Lausane Pastre	Curitiba-PR	2022	Quartzo verde	
Lausane Pastre	Curitiba-PR	2022	Quartzo branco	

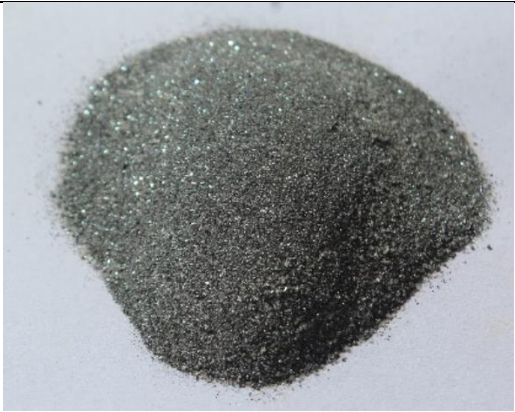
Lausane Pastre	Curitiba-PR	2022	Ônix	
Lausane Pastre	Curitiba-PR	2022	Cianita negra	
Lausane Pastre	Curitiba-PR	2022	Pirita	
Marileusa Reduccino	Uberlândia- MG	2023	Verdete	
Darli de Oliveira	Uberlândia- MG	2022	Verdete	
Elvandro Marques de Souza	Usina de Miranda – Uberlândia- MG	2023	Selenita branca	

Angela Maria	Represa de Miranda – Indianópolis MG	2023	Ametista	
Elvandro Marques de Souza	Represa de Miranda	2023	Calcedônia - Pura Terra	

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Quadro 04 – Pigmentos doados

NOME	LOCAL DA COLETA	ANO	IMAGEM
Marcos Luiz Vieira	Catalão-GO	2022	
Marileuza Reduccino	Uberlândia-MG	2023	

Marileuza Reduccino	Uberlândia- MG	2023	
Marileuza Reduccino	Uberlândia- MG	2023	
Marileuza Reduccino	Uberlândia- MG	2023	
Marileuza Reduccino	Uberlândia- MG	2023	

Marileuza Reduccino	Uberlândia- MG	2023	
Marileuza Reduccino	Uberlândia- MG	2023	
Marileuza Reduccino	Uberlândia- MG	2023	
Darli de Oliveira	Uberlândia- MG	2022	

Darli de Oliveira	Uberlândia-MG	2022	
Darli de Oliveira	Uberlândia-MG	2022	
Darli de Oliveira	Uberlândia-MG	2022	
Darli de Oliveira	Uberlândia-MG	2022	

Darli de Oliveira	Uberlândia-MG	2022	
Darli de Oliveira	Uberlândia-MG	2022	
Patrícia Badico	Fortaleza-CE	2022	
Leonardo	Uberlândia-MG	2022	

Gabriela	Uberlândia-MG	2023	
Cássia	Uberlândia-MG	2022	
Elisângela	Uberlândia-MG	2022	
Maycon	Uberlândia-MG	2022	
Leticia Souza	Uberlândia-MG	2023	

Letícia Souza	Uberlândia-MG	2023	
Theo	Uberlândia-MG	2022	
Ana Luiza	Uberlândia-MG	2023	
Veridiana	Vitória-ES	2022	
Dayane de Souza Jacob	Fazenda Santa Luzia – Gameleira-MG	2023	

Dayane Jacob	Fazenda Santa Luzia – Gameleira-MG	2023	
Dayane Jacob	Fazenda Santa Luzia – Gameleira-MG	2023	
Dayane Jacob	Fazenda Santa Luzia – Gameleira-MG	2023	
Dayane Jacob	Fazenda Santa Luzia – Gameleira-MG	2023	
Dayane Jacob	Fazenda Santa Luzia – Gameleira-MG	2023	

Dayane Jacob	Fazenda Santa Luzia – Gameleira-MG	2023	
Dayane Jacob	Fazenda Santa Luzia – Gameleira-MG	2023	
Dayane Jacob	Fazenda Santa Luzia – Gameleira-MG	2023	
Dayane Jacob	Fazenda Santa Luzia – Gameleira-MG	2023	

Regina Maria	Santa Juliana -MG Fazenda Água Santa	2023	
Regina Maria	Santa Juliana -MG Fazenda Água Santa	2023	
Elvandro Marques de Souza	Chácaras Condomínio Paraíso - Indianópolis- MG	2023	
Elvandro Marques de Souza	Chácaras Condomínio Paraíso- Indianópolis- MG	2023	

Elvandro Marques de Souza	Chácaras Condomínio Paraíso- Indianópolis- MG	2023	
Cloves Moreira da Silva	Santa Juliana- MG	2022	
Cloves Moreira da Silva	Monte Carmelo-MG	2022	
Cloves Moreira da Silva	Perdizes-MG	2022	
Cloves Moreira da Silva	Gameleira- MG	2022	

Cloves Moreira da Silva	Abadia dos Dourados-MG	2022	
Cloves Moreira da Silva	Viveiro Santa Helena – Indianópolis-MG	2022	
Cloves Moreira da Silva	Fazenda Nossa Senhora da Guia - Indianópolis-MG	2022	
Cloves Moreira da Silva	Patrocínio-MG	2022	
Cloves Moreira da Silva	Campo Alegre-GO	2023	

Cloves Moreira da Silva	Campo Alegre-GO	2023	
Cloves Moreira da Silva	Campo Alegre-GO	2023	

Fonte: Elaborado pela autora a partir das doações recebidas (2023).

Destaco que todos os pigmentos em forma de torrões coletados pela criança Kaique Caixeta Melo e as pedras doadas por Ednaldo Cesar, Lausane Pastre, Marcos Luiz Vieira e Elvandro foram apresentados às crianças. Elas sentiram suas texturas e ficaram encantadas com as cores das pedras e, quando falei que essas pedras, trituradas, podem virar pigmentos para fabricação de têmperas, elas arregalaram os olhinhos, fitando as pedras, curiosas, e perguntaram: “Como as pedras duras viram ‘terra’?”. O verdete foi apresentado em forma de pedra e pó, elas acharam “o máximo” e o bateram na mesa a fim de ver o pó. Fizeram o mesmo com o nióbio de ferro e constataram que ele solta um pó brilhante, que é característica da pedra, a qual também foi apresentada em forma de pó e as crianças acharam interessante, por ele ter brilho como a pedra e por ser “fininho”. Vale dizer ainda que as crianças puderam sentir o pigmento que se solta dos torrões doados pela criança Kaique. Para maior contextualização, nas (Figs. 82, 83, 84 e 85) apresento as imagens das crianças apreciando e sentindo as texturas dos pigmentos e encantadas com a cor deixada por eles em suas mãos.

Figura 82 - Crianças apreciando a cor e sentindo a textura das pedras coloridas / A.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 83 - Crianças apreciando a cor e sentindo a textura das pedras coloridas / B.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 84 - Criança com a mão cheia de pigmento dos torrões doados pela criança Kaique.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 85 – Criança com a pedra verde.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Nessa prática as crianças apreciaram as cores e as texturas das pedras, sabendo que, quando estas são trituradas, tornam-se o pigmento para pintura.

Com essas doações, entendi que muitos dos doadores despertaram para observar as cores dos pigmentos à sua volta a partir da minha pesquisa. Há quem esteja em contato com o pigmento o tempo todo e não havia se atentado à variedade de cores do local. É interessante ressaltar que alguns deles continuam nas coletas por lugares onde passam: “se tem cor diferente”, eles coletam.

A cor dos pigmentos realmente atrai, de forma que, quando começam as coletas, quem participa tende a aguçar o olhar e a permanecer sempre atento a novas cores. Percebo que essa pesquisa tem sido de grande valia, não só para minha coleção e uso em sala de aula com as crianças, e sim para todas as pessoas envolvidas.

2.3.4 Preparo das têmperas

Antes de começar a preparar os pigmentos para fazer a têmpera, pensei em todos os materiais que as crianças pudessem manusear nas ações necessárias, sem se ferir ou ferir os colegas.

O funil é de silicone, flexível, fácil de guardar. Por ser macio, também ajuda as crianças a sentirem as texturas e ir diferenciando uma da outra. As peneiras são de

plásticos coloridas. Estas já têm a textura áspera. Os medidores são de plástico de diversas cores, com cabos achatados, para evitar algum acidente, pois crianças são muito rápidas. Todos os objetos têm texturas diferentes.

O único de metal é o amassador de alho, que uso para macerar os torrões de pigmento. Nesse caso eu chamo uma criança por vez. Como alguns torrões são mais duros, outro tipo de amassador não resistiria. O borrifador de água ajuda na hora de verter esse líquido no recipiente e, dessa forma, as crianças conseguem colocar a quantidade de água desejada.

O Quadro 05 mostra a imagem dos materiais usados para o preparo do pigmento em sala de aula.

Quadro 05 - Material usado para preparo do pigmento

NOME	FOTO
Funil de silicone	
Peneiras	

Medidores	
Amassador de alho	
Borrifador de água	

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

O processo de preparo das têmperas acontece na escola, em sala de aula ou na área externa com as crianças, na hora de executar a prática proposta. Antes de chegar a esse processo, tivemos um momento só para macerar e peneirar os pigmentos trazidos por elas. Geralmente levo algumas cores de pigmentos, pensando em quem possa ter ficado sem realizar a coleta e para complementar a paleta de cores. Durante esse preparo os alunos maceram os torrões e peneiram o material, observando que nos pigmentos havia pedrinhas, toquinhos, restos de folhas e outros resíduos. Podemos ver imagens das crianças sentindo a textura dos materiais e preparando os pigmentos para serem usados nas (Figs. 86, 87, 88 e 89).

Figura 86 - Crianças sentindo a textura da peneira.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

Figura 87 - Criança peneirando o pigmento / A.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

Figura 88 - Criança peneirando o pigmento / B.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

Figura 89 - Criança guardando o pigmento.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

Dentro desse contexto, informo que, em casa, preparo uma parte dos pigmentos doados e levo para as crianças. Nesse caso eu deixo uma porção pronta e levo a outra para eles prepararem e verem a diferença do pigmento livre de resíduos da natureza. Isso nos leva a pensar o quanto esse contato com os pigmentos é prazeroso para as crianças, pois o processo acentua sua curiosidade e proporciona novos aprendizados. Depois de preparado, o pigmento é colocado em recipiente transparente e etiquetado com o nome da criança que o coletou, o local da coleta e a data. Algumas crianças já trazem o frasco identificado.

Com os pigmentos doados uso o mesmo processo: coloco o nome de quem fez a doação, o local e a data. Isso para que as crianças vejam as cores dos pigmentos e percebam a variação de cor de um local de origem para outro. É importante salientar que armazenando o pigmento dessa forma, fica fácil de encontrar a cor desejada na hora do preparo.

O processo de preparo final da têmpera é feito na hora da pintura, a própria criança coloca a medida de pigmento no recipiente, acrescenta a cola vinílica ou a *Aloe vera* e, por último, a água. Eles colocam a água com um borrifador ou medidor. Muitos assim o fazem por conta da coordenação motora, pois ainda não conseguem verter no recipiente a dosagem correta de água desejada. A (Fig. 90) mostra a imagem do local em casa, onde preparo parte dos pigmentos doados e dos coletados por mim.

Figura 90 - Local em casa onde preparo parte dos pigmentos doados e dos coletados por mim.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

É nesse local que preparo os pigmentos, mas nem todos os materiais usados com as crianças estão presentes na imagem, como, por exemplo, o borrifador usado para o preparo da têmpera.

Digo ainda que esta é a melhor parte da pesquisa para mim. Fico ali por horas, macerando, peneirando os pigmentos, observando torrões de cores variadas. E ao passo que vou preparando, vou separando a parte que as crianças irão preparar, pensando em como ficará o processo final com aquelas cores aplicadas nos trabalhos criados pelas crianças.

2.3.5 Suportes utilizados

Suporte pode ser apoio que dá sustentação a algum objeto e também pode ser uma superfície onde se aplica cor, seja de tinta, seja de lápis de cor, gravações, fotografia ou outros. Os suportes possuem características únicas no que diz respeito a textura e absorção. Existe uma diversidade de suportes no campo da arte: eles são um dos elementos principais para elaborar as atividades.

Durante as práticas trabalhei com boa variedade de suportes como folha sulfite, papel Kraft, papelão, madeira, isopor, papel cartão, papel colorido, acetato, madeira, MDF, folhas e galhos de árvores, tecidos variados e tela. Optei nesta pesquisa por suportes em sua maioria recicláveis, até mesmo para despertar nas crianças o fazer artístico, para que pudessem ir além do papel. Nessa faixa etária as crianças são curiosas e gostam de objetos diferentes. Tudo é motivo de euforia e aprendizado. Alguns suportes aceitaram bem a tinta de terra, outros, nem tanto.

A folha sulfite propiciou boa interatividade com o pigmento mineral, nela fizemos desenhos com os pigmentos secos e molhados. Fiz impressão da xiloisopografia, pinturas com a têmpera vinílica e a de *Aloe vera*. O sulfite é um suporte “curinga”. O papel Kraft e o papelão absorvem bem o pigmento, porém, algumas cores de pigmentos se confundem com o suporte, por suas tonalidades próximas. Outro suporte que teve uma boa aceitação do pigmento mineral foi o tecido em que as crianças fizeram impressões. Como resultado de uso de alguns suportes, apresento imagens nas (Figs. 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99 e 100).

Figura 91 - Pintura com pigmento mineral no sulfítio.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

Figura 92 - Desenho no isopor para impressão.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

Figura 93 – Pintura com pigmento mineral na folha sulfite.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

Figura 94 - Pintura com têmpera vinílica no TNT.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 95 - Pintura na madeira com têmpera de *Aloe vera*.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 96 - Desenho feito pelas crianças na mesa de cimento, com pigmentos minerais coloridos e molhados.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Geovanna Cardoso (2023).

Figura 97 - Pintura com pigmento mineral no acetato transparente.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 98 - Tecido para a prática das pegadas das crianças com pigmentos minerais.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 99 - Pintura na placa de MDF com pigmentos minerais.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 100 - Pintura com pigmentos minerais na folha.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Podemos usar qualquer suporte para os trabalhos de arte.

2.3.6 Procedimentos utilizados

Para o desenvolver da pesquisa aplicamos várias técnicas com o uso dos pigmentos minerais. Começamos pelo desenho, em que as crianças trabalharam em folhas sulfite esfregando o pigmento na folha e criando formas; em outro momento elas desenharam no chão com as pontas dos dedos, as mãos, os pés e pequenos gravetos. Nesse contexto, o pigmento pode estar seco ou molhado.

Tivemos outro momento com desenho em que as crianças espalharam os pigmentos minerais de várias cores sobre uma mesa de cimento e desenharam inicialmente com o pigmento seco, depois com ele molhado. Seguindo com as práticas as crianças criaram uma instalação com barbante, causando interferência no espaço onde haviam realizado as primeiras coletas de pigmentos na escola; e outra com montagem de objetos, surgindo assim esculturas, resultado da atividade proposta. Nessa ocasião elas usaram galhos de boldo que, juntos, compuseram uma instalação, a qual podia ser manipulada pelas crianças.

Uma das técnicas presentes em quase toda a pesquisa foi a da gravura. Sabendo que toda gravura necessita de uma matriz para ser impressa, na Educação

Infantil podemos usar o isopor a fim de produzir a isopografia, em que as crianças desenhavam com um lápis no isopor e depois entintam o suporte e imprimem com o uso de um papel, tecido ou outro suporte, colocando-o por cima da matriz e transferindo a imagem para ele. Outra forma de fazer gravura é com a monotipia: as crianças usam um plástico para fazer a pintura e imprimem no tecido ou papel. Em ambas as técnicas as imagens saem invertidas, e as crianças adoram, falam que é mágica.

Ainda tivemos as pinturas em diversos papéis, tecidos, tela, acetato, madeira, MDF, o que chamou bastante atenção das crianças pela possibilidade de observarem a variedade de cores de pigmentos minerais encontrada na natureza. Para diferenciar o bidimensional do tridimensional, fizemos esculturas de galhos de boldo. Ou seja, durante todo o processo utilizamos vários materiais junto com os pigmentos minerais para criação de atividades nas práticas.

2.4 Pigmentos na obra de alguns artistas: dois brasileiros e um naturalizado

É importante salientar que algumas crianças da Educação Infantil da EMEI Prof^a. Carmelita Vieira dos Santos tiveram seu primeiro contato com os pigmentos minerais nesta pesquisa. Foi a partir desse projeto que elas começaram a interagir e a produzir sua própria tinta feita com pigmento, água e cola vinílica. Foi um processo delongado, pois era o primeiro ano letivo presencial desde a pandemia e as crianças demoraram um pouco mais do que o normal para se adaptar às regras escolares. Aos poucos elas foram interagindo entre si e com os conteúdos propostos.

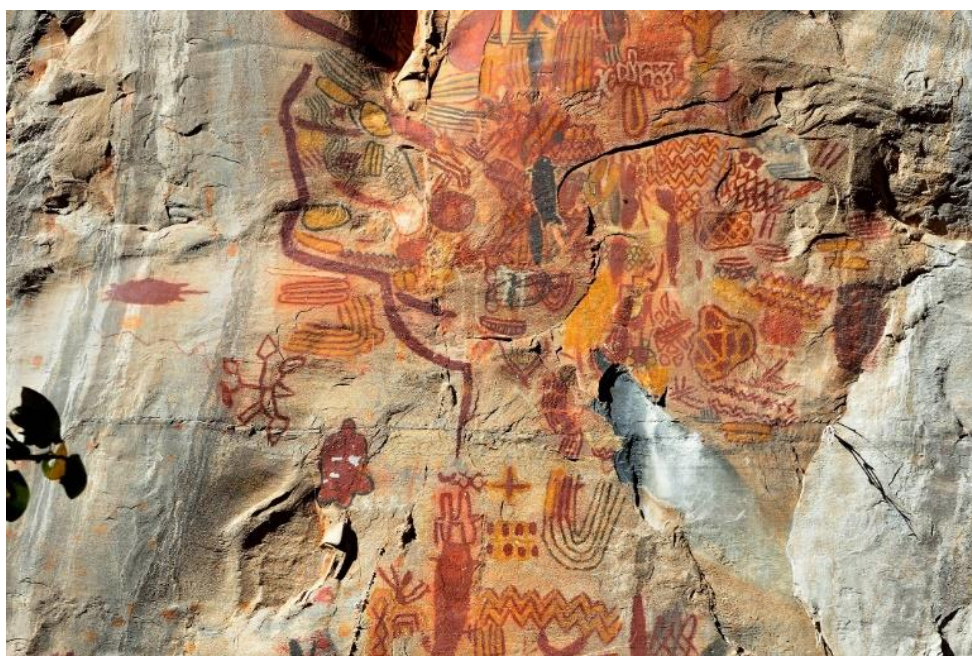
Antes de iniciar a prática com os pigmentos minerais, apresentei a guache e fizemos algumas pinturas, até mesmo para que os alunos percebessem a diferença da tinta guache, pronta, com a têmpera vinílica com pigmento mineral. Realizados os experimentos iniciais, continuei mostrando essa diferença em aulas subsequentes. Tudo era novo para as crianças.

Antes de iniciar a prática, contextualizei as aulas com imagens e vídeos de acordo com o tema proposto. Na primeira atividade, para melhor compreensão, as crianças interagiram com alguns registros de imagens feitos nas paredes de cavernas, no caso, as do Parque Nacional dos sítios arqueológicos de Peruaçu-MG.

Compartilhei tais imagens e vídeos⁵⁴ na TV. São desenhos curtos, interativos e fácil de entender. Na EMEI Prof.^a Carmelita Vieira dos Santos temos uma TV em cada sala de aula, possibilitando diversas interações e enriquecendo a parte teórica das aulas.

Durante o processo as crianças perceberam as cores presentes nas imagens, quais cores predominaram, as formas, as linhas. A (Fig. 101) apresenta uma das que mais chamaram atenção dos alunos, por ter cores fortes e elementos familiares para eles, como linhas, formas e animais. Nessa atividade trabalhamos com o papel Kraft amassado como suporte e carvão e giz de cera para desenhar.

Figura 101 - Imagem nas paredes rochosas de Peruaçu-MG.



Fonte:

https://f.i.uol.com.br/fotografia/2018/11/21/15428231475bf59ceb0ce75_1542823147_3x2_rt.jpg.
Acesso em: 12 abr. 2023.

Em outro momento fomos para a área externa e as crianças interagiram com o pigmento, esfregaram as mãos no chão, desenharam e voltaram para a sala de aula, com as mãos cheias de resíduos do pigmento. Já em sala iniciamos a segunda parte da aula: borrifei água nas palmas de suas mãos e elas, esfregando uma na outra, carimbavam-nas no papel branco, surpreendendo-se ao constatar que o resíduo de pigmento em suas mãos poderia deixar marcas. Esse foi o primeiro contato com o pigmento mineral.

⁵⁴ Disponíveis em: <https://youtu.be/vxUsPux2yQg> e <https://youtu.be/IRsNRK-rIM4>. Acesso em: 12 maio 2022.

Nas (Figs. 102 e 103) vemos as crianças desenhando no pigmento e as marcas das mãos no papel.

Figura 102 - Crianças brincando e desenhando no chão de pigmento.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

Figura 103 - Marcas das mãos das crianças.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

Devido à experiência da pintura com os pigmentos minerais, em alguns momentos as crianças perguntaram sobre as cores azuis, verdes, por estarem

acostumadas a tê-las no estojo de tinta guache. Expliquei que nos pigmentos minerais também temos, que inclusive a cor verde eu tinha e iria levar para eles. Quanto à cor azul, essa é um pouco mais complicada de encontrar, existe a região certa para coletá-la. Continuei apresentando as obras de arte deixadas nas paredes das cavernas e mostrando as cores de pigmentos que predominavam naquela época.

Acredito ter dado uma visão de tal forma que as crianças tivessem interesse em realizar as atividades propostas com os pigmentos minerais, de modo interativo e participativo. É um elemento que cativa, prende atenção, por remeter a processos lúdicos. Com o resultado obtido nas primeiras práticas, tive certeza de que estava no caminho certo.

2.4.1 Darli de Oliveira

Terminando a parte inicial da apresentação sobre o pigmento mineral, passo a mostrar as obras de nossa primeira artista, Darli de Oliveira⁵⁵, mineira de Nova Ponte residente em Uberlândia que pode ser considerada uma de nossas representantes no contexto artístico da cidade, com um trabalho marcante na área dos pigmentos minerais. Em seu ateliê, Darli guarda uma variedade imensa de cores de pigmentos, coletados por ela mesma e alguns são presentes de amigos. A maioria de suas obras tem como matéria-prima o pigmento mineral terra e outros minerais, e por isso o motivo da escolha para se trabalhar com as obras dela nesta dissertação.

Fiz a opção por começar apresentando um dos primeiros trabalhos, no qual Darli de Oliveira utiliza grande variedade de cores de pigmentos e formas: “*Terra do Sol II*”, com a técnica têmpera sobre lona, de 1,93 x 3,25 m, premiado no SARP - Salão Nacional de Arte Contemporânea de Ribeirão Preto, em 1996. Nesta obra observamos as cores usadas e as formas geométricas. É uma pintura que a princípio parece ter bastante informação para a faixa etária das crianças, no entanto, são formas geométricas e cores repetidas. As crianças são espontâneas, vão dizendo o

⁵⁵ Darli de Oliveira: é professora universitária aposentada e artista plástica, natural da cidade de Nova Ponte, Minas Gerais, Brasil e hoje reside na cidade de Uberlândia (MG). Ela é graduada em Comunicação Visual, com especialização em Fundamentos Estéticos da Educação pela UFU. Mestre em Artes Plásticas pelo Instituto de Artes da Unicamp (1996), com o tema Arqueologia do Fazer Artístico.

que estão vendo, sem medo: “janelas”, “portas”, “brinquedos”, “quadrados”, “retângulos”, “prédios”.

Nesse contexto, para que a prática ficasse mais interessante e lúdica, foi criada uma instalação de linhas e formas com as crianças: num espaço aberto da escola, elas andavam em várias direções e diziam onde queriam que amarrasse o barbante, até formar a instalação que chamamos de “cama-de-gato”⁵⁶. Depois começamos a pendurar formas geométricas de variados tamanhos em toda a estrutura, como se fosse um varal de formas. A instalação era interativa e permaneceu no local por alguns dias.

Assim, após a apreciação da obra de Darli de Oliveira, fomos para onde estava a cama-de-gato e começamos a brincadeira, com as crianças procurando pelas formas que haviam identificado na obra da artista. Algumas peças haviam ficado espalhadas pelo chão e, entre as linhas da cama-de-gato, a tarefa era coletá-las, ora pulando as linhas, ora passando por baixo delas. Terminando essa etapa, voltamos para a sala e começamos a montar o painel no papel Kraft. As crianças falavam o nome das formas e faziam as colagens aleatoriamente no suporte, formando o início do que seria nosso painel coletivo.

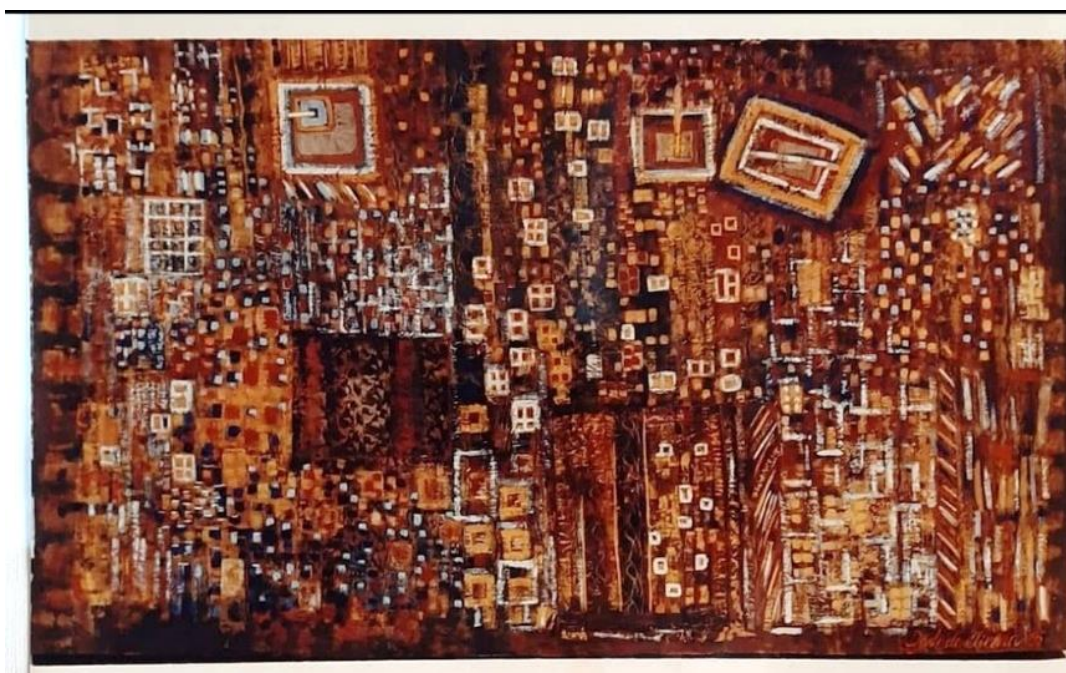
Em outro momento elas desenharam com cola objetos que viram na mesma obra e jogaram pigmento por cima, percebendo que as linhas ficavam coloridas pelo pigmento, após secar. As crianças fizeram as têmperas nas cores rosa, amarela, bege, branca, marrom. Algumas cores usadas vieram da Fazenda Santa Luzia, coletadas por mim, e despertaram os olhares dos pequenos por ter tonalidades diferentes das cores conhecidas por eles até então, ou seja, marrom e vermelho. Durante o preparo das têmperas eles sentiram as texturas e disseram que a terra branca era “macia”, por ter os grânulos finos, parecidos com talco. As crianças colocaram o pigmento, a cola vinílica e a água até obter a consistência desejada. A cor branca, para o espanto delas, formou uma têmpera bege-claro – vale salientar que

⁵⁶ “A cama-de-gato é uma brincadeira feita com barbante. Consiste em um dos participantes fazer passar entre os dedos um cordão, cordel ou barbante que tem suas pontas ligadas, criando com ele várias disposições ou armações que são transportadas para os dedos de um segundo participante, e que deve se desmanchar com um único lance. [...] A brincadeira cama-de-gato possui uma variação. [...] conhecida hoje como “pular elástico”, é necessário possuir um grande pedaço de elástico, amarrado às pontas para que forme um só, assim como o barbante na cama-de-gato. São necessárias três crianças, duas para segurar o elástico na parte inferior do corpo, geralmente no joelho ou canelas, e uma para pular o elástico. Juntas, as duas crianças responsáveis por segurar o elástico, formam imagens similares à brincadeira cama-de-gato em tamanhos maiores, e a terceira criança necessita pular entre as formas e decodificar o enigma que as mesmas apresentam”. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cama_de_gato. Acesso em: 19 jul. 2023.

a maioria dos pigmentos molhados tem a cor alterada, o que deixou as crianças maravilhadas. Durante todo o processo de criação, a imagem da obra de Darli de Oliveira estava à vista.

Depois do painel pronto, voltamos a apreciar a obra da artista e as crianças nesse momento indagaram sobre as cores usadas por ela, querendo saber onde havia conseguido tantas cores diferentes de pigmentos, inclusive o azul. Respondi que eram coletas realizadas por ela, como já havíamos feito na escola, só que Darli teria ido a outros lugares, onde havia essas cores. Como os alunos tinham vivenciado, preparado e experimentado a têmpera vinílica, ficou mais fácil a compreensão a respeito de tais matizes – até porque nessa aula eles conheceram quatro cores diferentes. A (Fig. 104) mostra a obra apreciada da artista Darli de Oliveira.

Figura 104 – Darli de Oliveira. *Terra do Sol II* - obra premiada no SARP (1996).
Têmpera sobre lona, 193 x 325 cm.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

No meu entendimento houve uma boa interação com os pigmentos e aceitação da prática por parte das crianças, pois, ao longo do processo, elas foram familiarizando-se com eles. Assim, nesse cenário, apresento nas (Figs 105, 106 e 107) as imagens de como aconteceu toda a elaboração da atividade e, na (Fig. 108), a imagem do painel pronto.

Figura 105 - Instalação *Cama-de-Gato* no “Cantinho da Natureza” da EMEI Profª Carmelita Vieira dos Santos.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

Figura 106 - Crianças coletando as formas geométricas entre as linhas da *Cama de Gato*, no “Cantinho da Natureza” da EMEI Profª. Carmelita Veira dos Santos.



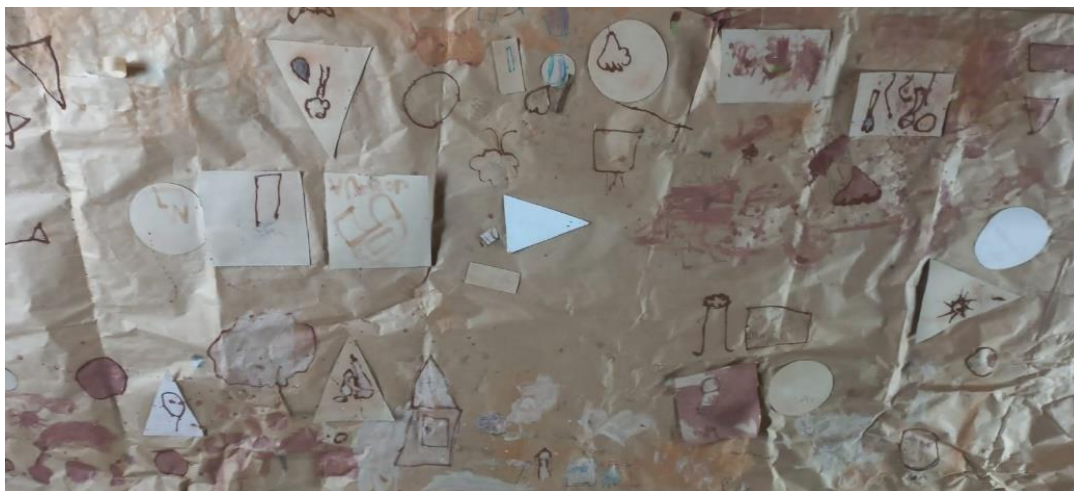
Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

Figura 107 - Uma parte da elaboração do painel, desenho com cola e pigmento mineral terra.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

Figura 108 - Painel feito pelas crianças, com formas geométricas e pigmentos minerais.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

Durante esse primeiro momento de contato das crianças com o pigmento, percebi o quanto elas ficaram empolgadas e atentas nas coletas feitas na escola. Partindo desse princípio, tomei a liberdade de pedir às crianças para coletarem o pigmento por onde fossem passear com suas famílias, o que aconteceu nos meses de junho, julho e agosto de 2022. Para solicitar essa coleta, enviei um bilhete explicativo (Fig. 66). No início o retorno foi fraco. Entretanto, no mês de julho, quando aconteceu o recesso de quinze dias, algumas crianças trouxeram de 4 a 12 amostras de pigmento, ou seja, superaram minhas expectativas. Porém, outras não trouxeram nenhuma amostra, inclusive uma criança disse que a “mãe não tinha dinheiro para comprar a ‘terra’”. Aí expliquei que a coleta era espontânea, e que a terra está presente por muitos lugares aonde vamos, inclusive na área externa da escola.

Depois desse processo de coleta, as aulas se dividiram em dois momentos. Como tenho dois horários de 50 minutos, usei o primeiro para preparar os pigmentos coletados pelas crianças. Elas peneiravam e guardavam os pigmentos em recipientes transparentes. No segundo horário, preparavam a tinta misturando uma porção de pigmento com a cola e a água, formando a têmpera vinílica. Para essa atividade mostrei aos alunos as pinturas da série *Praias de Trancoso*, também de Darli de Oliveira, feitas na técnica de aguadas com pigmento mineral.

Em outros momentos íamos para os espaços abertos da escola e as crianças sentavam-se no chão e observavam uma das imagens das obras da artista e desenhavam, usando o pigmento. Pegavam o pigmento com a ponta dos dedos e criavam seu desenho com o pó seco, esfregando-o na folha. Esse processo foi feito

com pigmento tanto seco, quanto molhado, sempre de maneira lúdica, com as crianças desenhando com galhos ou dedos, brincando com o pigmento, criando “bolinhos”, algumas enterrando a folha e puxando para ver o que acontecia com o pó caindo, outras colocando a folha nos troncos de árvores e esfregando o pigmento – e, para surpresa delas, aparecia a textura do tronco.

Como a artista Darli de Oliveira mora na cidade de Uberlândia, assim como eu, fui até sua residência, onde também é seu ateliê, e tive o prazer de ver de perto muitas de suas obras, algumas inéditas, e sua coleção de pigmentos coloridos. Darli guarda os pigmentos em grandes potes de vidro e, com todo seu carisma, diz ter pigmento para pintar até completar mais de 90 anos. Fiquei a tarde com essa grande artista, que contou um pouco de sua trajetória e de como coletou parte de seu acervo de pigmentos, mostrando-me também sua paleta de cores. Essa paleta é composta por amostras organizadas durante seu mestrado, que estão catalogadas e em um quadro com moldura e vidro. Assim, trago a (Fig. 109) para mostrar os potes de pigmentos minerais com algumas cores e a paleta de pigmentos de Darli de Oliveira.

Figura 109 – Potes de pigmento colorido e paleta de cores da artista Darli de Oliveira.



Fonte: <https://instagram.com/artdarlideoliveira?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>.
Acesso em: 23 jun. 2023.

Pude ver seu portfólio, que está em constante construção, e aproveitei para fotografar as obras. Para encerrar a visita fui presenteada com seis amostras de pigmentos minerais, nas cores rosa-claro, rosa-médio, terra de siena queimada, verde-claro, ocre e amarelo-claro. As cores doadas pela artista iriam desencadear muitos trabalhos com as crianças. E ainda pude ficar com a dissertação de mestrado por alguns dias, a qual escaneei. Nas aulas futuras fizemos desenhos de observação de outras obras de Darli de Oliveira, com lápis e lápis de cor. Como são crianças pequenas, a coordenação motora está em desenvolvimento, necessitando assim de outros materiais que as estimulem a criar. Na Educação Infantil o processo é gradativo, cada criança tem seu tempo. As atividades são elaboradas de acordo a BNCC, respeitando os Campos de Experiência dessa faixa da Educação, dentre os quais, aquele mais ligado à disciplina de arte: Traços, sons, cores e formas; e os eixos temáticos.

Promovi atividades híbridas em que as crianças desenhavam com lápis de cor e depois faziam a pintura em outras partes do trabalho com a têmpera vinílica. De acordo com a BNCC (Brasil, 2018), o referido Campo de Experiência

[...] foca as experiências que promovam a sensibilidade investigativa no campo visual, valorizando a atividade produtiva das crianças, nas diferentes situações de que participam, envolvendo desenho, pintura, escultura, colagem, gravura, fotografia etc. (Brasil, 2018, p. 12).

Outra atividade foi realizada observando a obra *Jardim*, também da artista. Deixei como atividade livre e as crianças coletaram elementos que acharam interessantes para compor sua obra, além do pigmento. Na atividade final, as crianças experimentaram os pigmentos doados pela artista e ficaram curiosas, quando contei sobre a origem dos pigmentos minerais vindos do ateliê de Darli Oliveira. Na primeira prática eu já havia mostrado a foto da artista com suas obras. Elas queriam saber como era a casa dela, então mostrei algumas fotografias que havia feito do ateliê, com as paredes cheias de telas, a mesa enorme, e disse que esse local era quase do tamanho do refeitório da escola. Esses trabalhos foram para o portfólio final das crianças, que é entregue às famílias. A (Fig. 110) mostra o detalhe de um dos trabalhos híbridos antes da pintura com pigmentos e a (Fig.111) traz a pintura da capa do portfólio com os pigmentos doados pela artista.

Figura 110 - Detalhe de um dos trabalhos híbridos antes da pintura com pigmento mineral.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

Figura 111 - Pintura da capa do portfólio com os pigmentos minerais doados pela artista Darli de Oliveira.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

Diante desses processos verifiquei o quanto as crianças se envolveram com as propostas aplicadas e desenvolveram atividades bem elaboradas. À medida que as práticas aconteciam as crianças foram interagindo e apreciando cada atividade, fizemos as pinturas nas placas de MDF com pigmento vinílico. As crianças observaram as obras *Praia dos Coqueiros*, *Trancoso*, *Bahia* (1999) e *Saracuras* (2020), de Darli de Oliveira, ambas realizadas com pigmentos minerais, mas com técnicas diferentes: uma aquarela com traços e manchas fáceis de serem observados pelas crianças e, a segunda, apresentando dois pássaros em afresco, com detalhes que nos levam a pensar em formas geométricas. Nesse caso as crianças poderiam optar por uma das imagens para terem ideia de como ficaria sua própria pintura. Em seguida, prepararam os pigmentos com as cores escolhidas por elas. Foi uma

atividade que deixou as crianças curiosas por realçar as cores, pois estas ficaram vibrantes. Os tons definidos pelas crianças eram contrastantes, fazendo com que as pinturas ficassem coloridas. Os suportes eram de tamanhos diferentes e cada criança fez sua opção. As (Figs. 112, 113 e 114) mostram as obras da artista Darli de Oliveira e os pigmentos nos copos com a cola vinílica, aguardando a dosagem certa de água. As (Figs. 115 e 116) apresentam as crianças na atividade de pintura.

Figura 112 - Darli de Oliveira. *Praia dos Coqueiros* (1999). Aquarela com pigmentos minerais.



Fonte: <https://instagram.com/artdarlideoliveira?igshid=NjlwNzlyMDk2Mg==>. Acesso em: 02 out. 2023.

Figura 113 – Darli de Oliveira. *Saracuras* (2020). Afresco com pigmentos.



Fonte: <https://instagram.com/artdarlideoliveira?igshid=NjlwNzlyMDk2Mg==>. Acesso em: 02 out. 2023.

Figura 114 - Pigmentos minerais escolhidos pelas crianças para pintura no MDF.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 115 - Pintura sobre MDF com têmpera vinílica de pigmento mineral / A.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 116 - Pintura sobre MDF com têmpera vinílica de pigmento mineral / B.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Outra atividade que proporcionou momentos de interação e criatividade foi a da pintura no acetato⁵⁷ transparente. As crianças se encantaram, pois perceberam nitidamente as diversas cores que usaram, mesmo quando havia sobreposição delas. Por ser uma superfície na maioria das vezes lisa, a tinta se espalhava facilmente. Assim, as crianças prepararam os pigmentos com pouca água e mais aglutinante, a fim de que ele ficasse bem pastoso. Fizemos esse trabalho coletivamente: era rotativo e os alunos pintavam nos espaços sem cor. Aqui as crianças tiveram como referência artística a série *Trancoso*, de Darli de Oliveira. Com as pinturas prontas, as crianças puderam ver suas obras de ambos os lados e se encantaram. Vemos esse processo nas (Figs.117 e 118).

Figura 117 - Pintura com pigmentos minerais no acetato transparente, 110 x 63 cm.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

⁵⁷ Acetato: O acetato é uma matéria-prima química de cor transparente. Ao longo do tempo, foi constantemente utilizado na produção de diferentes artigos em gráficas. Disponível em: <https://plastbrinq.com.br/acetato-plastico/>. Acesso em: 29 dez. 2023.

Figura 118 - Pintura com pigmentos minerais no acetato branco, 107 x 53 cm.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso. mai.2023

2.4.2 Carlos Vergara

Outro artista que também trabalha o uso de pigmento é Carlos Vergara⁵⁸, que mora no Rio de Janeiro-RJ, onde também tem seu ateliê. Ele é um artista dinâmico, sempre mostrando novos trabalhos em suas redes sociais. Para iniciar as atividades com as obras de Carlos Vergara, mostrei um vídeo sobre como ele produz suas obras de arte. Uma das obras que apresentei aos alunos foram *Os Sudários*, um tipo de decalque em lenços que o artista plástico coloca em superfícies de diversos locais diferentes, os quais estabelecem uma conotação que remete ao sagrado, e tira cópia, surgindo assim as monotípias.

As crianças ficaram empolgadas para começar a fazer a atividade, que aconteceria em dois momentos: um desenho com terra e outro com giz de cera. Na área externa da escola, após apreciar as obras do referido artista, elas colocaram as folhas sulfite no chão e começaram a explorar o espaço, desenhando com o pigmento; esfregavam a folha no chão, sentindo sua textura. No segundo momento elas colocaram outra folha em diferentes superfícies e passaram sobre ela o giz de cera na posição horizontal, extraíndo a textura desses locais. Em ambos os desenhos

⁵⁸ Carlos Augusto Caminha Vergara dos Santos: (1941-atual): é gravador, fotógrafo e pintor brasileiro, conhecido como um dos principais representantes do movimento artístico da Nova Figuração no Brasil. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_Vergara. Acesso em: 08 jun. 2023.

houve boa participação e muito entusiasmo das crianças, pois cada forma que surgia era uma surpresa para elas.

A (Fig. 119) mostra a mão do artista fazendo uma monotipia de um dos espaços por onde ele passa. E as (Figs 120, 121 e 122) trazem imagens das práticas feitas com as crianças.

Figura 119 - Carlos Vergara. *Sudários* (1980).



Fonte: https://automatica.art.br/livros/vergara_sudario.pdf. Acesso em: 08 jun. 2023.

Figura 120 - Crianças desenhando sobre tronco de árvore com pigmento mineral e tirando textura do chão.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

Figura 121 - Criança desenhando com pigmento mineral, tirando a impressão da superfície.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

Figura 122 - Criança tirando textura da superfície com giz de cera.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

Na medida em que os alunos foram se familiarizando com os pigmentos e visualizando as obras impressas do artista – nesse caso mostrei vídeos e imagens impressas para que as crianças pudessem pegá-las, vendo-as de perto –, as atividades se tornavam cada vez mais ricas, pois tentei aproximar a prática ao máximo às imagens e aos processos que elas estavam vendo. Uma das atividades elaboradas foi a xilogravura, por ser uma impressão fácil de realizar.

Usei isopor como suporte para a matriz, as crianças desenharam no isopor com lápis de escrever, depois preparamos as têmperas com pigmentos minerais e nessa atividade em específico usamos os pigmentos feitos de casca de alimentos e folhas de boldo. Até então meu intuito era usar os dois pigmentos, o mineral e o vegetal, sendo que, em relação a alimentos, seriam somente cascas que iriam para descarte. Cheguei a fazer outra atividade com esses pigmentos, mas no decorrer da pesquisa

e da prática pude ver que não seria possível, por ter autores, artistas e desfechos diferentes, até mesmo no preparo dos pigmentos. Nesse caso, Bermond (2016, p. 06) afirma: “Se não forem tomados os cuidados corretos, pode criar fungos na própria pintura”. Diante dessa informação optei por trabalhar e aprofundar a pesquisa só com os pigmentos minerais.

As (Figs 123 e 124) apresentam imagens dos pigmentos vegetais e prática de pinturas com as crianças utilizando pigmentos vegetais.

Figura 123 - Pigmentos de cascas de alimentos e folhas.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

Figura 124 - Pintura com pigmentos de cascas de vegetais.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

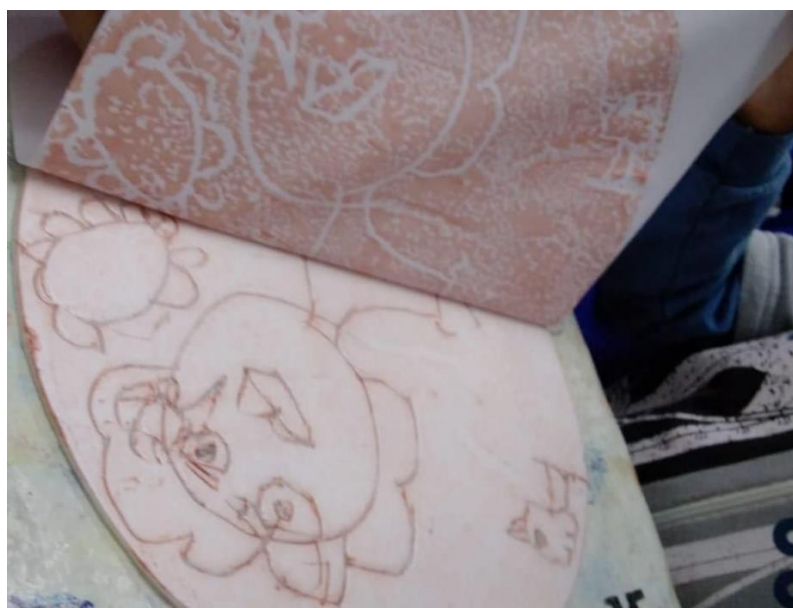
Nessa atividade, cada pincelada era uma surpresa, pois, apesar de ser um pigmento aguado, as cores são fortes, característica que não permanece depois de o trabalho secar, já que as tonalidades praticamente somem no papel. Usamos esse pigmento e o pigmento mineral para realizar uma atividade de isopografia. Fizemos a comparação na hora da impressão e as crianças disseram que era mágica, pois a forma que elas haviam desenhado no isopor era transferida para papel de modo invertido. Nas (Figs 125, 126, e 127), podemos ver uma criança desenhando no isopor, que era a matriz; uma imagem impressa com pigmento de casca de beterraba; e outra com pigmento mineral.

Figura 125 - Criança desenhando na matriz de isopor a ser impressa.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

Figura 126 - Impressão com o pigmento vegetal feito da casca de beterraba.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

Figura 127 – Impressão da xilosiopogravura com pigmento mineral.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

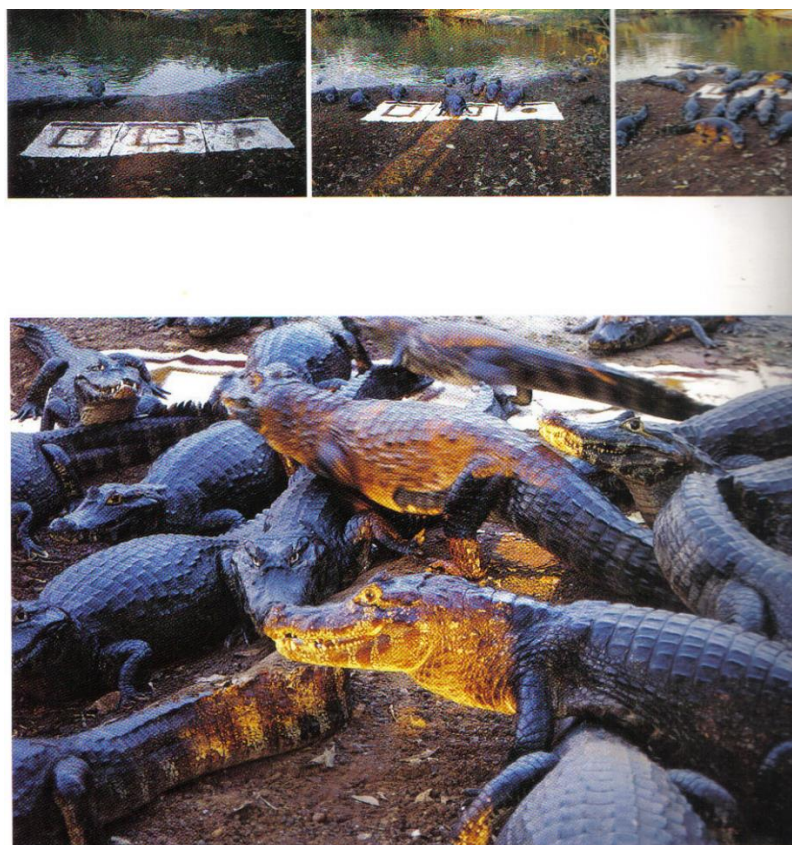
Outra atividade que as crianças amaram foi andar sobre um tecido, deixando as marcas dos calçados, cheias de pigmento, e ver texturas variadas, pois cada sapato tinha um desenho diferente na sola. Isso as deixou admiradas, ao saber que estavam caminhando como os jacarés haviam caminhado por cima dos tecidos deixados na mata por Carlos Vergara durante uma viagem ao Pantanal, da qual trouxe várias telas com essa técnica batizada por ele de “sudários” (monotípias). Nessa tela, ele forrou o chão com pigmentos e cobriu com o tecido branco, onde os jacarés e outros animais caminharam, deixando a marca de suas patas (Figs. 128 e 129). Foi uma prática que as crianças realizaram com muita ludicidade. Mas, não joguei pigmento no chão: as crianças pisavam no pigmento molhado, e caminhavam por cima do tecido que também estava molhado, pois havia chovido, o que cooperou para o desenvolvimento dessa atividade (Figs. 130 e 131).

Figura 128 – Registro de Carlos Vergara jogando o pigmento mineral no chão.



Fonte: <https://youtu.be/KiFaAhtaZRo?t=859>. Acesso em: 28 jun. 2023.

Figura 129 - Jacarés caminhando sobre o tecido deixado pelo artista Carlos Vergara.



Fonte: <https://youtu.be/KiFaAhtaZRo?t=859>. Acesso em: 28 jun. 2023.

Figura 130 - Crianças pisando no pigmento mineral molhado para caminhar sobre o tecido molhado.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 131 - Crianças caminhando com os pés cheio de pigmento mineral sobre o tecido molhado.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Em outro momento fizemos a mesma prática pisando no pigmento que elas mesmas molharam, para depois caminharem por cima de um tecido seco, como se vê nas (Figs. 132 e 133).

Figura 132 - Tecido seco para caminhada com os pés cheio de pigmento mineral.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 133 - Crianças caminhando com os pés carregados de pigmentos minerais sobre o tecido seco.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Finalizando mais essas atividades com as crianças, observamos que foram práticas exploratórias, nas quais coleta, impressão, caminhada foram itens que aguçaram a atenção dos pequenos para detalhes do espaço escolar – e provavelmente isso passa a ocorrer também em outros locais que fazem parte do cotidiano deles. E eles vibravam a cada marca de pegada que surgia no tecido, uma vez que, por serem solados diferentes, as pegadas tinham cores diferentes, algumas mais claras, outras mais escuras.

Outra proposta foram desenhos feitos em uma mesa de cimento que fica na área externa da escola, onde usamos os pigmentos secos e molhados. As crianças misturaram as cores em ambos os momentos. Com o pigmento seco elas puderam distinguir todas as cores utilizadas, mesmo depois de misturadas. À medida que foram colocando a água e misturando os pigmentos com as mãos sobre a mesa, as crianças perceberam que as cores iam sumindo até ficar uma única cor, o marrom. Surgiram as perguntas: “Onde foi parar a cor branca? E a cor preta? E o rosa? E o vermelho? E o amarelo? Onde estão todas as cores? Ficou só o marrom...”. Expliquei que todas as cores estavam ali, misturadas. Os pequenos então disseram que fizeram magia, pois todas as cores haviam desaparecido. Depois de misturar as cores, eles desenharam sobre a mesa. E por último peneiraram as cores novamente e fizeram a impressão no TNT, onde surgiu uma imagem abstrata. E ao jogar água novamente sobre a mesa, algumas crianças perceberam outras imagens e viram outras cores, como o arco-íris. Nesse momento, houve um acaso e fizemos impressão novamente, em um pedaço de tecido. As (Figs.134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142 e 143) mostram algumas etapas dessa atividade e o acaso.

Figura 134 - Misturando as cores dos pigmentos minerais secos.



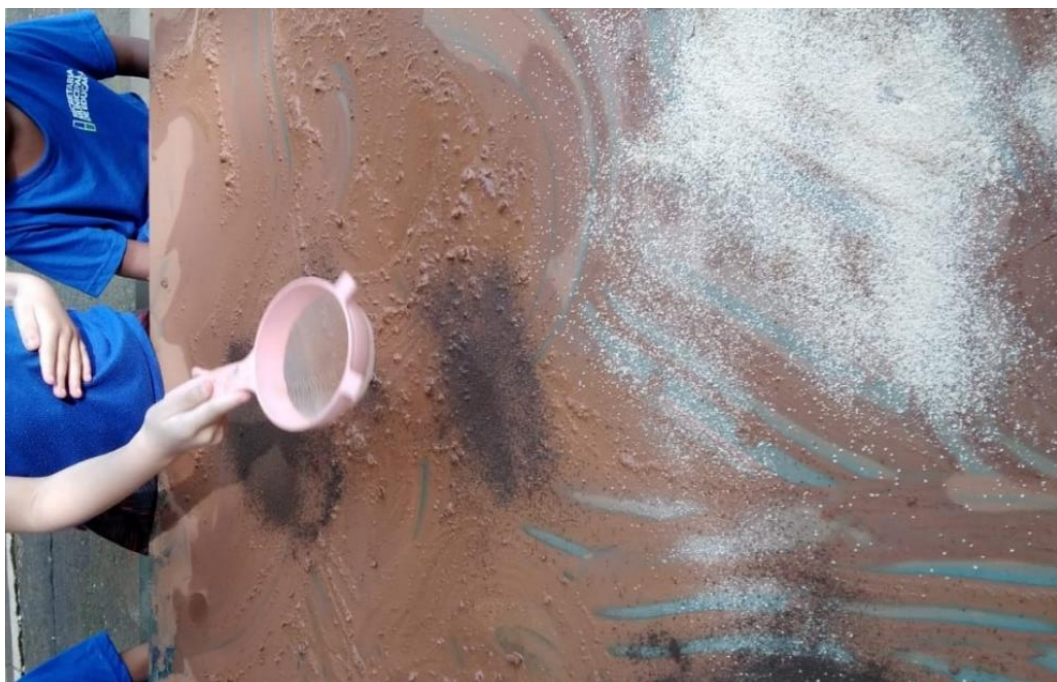
Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Geovanna Cardoso (2023).

Figura 135 - Crianças misturando os pigmentos minerais secos.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Geovanna Cardoso (2023).

Figura 136 - Peneirando mais cores de pigmentos minerais.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Geovanna Cardoso (2023).

Figura 137 - Crianças molhando os pigmentos minerais para começarem a desenhar.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Geovanna Cardoso (2023).

Figura 138 - Crianças desenhando na mesa com pigmento mineral misturado e molhado.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Geovanna Cardoso (2023)

Figura 139 - Crianças fazendo impressão das cores de pigmentos minerais e os desenhos.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Geovanna Cardoso (2023).

Figura 140 - Crianças terminando a impressão da monotipia com pigmento mineral sobre a mesa de cimento no “Cantinho da Natureza” da EMEI Profª. Carmelita Vieira Santos.



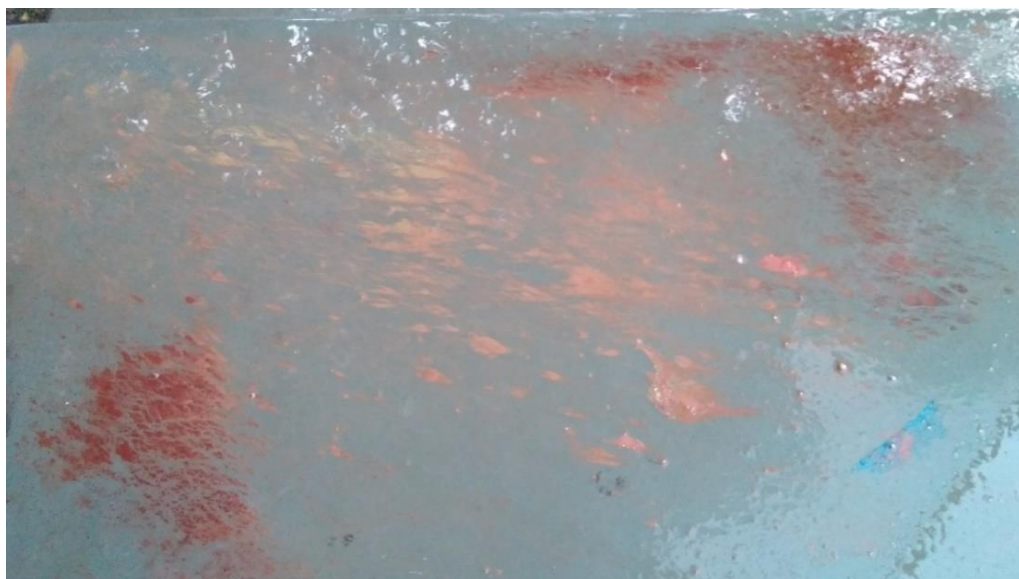
Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Geovanna Cardoso (2023).

Figura 141 - Matriz e impressão feita pelas crianças com pigmentos minerais.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Geovanna Cardoso (2023).

Figura 142 - Pigmento mineral molhado sobre a mesa de cimento, acaso.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Geovanna Cardoso (2023).

Figura 143 - Impressão da imagem que surgiu por acaso sobre a mesa de cimento.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023)

A prática de impressão com a técnica de monotipia aconteceu dentro de sala de aula em suportes menores. As crianças usaram o plástico como base para pintura e diversos tecidos como suporte para impressão. Para que a imagem ficasse com resolução perfeita, a impressão teria que ser rápida, já que o pigmento poderia secar em algumas partes. O resultado final encantava as crianças, pois a imagem saía invertida. Em alguns momentos uma cor se misturava com a outra, causando um efeito de manchas quase abstratas. Segundo Oliveira (2018, p. 21), “As obras de Vergara como as monotipias fez compreender que é possível utilizar materiais que são acessíveis como as terras, suporte alternativo entre outros [...]”. E para que as crianças tivessem a referência de onde pintar no plástico, antes fazíamos o contorno do tecido com caneta. Nas (Figs. 144 e 145) podemos ver uma etapa dessa prática.

Figura 144 - Crianças imprimindo no tecido a pintura feita com pigmentos minerais sobre plástico.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 145 - Criança tirando o tecido impresso com pigmentos minerais sobre o plástico.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

A última atividade desenvolvida foi a pintura de um painel no tecido de algodão cru⁵⁹. Esse trabalho foi em grupo, após as crianças assistirem ao vídeo do artista Carlos Vergara desenhando com cola branca no tecido e depois, com os pigmentos aguados, criando suas pinturas, pois permaneciam as linhas brancas feita pela cola. E assim as crianças começaram a desenhar no tecido, observando as obras de Carlos Vergara e Frans Krajcberg [mencionado com mais detalhes no próximo item deste trabalho] em primeiro momento. Na sequência, criaram seus próprios desenhos. Quando partiram para a pintura com os pigmentos minerais, elas mais uma vez observaram a obra de Carlos Vergara e algumas até se lembraram dos jacarés passeando por cima do tecido. Em outro momento as pinturas vieram de imagens que elas haviam memorizado dos vídeos, ou de sua vivência e, aos poucos, as imagens tomaram conta do painel. Foram três etapas até que ele ficasse pronto. Na primeira as crianças desenharam com a cola branca; na segunda, pintaram formas com a têmpera de pigmentos minerais; e, finalizando, pintaram com pigmentos minerais em alguns espaços sem pintura anterior. Nos suportes individuais elas fizeram o mesmo processo: desenharam com cola e depois pintaram com a têmpera de pigmentos minerais. Nas (Figs 146, 147, 148 e 149) podemos ver uma parte desse processo, lembrando que, em alguns momentos nessa prática, as fotos podem estar desfocadas

⁵⁹ Tecido de algodão cru: variedade de tecido de algodão que não foi corado depois de tecido. Disponível em: <https://www.meudicionario.org/pano-cru?intlink=true>. Acesso em: 29 dez.2023

e são únicas, pois são feitas no instante de criação das crianças – e elas são espontâneas.

Figura 146 – Criança desenhando com a cola vinílica sobre tecido cru.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 147 - Pintura com pigmentos minerais sobre algodão cru.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Cintia Garcia (2023).

Figura 148 - Pintura com pigmentos minerais sobre tecido desenhado com cola vinílica



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 149 - Momento em que a criança joga toda a têmpera vinílica de pigmento mineral sobre tecido, causando um efeito lindo de manchas espontâneas.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

2.4.3 Frans Krajcberg

É mais um artista com obras realizadas com pigmentos. Polonês, naturalizado brasileiro, residia em Nova Viçosa-BA. Krajcberg já foi citado no item 2.2 deste

trabalho. Conhecido por explorar os elementos da natureza, destacando-se pelo ativismo ecológico associado ao meio ambiente, Frans Krajcberg deixou um espaço cultural com seu nome na cidade de Curitiba, localizado no Jardim Botânico Fanchette Rischbieter. O Instituto Frans Krajcberg de Arte e Meio Ambiente foi inaugurado em 2003, com acervo permanente de suas obras e espaço de referência para discutir as relações entre o homem e meio ambiente. Sobre esse espaço, temos a fala do artista:

Não escrevo, encontro imagens: essa é minha maneira de trabalhar. Meu alfabeto são as imagens vistas nas obras expostas, que devem, principalmente, ser ponto de partida para uma reflexão com o meio ambiente. Por isso, esse espaço não se restringe apenas a exposições. Será um local de encontro, de reflexão, de proposições, de troca livre de ideias, de registro delas e de difusão do conhecimento alcançado. O planeta exige isso de nós (Krajcberg, 2003 *apud* FERNANDINO, 2014, não paginado).

Diante da vasta produção desse artista, optei por começar a trabalhar suas gravuras com as crianças, pois são obras em sua maioria compostas por folhas de diversos formatos. Para executar a prática escolhi a imagem *Natura*, uma gravura (litogravura) impressa com uma única cor. Como em ocasiões anteriores, saímos para a parte externa da escola, só que agora à procura de uma folha que estivesse caída no chão, a fim de compor a atividade em sala.

Assim que retornamos, cada criança com sua folha em mãos, começamos a produzir uma gravura socializada, na qual cada um iria imprimir sua folha no mesmo suporte que os demais, formando uma única atividade. Primeiro os pequenos prepararam a têmpera vinílica, escolhendo as cores para a pintura. Depois de pronta, cada um escolheu uma das cores para pintar sua folha e carimbou na placa de acetato, até conseguir ocupar todo o espaço. Nessa atividade algumas crianças perceberam que, para uma melhor impressão, o pigmento teria que estar mais espesso; desse modo, elas acrescentaram mais pigmento à têmpera.

Cada prática em que as crianças utilizam os pigmentos é uma descoberta diferente. Na (Fig. 150), a obra do artista Frans Krajcberg utilizada nesta atividade. As (Figs. 151, 152, 153 e 154) mostram a escolha de folhas, o processo, até chegar ao painel pronto.

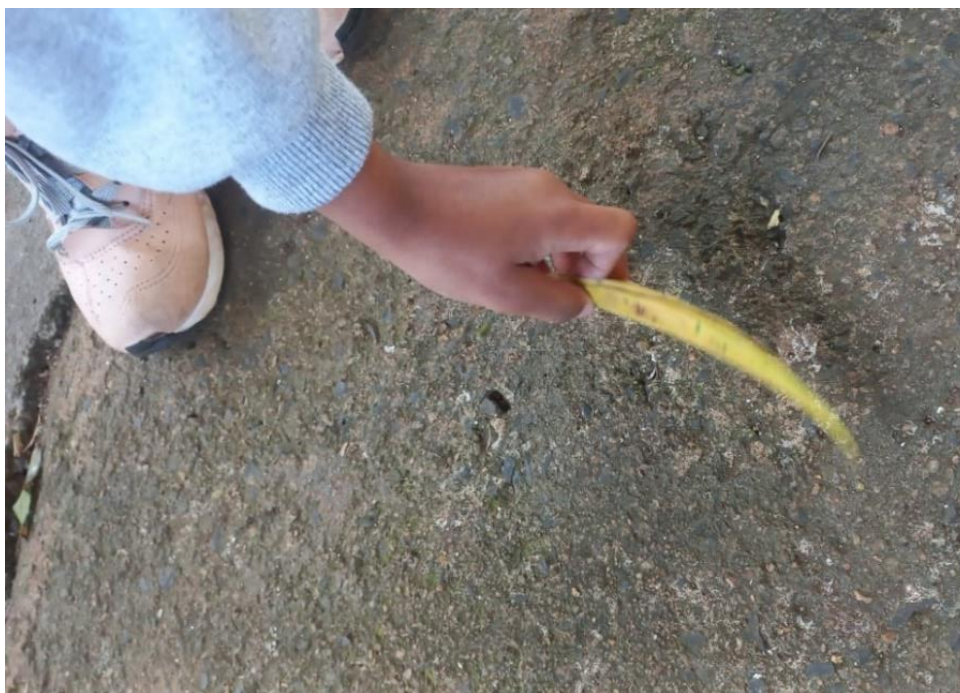
Figura 150 - Frans Krajcberg. *Natura*. Gravura 32 x 24 cm.



Fonte: https://d1o6h00a1h5k7q.cloudfront.net/imagens/img_g/5148/2102941.jpg.

Acesso em: 11 jun. 2023.

Figura 151 - Criança colhendo folha para atividade na área verde da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 152 - Grupo de pintura com pigmentos minerais nas folhas de árvores para impressão no acetato.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 153 - Criança fazendo impressão com as folhas de árvores, que haviam sido pintadas com pigmentos minerais, sobre acetato transparente.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 154 - Trabalho finalizado com as impressões de folhas com pigmentos minerais sobre acetato transparente.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Arrisco dizer que esta foi uma atividade que deixou as crianças bem concentradas, pois algumas pegaram folhas pequenas; outras, folhas enroladas por estarem secas demais; outras, folhas verdes como as que estão presentes na (Fig. 154). Desse modo, alguns casos exigiram uma atenção maior das crianças pequenas para segurar a folha e o pincel. Mas o resultado encantou as crianças, pela variedade de folhas coloridas. E digo ainda que alguns usaram mais de uma cor para pintar sua folha.

Por ser um artista sempre preocupado em preservar a natureza, Frans Krajcberg deixava em suas obras, de alguma forma, a ligação a essa temática. Em muitos de seus trabalhos, transformava restos de árvores calcinadas em esculturas e outros elementos extraídos da natureza e, como pintura, utilizava a têmpera de pigmentos minerais. Dentro desse contexto, inspirando-se no artista, as crianças puderam sentir como é construir uma peça tridimensional, utilizando como suporte galhos da planta boldo⁶⁰ e uma base de argila⁶¹, com a qual fizeram pequenas bolas e nelas prenderam os galhos, formando uma escultura. Em seguida procederam à pintura da peça com os pigmentos minerais, fazendo surgir assim pequenas

⁶⁰ Boldo: Uma das plantas medicinais que as pessoas costumam usar como chá é o boldo-do-Chile (*Peumus boldus*). Ela é utilizada principalmente por suas propriedades antiespasmódicas, contra distúrbios gastrointestinais e pode ser aplicada na forma de infusão. Disponível em: <https://revistaft.com.br/peumus-boldus-boldo-do-chile-uma-revisao-sistematica-sobre-sua-utilizacao-e-riscos-associados/>. Acesso em: 13 nov. 2023.

⁶¹ Argila: É um mineral de rochas sedimentares composto de grãos muito finos de silicatos de alumínio, associados a óxidos que lhe conferem diversas tonalidades e propriedades. Disponível em: <https://www.ecycle.com.br/argila/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

esculturas que seriam nossa instalação menor e poderia ser manuseada e inserida em qualquer espaço.

Em outro momento aproveitamos os galhos maiores do boldo, que também receberam a pintura com a têmpera de pigmentos minerais, para criar uma instalação na área externa da escola designada como “Cantinho da Natureza”. As crianças, sob minha orientação, foram cavando pequenos buracos no chão – onde também haviam ocorrido suas primeiras coletas de pigmentos – e “plantando” os galhos, tomando cuidado para haver equilíbrio em cores, altura e espessura, compondo assim uma obra de arte de galhos coloridos que formaram nossa segunda instalação, a qual permaneceria fixa no local.

Esse processo de criação deixou as crianças entusiasmadas com o resultado obtido, pois, por meio da ludicidade, realizaram a atividade por partes e aos poucos essas partes se juntaram e tornaram-se a referida obra. Para esse feito, observamos e nos inspiramos em imagens dos trabalhos de Frans Krajcberg, nesse caso específico focamos o *Conjunto de Esculturas*, em que ele usa troncos de árvores e raízes calcinados⁶².

Nas (Figs.155, 156, 157, 158, 159, 160 e 161) podemos ver a obra de Frans Krajcberg que deu origem a essas instalações e o processo de criação das crianças, com o resultado final de cada uma das obras.

Figura 155 - Frans Krajcberg. *Conjunto de Esculturas* (1988).



Fonte: https://dasartes.com.br/wp-content/uploads/2022/07/2_photos_v2_custom-1-Copy.jpg. Acesso em: 27 nov. 2023.

⁶² Calcinação: é a transformação de algo em cinzas por meio de calor intenso. Esse processo pode ocorrer naturalmente, como em incêndios florestais, ou ser realizado de forma controlada em laboratórios ou indústrias. Disponível em: <https://loja.ibrath.com/blogs/calcinado-significado/calcinado-significado>. Acesso em: 23. Fev.2024

Figura 156 - Montando a base das esculturas com argila.



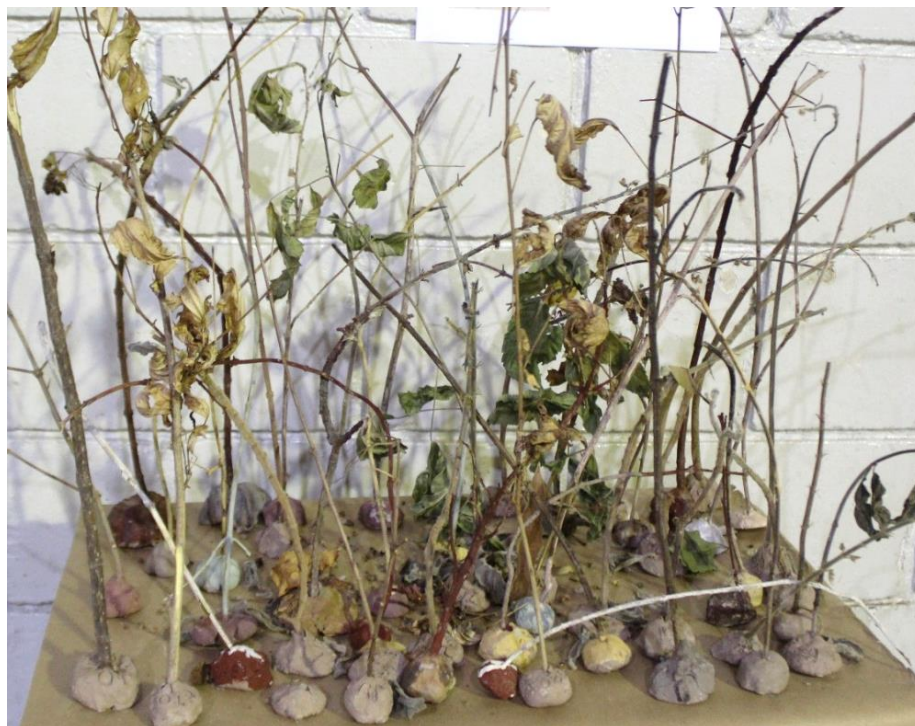
Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 157 - Pintura das esculturas – pequenos galhos de boldo – com pigmentos minerais.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 158 - Instalação com galhos menores pronta.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 159 - Pintura dos galhos maiores com pigmentos minerais.



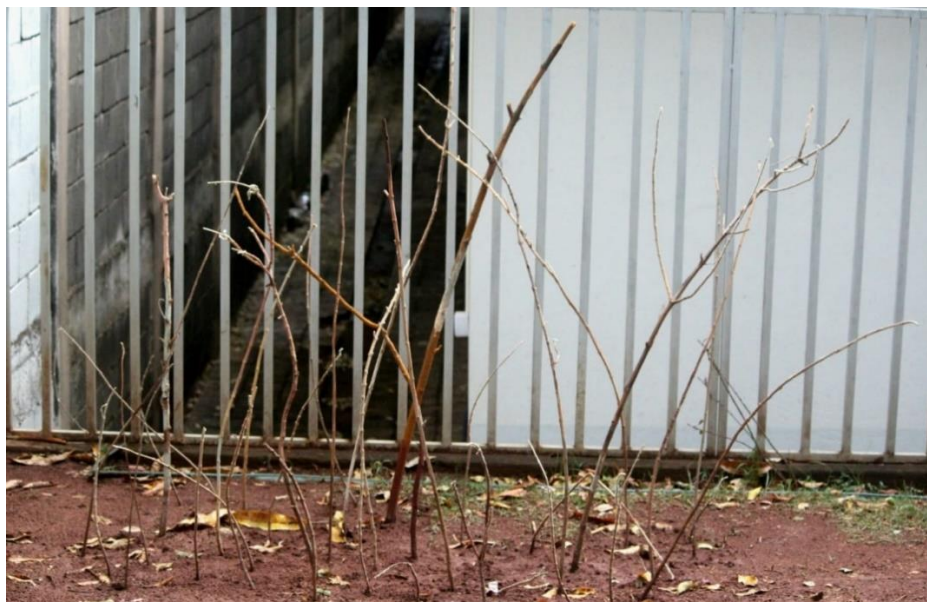
Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 160 - Montagem da instalação com galhos maiores na área externa da EMEI Profª. Carmelita Veira dos Santos, chamado de “Cantinho da Natureza”.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023)

Figura 161 - Instalação com galhos maiores pronta montada no “Cantinho da Natureza” da EMEI Profª. Carmelita Veira dos Santos.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023)

Finalizando essa etapa das instalações, começamos a elaboração das atividades nas quais as crianças poderiam se referenciar em todos os artistas apresentados durante o processo de desenvolvimento das práticas, buscando

registrar suas vivências. Nesta atividade em específico foi solicitada às famílias a aquisição de uma tela de qualquer tamanho, o que não era obrigatório, pois até então todos os suportes utilizados nas práticas eram recicláveis e adquiridos por mim. Para aquelas crianças que não trouxeram, a pintura foi elaborada em um retângulo de algodão cru, levando em consideração que fica inviável para muitas famílias adquirirem a tela. E por que, então, a escolha desse suporte? Como as crianças foram ao ateliê da artista Darli de Oliveira e viram suas pinturas em tela e também haviam conhecido pinturas em tela e vídeos de Carlos Vergara, surgiu interesse por esse suporte. Nas (Figs.162, 163, 164, 165 e 166) podemos apreciar alguns momentos dessa experiência.

Figura 162 - Pintura com têmpera vinílica sobre algodão cru.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 163 - Pintura com têmpera vinílica de pigmentos minerais sobre tela / A.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 164 - Pintura com têmpera vinílica de pigmentos minerais sobre tela / B.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 165 - Pintura sobre tela com têmpera vinílica de pigmentos minerais.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Cintia Garcia (2023).

Figura 166 - Criança na pintura em tela com têmpera vinílica de pigmentos minerais.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Cintia Garcia (2023).

Encerrando as práticas, posso dizer que estou satisfeita com o resultado, por saber que cada etapa foi concluída de forma positiva, pois houve um envolvimento das crianças desde o início do projeto e, na reta final, elas já estavam familiarizadas com a proposta, assim como a comunidade escolar. Mesmo aqueles que não tiveram uma participação ativa, sabiam que as crianças estavam desenvolvendo práticas com pigmentos minerais. Dessa forma, entendo que atingi meu objetivo.

No próximo capítulo trago avaliações de resultados, vindas de alguns envolvidos no projeto, direta e indiretamente.

CAPÍTULO III

AVALIAÇÃO DE RESULTADOS E USO DOS PIGMENTOS

No terceiro capítulo abordo os relatos, as entrevistas, os depoimentos relativos à parte aplicada diretamente com os pigmentos minerais e à visita ao ateliê da artista Darli de Oliveira. Início com a fala das crianças captada no decorrer das práticas do projeto de pesquisa, algumas por meio de gravações de áudio, outras em anotações rápidas – nesse caso, quando era pega de surpresa com falas interessantes do saber da criança que às vezes não dava para gravar. Deixo claro que todas as falas são coloquiais, sem alterações na escrita, transcritas usando somente o primeiro nome da criança, de modo a preservar sua privacidade, excetuando Kaique Caixeta Melo e José André Ramos de Castro, já mencionados. Em seguida apresento relatos dos pais, enviadas por mensagens ou áudios no WhatsApp, os quais deixam registrada a satisfação de participar das práticas com os filhos. Nas subdivisões mostro os depoimentos das crianças e outras pessoas na visita feita ao ateliê de Darli de Oliveira, dos visitantes das exposições, algumas pessoas anônimas.

Dessa forma, para que chegasse até aqui, pude contar com a participação dos pais, até porque são crianças pequenas, dependentes de ajuda. Desde o início houve aqueles pais que se interessaram e ajudaram o filho a coletar as terras e as entregaram etiquetadas e, algumas, já peneiradas, preparo no qual a criança relata que fez questão de ajudar. Verificando o quanto foi produtiva essa participação familiar, propus uma atividade em que as famílias fizessem uma pintura junto com seus filhos, utilizando os pigmentos minerais coletados por elas, observando que seriam orientadas pelos filhos. Esse trabalho poderia conter colagens com qualquer elemento da natureza e a pintura com tinta de pigmentos minerais produzida por eles mesmos, usando aglutinantes que as crianças haviam aprendido em sala de aula. Recebemos trabalhos bem estruturados esteticamente, elaborados dentro da proposta.

Como pesquisadora sempre atenta ao desenvolvimento, à capacidade representativa das crianças durante essa troca com as famílias, deixei como opção meu número de telefone institucional, para esclarecimentos de dúvidas, caso

surgissem. Percebo que foram momentos os quais provocaram sensações diferentes, fazendo com que adquirissem outras habilidades e formas de enxergar os pigmentos minerais. A seguir, apresento os relatos das crianças e de suas famílias, sobre como foi essa experiência.

3.1 Relatos, entrevistas e falas das crianças pequenas de 5 a 6 anos

Neste item, como já foi dito anteriormente, registro de modo informal algumas falas das crianças. A escolha por deixar dessa forma é para que nenhuma fala sofresse alteração no que realmente a criança pequena relatou. Os registros foram feitos por meio de gravações de áudios, entrevistas com crianças, áudios enviados pelas famílias e falas rápidas que surgiam durante as aulas, as quais me impeliam a anotar ou gravar áudios logo em seguida, com as crianças repetindo tais falas. Estas não têm uma sequência lógica de texto, por terem sido coletadas em momentos diferentes, com o desenrolar do processo da pesquisa.

Também optei por usar somente o primeiro nome das crianças, visando a respeitar sua privacidade. Alguns estão definidos como “anônimos”, por terem nomes peculiares e outras restrições que não citarei por não serem pertinentes à pesquisa.

Podemos ler na BNCC (Brasil, 2018) a importância de a criança experimentar novas vivências:

[...] a Educação Infantil precisa promover experiências nas quais as crianças possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para buscar respostas às suas curiosidades e indagações. Assim, a instituição escolar está criando oportunidades para que as crianças ampliem seus conhecimentos do mundo físico e sociocultural e possam utilizá-los em seu cotidiano (Brasil, 2018, p. 43).

Deixo a seguir trechos da fala das crianças no decorrer das práticas.

Beatriz

“A melhor aula da minha vida!”, frase dita por uma criança que participara de uma prática. Durante o processo pude perceber que ela se manteve concentrada em todos os detalhes do desenho, que tinha só uma tonalidade de terra.

Nessa aula específica as crianças ficaram livres no espaço da escola denominado “Cantinho da Natureza”, onde há bastante terra e raízes nos pés de

manga. Elas pegaram a folha sulfite e foram para o experimento, desenharam com as pontinhas dos dedos, enterraram as folhas, esfregaram no chão, sentiram a textura da “terra”, brincaram de fazer comidas, desenharam no “chão”. A (Fig.167) mostra o resultado final dessa atividade.

Figura 167 - Criança desenhando com pigmento mineral *in natura*.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2022).

Théo

“Esse aqui eu fiz com páprica, a gente fez assim, isso aqui é açafrão. Aaa, terra, humm, bubu. E assim açafrão, páprica, terra e bubu. É um sol de terra.”

Thais

“Eu fiz com terra, coloquei meu papel no chão, joguei a terra e esfreguei com minha mão, e eu fiz um céu, um coqueiro e um lago.”

Heitor

“Fiz um bolo com terra e o galhinho é a vela”

Hugo

“Ficou a marca do meu tênis na terra.”

Beatriz

“Tive a ideia de copiar ela, porque aí fiz os cactos, casinhas que tem na parte do desenho, fiz aqui as montanhinhas, aqui os coqueirinhos, as arvorezinhas e aqui o céu. O céu foi um pouquinho difícil, passar um pouquinho o marronzinho, queria deixar ele bem clarinho e foi assim, foi assim como ficou.”

Bianca

“Eu peguei um lápis, eu tive uma ideia de botar uma linha assim e fazer o tronquinho aqui, aí pintei essa forma que tinha branco e amarelo. Eu peguei uma árvore e botei aqui depois eu fui pro chão. Peguei um pouco de terra de terra e botei nessa aqui e ficou assim.”

Anônimo

“Fiz com terra, eu pinte o desenho com terra e essa terra é do lugar que está coisado, que é cheio de terra e a gente faz com terra.”

Anônimo

“Fiz o coqueiro, um sol, uma nuvem, o céu, areia e o lago.”

Anônimo

“Pus a folha no chão, pus a terra e esfreguei com o dedo, eu fiz coqueiro, grama, a terra e o céu...”

Anônimo

“Eu fiz um coração, duas árvore, o mar e, e também uma casa, usei terra, molhei a terra e esfreguei, esfreguei, fiz um formato de coração e ficou desse jeito.”

Cecília

“Fui passando meu dedinho aqui e eu fiz o coqueiro, as árvores, eu usei o meu dedinho e fui passando e pegando a terra.”

Isaac

“Acho, eu desenhei os coqueiros, eu fazi direitinho, eu coloquei no chão, na terrinha, aí eu já acabei e pronto.”

Miguel

“Peguei muita terra né!!, aí eu passei o dedo e espaiou tudo. Eu também peguei um pouquinho de terra. Aí eu peguei mais um pouquinho e passei aqui embaixo... é... o chão da paia, isso é o céu. Peguei um pouquinho de terra e passei o dedo, ah... coloquei a foia na terra. Foi muito bom, muito bom mesmo. É... e também isso é o céu né!!, obviamente... eee o sol tá aqui, o sol redondo aqui, aqui é o céu, essa metade aqui, o céu está atrás do sol.”

Ana Alice

“Eu peguei a terra e aí fui misturando.”

Manuela

“Gente, esse pano, ele é feito de uma coisa, ele é feito pra uma coisa, ele é feito para terra e também para marcas de patinhas de jacaré... ele jogou uma terra colorida debaixo do pano e ele pôs o pano no chão, aí o jacaré saiu da água e eles ficaram pisando com as patas lá no pano.”

Anônimo

“Eu gostei das fotos dos colegas, gostei de todas tividades dos coleguinhas, de todas as fotos, eles pintaram na pedra da terra.”

Daniel

“Negócio de Jesus, pra olhar a gente, isso aqui é de Deus, tudo de Deus.”

Miguel

“Eu e a Elisa estávamos pano o pano, aí eu vi que ficou muito colorido antes de eu pra sala, colorido tudo tipo, vermelho, amarelo, é... rosa né!! e também marrom eeee...tem roxo? Não, e também tinha ummm...pouquinho tom deeee... marrom-escuro e a cola que a gente pôs.”

“Tecido dos pezinhos, pisou, todo mundo pisou, é do Carlos Vergara, dos bichinhos, veio e pôs as patinhas, todos animais e a gente fez a mesma coisa, jacarés, servo né!! Éee...galhinho da árvore que eu vi...”

Maurício

“É... a tinta guache tem produtos químicos que fazem mal mais a tinta de terra não tem, a tinta guache ela ... quando a gente alergia, a gente não pode pegá ela, que ela faz muito ruim pra alergaaaa, a de terra não faz mal, tipo eu acho que a cor da tinta de terra é diferente da tinta de guache, é porque uma tem mais cor de terra e outra tem mais cor tipo verde, amarelo, azul.”

Miguel

“Nó, essa aqui é pesado!”

Felipe

“Essa daqui eu acho meio brilhosa.”

Giovana

“Essa preda é muito grandona.”

Rafael

“Essa aqui que é maió óoo, meu Deus olha essa pedra, olha essa roxinha, azuizinha, uauuu...”

Maria Eduarda

“Eu peguei a terra no meio de um monte de plantinhas, aí... aí...aí eu peguei dois galhos de árvores pra misturar e aí eu usei babosa, água e terra, aí depois eu misturei e fiz a pintura, a minha mamãe me ajudou.”

Manuela

“A minha avó, ela colocou esses galhinhos, depois ela colocou a terra, depois ela pegou a colher e depois eu tava misturando. Eu tava misturando com a colher, depois eu coleí tudo isso aqui.”

Giovana

“Estou falando sobre a terra, você levou nós lá em cima, nós misturou muita terra na mesa e jogou água pra nós fazerem desenho, e depois voltamos pra sala, aí você mostrou a arte que nós fez e que ajudou a tirar o pano foi a Alice e o Tiago.”

“Você bota várias terra e foi jogando água e a gente foi misturando para a gente fazer o desenho, e quando nós fez os desenhos, nós terminamos foi lavar a mão e veio pra sala, a terra ficou marrom, porque misturamos. É porque a gente misturamos, pegou terra lá do canto aí jogou na mesa e virou tudo marrom. É porque virou marrom, porque a claridade também tava sol, mais só que a claridade do sol virou muitas as coisas marrons, aí tava todas as cores e molhamos, então virou marrom e o marrom é porque o marrom é o mais escuro dessas cores todas.”

Felipe

“Que ele pega as árvores queimadas, que aí ele faz uma obra e põe no museu dele.”

Miguel

“Essa terra é branquinha e é da minha cor, ela pode se camuflar com minha pele.”

Por meio desses relatos e entrevistas documentados nas falas das crianças, percebo o quanto isso agregou em aprendizado e experiências para seu crescimento

pedagógico, sociável, artístico, de interação umas com as outras, de forma a ficarem menos inibidas na hora de se expressar e mostrar seu entendimento do que foi apreendido, ou até mesmo expor algo que foi importante para elas... Nesse momento há uma troca de informações entre elas, em que algumas se sobressaem, auxiliando as demais, pois há crianças que gostam de falar, explicar e mostrar todas suas atividades – e ocorre o inverso, também.

Com o caminhar do projeto essas crianças foram se soltando e deixaram seus registros, mostrando a satisfação de participar das aulas de pigmentos. Pude ver que esse engajamento expresso no auxílio mútuo, em grupos elaborando um mesmo trabalho, surtiu efeito. Vejo falas explicativas, outras com empolgação e outras bem tímidas – o que já era esperado, mesmo com estímulos, pois cada criança tem o seu tempo.

Entendo, pela expressividade dessas falas, que as aulas tiveram um impacto positivo na vida delas, por estarem aprendendo algo novo e diferente, e percebi que cada criança tem afinidades variadas em relação às diversas práticas. Algumas gostaram mais de preparar os pigmentos, outras de fazer as pinturas, mas no geral todas se encantaram com as práticas, mesmo tendo suas preferências. Se a criança se manifestou, isso significa que aquele momento foi importante e de alguma forma aquela aula teve significado em sua vida.

Diante dessas falas também notei o quanto estar em outros espaços deixa as crianças à vontade para aprofundar seu conhecimento, sua criatividade e desvendar esse espaço. E posso dizer que algumas práticas surgiram da fala das crianças, pois em diversas ocasiões pensei: “Onde posso melhorar aqui?”. E, por meio da fala de uma criança, a ideia surgia. Vejo que aulas dinâmicas, diferentes, que prendam a atenção, fazem com que as crianças interajam mais e participem de forma assídua de suas atividades escolares.

3.2 Relatos de pais

Diante dessa tarefa das crianças, considerando sua idade e percebendo que elas poderiam ter certa dificuldade em realizar as práticas sozinhas, achei prudente ter a participação dos pais. Podemos perceber nos relatos destes, na sequência deste

texto, como foi estar com as crianças no processo de criação. Nas fotos é possível constatar o desenvolvimento de cada etapa, até chegar ao resultado final da obra.

Vejo que é de suma importância a participação dos pais na vida escolar da criança (não só nessa faixa etária, até mesmo como forma de estímulo) e de estarem fazendo algo juntos, para que eles demonstrem interesse, incentivando e mostrando que estudar é indispensável para nossas vidas, e que estar em contato com essas práticas é uma forma de aproximação e motivação para a criança. Por isso destinei esta subseção aos relatos dos pais e, por meio deles, vi o quanto foi valiosa sua participação nessa prática, pois cada pai traz relatos mostrando o quanto esse momento foi agradável, alegre.

Nesse sentido houve participação em todo o processo, desde as coletas até a obra final. Alguns optaram por preparar a têmpera usando o aglutinante à base de *Aloe vera*. Duas mães em específico optaram por introduzir vários pigmentos de seu conhecimento na prática com a criança. Como a minha intenção aqui não é excluir, e sim incluir, achei válido o trabalho fazer parte da pesquisa, pensando o quanto foi gratificante para esses pais essa oportunidade. Os suportes também ficaram à escolha de pais e crianças, desde que usassem material reciclável. Nas fotos enviadas junto com os relatos observamos o empenho em elaborar a prática, com dedicação e solicitude. Uma parte do trabalho do professor é refletir sobre todo o processo de desenvolvimento das crianças, como diz a BNCC:

Parte do trabalho do educador é refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças. (Brasil, 2018, p. 39).

Desta forma, deixo aqui alguns relatos de pais e sua satisfação em participar dessa prática com as crianças, e também as fotos das etapas do processo e a obra final, lembrando que toda essa parte foi enviada pelos pais.

Zilma, mãe da Maria Júlia

“A terra, coletamos de um formigueiro na avenida Austrália e na África. Peneiramos e depois fizemos a mistura com cola. Usamos terra de formigueiro que não corremos risco com xixi de gatos e nem de cachorros – bom, eu acho. Já com a

babosa usamos a terra que coletamos e usamos a babosa que nós cultivamos em baldes em casa”.

As imagens das (Figs. 168, 169, 170 e 171) foram enviadas por Zilma.

Figura 168 - Processo de criação



Fonte: Acervo da autora.
Fotografia: Zilma (2023).

Figura 169 - Pintura no *jeans* com pigmento mineral.



Fonte: Acervo da autora.
Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 170 - Pintura com pigmento mineral com aglutinante *Aloe vera*.



Fonte: Acervo da autora.
Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 171 - Pintura com pigmento mineral com vinílica.



Fonte: Acervo da autora.
Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Vanessa, mãe do Maurício

“Tanto eu quanto o pai dele fizemos com ele e foi bem divertido, fizemos no domingo à tarde na casa da minha mãe, avó do Maurício; colhemos a terra no quintal dela e o desenho dele foi baseado nas plantas do quintal dela.

Nós usamos a terra peneirada com cola branca e água, misturamos até formar a tinta com as mãos, mesmo; foi bem legal, tinha muito tempo que não ‘brincava’ assim. Conforme o Maurício foi pintando, ele foi explicando que a tinta de terra é

natural que, quanto mais mistura a terra, mais ela vai mudando a cor e, realmente, quanto mais mexia, a cor ia escurecendo e em repouso ela clareava, achamos muito legal. Ah, e pra fazer a tela usamos uma caixa de sapato aberta. Com certeza vamos fazer mais pinturas, foi muito divertido.”

As (Figs. 172 e 173) mostram todo o processo feito em casa.

Figura 172 - Processo da elaboração do trabalho.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Vanessa (2023).

Figura 173 - Trabalho feito com pigmento mineral com aglutinante de vinílica.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Nathallya, mãe da Ana Beatriz

“No começo ela achou curioso a ideia de terra virar tinta, ficou bem animada. Durante o processo ao ver a transformação ficou maravilhada. Gostou bastante do trabalho. Ela pintou a casa dos avós”.

As (Figs. 174, 175 e 176) mostram o processo feito em casa. As fotos são da própria Nathália.

Figura 174 - Coletando o pigmento.



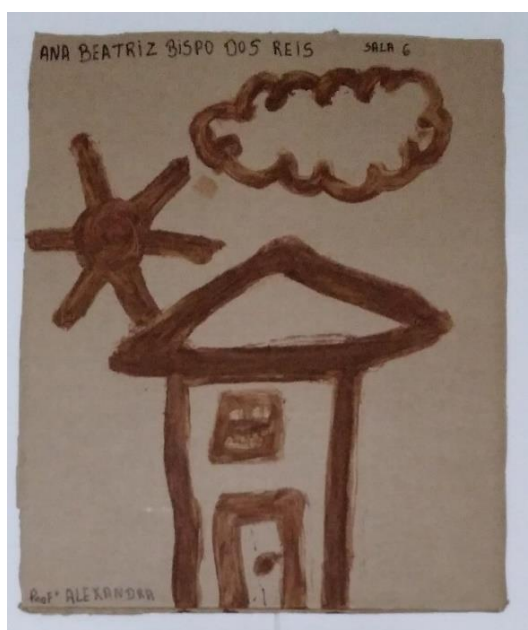
Fonte: Acervo da autora.
Fotografia: Natália (2023).

Figura 175 - Preparo da têmpera vinílica.



Fonte: Acervo da autora.
Fotografia: Natália (2023).

Figura 176 - Pintura com pigmento mineral feita em casa pela criança Ana Beatriz.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Flaviane, mãe do Cairon

“A gente recortou o papelão da caixa de leite, depois saímos pra recolher as folhas, ele sempre dedicado, escolhendo tudo, depois fomos em um monte de terra, foi no jardim da tia dele pra pegar a babosa. Logo ele e a vó começaram a fazer o processo da tinta. Eu ajudei ele colar e tirei as fotos. Ele gosta de fazer trabalhos assim kkk ainda mais que a vó dele ajuda kkk. A ideia da tinta de terra, muito criativa. Ele mostrou até para os vizinhos kkk!”

As (Figs. 177 e 178) mostram o processo da elaboração da têmpera e o trabalho final.

Figura 177 - Processo da elaboração do trabalho feito em casa pela criança Cairon.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Flaviane (2023).

Figura 178 - Pintura final com pigmento mineral da criança Cairon.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Izaura, mãe da Nicole

“A Nicole gostou da experiência”. “Primeiramente quero agradecer todo carinho e cuidado que você teve com minha filha Nicole. Ela tem um carinho e admiração enorme por você. Nós duas juntas, fizemos algumas coletas de terra, em alguns lugares diferentes. Na fazenda primavera município de Campina Verde. Encontramos em tons mais avermelhada, terras mais compostas, com texturas diversificadas. E também na Chácara do Corguinho município de Monte Carmelo, texturas mais claras, terra de cerrado, com cores brancas, mais amareladas. Foi um projeto que gostamos muito de trabalhar, conhecer mais sobre cores. Aprendemos muito com ele. Gratidão.”

A (Fig.179) mostra o processo de criação.

Figura 179 - Processo de criação da criança Nicole.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Rayane, mãe do Théo

“Nós colhemos a terra na portaria do condomínio. O Théo fez tudo! Utilizamos uma páprica e açafrão que eu tinha de uso doméstico e um urucum que ele ganhou na escola ano passado. Pesquisei na internet como surgiram as tintas, que no caso foi surpresa pra mim. Expliquei como surgiram e em seguida coloquei ele para fazer. Usamos cola branca, água e açafrão para o amarelo. Para o vermelho-claro, ele misturou a páprica, cola e água. Marrom, usamos a terra com água e cola. E aproveitamos e macetamos o urucum e cola para o vermelho escuro. Ele amou. Ficou empolgado com o resultado e todo processo. Foi muito participativo e organizado.”

A mãe se esqueceu de registrar o processo. A (Fig. 180) mostra o resultado final da atividade.

Figura 180 - Pintura da criança Théo



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Andréa, mãe do Raphael

“Foi muito bom, muito prazeroso ver ele pintar usando a natureza. As histórias que ele conta do planeta, que está vendo na escola. Muito bom ver o entusiasmo.”

“Ele conta tudo, tudo que aprendeu e que fazer para ajudar o planeta.”

Nessa atividade a criança mostrou todos os processos apreendidos em sala de aula. No início do ano letivo de 2022 eu apresentara outros elementos da natureza para eles, mostrando outras formas de fazer tinta, com folhas e flores, focando as tintas derivadas de terra. Só não mostrei como fazer tinta de condimentos que aparecem em seu trabalho, pois sou contra inserir alimentos e derivados em obra de arte. E ele não esqueceu, quis colocar todos em seu trabalho.

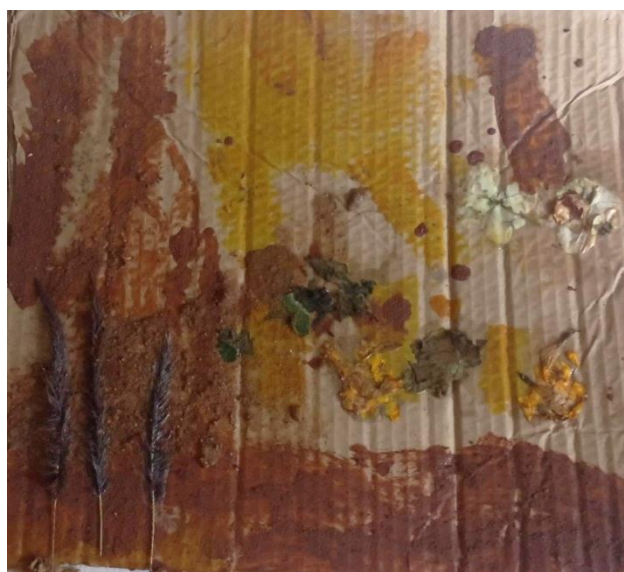
As (Figs. 181 e 182) mostram o processo e resultado final de Raphael.

Figura 181 - Processo de criação da criança Rafael.



Fonte: Acervo da autora. Fotografias: Andréa (2023).

Figura 182 - Resultado final da atividade com pigmento mineral da criança Rafael.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Nayara, mãe do Kaique

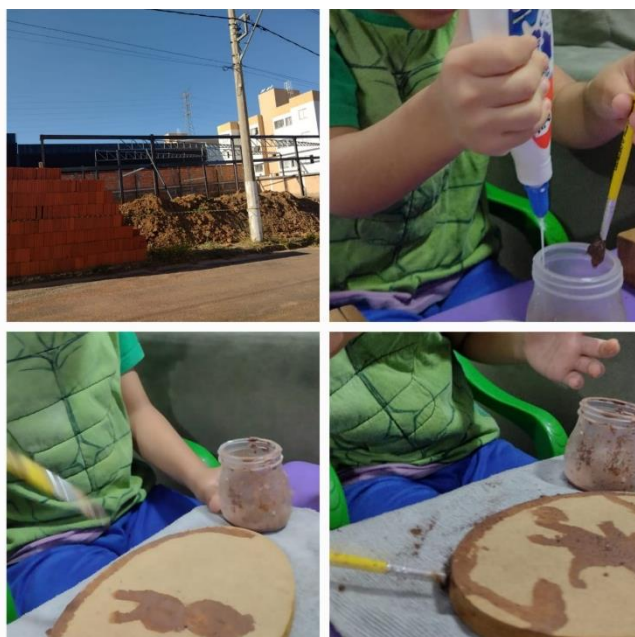
“O Kaique estava super empolgado em realizar atividade. Ele amou o processo!

Realizamos a coleta em um terreno próximo do Anel Viário Sul, onde encontramos algumas tonalidades de terras diferentes da qual ele estava acostumado a ver (vermelha). Ele percebeu que no mesmo torrão de terra (‘corte de paredão’) tinha cores diferentes, uma esverdeada e outras com tons rosados.

Kaique demonstrou iniciativa em criar a ‘tinta de terra’ de forma ativa, participando de todo o processo de confecção da tinta e na escolha do material base (MDF cru, que fazia parte dos materiais não estruturados). Percebemos um maior interesse em realizar propostas como essa, que envolve criações, demonstrados por meio de atenção sustentada, foco nos detalhes e proatividade em realizar.”

Na (Fig. 183) vemos o processo de criação e o trabalho final.

Figura 183 - Processo de criação da criança Kaique.



Fonte: Acervo da autora. Fotografias: Nayara (2023).

Mãe de Bianca e Beatriz

Apresento a seguir o relato da mãe dessas crianças, elas são gêmeas, então, a mãe fala em nome de ambas.

“Elas chegaram em casa dizendo que queria areia colorida, e eu fiquei sem saber o que que fazia, não mãe a tia quer areia colorida e aí eu fui pesquisar como é que tingia a areia. E aí eu como a elas disseram que para um dia, eu disse meu Deus como é que vou me virar agora para pintar essa areia. Aí eu peguei a tinta e comecei a pintar a areia de colorida, que elas queriam colorida. E aí quando eu chego na escola e pergunto, aí a professora, não é para vocês pegarem a terra dos lugares onde vocês forem. E aí foi isso, eu fiquei sem saber, mais aí a gente descobriu que realmente tem várias areias e terras diferentes, e foi muito interessante esse trabalho da professora”.

Por meio desses relatos pode-se apreender que os pais se sentiram como num retorno à infância, lembrando alguns momentos marcantes daquela época. No que tange às palavras, percebe-se a emoção na forma de se expressarem. Dessa forma, o comprometimento dos pais em elaborar esse trabalho veio agregar de forma positiva no crescimento das crianças, ajudando a estimular o aprendizado de seus filhos e deles mesmos. Considerando esse contexto, pude sentir ainda a satisfação e o orgulho dos pais em fazer parte dessa prática e, de certa forma, estarem mais próximos, incentivando as crianças.

3.3 Visita ao ateliê da artista plástica Darli de Oliveira

Conforme já foi dito anteriormente no Capítulo II, realizei uma pesquisa com os trabalhos da artista Darli de Oliveira. Considerando que ela tem um ateliê em Uberlândia, achei de suma importância uma visita orientada para que as crianças de 2º Período, com idade entre 5 e 6 anos, tivessem conhecimento da artista, de seu trabalho, suas ideias e seu acervo de pigmentos. Solicitei um agendamento e ela prontamente se disponibilizou a nos receber. O encontro aconteceu no dia 27.09.2023. Darli de Oliveira nos recebeu de braços abertos, pois seu ateliê fica em uma parte de sua residência. As crianças ficaram deslumbradas ao entrar pela sala e se deparar com quadros enormes nas paredes, todos feitos com pigmentos minerais. A casa em si é um encanto, com janelas e portas grandes de madeira, as quais chamaram atenção das crianças desde o primeiro momento.

Durante a visita elas ouviram a história de como Darli pintara os pássaros nas telhas, obras que haviam sido trabalhadas em sala de aula, ficando atentas a tudo que a artista falava e mostrava. Nossa anfitriã contou como e onde conseguira coletar os pigmentos minerais e mostrou os grandes potes de vidro com os pigmentos coloridos – potes esses que as crianças já haviam visto por foto, nas aulas. Vale dizer inclusive que a artista já havia feito doação de sete cores, que utilizamos em sala durante as práticas.

Do lado externo do ateliê ela mostrou o local onde coleta as flores para compor alguns de seus quadros. Esse material especificamente eu não apresentara à turma, por não fazer parte da pesquisa, uma vez que optei por trabalhar só com os pigmentos minerais. Darli apresentou a pintura em lona *Terra do Sol II*, a primeira imagem do

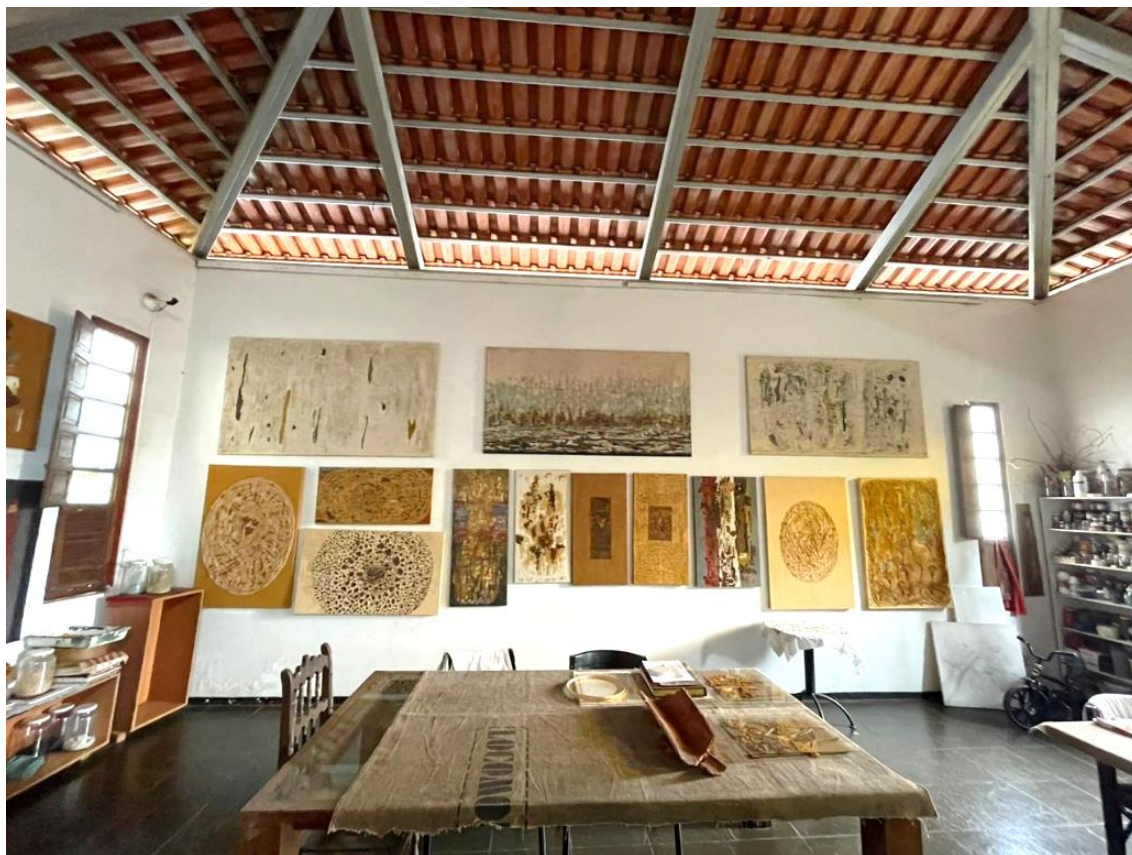
portfólio da artista que as crianças haviam estudado e que levaria à produção de um painel coletivo. Então, quando viram a dimensão da pintura, ficaram deslumbradas, fazendo várias perguntas, às quais a artista respondia, mostrando cada detalhe na obra gigante que estava em uma parede reservada de seu ateliê. Ela fez questão de apresentar seus croquis, desenhos rápidos, às vezes só com as linhas principais de algum objeto ou paisagem, que costuma fazer durante suas viagens, dizendo às crianças que tais desenhos seriam suas futuras pinturas em tela.

Os pequenos visitaram todos os espaços do ateliê, inclusive a parte externa, acompanhados pela artista e por professores – digo no plural, pois durante a visita, para segurança das crianças, estávamos em cinco pessoas: a professora Maria Helena, a supervisora Franciele, a fotógrafa e filha Geovanna, a estagiária Cintia e eu. Todas cooperaram a fim de que o evento fosse um aprendizado diferenciado para as crianças, já que a visita estava ligada ao fato de Darli de Oliveira e suas obras terem sido citadas nas práticas em sala de aula.

Para finalizar ela apresentou suas paletas de cores de pigmentos minerais e aquarelas. Assim, digo que foi uma visita que nos proporcionou vivências únicas, com conhecimentos sólidos e de vital relevância para o aprendizado das crianças neste projeto, em razão de elas terem conhecido a artista e suas obras de perto. Posso afirmar que foi uma manhã com aula diferente e inesquecível. Antes de voltarmos à escola, a artista foi surpreendida pelas crianças com abraços e beijos, o que a deixou comovida.

Vale dizer que toda a parte burocrática referente a essa iniciativa foi seguida de acordo com os regimentos da escola, em tempo hábil, para que a visita acontecesse de forma segura para as crianças. E para marcar esse momento da visita orientada ao ateliê da artista, deixo a seguir alguns registros, como mostram as (Figs. 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201 e 202).

Figura 184 - Panorâmica do ateliê da artista Darli de Oliveira.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Cintia Garcia (2023).

Figura 185 - Crianças entrando no ateliê da artista Darli de Oliveira.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Geovanna Cardoso (2023).

Figura 186 - Visita das crianças ao ateliê de Darli de Oliveira.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Geovanna Cardoso (2023).

Figura 187- Crianças ouvindo a explicação de Darli de Oliveira sobre como surgiram as obras dos pássaros.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Geovanna Cardoso (2023).

Figura 188 - Darli de Oliveira apresentando suas obras que estão em processo de criação.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Geovanna Cardoso (2023).

Figura 189 - Darli de Oliveira explicando como surgiu o trabalho dos pássaros.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Geovanna Cardoso (2023).

Figura 190 - Crianças atentas à apresentação de Darli de Oliveira.



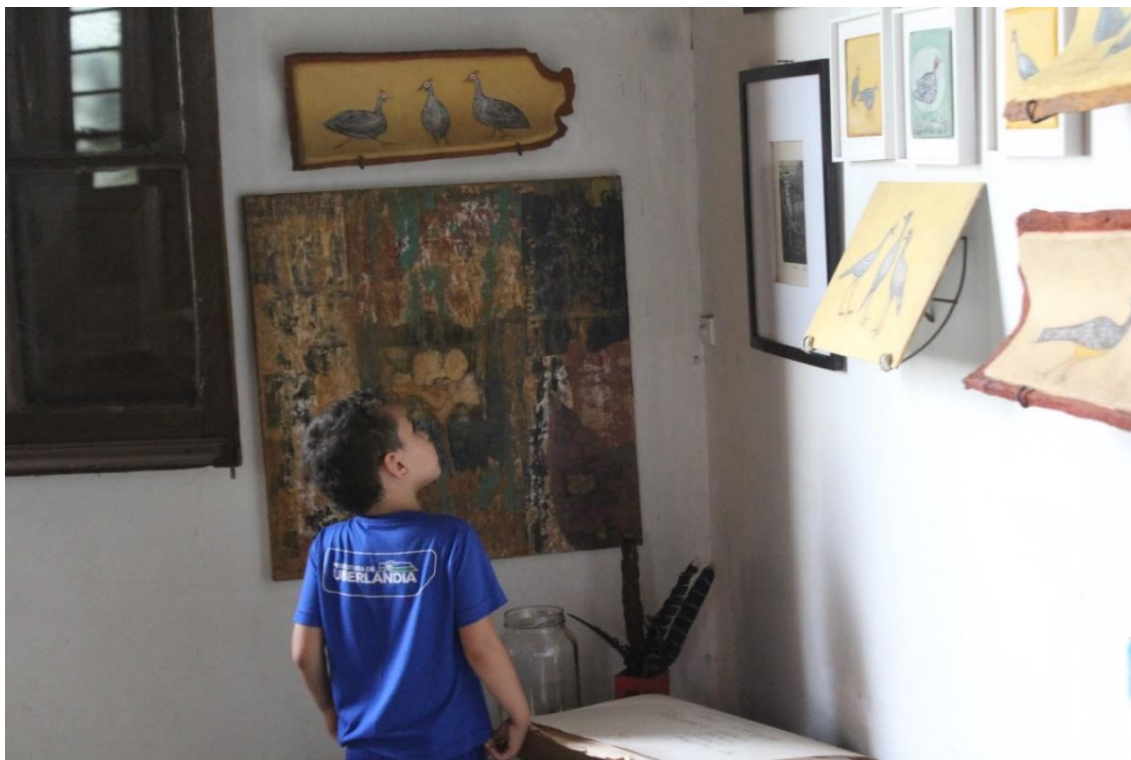
Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Geovanna Cardoso (2023).

Figura 191 - Crianças apreciando a área externa do ateliê, pela janela.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Geovanna Cardoso (2023).

Figura 192 - Criança apreciando as obras de Darli de Oliveira.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Geovanna Cardoso (2023).

Figura 193 - Darli de Oliveira mostrando os potes de pigmentos minerais.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Geovanna Cardoso (2023).

Figura 194 - Professora Cintia e criança apreciando as obras da artista Darli de Oliveira.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Geovanna Cardoso (2023).

Figura 195 - Crianças apreciando as obras da artista anfitriã.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Geovanna Cardoso (2023).

Figura 196 - Criança apreciando as obras da artista Darli de Oliveira.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Geovanna Cardoso (2023).

Figura 197 - Criança fazendo pergunta sobre as obras para Darli de Oliveira.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Geovanna Cardoso (2023).

Figura 198 - Darli de Oliveira apresentando a área externa de seu ateliê.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Geovanna Cardoso (2023).

Figura 199 - Área externa do ateliê da artista Darli de Oliveira.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Geovanna Cardoso (2023).

Figura 200 - Artista Darli de Oliveira explicando sua paleta de cores.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Geovanna Cardoso (2023).

Figura 201 - Darli de Oliveira mostrando quais as cores da paleta usara em sua obra.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Geovanna Cardoso (2023).

Figura 202 – A autora Alexandra Cardoso e Darli de Oliveira com a paleta de cores composta durante o mestrado da artista.



Fonte: Acervo da artista. Fotografia: Cintia Garcia (2023).

Durante a visita orientada, vi o quanto as crianças ficaram felizes, já entraram explorando o espaço, procurando saber onde estavam as pinturas que trabalháramos em sala, os potes de pigmentos... muitos reconheceram de imediato algumas das obras e foram correndo contar que já haviam visto aquelas pinturas e já conheciam o ateliê por foto. Antes do agendamento da visita, realizou-se todo um trabalho em sala de aula, conforme relatos anteriores neste volume: as crianças viram fotos da artista, de seu ateliê, até mesmo de parte de seu acervo de pinturas, várias vezes, durante as práticas.

Vejo que é de fundamental importância, antes de visitar um espaço com crianças pequenas, fazer toda essa apresentação. Por isto achei relevante levá-las a esse espaço: para que vissem como é um ateliê de arte, que não ficasse só em fotos, e pudessem vivenciar esse momento, conhecendo a artista pessoalmente, já que, na concepção delas, um artista é uma pessoa muito distante de sua realidade, assim

como um ateliê de arte, tido por elas como um espaço imaginário. Para os pequenos, foi uma forma de vivenciar de perto o que aprenderam em sala por meio de imagens e práticas com os pigmentos minerais.

No ateliê, por mais que os pigmentos estivessem ali nas pinturas e nas estantes, inclusive algumas cores doadas pela artista, e que Darli tenha mostrado os pigmentos já preparados e as pinturas prontas, eles sabiam o básico sobre como fazer sua coleta de pigmentos minerais e prepará-los para a pintura.

Por outro lado, mesmo com o conhecimento adquirido em sala, vi o quanto foi importante esse contato com a artista e suas obras, pois tudo ali era novo para a vivência das crianças. Digo “novo”, e não “novidade”, pois, como citei antes, eles já conheciam o espaço e a artista por fotos – o que não é a mesma coisa de estar pessoalmente no local, perante a pessoa.

Para testemunhar o que eu disse, achei prudente, fidedigno, plausível colher o depoimento das crianças após a visita, ao chegar na sala de aula, o que apresento a seguir. Pelas falas percebe-se que essas experiências e vivências são vistas de forma individual, cada um tem sua percepção. Outro ponto marcante foi poderem compartilhar outro espaço com os colegas, fora da escola.

3.3.1 Relatos das crianças após a visita ao ateliê da artista Darli de Oliveira

As crianças chegaram em sala de aula empolgadas, falando sem parar do quanto foi maravilhosa a visita, contando umas para as outras a sua experiência de ter conhecido o ateliê da artista e a própria Darli de Oliveira. Elas puderam vivenciar algo que estava distante de sua realidade, e eu, como docente, me sinto realizada em ter alcançado meu objetivo com essa visita, de poder gerar novos conhecimentos de forma a aprimorar, incentivar e ampliar a percepção artística das crianças. Por meio dessas entrevistas percebi o quanto o evento foi representativo, causando emoções diferentes a cada fala, e a satisfação, mesmo que singela – pois em alguns momentos senti que eles gostariam de dizer mais, mas não “saía”. Eles “ficavam no mesmo lugar”, como podemos perceber na fala de Arnaldo, que focou as pinturas, repetindo as cores. Percebe-se que ele gostaria de se expressar além do que disse, mas só repetiu palavras.

Desse modo vi o quanto a imaginação e a ludicidade fizeram parte das entrevistas: pelo fato de as crianças não saberem alguns nomes de objetos, formas, animais presentes nas pinturas, elas criavam outros nomes, o que é normal para essa idade, elas são espontâneas. Isso faz parte da criatividade. Vale apontar o quanto elas ficaram atentas e perceberam o espaço onde estavam inseridas. Outro elemento importante e marcante na fala das crianças é quando elas comentam sobre a cor azul. Entendo que, por ser rara e em sala não termos a cor azul em nossa paleta, isso chamou mais atenção. Exponho a seguir algumas falas das crianças.

Cecília

“Adorei, eu fui no ateliê, foi legal, eu vi um monte de cores, cores diferentes. Azul de terra, rosa, vermelho, azul, e as cores verde, amarelo, verde-claro, verde escuro. Eu vi um monte de coisas diferentes. Tudo que eu vi diferente lá foi uma coisa linda. Eu vi a pintura de menininho Jesus, de Deus. Fiquei de boa, gostei muito, muito. O ateliê dela foi maravilhoso, a casa dela é bonita.”

Maria Cecília

“Eu vi um montão de coisa legal e muito diferente. Aí vi umas coisas que ela mostrou, aí eu vi um quadro com retângulo gigante eu vi umas coisas mini. Aí teve um montãoooooo de coisas. As pinturas era de tinta de terra, aí falou que a cor azul é mais difícil de achar. Aí tinha um montão de cores.”

Ana Júlia

“É, eu gostei muito, foi legal, aí eu fui nesse passeio aí eu vi várias artes lá, eu vi uma arte e uma galinha, galinha bem bonita e uma coruja lá que ela tava brava. E como que ela tava brava eu vi um desenho assim, que ela fez. Eu vi um desenho de brilho azul. Eu vi uma pintura, aquela pintura vermelha, aquela cor. Eu gostei dela.”

Arnaldo

“Artista é pintura, ah! Ela mostrou umas pinturas, mostrou pinturas legais. E aí fez pinturas isso. Ela fez isso que é pintura isso, ela fez laranja, vermelho, mas ela mostrou Jesus e a moça. E ela pintou tudo e é arte. E é artes, e as crianças olhou, aí as pinturas. Ela fez as pinturas muito bonita. E que ela tava fazendo uma pintura de laranja e cá cor, mesma cor.”

Maitê

“Eu gostei muito, e também eu gostei dela, do neto dela e também eu gostei das artes dela. As artes dela é de terra, água e cola. Ela mostrou aqueles potes de terra, tinha azul, amarrum, a verde e também no ateliê dela tem uns quadros bem bonito. Eu vi uma lua, eu.... também vi aqueles desenhos dos pássaros e também eu gostei daquele...daquela manta de cobri coisas enorme que tem uns desenhos bem bonitos, e.... ferrugem e também eu gostei daquela bonequinha de semente, de ferrugem e de ummmm arame.”

Luísa

“As pintulas, e aquela pintula de pau, aquela que ela pegou terra e solo.”

Em minha posição de docente, me senti radiante por ter proporcionado esse momento especial de pura cultura, arte e conhecimento para as crianças, de modo a deixá-lo registrado em suas memórias.

A seguir deixo os relatos enviados pelos pais.

3.3.2 Relatos enviados pelos pais a partir da fala das crianças, sobre a visita ao ateliê da artista Darli de Oliveira

Confesso que não esperava por esses relatos, mas a emoção de algumas crianças foi tanta, ao chegar em casa discorrendo sobre como havia sido a visita ao ateliê de Darli de Oliveira, que os pais se sentiram na liberdade de contar o que ouviram, por meio de vídeos ou áudios nos grupos de WhatsApp da sala de aula. São frases simples, porém, com uma intensidade de conhecimento, de satisfação, de alegria, que podemos sentir o entusiasmo na forma de falar. Quando crianças relatam algo para seus pais é diferente de contar para o professor; penso que pode ser por não haver a presença de outras pessoas, o que às vezes deixa algumas crianças inibidas, fazendo com que não se expressem de forma espontânea. Então achei valioso o registro dos relatos que as crianças fizeram aos pais.

Miguel

“Oi galerinha, tudo bem? Hoje meu passeio foi muito bom. Eu lá na janela com meus amigos, aí eu voltei a professora me chamou e aí eu fui lá pra ela e fui ver as terras e depois eu vi é, flor, como vocês conhecem né!! Eu vi flor amarela e futinhas também, que é vermelha. Meus amigos tudo tava lá, valeu galerinha, tchau, um beijão pro ces aí, valeu aí.”

Cairon

“O passeio foi legal, Alexandra, mas você é uma artista, você é artista, mas aquela artista é legal como você, Alexandre. Então você, você é muito legal igual aquela artista. Então você fez muitas atividades com os coleguinhas, então eu gostei muito do quadro lá. Eu gostei muito de todos. E o passeio foi muito legal.”

Rafael

No caso específico da criança Rafael, ambos os pais enviaram relatos de como ele se expressou sobre a visita ao ateliê da artista, e para cada um dos pais ele fez relato de forma diferente.

Mãe do Rafael

“Boa tarde, sou mãe do Rafael, nossa ele está super feliz, não para de falar, contando, desenhando. Falando dos quadros, dos desenhos. Desde que chegou está desenhando.”

Pai do Rafael

“Ele contou o que aconteceu nas fotos. Esses desenhos é do filho dela. Lá a frutinha lá atrás. Mostrou um desenho, com terra cor de pele. Sabe esse trem que está atrás dela, então você está falando dos potes, olha minha sala, e Ana JÚLIA.”

Anthony

“Estava olhando pela janela, lá era onde as folhas tá viva, ela "pedava" pra fazer outras. Nós foi de Van, ela tava mostrando, não deu aula não.”

Isaac

“Aí a gente foi ver os passarinhos que ela desenhou, foi ver o quadro que ela ia pra praia. Aí a gente foi ver as obras de arte, aí na hora de embora foi lá e chegou na escola, aí gente comeu nosso lanche. Beijos”

Percebe-se pela forma de falar, que as crianças estavam felizes e empolgadas em contar aos pais tudo que havia acontecido. Rafael foi além, representando o que tinha visto por meio de desenhos. Diante dessas falas, percebo que a visita influenciou de forma positiva a minha prática, concretizando parte do que eles haviam aprendido em sala de aula – porque uma coisa é você ver no papel, outra é você ver pessoalmente, caminhar pelo espaço apreciando as obras.

3.3.3 Relatos da equipe de apoio que acompanhou a visita ao ateliê da artista Darli de Oliveira

É certo que essa visita trouxe um aprendizado diferenciado tanto para as crianças, como para os adultos que as acompanharam. Percebe-se pelos relatos que foram “momentos ímpares”, como cita a Franciele. Confesso que me surpreendi, pois era a primeira vez que a maioria estava dentro de um ateliê. Elas ficaram deslumbradas com os trabalhos da artista, a qual conheceram através desta pesquisa, e mais ainda com a forma com que Darli de Oliveira nos recebeu, toda prestativa. São falas de quem desfrutou momentos nunca vividos antes. Estar de frente para uma artista, conhecendo suas obras, às vezes parece distante da realidade de muitas pessoas. Todos estes relatos foram enviados via WhatsApp. São tantas palavras, que elas por si só dizem o quanto a visita representou para cada uma da equipe, como podemos ver a seguir.

Franciele Lopes – Analista pedagógica

“A visita ao ateliê pra mim foi um momento muito enriquecedor, tanto pra mim quanto pessoa, quanto profissional, é foi a primeira vez que eu fiz uma visita a um local desse e fiquei encantada com os trabalhos. Com os trabalhos que eu pude ver ali, as crianças também se encantaram com tudo que viam, a começar pela arquitetura

da casa, que eu achei maravilhosa, de uma forma com arquitetura totalmente diferenciada e depois os trabalhos que ali a gente pode conhecer.

Eu fiquei maravilhada com a forma que ela trabalha, né utilizando elementos da natureza, terra, folha, eu achei tudo muito, muito rico. Foram momentos ímpares que eu vivenciei ali no ateliê, eu até gostaria muito de levar minha filha, eu conversei com você né Alexandra e disse quer houvesse esta oportunidade, eu gostaria muito de leva-la, porque minha filha gosta muito de artesanato, pintura, sabe ela gosta muito, que ver se eu consigo organizar um momento pra voltar ali no ateliê.”

Maria Helena – Professora regente de sala

“Eu Maria Helena Fernandes, venho através deste relato, falar do meu encantamento ao visitar o ATELIÊ da artista Darli de Oliveira, a qual tem o prazer de falar de cada obra quando questionada, outras ela própria relata como nasceu aquela detalhadamente. É uma mulher encantadora com uma sensibilidade a florada. É apaixonante ver como alguns objetos que para nós leigos é simplesmente um lixo, ela transforma em uma linda obra de arte. DOU GRAÇAS A DEUS pelos os DONS de cada um de nós. Porque realmente é um trabalho lindo de se ver, em cada detalhe de suas obras, uma grandiosa obra que embeleza o nosso olhar, Como uma admiradora dos trabalhos artísticos, fico pensando como DEUS é dez, por dar esta sensibilidade para cada artista, ter o poder de criar tanta coisa linda para cada um que tiver o privilégio de visitar, admirar, encantar e ver que tudo é possível nas mãos certas. Parabéns Alexandra pela iniciativa da visita com as crianças e obrigada por ter escolhido a turma do SOL e por convidar-me.”

Geovanna Cardoso – Apoio fotográfico

“Eu amei conhecer o ateliê da artista Darli de Oliveira, é um espaço bem grande e aconchegante, com muitas obras bonitas em vários lugares da casa. A residência dela também é bem interessante, com a arquitetura diferente e mais rústica, além de ter um vasto quintal arborizado. Eu conheço alguns lugares com obras de arte, mas nunca cheguei de forma tão próxima de um artista, a não ser minha mãe, foi um momento de aprendizado e agradável, os alunos também adoraram e ficaram encantados com o ateliê. Ademais, a artista é uma pessoa maravilhosa, super simpática, atenciosa e gentil, explicando sobre seu trabalho com paciência e de uma

forma que as crianças entendessem. Além de ter pigmentos de terras diferentes e bonitos em suas obras, deixando fantásticas. Foi muito bom.”

Cintia Garcia – Estagiária de arte da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos

“Estou extasiada, você ver, é como se fosse uma criança que está vendo assim, eu quero ser isso quando crescer, e tudo que ela faz é tudo que eu quero, a ideia de reaproveitar as coisas, do usar tudo, não ter lixo, de usar do natural, transformar, enfim tudo, tudo assim, achei muito belo, e a coisa do bordado, do costurar também que elas faz né!!, diversas formas, abstrato, tudo na arte dela me alegrou, me tocou profundamente, tipo um encontro assim sabe comigo mesma, gostei muito, muito mesmo, e ai fica assim a mente fica fervilhando.”

Refletindo sobre as falas, fico feliz em ter proporcionado esse momento de vivência artística para essas professoras, e espero que em algum momento elas coloquem o que viram em prática com as crianças.

Em seguida apresento o resultado final de todo esse processo, por meio de três exposições.

3.4 Exposições

Para finalizar o projeto achei que seria valioso participar de exposições, e elas foram em número de três, acontecendo em espaços diferentes, com a montagem dos mesmos trabalhos elaborados pelas crianças. Cada espaço teve sua especificidade, sua expografia. Um deles levou mais tempo para a montagem, por ser maior e não ser próprio para exposições. Mesmo com todo trabalho, todo o estudo do local para saber onde iria cada pintura, no final o resultado foi satisfatório em todos eles: a nossa participação na 20ª edição da *Mostra Visualidades*, detalhada a seguir e realizada na quadra da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos; o CEMEPE; e o Laboratório Galeria do larte – UFU. Duas exposições aconteceram no final de 2023 e uma, no início do ano de 2024.

3.4.1 Exposições na escola - 20ª Mostra Visualidades - 2023

Participar da *Mostra Visualidades* seria uma forma de apresentar o resultado final de todo o processo da prática desta dissertação. Seria não só mais uma exposição, mas o momento de mostrar que podemos ter aulas de arte criativas, lúdicas, usando materiais oferecidos pela natureza e objetos recicláveis. No caso deste projeto, trabalhei com pigmentos minerais sobre suportes diversos na Educação Infantil.

A *Mostra Visualidades* é um evento que acontece há aproximadamente 20 anos na Rede Municipal de Ensino de Uberlândia. É um momento consolidado e representativo do trabalho realizado ao longo do ano nas escolas, por professoras e professores de arte da rede que se inscrevem para participar. Durante a Mostra, nas exposições em cada escola inscrita, é possível ver a diversidade e a amplitude de linguagens, contextos, suportes e materialidades que atravessam e embasam o ensino de arte, numa perspectiva crítica e emancipatória dos sujeitos. O evento acontece anualmente, geralmente no mês de outubro, sem data efetiva, contando com a visita dos estudantes, das famílias e de profissionais de outras escolas que fazem parte da Formação Continuada. Posteriormente, recortes dessas exposições seguem para o *Circuito Visualidades*, atualmente realizado nas instalações do CEMEPE, do qual falaremos logo adiante neste trabalho.

Com isso em mente, para encerrar a prática dos trabalhos elaborados durante a pesquisa de mestrado Prof-Artes/UFU com as crianças da EMEI Prof^a. Carmelita Vieira dos Santos, fiz a montagem da primeira exposição, que aconteceu no espaço cedido pela escola: a quadra, local destinado às aulas de Educação Física, que no período de 23 a 27 de outubro de 2023 se tornou uma galeria de arte, com obras realizadas com pigmentos minerais. Para montagem dessa exposição pude contar com a ajuda de algumas pessoas da instituição cujos nomes não citarei, minha irmã Angela, minha filha Geovanna e uma criança da escola que também é minha sobrinha, Luiza.

Ao longo da semana da *Mostra Visualidades* na EMEI Prof^a. Carmelita Vieira dos Santos, pude acompanhar todas as crianças até a galeria, orientando-as e apresentando os trabalhos expostos, inclusive as que não fizeram parte do projeto, pois não estão nas turmas das quais sou professora. Em outras ocasiões elas mesmas levavam as famílias para o espaço onde estava a exposição e mostravam suas obras

de arte. Durante a visita algumas famílias e profissionais, junto a seus nomes no livro de assinaturas da *20ª Mostra Visualidades - Exposição de Pigmentos Minerais*, deixaram seus relatos. No dia 25 de outubro houve a visita de professores de outras escolas inscritas e não inscritas na Mostra, da coordenadora do CEMEPE e de outros membros externos. Durante essa exposição ainda recebemos a visita de Darli de Oliveira, artista significativamente colaboradora do projeto; e de minha mãe, Nilza, que fez questão de visitar o espaço.

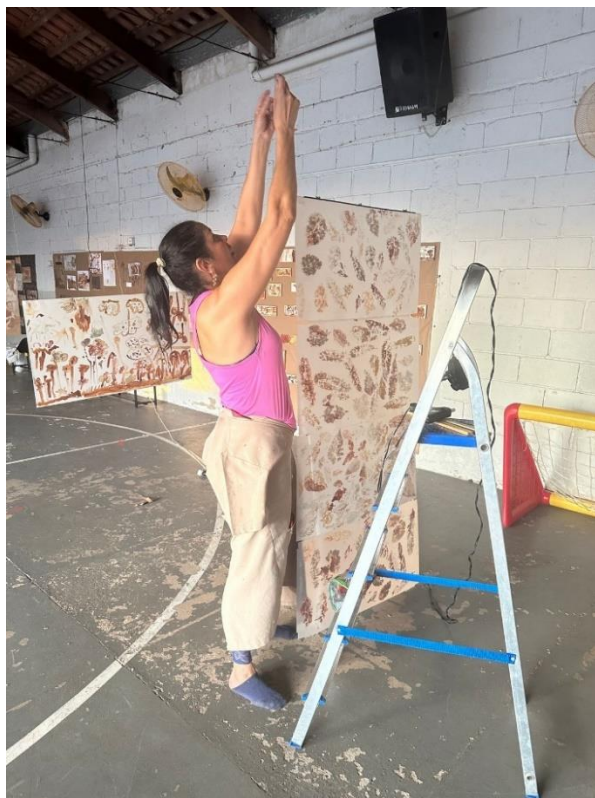
As imagens a seguir mostram o processo de montagem, a expografia final e os fragmentos da exposição durante as visitas que aconteceram ao espaço da quadra da escola, como podemos observar nas (Figs. 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231 e 232).

Figura 203 - Montagem da *20ª Mostra Visualidades - Exposição de Pigmentos Minerais* na quadra da Emei Profª. Carmelita Vieira dos Santos / A.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Dayane Jacob (2023).

Figura 204 - Montagem da 20ª Mostra Visualidades - Exposição de Pigmentos Minerais na quadra da Emei Profª. Carmelita Vieira dos Santos / B.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Dayane Jacob (2023).

Figura 205 - Montagem da 20ª Mostra Visualidades - Exposição de Pigmentos Minerais na quadra da Emei Profª. Carmelita Vieira dos Santos / C.



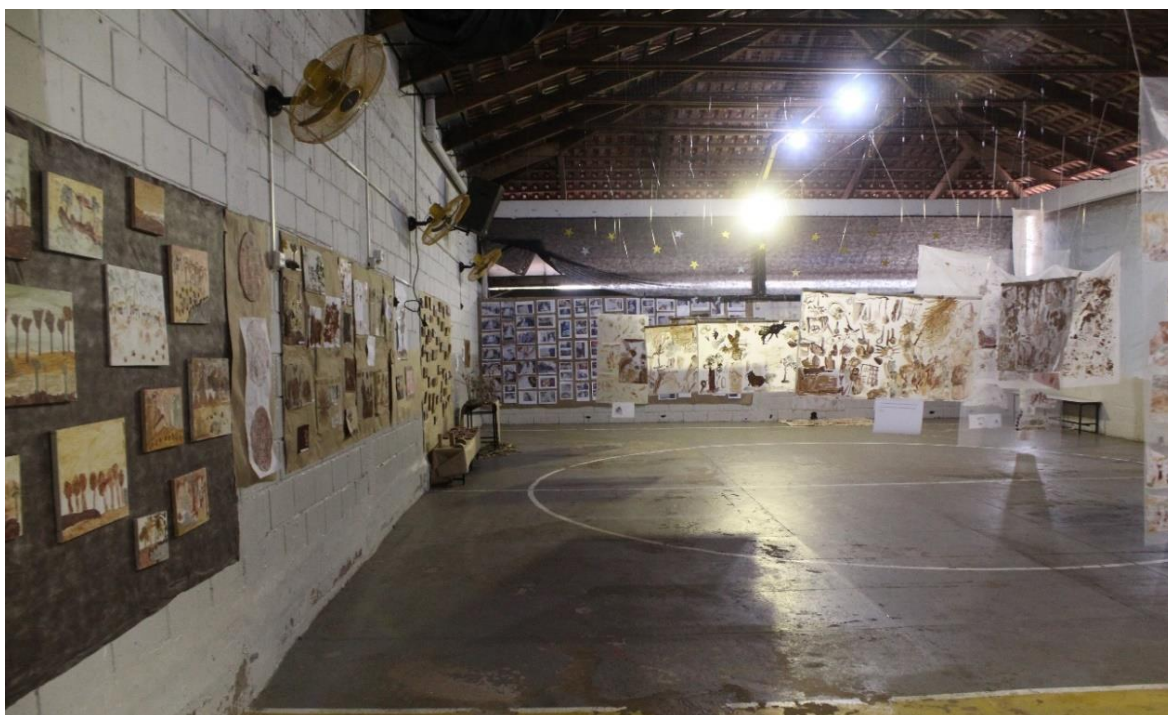
Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Dayane Jacob (2023).

Figura 206 - Exposição na quadra da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos / A.



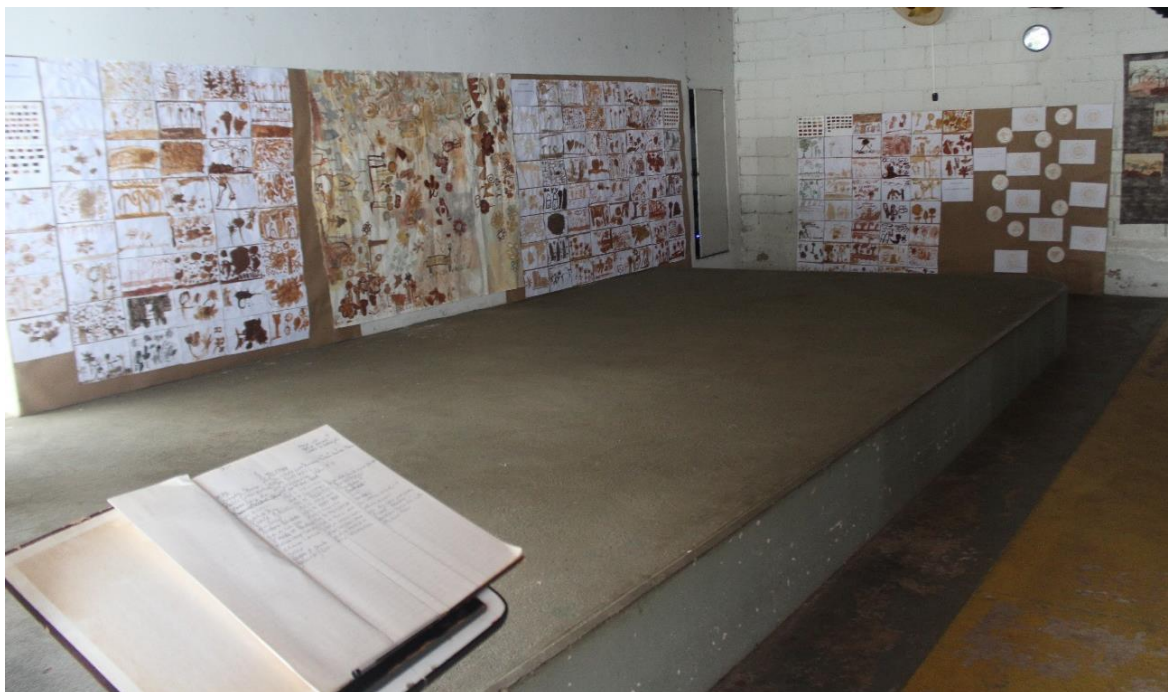
Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 207 - Exposição na quadra da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos / B.



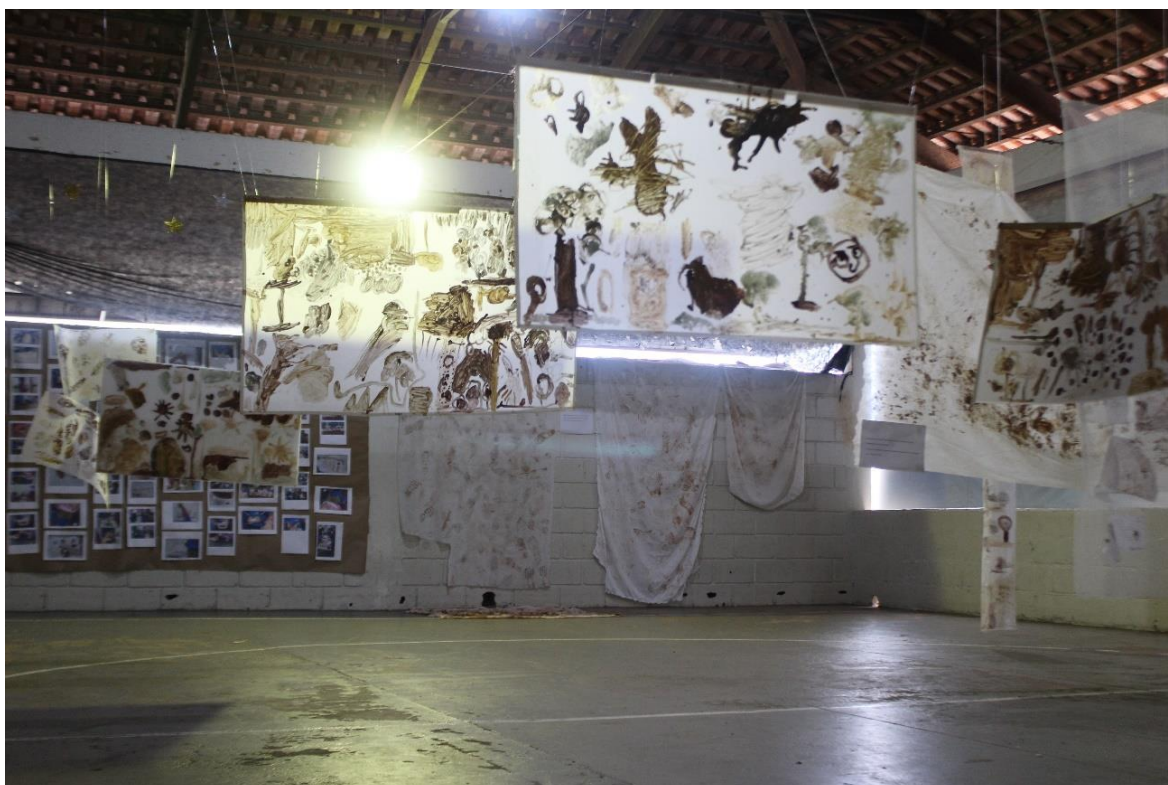
Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 208 - Parte da exposição na quadra da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 209 - Vista de outra parte da exposição na quadra da Emei Profª. Carmelita Vieira dos Santos.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 210 - Vista da parte central da exposição na quadra da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 211 - Vista de outra parte da exposição na quadra da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 212 - Outro ângulo da exposição na quadra da EMEI Prof^a. Carmelita Vieira dos Santos.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 213 - Instalação feita tendo como referência a obra *Conjunto de Esculturas*, de Frans Krajcberg, conforme imagem presente na exposição ao fundo na fotografia.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 214 - Pintura feita sobre MDF com têmpera vinílica de pigmentos minerais, 80 x 45 cm.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 215 - Estudo da paleta de cores e desenhos monocromáticos realizados pelas crianças.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 216 - Estudo da paleta de cores e desenhos monocromáticos das crianças e xiloisopografia com têmpera vinílica de pigmentos minerais.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 217 - Pintura em tela com têmpera vinílica de pigmentos minerais, várias dimensões.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 218 - Matriz e impressão de xiloisopogravura com têmpera vinílica de pigmentos minerais sobre papel.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 219 - Pintura com têmpera vinílica de pigmentos minerais no acetato branco, 94 x 53 cm.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 220 - Vista parcial da exposição na quadra da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 221 - Pintura. Pegadas das crianças com pigmentos minerais no tecido molhado, 195 x 245 cm.



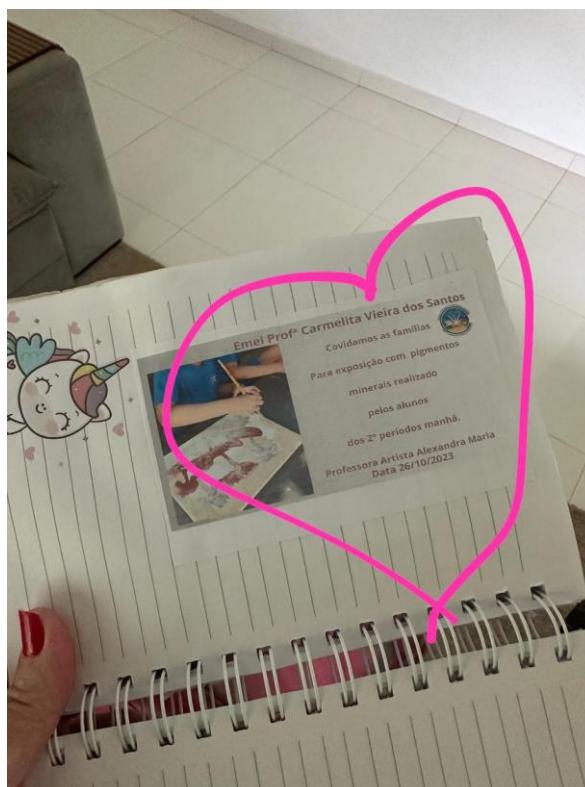
Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 222 - Monotípia em tecidos diversos com têmpera vinílica de pigmentos minerais costurados em tela mosquiteira.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 223 - Foto do convite enviado pela mãe de uma das crianças, para a 20ª Mostra Visualidades - Exposição de Pigmentos Minerais, montada na quadra da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Dayane Jacob (2023).

Figura 224 - Pintura com pigmentos minerais no tecido de algodão cru, 100 x 190 cm.



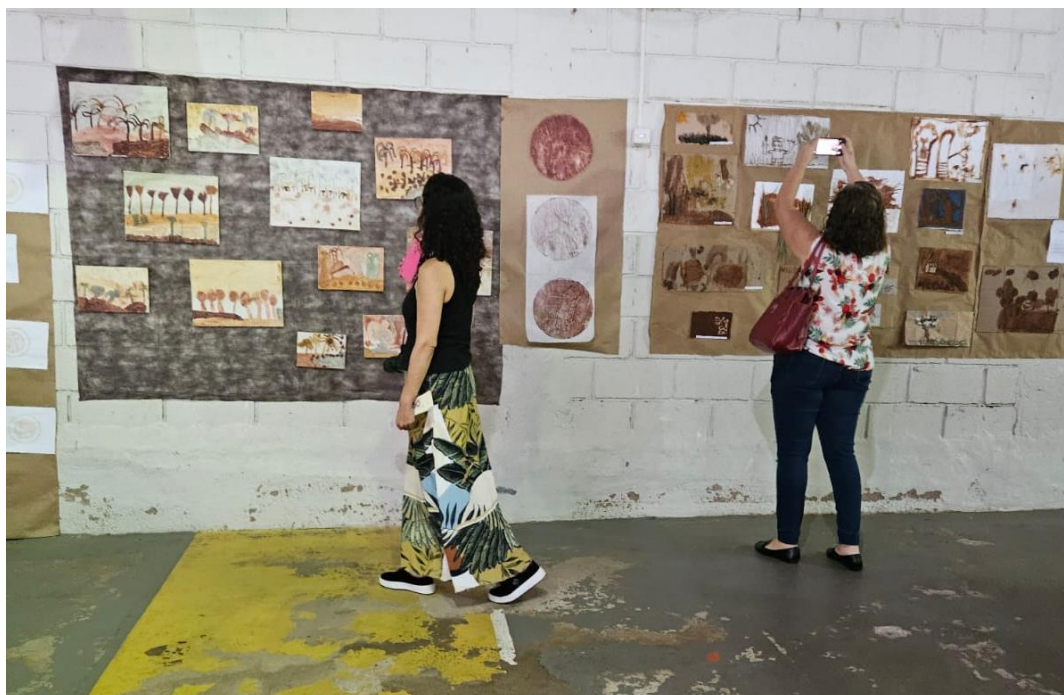
Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 225 - Visita da artista plástica Darli de Oliveira à 20ª Mostra Visualidades - Exposição de Pigmentos Minerais na quadra da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Thiago (2023).

Figura 226 - Visita dos professores e coordenadora da Formação Continuada do CEMEPE à 20ª Mostra Visualidades - Exposição de Pigmentos Minerais na quadra da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos / A.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Nilva Maria (2023).

Figura 227 - Visita dos professores e coordenadora da formação continuada do CEMEPE à 20ª Mostra Visualidades - Exposição de Pigmentos Minerais na quadra da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos / B.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Nilva Maria (2023).

Figura 228 - Visita dos professores e coordenadora da formação continuada do CEMEPE à 20ª Mostra Visualidades - Exposição de Pigmentos Minerais na quadra da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos / C.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Nilva Maria (2023).

Figura 229 - Visita das crianças à exposição de seus trabalhos na 20ª Mostra Visualidades - Exposição de Pigmentos Minerais, na quadra da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos / A.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Nilva Maria (2023).

Figura 230 - Visita das crianças à exposição de seus trabalhos na 20ª Mostra Visualidades - Exposição de Pigmentos Minerais, na quadra da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos / B.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 231 - Visita das crianças à exposição de seus trabalhos na 20ª Mostra Visualidades - Exposição de Pigmentos Minerais, na quadra da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos / C.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 232 - Autora Alexandra Cardoso e sua mãe Nilza Maria em visita à 20ª *Mostra Visualidades - Exposição de Pigmentos Minerais*, na quadra da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Geovanna Cardoso (2023).

A 20ª *Mostra Visualidades - Exposição de Pigmentos Minerais* foi um dos eventos que aconteceram no ano escolar da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos, no qual as famílias e outras pessoas da comunidade escolar puderam apreciar os trabalhos produzidos pelas crianças durante o processo do projeto de pigmentos minerais. Particularmente, não pude permanecer na exposição o tempo todo, por estar em sala de aula, então, deixei um livro de assinaturas para que as pessoas pudessem, além de seu nome, escrever seus comentários sobre o que acharam da exposição ou algo que julgassem pertinente. Assim, alguns visitantes disseram que lembraram a infância; outros, que nunca haviam visto algo tão belo e nem sabiam o que era uma exposição. E ver os trabalhos dos filhos deixou as famílias emocionadas, despertando o interesse em saber onde conseguiram tantas cores de pigmentos minerais.

Os visitantes externos ficaram parados em meio aos trabalhos no centro da quadra, contemplando o espaço, antes de se direcionarem a alguma obra específica. Houve uma pessoa que chegou a comparar a expografia com a Bienal de São Paulo. Trago a seguir os relatos deixados durante a exposição.

3.4.1.1 Relatos dos visitantes da 20ª Mostra Visualidades - Exposição de Pigmentos Minerais

Kimberly Paiva – Professora regente

“Oie, levei meus alunos para visualizarem suas obras de arte, eles ficaram encantados. Vou registrar algumas falas que lembro. Nossa tia que cores bonitas. Eles fizeram a mão? Ficou lindo essas cores do desenho na madeira. Como eles fizeram esse desenho na tampa branca?”

Renatha Alves – Professora de Culturas Regionais

“Ao visitar a exposição de arte realizada pela professora Alexandra, era como se estivesse sido transportada para outro lugar devido a forma harmoniosa que foi exposto as obras, além disso dava para ver nos trabalhos a grandeza de detalhes.”

Keila Rizza – Professora regente I

“Parabéns pra nossa artista maravilhosa. Excelente trabalho, Ale! As crianças amaram ver os trabalhos em exposição. Tudo perfeito!!!”.

“Excelente exposição realizada pela professora Alexandra, juntamente com as crianças da EMEI Profª. Carmelita sobre o tema “Pigmentos Minerais na Educação Infantil”. O resultado final foi dado pelas próprias crianças ao demonstrarem satisfação e entusiasmo ao verem suas atividades expostas e sendo admiradas por todos da escola, comunidade e visitantes. Parabéns!!!”

Eliane Alves - Readaptada

“Parabéns Alexandra ficou muito lindo a exposição maravilhosa olhar cada detalhe.”

Eunice - Oficial Administrativo

“A mostra na quadra da escola foi muito bonita emocionante, cada pintura com sua marca registrada, fui caindo no mundo da pintura de cada aluno, foi maravilhoso, com a música no local foi muito envolvente.”

Izabela de Abreu

“A identidade e ancestralidade falou forte.”

Dayse Gonçalves - Professora de Culturas Regionais

“Uberlândia, 28/11/2023. Tive a oportunidade de ver a exposição de pinturas com tintas de vários tipos de terras, com cores variadas. Os trabalhos feitos por alunos da Educação Infantil foi incrível e a meninada amou... parabéns professora Alexandra...”

Vanessa Fernandes – Mãe de ex-aluno

“Eu antes de te conhecer não dava muita importância pra artes, mas depois de você eu comecei a ver os detalhes a importância da expressão artística e que se pode fazer isso com vários materiais diferentes. Eu fiquei encantada com o trabalho pois entramos num mundo onde tudo fica perfeito.”

Brígida Correa – Professora de Arte

“A exposição de arte utilizando pigmentos naturais de terra foi de muita relevância e beleza. A professora Alexandra soube desenvolver a temática com muita maestria e significado. Na visita e apreciação estética da exposição, percebi nos trabalhos expostos, a arte fluindo em várias e riquíssimas criações expressivas dos alunos, nas imagens produzidas com pigmentos naturais.

As imagens que mais se destacaram para meu gosto estético, foram as produzidas em acetado transparente e de tamanho grande; uma imagem lúdica, bela e contagiante que remeteu ao grande artista Hélio de Lima de Uberlândia no seu livro: “Pé de Livro”. A referência à maravilhosa artista Uberlandense Darli Oliveira, foi visivelmente notada e destacada com várias “possibilidades de pensamentos”. Na visita à exposição ficou bem claro o apoio e valorização do projeto pela Supervisora Nilva, que esteve presente, e nos recebeu com acolhimento e entusiasmo. Parabéns professora Alexandra, Supervisora Nilva, equipe da escola e principalmente alunos artistas!!!

Que Deus os abençoe com as mãos talentosas e fraternas!!

Abraço de luz da tia Brígida.”

Foto enviada pela professora Brígida (Fig. 233):

Figura 233 - Pintura com pigmentos minerais no acetato transparente enviada por Brígida.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Brígida (2023).

Suzi - Educadora Infantil

“A exposição Pigmentos minerais, da prof. Alexandra Cardoso, realizada na EMEI Prof. Carmelita Vieira dos Santos, oportunizou aos alunos, vivenciar o contato com a natureza, além de explorar a criatividade e a imaginação.

As crianças puderam experimentar várias texturas, fizeram descobertas fantásticas criando cores e tons utilizando pigmentos minerais. Foi muito satisfatório observar a exposição e poder experienciar um pouco da emoção que as crianças sentiram ao produzir diversas formas de arte através dos pigmentos minerais comuns ao cotidiano delas.”

Lázara Regatieri – Professora de Culturas Regionais

“A “Exposição Pigmentos” foi um dos eventos mais surpreendentes que tivemos este ano em nossa escola. Apreciar as produções das crianças, orientadas pela professora Alexandra, que faz um trabalho extraordinário, foi muito gratificante. Trabalhos lindos e originais, que valorizam nossa natureza com toda sua beleza e diversidade! Parabéns às crianças e professora! Lindas produções!

Professora Lazara Regatieri.

Culturas Regionais e Locais/ EMEI Carmelita”

Sonia Maria- Professora de Arte

“Eu amei a exposição!

Achei muito harmônica, suave e ao mesmo tempo profunda. Dava pra perceber o processo percorrido: as experimentações, a pesquisa e a evolução de toda trajetória. Bem como envolvimento dos alunos e seus familiares. Tudo muito lindo de ver.”

Nilva Maria – Analista Pedagógica

“Trabalhar com a professora Alexandra durante o ano de 2022 e 2023 ao desenvolver o projeto com os pigmentos minerais, nos proporcionou uma experiência mágica, tanto para as crianças como para os profissionais, mas diretamente para as crianças porque elas puderam experimentar, observar e vivenciar e pesquisar em relação as texturas, as cores dos pigmentos minerais, e conhecer vários artistas que a professora Alexandra com muito cuidado, com muita atenção no seu planejamento, na sua organização proporcionou pra elas esse conhecimento.

Então trabalhar com a professora Alexandra não só esse ano, nem no ano anterior, mas já alguns anos que estou acompanhando o trabalho, na verdade há três anos que nós estamos trabalhando juntas, a gente atenção e o carinho que ela tem ao observar cada aluno, de cada turma. Então ela observa individualmente o desenvolvimento daquela criança, daquele aluno específico, as vezes nas nossas conversas da análise do trabalho e com ela percebe a criança e como ela desenvolveu, ela sempre tem um comentário, uma observação pontual de cada aluno. Então eu acho isso admirável, mesmo aquela criança que as vezes tem alguma resistência em relação ao contato, em relação as texturas, quando a gente senta pra conversar, nossa Nilva tem um registro aqui que o aluno fez, que ele experienciou, então não só dos alunos que estão desenvolvidos, que gosta, mais espontâneos. A gente percebe que nesses dois anos, essas crianças, mesmo aqueles que ainda tinha uma resistência com texturas ou ainda não compreendia o que poderia ser o resultado, eles conseguiram assim, fazer coisas admiráveis, e assim o encantamento que eles tiveram.

Encantamento que eu também como profissional, uma coisa assim que me chamou atenção, eu achei muito interessante, é a organização, a disposição dos materiais, tinha a parte criativa, espontânea, eles exploraram o espaço da escola, as texturas, as várias cores, transformação das pedras de várias cores. Eu me encantava a cada momento que ia sendo realizado. E quando foi a exposição na quadra, aquelas

paletas de cores, gente assim, que admiração, que memórias que volta pra gente também, da nossa infância, é você resgata várias memórias que a gente tem durante a vida né! Então eu fiquei encantada com esse trabalho.

Então a partir do planejamento, da organização que eu já citei, de cada etapa, de cada artista trabalhado, de cada possibilidade de as crianças representarem, experienciar esses objetos, o movimento junto com a Alexandra pra gente alcançar também as famílias, que as famílias também participassem, que elas tivesse compreendendo qual era o objeto, a proposta de trabalho. Na solicitação do envio da terra de vários lugares por onde fossem, e como algumas famílias compreenderam né! Tanto em etiquetar, identificar o local, data, então como isso é importante até pra nós profissionais que estamos acompanhando essa organização, isso eu achei muito interessante.

As famílias participando também, propiciando espaço pra que as crianças em determinado momento, na sua convivência com a família ou com grupos de crianças que eram mais próximas, eles também experienciam isso em casa. Trazer algumas telas, ou trabalhos que eles realizaram e trouxe isso como demonstração com referência de alguns artistas ou não, conforme orientação da Alexandra, eles esporem e apresentarem para seus colegas as suas produções. Nós que estamos em um momento de tanta plastificação, de tantas cores, de tantos elementos que estão a vista aí para as crianças, esse resgate e essa inserção assim, realmente da natureza, daquilo que está muito próximo, que pode ser transformado em uma tinta maravilhosa, tentadora, que dá resultados, aquelas nuances, aquelas cores, que pensei, nossa como pode.

Eu acho que para as crianças é uma experiência única e mágica. Eu quero parabenizar a professora Alexandra e agradecer por ter o privilégio de ter aprendido também e dela trazer essas memórias. Construir essas memórias afetivas, essas experiências com as crianças. Então eu acho que foi um trabalho de excelência, que a oportunidade que as crianças tiveram foi significativa e muito oportuna, e a escola também como instituição ganha de ter um profissional tão qualificado, dedicado e assim os desafios que nós tivemos, ela principalmente, em relação a materialidade do que deveria ser produzido, e ainda depois compartilhar e poder fazer isso uma apreciação pra que as famílias e também as crianças de toda a escola, os familiares pudessem ver, então é uma grata experiência, uma satisfação imensa de poder estar junto.

E nessa organização toda a gente, a oportunidade, de fazer com que as crianças também visitassem o ateliê de artista aqui de Uberlândia pra que eles compreendessem esse trabalho que é feito com os pigmentos minerais, fazendo um recorte do trabalho dela, aquela que ela registrou e deixou demonstrado. Os méritos são da Alexandra, você tem um olhar cuidadoso para cada criança.”

Nilza Maria – mãe da autora

“Trabalho maravilhoso”

Vanessa – mãe de ex-aluno

“Criativo, variado, lindo!”

Marcos Vieira – Doador indireto de pigmentos

“É simplesmente perfeito, sabendo de onde foi tirado e ninguém imaginaria de q um simples material natural se pode ter essa maravilha q são essas obras de arte, parabéns pelo seu trabalho e pela sua dedicação, ficou simplesmente perfeito.”

Percebo, pelas falas, que as pinturas causaram emoções diferentes em quem esteve presente à exposição; muitos encantados com os trabalhos, sem acreditar que todos foram produzidos a partir da têmpera de pigmentos minerais. E, por serem relatos de algumas professoras de arte como eu e outras pessoas admiradoras do processo, pude refletir que estou no caminho certo, procurando sempre inovar para trazer conhecimentos diferenciados a fim de aguçar a curiosidade, o aprendizado das crianças, de forma que as aulas de arte fiquem cada vez mais interessantes e que elas possam extravasar o conhecimento adquirido. Estou satisfeita com a produção das crianças e em saber que foi possível transmitir para os visitantes não só a técnica utilizada, mas todo o processo de ensino-aprendizagem.

3.4.2 Exposição no CEMEPE - *Circuito Visualidades 2023*

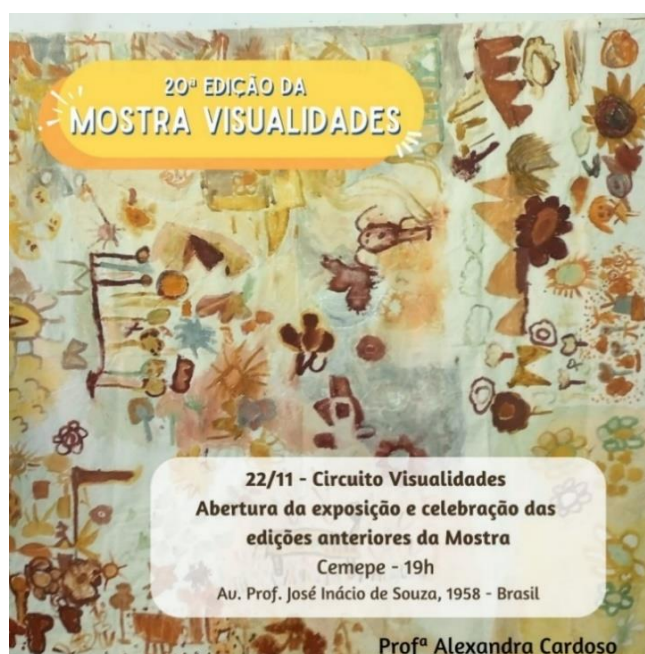
O *Circuito Visualidades* acontece geralmente duas semanas após a *Mostra Visualidades*. Para este momento é feito um recorte dos trabalhos expostos nas escolas, os quais são apresentados em alguns espaços externos. Atualmente acontece no pátio do CEMEPE. Em edições anteriores tínhamos como parceiros a

Galeria do Sesc e o Graça do Aché. Nesse contexto, juntamente aos recortes de trabalhos de outras escolas participantes, fizemos a montagem da *Exposição de Pigmentos Minerais* no pátio do CEMEPE.

Mais uma vez um desafio: como colocar os trabalhos em um mesmo espaço ocupado por outras 15 escolas, com trabalhos e temáticas diferentes? Cada participante ficaria com uma parte do pátio, assim, seria necessária a preocupação de colocar trabalhos com temáticas parecidas mais próximos, sem deixar perder sua estética. Durante a montagem, todos os participantes se ajudaram, em equipe. Essa exposição pôde ser vista no período de 22 a 29 de novembro do ano de 2023. Nesse espaço alguns visitantes puderam deixar seu relato no livro de assinaturas utilizado durante a exposição das obras de Pigmentos Minerais, já que havia outros trabalhos de outras escolas no mesmo espaço.

A expografia ficou perfeita. Mesmo com vários trabalhos diferentes, cada mostra teve sua comunicação com o visitante. Na semana deste evento também recebi relatos via mensagens por WhatsApp, os quais foram transcritos sem alterações logo adiante, junto a outros relatos obtidos no livro de visitas. Foi uma exposição que cativou olhares, por parte dos visitantes na noite de abertura, sendo que alguns estiveram na exposição anterior, ocorrida na escola. A seguir podemos apreciar o convite da exposição e suas respectivas imagens nas (Figs. 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247 e 248).

Figura 234 - Convite individual para a 20ª Edição da Mostra Visualidades e do Circuito Visualidades.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Marina Vargas (2023).

Figura 235 - Convite geral da 20ª Mostra Visualidades.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Marina Vargas (2023).

Figura 236 - Abertura da 20ª edição do *Circuito Visualidades* no CEMEPE / A.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 237 - Abertura da 20ª edição do *Circuito Visualidades* no CEMEPE / B.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 238 - Panorâmica da exposição do CEMEPE com painel de algodão cru.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 239 - Panorâmica da exposição geral do CEMEPE com painel no TNT.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 240 - Vista parcial da exposição no CEMEPE.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 241 - Outro ângulo parcial da exposição no CEMEPE.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 242 - Painel de TNT, com têmpera vinílica de pigmentos minerais, 195 x 245 cm.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 243 - Pintura com pigmentos minerais na madeira e mostra dos pigmentos minerais naturais.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 244 - Pigmentos minerais naturais, coletados pela autora, em exposição no CEMEPE.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 245 - Pigmentos minerais naturais, de doadores indiretos, em exposição no CEMEPE.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 246 - Mostra da instalação em exposição no CEMEPE.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Figura 247 - Autora na exposição do CEMEPE.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Silvana Rocha (2023).

Figura 248 - Parte da pintura com têmpera vinílica com pigmento mineral no algodão cru e tela em exposição no CEMEPE.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2023).

Durante o tempo do *Circuito Visualidades* no CEMEPE, alguns visitantes ficaram surpresos com tantas cores de pigmentos coletados e com forma como as crianças pintaram, distribuindo bem cores e formas, ocupando o espaço harmoniosamente; cada pintura tinha sua particularidade. A disposição dos pigmentos

minerais dentro de saquinhos de plástico e garrafinhas também chamaram atenção dos visitantes, que puderam contemplar a variedade de cores usadas pelas crianças. Assim, de forma geral foi um trabalho que obteve resultado positivo, recebendo convite para a próxima edição da revista do CEMEPE e eu, como autora, na medida do possível, para ministrar oficinas no decorrer do ano de 2024. Achei pertinente deixar, na sequência, alguns registros coletados no livro de assinaturas e mensagens recebidas pelo WhatsApp.

3.4.2.1 Relatos dos visitantes da 20ª edição do *Circuito Visualidades*, no CEMEPE, em 2023

Percebo que pelos relatos, a exposição mais uma vez se comunicou de forma diferente com os visitantes, dizendo o que “muitas vezes a boca não diz”, como citou Danielle Alves. São falas livres que dizem um pouco de nossa realidade no espaço escolar, outras acadêmicas, outras que deixam fluir a sensação de deslumbre.

Fernanda Paschoal

“Os trabalhos nos levam em uma viagem sensível e volta a infância e ao prazer da descoberta da terra e suas cores.”

Eliane Tinoco

“Os trabalhos com galho e pigmentos naturais são belíssimos. Parabéns aos alunos e professora. + 20 anos de Visualidades.”

Danielle Alves

“A arte é a maior expressão do ser. Ela comunica muitas vezes o que a boca não fala e a mão não escreve. A arte é catarse. Gratidão por esse projeto tão lindo.”

Marina Vargas

“PIGMENTOS MINERAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Visitar a exposição A criança e a experiência utilizando pigmentos minerais na educação infantil foi um momento de muita cor e muitas surpresas.

Foi muito interessante ver os resultados obtidos através da pesquisa com os pigmentos, a produção das crianças, a diversidade dos suportes, das diferentes dimensões e das formas utilizadas. A escolha dos materiais e das referências artísticas ao longo do projeto também ampliaram a experiência enriquecendo o olhar a fruição estética. Um processo embasado e coerente que se materializou numa exposição convidativa, sensorial e significativa.”

Marcelo Ponchi

“Os trabalhos apresentados pela professora Alexandra são ricos em detalhes e me inspiraram para também explorar e produzir atividade com os discentes. As pinturas com pigmentos minerais me encantam pela variedade de tons e cores de terra, fascina o olhar e preenchendo as expectativas criadas através da proposta utilizada nas pinturas. O estudo e pesquisa apresentado são de imenso valor para nós que trabalhamos na educação, pois na maioria das vezes a falta de material é preenchido por recursos encontrados na natureza e que estão próximos.”

Luciana Napoli

“Sobre a exposição apresentada no Circuito Visualidades 2023, percebi um trabalho bem apresentado, com muita preocupação na pesquisa de materiais, suportes. Sobre as tintas e pigmentos naturais a professora explorou bastante a riqueza desses materiais e acredito que tenha levado para a sala de aula muitas experiências enriquecedoras. Não é só o material em si, mas, o significado de trabalhar esse pigmento também observando a interdisciplinaridade, o meio ambiente, a importância da natureza no processo artístico. Achei uma exposição muito bem organizada e, especialmente muito desenvolvida com os alunos. O fazer da pintura muito rico, com muitos detalhes, com muita pesquisa e uma criação que enche os olhos também pela beleza.”

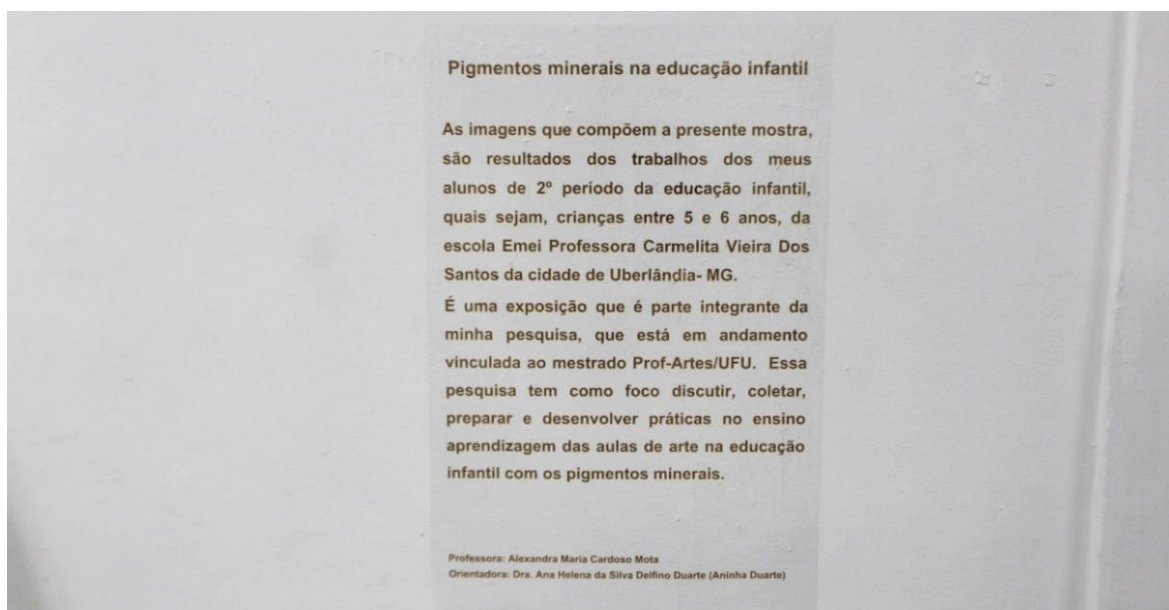
Percebo mais uma vez pelas falas, que a exposição chamou atenção não só pela estética, ela mostrou como as crianças souberam aproveitar de forma coerente todo o processo de ensino e aprendizagem mediante minha orientação e também percebi que a variedade de cores de pigmentos minerais chamou atenção de alguns visitantes, então fico feliz em ter proporcionado aprendizado para as crianças e de

saber que outras pessoas também perceberam a evolução das crianças. E com os resultados obtidos nessas exposições, me arrisquei a mostrar esse trabalho para comunidade acadêmica da UFU, onde montei a exposição no Laboratório Galeria - larte - UFU, como podemos ver próximo tópico.

3.4.3 Exposição no Laboratório Galeria – Bloco I - Sala 1I-218 - UFU 2024

O Laboratório Galeria é um espaço destinado a exposições temporárias de alunos da UFU e outros projetos pertinentes à área. Ele é uma sala localizada no Bloco 1I salas 218-220. A exposição nesse espaço aconteceu na semana do dia 05.01.2024 a 13.01.2024. Posso dizer que foi a exposição que menos gastou tempo para ser montada, penso que por ser um espaço destinado para esse fim. Durante a montagem pude contar com o auxílio de minha irmã Angela e minha filha Geovanna. Dessa forma os trabalhos das crianças aos poucos foram ocupando a galeria, as quais ocuparam paredes, teto e chão, pensando em uma expografia de forma que um trabalho não interferisse no outro, deixando a exposição harmoniosa. Sabendo que não seria só a estética do trabalho em questão que estava em foco, mas sim mostrar a produção e a evolução do aprendizado das crianças em relação aos pigmentos minerais, sabendo que teria um público em que a maioria são estudantes universitários, e alguns fazendo licenciatura que o curso oferece. Logo na entrada foi deixado o livro de assinaturas para que os visitantes pudessem deixar sua assinatura e também comentários se desejasse. Nas (Figs. 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272 e 273) a seguir podemos ver disposição das obras na galeria,

Figura 249 - Texto da apresentação da exposição adesivado na parede do Laboratório Galeria – Bloco 1 - Sala 11-218.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2024).

Figura 250 – Outro ângulo do texto adesivado na parede da galeria, com vista da lateral direita da exposição.



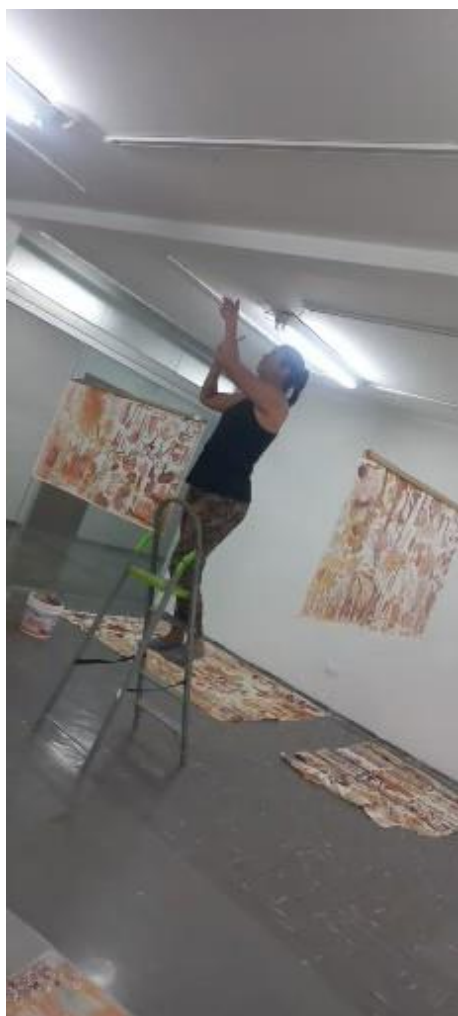
Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2024).

Figura 251 - Montagem da exposição no Laboratório Galeria – Bloco I - Sala 1I-218 / A.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Geovanna Cardoso (2024).

Figura 252 - Montagem da exposição no Laboratório Galeria – Bloco I - Sala 1I-218 / B.



Fonte: Acervo da autora.
Fotografia: Geovanna Cardoso (2024).

Figura 253 - Montagem da exposição no Laboratório Galeria - Bloco I - Sala 1I-218 / C.



Fonte: Acervo da autora.
Fotografia: Geovanna Cardoso (2024).

Figura 254 - Montagem da exposição no Laboratório Galeria – Bloco I - Sala 1I-218 / D.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Geovanna Cardoso (2024).

Figura 255 - Montagem da exposição no Laboratório Galeria – Bloco I - Sala 1I-218 / E.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2024).

Figura 256 - Vista geral da exposição no Laboratório Galeria – Bloco I - Sala 11-218.



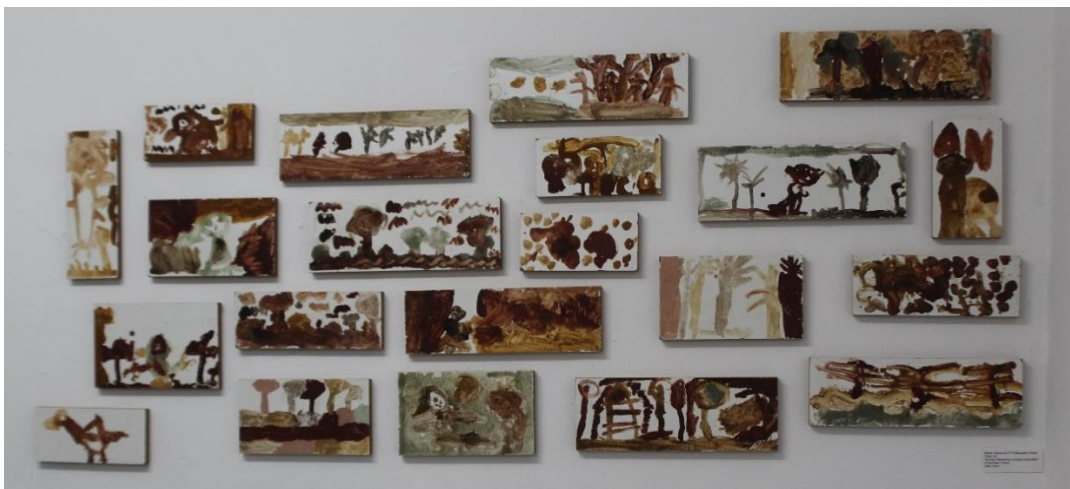
Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2024).

Figura 257 - Vista parcial da exposição no Laboratório Galeria – Bloco I - Sala 11-218.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2024).

Figura 258 - Têmpera vinílica com pigmentos minerais sobre MDF de vários tamanhos.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2024).

Figura 259 - Mostra dos pigmentos e paleta de cores de todos os pigmentos minerais usados nas obras das crianças.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2024).

Figura 260 - Pintura em tela com têmpera vinílica pigmentos minerais, diversos tamanhos.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2024).

Figura 261 - Pintura em tecido cru com têmpera vinílica de pigmentos minerais, 190 x 160 cm.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2024).

Figura 262 - Pintura com pigmentos minerais feito em casa com as famílias, diversos suportes.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2024).

Figura 263 - Monotipia com pigmentos minerais no TNT, 195 x 245 cm.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso. (2024)

Figura 264 - Pintura com têmpera de pigmentos minerais no acetato transparente, 110 x 63 cm.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2024).

Figura 265 - Instalação

Fonte: Acervo da autora.
Fotografia: Geovanna Cardoso (2024).

Figura 266 - Instalação

Fonte: Acervo da autora.
Fotografia: Geovanna Cardoso (2024).

Figura 267 - Pegadas das crianças feitas com pigmentos minerais no tecido, 130 x 230 cm.

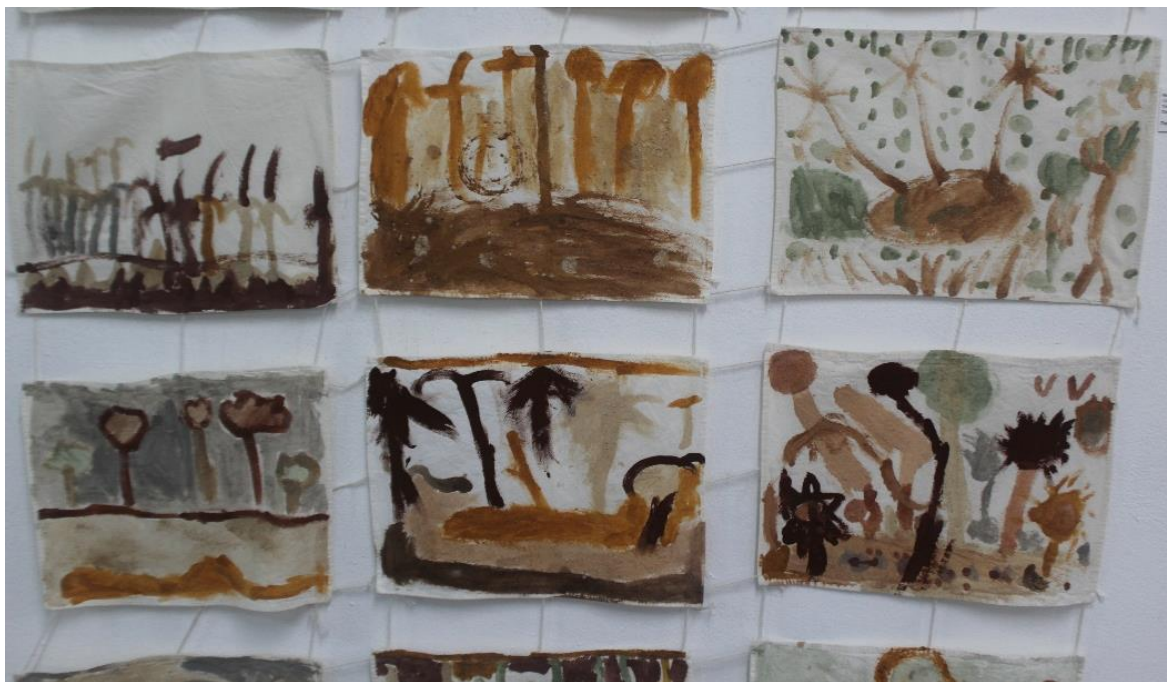
Fonte: Acervo da autora. **Fotografia:** Alexandra Cardoso (2024).

Figura 268 - Pintura no algodão cru com têmpera vinílica de pigmentos minerais, 30 x 24 cm / A.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Geovanna Cardoso (2024).

Figura 269 - Pintura no algodão cru com têmpera vinílica de pigmentos minerais, 30 x 24 cm / B.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Geovanna Cardoso (2024).

Figura 270 - Pintura no algodão cru com têmpera vinílica de pigmentos minerais, 100 x 190 cm.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Geovanna Cardoso (2024).

Figura 271 - Livro de assinaturas na entrada da exposição do Laboratório Galeria – Bloco I - Sala 11-218.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Alexandra Cardoso (2024).

Figura 272 - Desmontagem da exposição do Laboratório Galeria – Bloco I- Sala 1I-218 / A.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Geovanna Cardoso (2024).

Figura 273 - Desmontagem da exposição no Laboratório Galeria - Bloco I - Sala 1I-218 / B.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia: Geovanna Cardoso (2024).

Finalizando a exposição no Laboratório Galeria da UFU, percebi que a quantidade de visitantes superou o número das duas primeiras exposições e penso que isso se deve ao fato de ser uma galeria e estar no bloco dos cursos de Arte, onde há uma movimentação grande de estudantes universitários. Boa parte dos visitantes deixou elogios no livro de assinaturas. Dos três espaços onde os trabalhos foram expostos, nessa galeria, mesmo sendo pequena, foi onde se obteve visibilidade das peças como um todo, provavelmente porque é um local especificamente para esse propósito. Mesmo que a quadra da escola e o pátio do CEMEPE não sejam próprios para exposições, tiveram seus pontos positivos, pois sabemos que devemos respeitar o espaço e as regras de cada local liberado para se mostrar o trabalho final de nossas crianças. E nem sempre vamos ter uma galeria, e sim quadras, corredores, área externa da escola, ou seja, o espaço ou local que a instituição determinar para esse fim.

No meu entendimento, vejo que este projeto teve uma boa visibilidade por públicos diferentes e que a arte se fez presente por meio do resultado das práticas com pigmentos minerais. Com os relatos, vi o quanto o retorno foi satisfatório e mexeu de alguma forma com essas pessoas. Muitas disseram que os trabalhos estavam encantadores, outros ficaram surpresos em ver a desenvoltura e a criatividade de crianças tão pequenas. Costumo dizer que eles são “os pequenos artistas criativos”.

3.4.3.1 Relatos dos visitantes da exposição do Laboratório Galeria - Bloco I - Sala1I - 218

Percebo pelas falas que a exposição agradou esteticamente quem a visitou, recebendo alguns elogios pela expografia, pelo material trabalhado, pelas cores usadas, ou seja, ela foi vista como uma exposição de obras de arte, sem envolver a prática artística com as crianças. A seguir, apresento algumas falas dos visitantes.

Rebeca Bertoli

“A exposição ficou incrível!!! Soube aproveitar muito o espaço.”

Alexandre Batista

“Ótimo trabalho! e a expografia ficou perfeita! Parabéns!”

Ana Beatriz

“Amei as cores!!!.”

Anônimo

“Minha amiga olhou de fora e tava criticando falando que os alunos não pintavam muito bem... Eu trouxe ela aqui dentro e ela viu que eram crianças... Aí ela ficou feliz!”

Luiza Malter

“Arrasaram galera.”

Anônimo

“impressionante”

Angela Maria

“Achei seu trabalho muito interessante e inovador, despertando a curiosidade das crianças dentro dos vários materiais acessíveis.”

Gabriela Santos

“Ficou incrível!”

Rute Vieira

“Ficou um amor.”

Anna Carolyna

“Muito gracinha.”

Foi a exposição que mais recebeu assinaturas, com vários elogios, os quais não descrevi, deixando somente os relatos, os quais foram poucos. Por ser um espaço de estudantes de Arte, percebe-se a contemplação da estética, das cores usadas, das formas, dos suportes variados, da disposição dos trabalhos no espaço. Alguns sem acreditar que poderiam ser crianças os autores de tantas pinturas chamativas, outros deslumbrados com a criatividade das crianças.

Posso dizer que estou satisfeita com o resultado obtido, ao ver colocações elevando as cores, a disposição dos trabalhos no espaço, os elogios destinados às crianças e à professora, a diversidade de suportes utilizados e a surpresa de alguns com a grande variedade de cores de pigmentos dispostos na paleta de cores em exposição. Vejo que por meio dessas falas posso seguir nessa didática, sempre buscando inovar para trazer algo diferente que contribua com futuros trabalhos.

Diante dos resultados positivos obtidos com as exposições, percebi o quanto é relevante levar os trabalhos para a participação em exposição pública, em eventos já sistematizados; e também levar as crianças aos ateliês de artistas quando elas puderem ser recebidas. Ainda, vale ressaltar a importância de levar para a universidade o trabalho resultante das práticas da professora com as crianças, considerando que o curso tem licenciatura, para dar visibilidade de todo o processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Portanto, foi extremamente proveitosa e enriquecedora toda a vivência com os pigmentos minerais, desde a coleta, o preparo, o desenvolvimento, até o resultado final do processo visto nas exposições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências desta dissertação são uma coroação para o fato de os pigmentos minerais terem feito parte de minha vida na infância, na graduação de Artes Plásticas na UFU e nas experimentações vivenciadas com esses elementos pelas crianças pequenas da Educação Infantil. Durante o desenvolvimento do processo com as crianças, observei, descrevi, ouvi, coletei, registrei os fatos relevantes de cada aula de arte. Nessa trajetória posso frisar que a pesquisa foi uma oportunidade de crescimento, aprendizagem, reflexão, enquanto professora/pesquisadora.

Dentro desse contexto, afirmo que meu experienciar com elementos da natureza na infância foi de suma importância, por deixar memórias de momentos felizes, nos quais a criatividade fluía, e que mais tarde perpassaram pela minha vida acadêmica, contribuindo para meu aprendizado ao aprimorar conhecimentos sobre os pigmentos minerais. Com o passar do tempo na docência, percebi que poderia usar essa vivência na disciplina de arte, de forma a gerar aulas diferentes, com materiais coletados na própria escola – isso, para suprir a ausência de materiais básicos. Nesse sentido, as aulas práticas se tornavam atrativas, criativas, envolvendo as crianças em todo o processo. Foi aí que senti a necessidade de me aperfeiçoar e buscar novos saberes, os quais pudesse agregar à minha prática. Nesse caminhar, cheguei até o Mestrado Profissional (Prof-Artes) da Universidade Federal de Uberlândia.

Deste modo, à medida que as aulas do mestrado aconteciam, pude refletir um pouco mais sobre a minha prática, percebendo o quanto fora importante esse percurso com os pigmentos e o quanto isso cooperou nas aplicações em sala de aula. Por serem elementos de fácil acesso, estarem ao alcance de todos e também por terem pequena probabilidade de causar alergia, os pigmentos deixaram as aulas de arte cada vez mais atrativas e interessantes para as crianças, que tiveram sua participação em todo o processo de coletas, no preparo de têmperas e na execução das obras.

Arrisco dizer que, depois dessa vivência, as crianças se sentiram mais motivadas e entusiasmadas para participar das aulas de arte, por estarem envolvidas em todo o movimento de criação, pois, a partir daquela ocasião, elas sabiam que podiam produzir suas próprias têmperas com pigmentos minerais coletados por elas na natureza, no espaço escolar ou em outros lugares, o que lhes proporcionou condições de realizar produções expressivas, criativas, tendo seu potencial explorado

de modo lúdico – lembrando que as crianças pequenas têm seu jeito único de vivenciar os momentos, surpreendendo-nos com resultados impressionantes, como vimos em suas produções.

Sendo assim, de um lado vale ressaltar nestas considerações que nas escolas públicas podemos nos deparar com eventual carência de materiais e, por outro lado, sinalizo que a minha vivência com o repertório do curso me possibilitou evitar essa problemática. Observei que, nas aulas trabalhadas com materiais convencionais como a têmpera guache, as crianças gostam, por ser pintura. A vantagem é que essa têmpera possui cores vibrantes e chamativas e existe a possibilidade de obter outras cores com sua mistura, e isso as crianças gostam de fazer, mas, nesse caso, elas já pegam a têmpera pronta; sem contar que algumas são alérgicas, enquanto que, com os pigmentos minerais, obtive melhor resultado por ser uma têmpera cujo pigmento as próprias crianças coletaram e prepararam, sempre atentas às orientações. Todos os pequenos queriam misturar as têmperas, curiosos para ver as cores nos suportes. Foram momentos diferenciados, em que tudo era novidade para as crianças, já que eram elas que preparavam suas próprias têmperas e sabiam sua origem.

É preciso dizer que, mesmo no início do processo, com a falta de opções de cores, quando eu perguntava sobre as têmperas, as crianças logo respondiam que haviam gostado da pintura com pigmentos. Deduzo que seja pelo prazer de prepará-los. Estavam sempre ansiosas para a próxima aula de artes. Com toda essa vivência e euforia das crianças, vejo que é valioso o uso desses elementos na Educação Infantil, ou até mesmo como um material alternativo.

Outro ponto positivo é a participação das famílias no processo, ação que surgiu em uma das reuniões de apresentação do projeto a elas. Uma das mães me perguntou “como pintava a terra”, outra indagou “onde iria arrumar terra/areia colorida”. A partir desses questionamentos, as famílias foram convidadas a fazer parte das coletas dos pigmentos minerais com as crianças, em pesquisa de campo, e, mais à frente, participar de uma prática em casa, orientadas pelos filhos. O resultado dessas coletas foi bastante positivo, pois as crianças descobriram uma amplitude de tonalidades para compor a paleta cromática. Se no primeiro momento elas entendiam que o pigmento era de uma só cor, durante essa coleta com as famílias perceberam que o pigmento tem várias outras nuances, sendo possível encontrar diversas cores em um só lugar. Assim, as crianças aprendem a cor por meio da experiência vivida, percebida no ato

coleta, do preparo e da pintura, e conseguem entender a importância da paleta cromática para suas pinturas durante as práticas.

Essa participação contribuiu de forma positiva para o aprendizado das crianças e das próprias famílias. Houve uma troca de conhecimento entre ambas as partes, uma transferindo o que entendera do assunto para a outra, as crianças mostrando o que aprenderam e as famílias orientando, de forma a atender à proposta da atividade.

Continuando o que foi dito em relação às coletas, senti que deveria fazer parte desse contexto, indo a campo em busca de novas cores de pigmentos, visando ampliar a paleta de cores e incentivar as crianças a coletarem novas tonalidades, com isso deixando as aulas mais atrativas, com mais opções para as produções. Confesso que foram momentos de grande aprendizado para todos os participantes, pois, como pesquisadora, sei que existe uma variedade imensa de tons e, na realização da coleta, consegui vários tons diferentes de pigmentos em único lugar. Observei que algumas crianças também tiveram esse olhar, essa curiosidade de intensificar as coletas. Foram ocasiões de trocas, vivências, aprendizado, compartilhamento entre crianças e professora.

Com o resultado positivo experienciado, vejo que é de grande valor a atitude do professor(a) como pesquisador(a), participante da ação. Isso, sem contar as doações feitas por pessoas indiretas, que vieram trazer contribuições interessantes para a paleta cromática. Por meio desse percurso, hoje disponho de um acervo relevante de cores, as quais agregaram recursos para o processo e a execução das práticas artísticas de forma eficaz.

Cito ainda o quanto é importante o uso dos pigmentos minerais em suportes variados, incentivando a criança a utilizar como suporte o material que tiver no momento, de modo que ela também possa elaborar suas práticas com itens recicláveis. Nesse cenário, objetos que seriam descartados podem virar obras de arte nas mãos das crianças, resultando em trabalhos criativos e bem elaborados.

Diante desse contexto, destaco a importância da definição do referencial artístico para trabalhar com a Educação Infantil. Durante a pesquisa tomei o cuidado de escolher as obras dos artistas Darli de Oliveira, Carlos Vergara e Frans Krajcberg, cujos vídeos e imagens são de fácil entendimento e atrativos para as crianças pequenas, por apresentarem como matéria-prima principal nas obras os pigmentos minerais. Nessa faixa etária, as crianças se expressam livremente, gostam de sentir texturas, observar, ver, perceber, aventurar-se na criatividade, por isso propus

atividades que estimulassem essa percepção visual para o reconhecimento de detalhes, cores, formas, traços das obras dos artistas, atividades estas que se tornaram momentos de descobertas, empolgação e trabalho coletivo.

Cada artista foi trabalhado separadamente para que as crianças percebessem e reconhecessem o estilo de cada um. Em relação a Darli de Oliveira, as formas em suas pinturas trouxeram à tona discussões interessantes, com as crianças apontando e mostrando o que viam nas imagens, as quais eram paisagens ou abstratos com uso de formas geométricas. A partir dessa observação surgiram pinturas expressivas, admiráveis, em que cada criança ocupou o espaço do suporte com detalhes do que havia apreendido ou visualizado nas referidas obras.

Outro aporte importante foi a experiência com as práticas de monotipias e outras imagens de Carlos Vergara. Nessa ocasião, para melhor assimilação das crianças, achei prudente mostrar vídeos com os processos do artista e o resultado final de suas obras. Durante as atividades, que aconteceram tanto em sala de aula como fora dela, notei o quanto as produções cooperaram para o crescimento e o desenvolvimento artístico das crianças, aprimorando sua criatividade. Posso afirmar que foram momentos de aprendizados diferenciados que contribuíram para melhorar suas potencialidades perceptivas, enriquecendo as experiências das crianças de conhecimento artístico e estético, com o uso dos pigmentos minerais.

Dessa compreensão, aponto ainda o artista Frans Krajcberg, com obras bi e tridimensionais, concentrando o foco nestas últimas. As crianças observaram os trabalhos de Krajcberg, sem distinguir num primeiro momento a diferença entre ambas as modalidades, e só compreenderam realmente essa diferença após a realização das práticas com tridimensionais. À medida que tomavam conhecimento das obras do artista, fomos construindo as esculturas com ramos de boldo. Nessa oportunidade as crianças puderam girar as peças para ver todos os seus lados, colocá-las de pé, sentir as obras. Assim, tiveram a possibilidade de fazer a comparação e ver a diferença entre bidimensional e tridimensional.

Tendo as crianças se familiarizado com as práticas, percebi que era o momento de começar as produções a partir da bagagem de conhecimento adquirido por elas nas atividades executadas no decorrer do processo. Diante dessas experiências, observei que cada criança desenvolvera uma afinidade particular em relação a cada artista estudado.

Sendo assim, entendi que levar os pequenos ao ateliê de Darli de Oliveira seria significativo, buscando proporcionar-lhes outras práticas, para que eles pudessem conhecer a artista e estar em um espaço com pinturas elaboradas a partir de têmperas de pigmentos minerais, sabendo que algumas daquelas obras haviam sido trabalhadas em sala de aula. E também mostrar o local onde a artista expressa seu talento, cria, manipula, experimenta, e suas ideias ganham vida. Foi um momento marcante na vida de cada um, por representar um contexto distante da realidade da maioria das crianças, que ficaram deslumbradas com o espaço do ateliê, com as obras de grande proporção e com a artista.

Dentro dessa ótica, percebi o quanto foi importante essa visita para as crianças, as quais relataram aquela vivência, que ficará em sua memória, e pude ver os registros positivos por meio de suas pinturas nas aulas decorrentes, em que os pensamentos lúdicos se faziam presentes em meio ao que elas haviam vivenciado, deixando a criatividade fluir. Por isso deve-se levar em consideração o aprendizado pedagógico artístico em outros espaços.

Como resultado plástico da pesquisa realizada, os trabalhos elaborados fizeram parte de três exposições, atestando seu valor: a primeira, na *20ª Mostra Visualidades*, na quadra da EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos, cujo público visitante ficou deslumbrado com as produções das crianças e a expografia do evento. Durante todo o meu percurso docente nesta instituição, posso dizer que foi a exposição que mais cativou e causou emoções diferentes em quem teve a oportunidade de visitá-la.

A mostra seguinte foi o recorte dessa mesma exposição e aconteceu no *Circuito Visualidades*, no CEMEPE, tendo como público visitante os profissionais da Rede Municipal de Uberlândia, de outras áreas de ensino. Mesmo com espaço reduzido, pude apresentar boa parte da produção das crianças, que mais uma vez causaram surpresas, por serem de crianças pequenas, e arrancaram elogios dos visitantes.

Deste modo, com possibilidades de desdobramentos, vou para a próxima exposição, que ocorreu no Laboratório Galeria da UFU. Esta foi a exposição com montagem mais rápida das três, provavelmente pela estrutura do espaço, que é próprio para esse tipo de evento. Esse é um fator que coopera para uma disposição diferenciada no espaço, permitindo que se tenha o panorama das obras como um todo.

Arrisco dizer que, por meio dos relatos dos visitantes, percebi o deslumbre, o encantamento em relação aos trabalhos das crianças pequenas, à forma de expressarem, à beleza individual de cada uma, ao seu significado, à marca registrada do pincel – mesmo no coletivo, percebemos a perfeição de cada detalhe. São produções artísticas que surpreendem, causam fascínio, pois, mesmo sendo tão pequenas, as crianças conseguem manter um equilíbrio nas cores, sem pensar em agradar ninguém além delas mesmas. As imagens simplesmente vão surgindo, preenchendo sutilmente o espaço do suporte proposto. Elas pintam com a alma.

Com esta pesquisa tentei mostrar o quanto é importante o professor de arte explorar o espaço escolar e outros locais fora da escola; coletar materiais diversos na natureza, como o pigmento mineral ou recicláveis. Além disso, é fundamental que o docente busque informações, que podem auxiliar nas práticas pedagógicas artísticas e com isso deixar as aulas atrativas, criativas, sociáveis e contemporâneas. Então, olhando para este trabalho, posso afirmar que nem sempre é um material de arte caro que irá despertar a criatividade, o interesse, a curiosidade de uma criança. O fazer artístico independe do material que você tem no momento.

Na Educação Infantil esse fazer artístico é puro, a criança por si só é criativa, e tem a possibilidade de crescer em conhecimento por intermédio do professor(a) que oferece várias possibilidades para que ela se expresse, ajudando-a a explorar seu potencial e a descobrir suas afinidades por meio de atividades lúdicas dentro e fora de sala aula, sem intervir na ideia da criança. Vi o quanto elas gostam de estar em contato com os pigmentos minerais, ao cobrir com eles os pés, as mãos, deixando marcas da sola do sapato no chão, misturando os pigmentos, desenhando com as mãos, os dedos, brincando com os pigmentos, criando outras formas... enfim, elas desenhavam com o corpo.

É muito importante também, e satisfatório, dizer que parte dos trabalhos, resultado das exposições citadas anteriormente, tornar-se-á acervo permanente na EMEI Profª. Carmelita Vieira dos Santos, atendendo à solicitação da equipe gestora. Com a amplitude alcançada pela pesquisa, percebi o quanto foi valioso todo esse envolvimento com os pigmentos minerais, que muitos conhecem por “terra colorida”, movimento no qual, por meio das coletas, dos relatos pós-exposições, obtive a participação ativa de algumas famílias, que contribuíram de forma significativa durante todo o projeto de pesquisa.

Além disso, eu, como pesquisadora, pude ampliar meu olhar perante as cores de pigmentos quando fui a campo participar das coletas, tomando essa experiência no sentido de ajudar a sanar as dúvidas das crianças e sentir de perto a realidade vivida por elas.

Foi gratificante ver o resultado de todos os processos, a elaboração de cada atividade, a alegria das crianças em contato com os pigmentos minerais, manipulando, preparando e aplicando-os nos suportes. Às vezes elas levavam os pais para verem suas atividades ainda molhadas e explicavam como as haviam feito, afirmando que fora muito bom. Muitas crianças realizaram essas práticas em casa com os irmãos ou amigos como forma de brincadeiras; ocasionalmente se reuniam em fins de semana e a diversão era estar em contato com os pigmentos. Foi recompensador poder proporcionar essa sensação de descoberta de cores dos pigmentos minerais e mostrar às crianças que, com esse elemento, elas conseguem produzir sua própria têmpera, o que trouxe momentos de alegria e deslumbramento.

Então, por meio do contato com os pigmentos minerais, consegui comprovar que é possível confeccionar várias têmperas praticamente sem custo financeiro e que podemos encontrar os pigmentos em qualquer espaço da natureza, o que facilita sua coleta e seu preparo, evidenciando que podemos fazer nossas próprias têmperas para pintura. Percebe-se que para as crianças todo o processo foi inovador. Também pude contar com a participação de muitas famílias e de outras pessoas que ficaram encantadas com todo o processo apresentado nas exposições. Com isso, consegui demonstrar que os pigmentos minerais podem ser utilizados como têmpera para pintura, fato importantíssimo para as aulas de arte em qualquer instituição de ensino.

Finalizo esta pesquisa com a convicção de ter proporcionado a essas crianças saberes que ficarão registrados em suas memórias e que, de alguma forma, virão a fazer parte de suas histórias de vida. E espero, como disse no início, que este trabalho possa contribuir para novas pesquisas na área.

REFERÊNCIAS

ABUMANSUR, Márcia. Pintura. *In: Aurora ABTAA* – Associação Brasileira de Terapeutas Artísticos Antroposóficos. 2010. Disponível em: <https://www.auroraabtaa.com.br/pintura>. Acesso em: 14 fev. 2023.

BECKETT, Wendy. **História da Pintura**. São Paulo: Ed. Ática, 1997.

BERMOND, Jhon. **Apostila Intuitiva de Pigmentos Naturais**. Rio de Janeiro: Arte da Terra, 2016. Disponível em: <https://mac.arq.br/wp-content/uploads/2016/03/Apostila-Pigmentos-Naturais.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2023.

BEZZAN, Lélia. Pigmentos e sua história. 2014. *In: Química em cores*. Disponível em: <http://quimicaemcores.blogspot.com/2014/05/pigmentos-e-sua-historia.html>. Acesso em: 19 jun. 2023.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. Prefácio. *In: MARTINS, Joel.; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani (Org). Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação*. 1.ed. São Paulo: Moraes, 1983.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/bncc/conteudo/138/bncc-para-a-educacao-infantil-baixe-em-pdf-o-livro-digital>. Acesso em: 26 fev. 2023.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DUARTE, Lorrane Marques. **Extração de potássio a partir da rocha verdete empregando ácidos orgânicos e fungos** [recurso eletrônico]. 2019. Orientador: Gilberto Mendes de Oliveira. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Qualidade Ambiental, Uberlândia-MG. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/ufu.di.2019.32>. Acesso em: 16 maio 2023.

FERNANDINO, Fabrício. (R) evolução Frans Krajcberg, o poeta dos vestígios. **Revista da Universidade Federal de Minas Gerais**. Ed. UFMG. Vol 21. Belo Horizonte, 2014. 277 p. Disponível em: <https://www.ufmg.br/centrocultural/wp-content/uploads/2021/04/Revolucao.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2024.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da Arte**. Trad. Leandro Konder. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1971.

GÓIS, Lílian. **Tintas da terra: o uso dos pigmentos naturais para uma pintura sustentável**. 2016. 20 f. Orientadora: Zandra Coelho de Miranda. (Trabalho de pesquisa) - Universidade Federal de São João del-Rei, curso de Artes Aplicadas, São João del-Rei-MG. 2016. Disponível em: https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/artes/IC_TINTAS_DA_TERRA.pdf. Acesso em: 12 dez. 2022.

MARQUES, Suelen Lopes. **Um gesto que gesta na pesquisa poética de Auriovane D'avila**. 2018. 77 p. Orientadora: Ana Rita da Silva. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Campus Cidade de Goiás, Departamento de Áreas Acadêmicas, Cidade de Goiás-GO. 2018. Disponível em: <http://repositorio.ifg.edu.br/handle/prefix/192>. Acesso em: 05 jun. 2023.

MOTTA, Edson; SALGADO, Maria Luiza Guimarães. **Iniciação à Pintura**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.

OLIVEIRA, Cláudia Inêz Domingues. **Materialidade Pictórica: Um tributo Poético**. 2018.84 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/26315>. Acesso em: 10 abr. 2024.

OLIVEIRA, Darli Reinalda Pinto. **Arqueologia do fazer: uma trajetória e o uso tecno-expressivo dos pigmentos na fatura da têmpera**. 1995. 157 f. Orientador: José Roberto Teixeira Leite. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas-SP [s.n.] 1995. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/102453>. <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.1995.102453>. Acesso em: 05 jun. 2023.

ROCHA, Fernanda Machado; NUNES, Henrique Gomes; OLIVEIRA, Leandro Dias Ferreira de; SANTOS, Maisa Elen dos. **Tinta guache à base de pigmentos naturais betalaína e curcumina**. 2021. Trabalho de conclusão de curso (Curso técnico em Química) - Escola Técnica Estadual ETEC de Cidade Tiradentes, Tiradentes-São Paulo, 2021.

STEFANUTO, Vanderlei Antonio. **Oficina 01: Brincando com as cores: como fabricar tintas atóxicas a partir da matéria orgânica presente em nosso dia a dia?**. In: STEFANUTO, Vanderlei Antonio; SACHS, Guilherme; NOVAK, Jonathan Matheus (colaborador). Telêmaco Borba, PR. 2020. PDF. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/573385/2/OFINA%2001%20BRINCA%20NDO%20COM%20AS%20CORES.pdf>. Acesso em: 19 jun.2023

URIBE, Gladys Elisa Robles, 1989. **De tierra à terra: caminhos e poéticas de um processo de criação**. 2016. 103 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Artes. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2016.342>. Acesso em: 23 mar. 2023.

WERNECK, Martha. **Têmperas**. 2010. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Escola de Belas Artes, graduação em Pintura. Disponível em: <https://pintura.eba.ufRJ.br/pesquisas/martha.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2023.

APÊNDICE A**AUTORIZAÇÃO DE USO DE NOME NA PESQUISA, TEXTO DE PAREDE PARA EXPOSIÇÃO NO LABORATÓRIO GALERIA (UFU) E BILHETE DE MÃE DE ALUNO**

Nesta e na próxima página, autorizações de uso de nome completo e idade de duas crianças que fizeram parte da pesquisa. Elas e suas famílias se empenharam na coleta de mais de oito cores de pigmentos minerais.

AUTORIZAÇÃO DE USO DE NOME.

Na qualidade de responsável pelo menor, matriculado no estabelecimento educacional, Emei Professora Carmelita Vieira dos Santos, autorizo o uso de seu nome seu nome na dissertação de Mestrado da professora de Arte, Alexandra Maria Cardoso Mota, CPF 931.397.996-91, respeitando as diretrizes fixadas no Estatuto da Criança e do Adolescente, estando ciente desde já, que não caberá em tempo algum, qualquer reclamação, indenização, ou pagamento de valor antecipado ou posterior pelo o uso de seu nome, sendo a presente autorização feita de modo gratuito e permanente.

DATA: 21/09/2023
LOCAL: Uberlândia - MG

Fanessa do Nascimento Ramos 042066626-57
NOME COMPLETO DO RESPONSÁVEL E CPF E RG MG10781203

João André Ramos de Castro
NOME COMPLETO DO ALUNO
DATA DE NASCIMENTO DO ALUNO 28/03/18

Fanessa M. Ramos
ASSINATURA DO RESPONSÁVEL

AUTORIZAÇÃO DE USO DE NOME.

Na qualidade de responsável pelo menor, matriculado no estabelecimento educacional, Emei Professora Carmelita Vieira dos Santos, autorizo o uso de seu nome seu nome na dissertação de Mestrado da professora de Arte, Alexandra Maria Cardoso Mota, CPF 931.397.996-91, respeitando as diretrizes fixadas no Estatuto da Criança e do Adolescente, estando ciente desde já, que não caberá em tempo algum, qualquer reclamação, indenização, ou pagamento de valor antecipado ou posterior pelo o uso de seu nome, sendo a presente autorização feita de modo gratuito e permanente.

DATA: 14/09/2023LOCAL: Ubelândia-MG

Alanara Carmalho Coixeta 076 446 536 86
NOME COMPLETO DO RESPONSÁVEL E CPF E RG 13631056

Kaigim Cassia Melo
NOME COMPLETO DO ALUNO
DATA DE NASCIMENTO DO ALUNO 13/11/2017

[Assinatura]
ASSINATURA DO RESPONSÁVEL

Texto de parede usando na exposição do Laboratório Galeria da UFU em janeiro de 2024 e, a seguir, bilhete enviado junto com os pigmentos minerais pela mãe da criança Kaique Caixeta Melo.

Pigmentos minerais na educação infantil

As imagens que compõem a presente mostra, são resultados dos trabalhos dos meus alunos de 2º período da educação infantil, quais sejam, crianças entre 5 e 6 anos, da escola Emei Professora Carmelita Vieira Dos Santos da cidade de Uberlândia- MG.

É uma exposição que é parte integrante da minha pesquisa, que está em andamento vinculada ao mestrado Prof-Artes/UFU. Essa pesquisa tem como foco discutir, coletar, preparar e desenvolver práticas no ensino aprendizagem das aulas de arte na educação infantil com os pigmentos minerais.

Professora: Alexandra Maria Cardoso Mota

Orientadora: Dra. Ana Helena da Silva Delfino Duarte (Aninha Duarte)

Kaiguel (Consult. Nelo)

Sala 03

Xerxes visitadas em um terreno próximo de casa no bairro Shopping Park, na marginal da rodovia do mel (matas sul)

* a terra pareceu ser a utilizada do "monte" que provavelmente será usada p/ a terra ou o movimento do terreno.

* os tipos de terra lá o impressionou o Kaiguel, como um raspar os solos na terra, observando as diferentes cores num "mesmo lugar".

APÊNDICE B

FOTOGRAFIAS DO PROCESSO DE CRIAÇÃO DE TODA A PESQUISA

Aqui destaco registros de mais algumas atividades das ações realizadas com as crianças durante todo o processo de desenvolvimento da pesquisa.

























